

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
MESTRADO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA**

***OS SINOS DO NEOPENTECOSTALISMO***  
*Um estudo sobre ética do trabalho na Igreja Universal do Reino de Deus*

**Aluna: Brenda Teresa Porto de Matos**

**Orientador: Selvino José Assmann**

**Florianópolis, maio de 1999.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA**

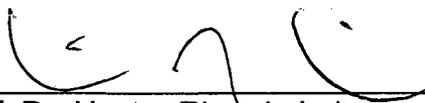
**OS SINOS DO NEOPENTECOSTALISMO  
Um estudo sobre ética do trabalho na Igreja  
Universal do Reino de Deus**

**Brenda Teresa Porto de Matos**

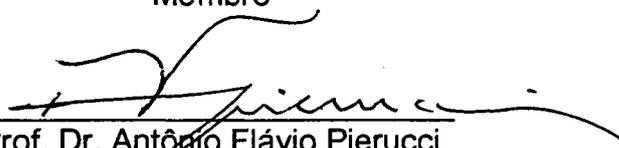
***Esta Dissertação foi julgada e aprovada  
em sua forma final pela Orientadora e  
Membros da Banca Examinadora,  
composta pelos Professores:***



Prof. Dr. Selvino José Assmann  
Orientador



Prof. Dr. Hector Ricardo Leis  
Membro



Prof. Dr. Antônio Flávio Pierucci  
Membro



Profa. Dra. Júlia Silvia Guivant  
Coordenadora

**Florianópolis, julho de 1999.**

**"A crítica da religião destrói as ilusões do homem a fim de levá-lo a pensar, agir e moldar a sua realidade como um homem que perdeu as ilusões e recuperou a razão. A crítica arrancou as flores imaginárias da corrente, não para que o homem suporte a corrente sem fantasias e consolo, mas para que ele se liberte da corrente e colha a flor viva".**

Marx

**"Um homem se humilha  
Se castram seu sonho,  
Seu sonho é sua vida,  
E a vida é o trabalho.  
E sem o seu trabalho  
Um homem não tem honra,  
E sem a sua honra  
Se morre, se mata"**

Gonzaguinha

**"A alma portuguesa não resiste à crítica intelectual: dificilmente poderão compreendê-la observadores educados na clareza do pensamento francês, no super-intelectualismo da mentalidade germânica ou no pragmatismo enérgico do espírito anglo-saxão. Porque ela é inteiramente ilógica. Desenvolve-se noutro plano, quase que de pura sensibilidade inconsciente. É uma alma toda feita de contrações e de afrouxamentos repentinos, cujas energias diluem e se dispersam em nebulosidade espessa, onde não se distinguem os contornos das idéias nem das aspirações, mas se sente apenas uma ansiedade vaga, que se prolonga indefinidamente em direções imperceptíveis e desconhecidas. Nunca escolheu um ideal definitivo, nunca se firmou em orientação estável. O português se entrega aos azares do destino e à fatalidade das suas tendências inconscientes, como outrora as velas dos seus navegantes aos riscos do oceano..."**

Almir de Andrade

**"Contra o positivismo que pára perante os fenômenos e diz: 'Há apenas fatos', eu digo: 'Ao contrário, fatos é o que não há; há apenas interpretações'."**

Nietzsche

## Resumo

Este estudo procurou analisar os conteúdos dos discursos dos pastores, fiéis e demais agentes que animam a mídia da Igreja Universal do Reino de Deus (Rede Record), centrando seu enfoque sobre a "ética do trabalho". Tomando como base teórica a tese clássica de Weber "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo", que afirma a existência de uma "afinidade eletiva" entre a ética puritana e o espírito do capitalismo, buscou-se fundamentar a primeira hipótese, segundo a qual o protestantismo originário (de base calvinista) e o neopentecostalismo da Igreja Universal assemelham-se ao incluírem a prosperidade entre os frutos da fé religiosa, mas diferem no significado conferido à "ética do trabalho", enfatizando o primeiro o trabalho como fim e a austeridade e o segundo, o consumo de bens materiais.

Utilizando como amostras o "Almanaque do Pobre Richard", publicado por Benjamin Franklin, e o conjunto da programação religiosa televisiva veiculada pela Rede Record durante sete dias em dois estados brasileiros (Bahia, a partir de Salvador, e Santa Catarina, a partir de Florianópolis), concluiu-se pela corroboração da hipótese, mediante uma correção quanto ao aspecto do consumo, o qual não se afigurou da forma ostensiva como, *a priori*, se supunha.

A partir também de alguns estudos empreendidos por analistas sociais acerca do regionalismo cultural, que acentuam a "vocação" para o trabalho como um elemento diferenciador tanto do brasileiro em relação a outros povos, quanto dos brasileiros entre si, chegando a suscitar (e até a estereotipar) um contraponto norte-sul do país, buscou-se investigar os discursos televisivos das duas regiões mencionadas, em direção à segunda hipótese: de que os discursos na Bahia e em Santa Catarina são bastante uniformes sobre vários aspectos, mas, na Bahia, tendem a enfatizar menos a "ética do trabalho" do que em Santa Catarina.

A análise dos dados permitiu-nos corroborar apenas em parte essa hipótese, não nos autorizando a afirmar um maior realce a uma "ética do trabalho" em Santa Catarina do que na Bahia; o peso conferido ao trabalho foi similar nas duas regiões, tendo apenas sido mais enfatizado no Nordeste o "trabalho institucional", corporativo e filantrópico da Igreja Universal do que no Sul.

## Abstract

In the present study I analysed the content of the speeches of the priests, followers and others agents that lead the media of the Universal Church of God's Kingdom (Record Net), focusing on the "ethics of work". Using as theoretical basis Weber's classic thesis "The Protestant Ethics and The Spirit of Capitalism", that affirms the existence of an "elective affinity" between the puritan ethics and the spirit of capitalism, I supported the first hypothesis: although both the originary protestantism (from calvinist basis) and the Universal Church's neopentecostalism include prosperity among the fruits of religious faith, they differ in the meaning imputed to the "ethics of work". The first emphasises austerity and work as an end in itself, the second the consumption of material possessions of.

Through the analysis of the samples "Poor Richard's Almanacks", by Benjamin Franklin, and all religious television programs (Record Net) during seven days in two Brazilian states (Bahia and Santa Catarina), the first hypothesis was confirmed, with the exception that the consumption was not so ostensive in the speeches as it was supposed to.

Based on some studies undertaken by social analysts about cultural regionalism, which stress the "vocation" to work as an element that provokes differentiation not only between Brazilians and another people, but also among Brazilians with one another, being particularly polarized (and also stereotyped) in an opposition between the north and the south, I investigated the speeches of the two mentioned regions concerning the second hypothesis: the speeches from the two regions are very similar in many aspects, but in Bahia they don't emphasize the "ethics of work" as much as in Santa Catarina.

The data analysis showed a partial confirmation of the second hypothesis, not allowing us to place a greater emphasis of an "ethics of work" in Santa Catarina than in Bahia. The weight allotted to work is similar in the two regions, giving more prominence to the corporative, philanthropic and "institutional" work of the Universal Church in the North-east.

# Sumário

|   | Página     |
|---|------------|
| <b>Agradecimentos</b>   | <b>6</b>   |
| <b>Introdução</b>   | <b>7</b>   |
| <b>Capítulo 1 - Tema e Problemática</b>   | <b>10</b>  |
| <b>Capítulo 2 - Hipóteses e Metodologia</b>   | <b>53</b>  |
| <b>Capítulo 3 - Pontilhando o protestantismo originário<br/>e o neopentecostalismo iurdiano</b>   | <b>69</b>  |
| <b>Capítulo 4 - Paralelo entre o neopentecostalismo iurdiano<br/>na Bahia e em Santa Catarina</b> | <b>123</b> |
| <b>Considerações finais</b>   | <b>153</b> |
| <b>Bibliografia</b>   | <b>162</b> |
| <b>Anexos</b>   | <b>171</b> |

# Agradecimentos

Como tão bem expressou o saudoso amigo Altino Caixeta, o poeta mineiro "Leão de Formosa", "a gratidão é a memória do coração".

Quando agradecemos, escancaramos o coração, tornando públicos seus afetos.

Muitos são os agradecimentos que eu tenho a fazer: a amigos, professores, familiares, colegas, vizinhos, autores....

A ordem de enunciação não exprime aqui nenhuma hierarquia valorativa, apenas uma conformação lógica ao princípio de que dois corpos não podem ocupar ao mesmo tempo o mesmo lugar no espaço.

À Ananda e à Náina, devo a infinita paciência e amor com que conviveram com o meu recolhimento.

Ao Bráulio, cúmplice e colaborador ativo de cada etapa desta investigação, devo as tantas trocas, estímulos e o privilégio de poder, por conta da nossa ancestralidade comum, compartilhar, de forma mais compreensiva, nossas "biografias" em sua dialética relação com a "história".

Ao Selvino, amigo delicadíssimo, com quem tanto tenho aprendido sobre o *affair* intelectual e pedagógico, devo a preciosa orientação deste trabalho.

Ao Brígido, pesquisador atento e curioso, devo, além das valiosas contribuições e do manuseio do software ALCESTE, o estímulo para ter levado adiante esta investigação.

Ao Caio, companheiro guerreiro, devo o permanente alerta acerca do valor social do trabalho acadêmico e a oportunidade de experimentar a riqueza das nossas diferenças regionais como um mergulho na universalidade da nossa condição humana.

Aos meus irmãos, à minha mãe, à Dinha e aos meus diletos amigos, maiores vítimas do meu abandono deste últimos tempos, a minha gratidão pela amorosa solidariedade.

À Regina, Goretti, Flavinha e todos aqueles que ajudaram na transcrição das fitas, devo um monte de trabalho.

Ao Armazém São Geraldo, lá no coração de Patos de Minas, devo o subsídio financeiro a esta pesquisa.

Minha gratidão especial aos professores do Mestrado em Sociologia Política da UFSC, particularmente Bernadete, Héctor, Luzinete, Seibel, Paulo Vieira, Júlia, Tamara, Fernando e Maria Inês, pela confiança e pelas lições ensinadas.

À Albertina e Fátima, funcionárias do Departamento, meu imenso carinho e gratidão pelo cuidado e solicitude.

Aos colegas de mestrado o meu agradecimento pelas sugestões e pelas experiências divididas (e somadas).

Ao CNPq agradeço a bolsa concedida durante estes dois anos de mestrado, apesar de toda a turbulência das medidas políticas direcionadas às universidades públicas.

Ao "Tião tem tudo", pai amoroso, autodidata, que, na incompletude do seu curso primário, ensinou-me, desde menina, a transitar com paixão pelos livros e a me acautelar das ortodoxias, dedico, com intraduzível saudade, todo o trabalho depositado nesta dissertação.

# Introdução

Guerreiro Ramos defendia que os estudos que viéssemos a empreender das experiências da vida fossem sempre nutridos por um certo aquecimento existencial, até para nos resguardarmos dos apriorismos livrescos. Nesse sentido, a temática religiosa, cravada, com muito trabalho humano, nas cordilheiras mineiras e na pompa barroca de suas igrejas coloniais, emerge aqui movida por um substrato biográfico e histórico.

A religião, segundo Rubem Alves, ocupou um lugar primordial nas formulações dos clássicos da sociologia. Durkheim atribui a ordem social ao caráter essencialmente religioso da consciência coletiva ou, em outros termos, os homens devem o que são, no plano da cultura, a um princípio educador situado no religioso; em Weber, o comportamento econômico está vinculado à mentalidade das religiões e, em Marx, o capitalismo produz sua legitimação ideológica também sob a forma da religião.

Quando, na década de 30, a sociologia foi implantada na universidade brasileira, a luta contra o "arcaísmo" tinha que assumir a forma de uma luta contra uma "visão sacral do mundo", refletida na aliança entre as oligarquias conservadoras, que viviam no topo desse "Brasil arcaico", e a Igreja Católica (ALVES, 1978, 114). A essa aliança, de enorme peso histórico, institucional, ideológico e cultural, os círculos intelectuais contrapunham a instauração de uma "sociedade secular, científica, educada, moderna" (ALVES, 1978, 114). Esse quadro ideológico, no qual a religião, evidentemente, não poderia ter despontado como fenômeno digno de ser estudado, parecia propício a uma rigorosa elucidação sociológica da própria Igreja Católica, o que, no entanto, não ocorreu.

Os anos 50 marcaram o furor do desenvolvimentismo, e o crescimento das religiões urbanas, como o pentecostalismo, ainda não colocava em cheque a secularização em curso, pois podia ser interpretado como produto de mecanismos religiosos compensatórios e efêmeros. Em função das origens oligárquicas da "inteligência brasileira", ocorria um divórcio entre universidade e povo. Cultura popular e manifestações religiosas eram patrimônios do Brasil que se pretendia soterrar (ALVES, 1978, 118).

A tese moderna da secularização, amplamente aplaudida nos anos sessenta, supunha como irreversível a evasão da religião do espaço público; todavia, premida pela efervescência religiosa das três últimas décadas, a ciência volta a buscar formulações explicativas para

o fenômeno. O pentecostalismo desponta, ao lado dos fundamentalismos cristãos, judaicos e islâmicos e de outras formas de religiosidade, como fato social neste final de milênio, arrebanhando mais de quatrocentos milhões de fiéis em todo o mundo.

A relevância atual do fenômeno religioso para a vida individual e social incita as ciências humanas e a comunidade universitária a reverem suas perspectivas anteriores, que o reduziam à marginalidade e à reclusão, ou, se o abordavam em suas análises, faziam-no "com intenção marcadamente política: a liquidação do adversário" (ALVES, 1978, 118).

No Brasil, que figura nos estereótipos como um país pouco vocacionado para o trabalho, haja visto, por exemplo, o personagem Zé Carioca, criado por Walt Disney em uma viagem ao Brasil, a fermentação do neopentecostalismo, e, mais particularmente, da "teologia da prosperidade" erigida em seu bojo, parece representar uma "novidade".

Se as pessoas em geral, por conta da formação católica, têm algum preconceito contra os "crentes" e contra o protestantismo pentecostal, ele se dilui quando optam por recorrer aos prestadores de serviço no mercado; acabam optando pelos evangélicos, por considerá-los mais confiáveis.

Um empresário belo horizontino, do ramo de confecções, fez a seguinte observação numa conversa informal: "Quando chega uma pessoa pedindo emprego em meu escritório, sem que ela diga qualquer coisa, eu sei que ela é "evangélica". Prefiro contratá-la. Ela não falta ao trabalho na segunda-feira por causa da bebida, não faz greve e, ainda por cima, trabalha mais do que as outras".

No comércio e nos serviços em geral, tem crescido a tendência entre os evangélicos de incluírem um versículo bíblico no cartãozinho de sua empresa, que pretende, na verdade, dizer: "*trabalhamos bem e honestamente*". Nas eleições de 98, adesivos com as insígnias: Deputado Federal: Pastor..., Deputado Estadual: Pastor (ou Pastora)...., acoplados aos automóveis, circulavam pela cidade, ensejando uma "espécie" diferente de políticos, em nome de sua afiliação religiosa.

A idéia de que o pentecostalismo traz algum dado novo à "ética do trabalho" no Brasil já está, portanto, na "boca do povo". Instigada por essa constatação é que esta pesquisa foi sendo tecida, buscando compreender, através do neopentecostalismo da Igreja Universal do Reino de Deus, um pouco mais do fenômeno religioso, não como um fenômeno isolado, mas profundamente imerso na ordem social.

Tanto Marx quanto Weber debruçaram-se sobre o capitalismo como objeto de estudo; o primeiro, a partir de uma utopia revolucionária, que propunha a "abolição da religião

enquanto felicidade ilusória", o segundo, a partir da racionalidade desse sistema, plasmada, inevitavelmente, também pela religião. A imagem weberiana da "gaiola de aço" que, talvez possa, por seu realismo teórico e prático, nos sintonizar, de modo mais pertinente, com os dilemas da nossa contemporaneidade, nos adverte, mesmo que a ela aliemos o "desejo libertário" de Marx, que o lugar da religião, tanto sob o aspecto agostiniano de "religação" quanto sob os seus matizes institucionais, por certo, só o embate na esfera pública e privada irá decidir; tal lugar não pode ser consignado apenas por nossas vontades ou por nosso "dever-ser". Qualquer decisão, qualquer escolha ética concreta é sempre individual, ainda que as normas com as quais o indivíduo se defronta sejam, como diria Agnes Heller, prescrições histórico-sociais.

Esta dissertação, a partir de tantos ímpetos que floresceram, pretende ser um primeiro passo de um aprendizado de pesquisa; se conseguir também suscitar outras pesquisas e reflexões, terá socializado uma parte do seu fruto. Em nosso afã de impormos ao trabalho acadêmico uma "missão social", esquecemo-nos, muitas vezes, de que a busca honesta de se "fazer ciência", trabalho "moroso" e "paciente", e que pressupõe implícito o cultivo da "verdade" (e de seus riscos), é, sem dúvida, sua primeira função social.

No capítulo 1, procura-se delimitar a problemática e explicitar os fundamentos do pensamento social que a alimentam. Uma vez exposto o problema, que trata da relação entre neopentecostalismo e "ética do trabalho", faz-se um breve excursus histórico do protestantismo até o neopentecostalismo e esboça-se o panorama de matrizes explicativas acerca do surgimento e expansão do pentecostalismo no Brasil.

No capítulo 2, são formuladas as hipóteses e apresentada a metodologia. O itinerário percorrido ao longo da pesquisa é descrito em seus inúmeros passos, buscando caracterizar o universo da pesquisa - a Igreja Universal do Reino de Deus - e os critérios adotados para recortar as amostras e analisá-las.

Nos capítulos 3 e 4 são analisados os dados, à luz do conhecimento sociológico tornado possível, tendo como fio condutor, no capítulo 3, o primeiro aspecto do problema levantado no capítulo 1 e, no capítulo 4, o segundo aspecto.

Nas considerações finais, são retomadas as hipóteses e sintetizados alguns dos resultados que permitiram corroborá-las ou refutá-las, levantando-se alguns questionamentos, na perspectiva muito mais do horizonte aberto que se tem adiante do que propriamente do que foi feito.

# Capítulo 1: Tema e Problemática

O espantoso crescimento no número de adeptos do protestantismo no Brasil, particularmente na última década, constitui um **fato** dificilmente contestável. Não se trata mais, como em minha infância, de uma ou outra família de terno e gravata a frequentar a enigmática igreja protestante da cidade. Agora são multidões que acorrem às ruas centrais das cidades em busca dos ex-cinemas, transmutados em igrejas.

Os dados censitários coligidos pelo IBGE até 1991 mostram que a proporção de evangélicos no Brasil, em relação à população total, apresentou o seguinte desenvolvimento:

**Quadro 1: Proporção de evangélicos no Brasil em relação à população total.**

| Ano          | 1890       | 1940       | 1950       | 1960       | 1970       | 1980        | 1991        |
|--------------|------------|------------|------------|------------|------------|-------------|-------------|
| N.º evangél. | 143.743    | 1.074.857  | 1.741.430  | 2.824.775  | 4.814.728  | 7.885.846   | 13.189.284  |
| Pop. pres.   | 14.330.915 | 41.236.315 | 51.944.397 | 70.192.370 | 93.139.037 | 119.002.706 | 146.825.475 |
| %de evang.   | 1,00       | 2,61       | 3,35       | 4,02       | 5,17       | 6,63        | 8,98        |

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil, IBGE, 1996.

Até o Censo de 1970, a população protestante era designada apenas por “evangélicos”, sem considerações acerca da diversidade de confissões. O censo de 1980 distinguia dois grupos de religiões protestantes: **PROTESTANTE TRADICIONAL**: Adventista, Anglicana, Batista, Episcopal, Exército da Salvação, Metodista, Presbiteriana, etc., e **PROTESTANTE PENTECOSTAL**: Assembléia de Deus, Brasil para Cristo, Congregação Cristã do Brasil, Cruzada Nacional de Evangelização, etc. O censo de 1990 já ampliou a classificação das religiões protestantes nas seguintes vertentes: - **CRISTÃ REFORMADA**, subdividida em: **Evangélica tradicional**, que engloba a Adventista, a Batista, a Luterana, a Metodista, a Presbiteriana e outras (Congregacional, Episcopal Anglicana, Menonita, etc.) e **Evangélica Pentecostal**, que engloba a Assembléia de Deus, a Congregação Cristã do Brasil, a Deus é Amor, a Evangelho Quadrangular, a Tradicional Renovada, a Universal do Reino de Deus e outras (O Brasil para Cristo, Casa da Bênção, Casa da Oração, Maranata,

etc.), e - NEOCRISTÃ, que inclui a Mórmon, Testemunha de Jeová e outras (Ciência Cristã, Racionalismo Cristão, Sinos de Belém, etc.).

Em 1995, a **Revista Isto É**, baseando-se em dados fornecidos pela **Associação Evangélica Brasileira**, que representava, na época, 50% das entidades evangélicas do País, divulgou a seguinte estatística:

**Quadro 2: Número de evangélicos no Brasil em 1995 por denominação.**

| Denominações Evangélicas     | N.º de adeptos |
|------------------------------|----------------|
| Assembléia de Deus           | 13.000.000     |
| Congregação Cristã do Brasil | 4.000.000      |
| Luterana                     | 4.000.000      |
| Universal do Reino de Deus   | 3.000.000      |
| Evangelho Quadrangular       | 3.000.000      |
| Batista                      | 1.200.000      |
| Brasil para Cristo           | 800.000        |
| Presbiteriana do Brasil      | 500.000        |
| Total                        | 29.500.000     |

Fonte: Revista Isto É, nº 1354, 13.09.96, p. 120.

Tais dados revelam que a proporção de evangélicos em relação à população total saltou de 6,63% em 1980 para 8,98% em 1991 e, considerando os valores do quadro 2<sup>1</sup>, para 18,93% em 1995, quando a população projetada pelo IBGE<sup>2</sup> era de 155.822.400 habitantes. Uma triplicação, portanto, em apenas quinze anos, cabendo o maior peso aos **protestantes pentecostais!**

Bastante evidentes, também, vão se tornando os **efeitos** desse novo fenômeno. É importante notar que as correntes protestantes em forte expansão nasceram recentemente e têm investido pesadamente na “indústria cultural”. A **Igreja Universal do Reino de Deus**, por exemplo, foi fundada em 1977 e hoje possui cerca de 2.100 templos<sup>3</sup> no Brasil, além de

<sup>1</sup> Estes dados, porém, não possuem a mesma confiabilidade dos dados do IBGE.

<sup>2</sup> Anuário Estatístico do Brasil, IBGE, 1995.

<sup>3</sup> Há uma divergência entre as fontes consultadas acerca deste dado. A mencionada revista Isto é, n.º 1354, alega a existência de 2100 templos no Brasil; a Folha de SP de 17-09-95 menciona cerca de 1700 templos no Brasil e 300 no exterior. Campos Júnior refere-se a 700 templos (CAMPOS JUNIOR, 1995, 57). Campos afirma o caráter contraditório dos números do crescimento da Igreja Universal do Reino de Deus e apresenta dados provenientes da imprensa paulistana, como o Jornal da tarde de 14-08-95, que aponta 2014 templos no Brasil e 146 no exterior e 3 milhões de fiéis (CAMPOS, 1977, 409). A Igreja Universal do Reino de Deus em Florianópolis não se dispôs a fornecer quaisquer dados. Segundo a Folha Universal n.º 274, no início de 1997, a IURD contava com aproximadamente 1600 templos no Brasil, mas a cada mês vários outros vão sendo inaugurados.

inúmeras emissoras de rádio AM e FM, jornais e uma rede nacional de televisão<sup>4</sup> (Rede Record). As programações de rádio AM noturnas foram praticamente tomadas por mensagens evangélicas, especialmente sob a forma de depoimentos de convertidos narrando a passagem do “sofrimento” para o “sucesso” pessoal.

A percepção dessa “mudança social” já é um verdadeiro fenômeno de massa. E isso não apenas pelo que enseja em termos de “preconceito” por parte da “maior comunidade católica” do planeta, mas também pelo significado que vai adquirindo no meio social, no âmbito do trabalho, da política e das interações humanas. Na prática da religiosidade conduzida pelas Igrejas neopentecostais, particularmente a IURD, ressaltam as grandes concentrações, que as caracterizam como religiões de massas.

A expansão do neopentecostalismo<sup>5</sup> hoje no Brasil, e mais particularmente da Igreja Universal, poderia levar-nos a abordá-lo a partir de, pelo menos, três ângulos, que não são excludentes entre si:

1ª- Como se explica, qual a **gênese** desse crescimento tão expressivo? Por que as pessoas estão se convertendo?

2ª- Como se dá o **processo de institucionalização** dessa confissão religiosa? Qual a sua organização, sua estrutura hierárquica?

3ª- Qual a **ressonância social** dessa confissão religiosa sobre a vida de seus membros (pastores e fiéis), sobre a família e sobre as demais instituições, como a política e a economia? A isso poderíamos aliar várias indagações:

- Será que os convertidos moldam um tipo de pessoa mais adequada ao capitalismo?
- Será que a nova pauta de valores que a pessoa assume insere-a realmente de forma diferente no mundo do trabalho?

Em suma, cada um desses três itinerários comporta inúmeros questionamentos subjacentes. O primeiro deles, referente à emergência e expansão do neopentecostalismo, deverá ser, na medida do possível, abordado pela revisão bibliográfica. O segundo só será

<sup>4</sup> Segundo Revista Veja, edição 1594, ano 32, de 21-04-99, a Igreja Universal (Bispo Macedo) já controla 65 emissoras de televisão no Brasil.

<sup>5</sup> Aubrée define duas categorias dentro do movimento pentecostal hoje no Brasil: pentecostais e neopentecostais. Um dos elementos que pesa na diferenciação entre ambos é o intenso uso das mídias de massa, especialmente a televisão, entre os neopentecostais (AUBRÉE, 1996).

incorporado à análise na medida em que se relacionar com o objeto em foco. O objetivo deste estudo seguirá em direção ao terceiro itinerário, sobre o qual gostaríamos de lançar alguma luz.

Na verdade, as reais dimensões do fenômeno pentecostal (e neopentecostal) são ainda uma incógnita, e a literatura parece apenas esboçar critérios explicativos do fato social (ANTONIAZZI e outros, 1996, 12). Em virtude da amplitude da questão, a partir de "*uma volta aos clássicos*" do pensamento social moderno (Weber, Tocqueville, Tawney, etc.), o objeto deste trabalho consiste em captar, num primeiro momento, a partir da análise dos conteúdos dos discursos<sup>6</sup> dos pastores e fiéis que animam a mídia da Igreja Universal do Reino de Deus (TV Record), as eventuais *semelhanças* e *diferenças* entre esse neopentecostalismo e a experiência originária do puritanismo no mundo anglo-saxão, centrando o enfoque em torno da ética do trabalho. Num segundo momento, busca-se investigar o peso e o significado que a ética do trabalho assume nesses discursos em duas regiões brasileiras específicas.

## Revendo a literatura clássica

O pensamento social clássico oferece-nos subsídios fundamentais para o balizamento crítico da problemática acima formulada. Em se tratando de uma religião oficialmente filiada à tradição protestante, ainda que não seja reconhecida como tal por outras confissões religiosas cristãs, Weber pode ser tomado como um ponto de partida apropriado para a revisão de literatura sobre o tema em questão, pois foi o clássico da sociologia que procurou compreender a relação entre o surgimento do capitalismo e a ética introduzida pelo calvinismo.

A tese exposta em "**A ética protestante e o espírito do capitalismo**" (WEBER, 1981), e que gerou uma enorme polêmica entre weberianos e marxistas, ao relacionar protestantismo e capitalismo, pretende estabelecer um modelo interpretativo acerca da vinculação entre religião e economia, ou seja, busca compreender as possíveis afinidades entre o comportamento religioso e o desenvolvimento econômico ou tornar mais claro o impacto que os motivos religiosos tiveram no processo de desenvolvimento da moderna cultura secular, surgida de inúmeros fatores históricos (WEBER, 1981, 61).

---

<sup>6</sup>O termo "discurso" é aqui empregado em seu sentido usual, como fala, reprodução das palavras, formulações e argumentos proferidos por alguém, no caso, pastores, depoentes, narradores da Igreja, opinantes, entrevistados, etc.

Como disse Aron, a análise de Weber pretende mostrar que “a conduta dos homens nas diferentes sociedades só pode ser compreendida dentro do quadro da concepção geral que esses homens têm da existência”, destacando-se aí as convicções religiosas (ARON, 1995, 491). Nenhuma ética econômica foi, segundo Weber, determinada exclusivamente pela religião; ela é apenas um de seus determinantes (WEBER, 1979, 310). Interessa-lhe compreender como o fundamento religioso da ética econômica afeta a vida prática, como princípios e regras modelam comportamentos e a linha dos fatos<sup>7</sup>.

Os sistemas de crenças não são, contudo, determinantes em termos “idealistas”, de “dever-ser” no sentido ético<sup>8</sup>. É mais apropriado dizer que a análise de Weber “parte de um certo tipo de ação social (tipo que é um recurso heurístico, um instrumento baseado na condensação de experiências históricas acuradamente analisadas) e retrocede até a estrutura das concepções religiosas do ator, de sorte a estabelecer as conexões de sentido, as possíveis motivações e o nível de racionalidade envolvidos na conduta desse mesmo ator” (MATOS, 1993, 45).

Para chegar à tese de que os hábitos, crenças e atitudes protestantes, particularmente nos seus ramos calvinista e puritano, participaram da moldagem do espírito do capitalismo, Weber realizou um estudo comparativo entre as civilizações ocidentais tipicamente capitalistas e as demais, especialmente as do Oriente<sup>9</sup> (WEBER, 1980, XVI e XXI). Para Macrae, o capitalismo foi visto, por ele, onde quer que se realizasse a satisfação de necessidades de um grupo humano, com caráter lucrativo e por meio de empresas. Uma exploração capitalista era uma exploração com conta de capital, isto é, uma empresa lucrativa que

---

<sup>7</sup> Weber enfatiza seu interesse na efetiva moralidade existente na vida dos crentes e não propriamente nos conceitos desenvolvidos pelos teólogos em suas teorias éticas (WEBER, 1981, 209).

<sup>8</sup> Segundo Aron (ARON, 1995, 482 a 483), o tipo ideal é uma reconstrução estilizada de indivíduos ou conjuntos históricos, um isolamento dos traços típicos, não de características comuns ou médias dos indivíduos.

<sup>9</sup> “O certo é que apenas o amálgama europeu de protestantismo e capitalismo deu origem ao mundo moderno do mercado total, ao passo que nas culturas mais antigas da China, do Japão e do resto da Ásia o capitalismo foi importado com as idéias européias e não se desenvolveu a partir de dentro. Nesse sentido histórico, Weber não pode mais ser refutado” (KURZ, 1996, 5). Mas sua tese acerca da baixa capacidade de integração capitalista do confucionismo e de toda a mentalidade asiática provou-se falsa, já que hoje a China, o Japão e os pequenos tigres parecem criar um capitalismo especificamente asiático. No entanto, essa tese manter-se-á em lugar de destaque, pois o princípio do sucesso desse capitalismo é a exploração brutal da lealdade familiar, inclusive à custa de trabalho infantil e não remunerado e do turismo sexual. Certamente jamais veremos nascer um capitalismo confuciano, piedoso e vegetariano, pois o deus puritano do dinheiro em cultura alguma tolera outros deuses ao seu redor (Trechos extraídos de KURZ, 1996, 5; ver também WEBER, 1979, 471 a 501). De acordo com Carvalho, através da massacrante influência audiovisual norte-americana e britânica, do evangelismo transnacional, no período de uma geração se alterou o panorama religioso da Coreia do Sul: mesmo com um budismo tradicional de 1000 anos, ela passou a ser um país nitidamente protestante (CARVALHO, 1998, 79 a 112).

controlava a sua rentabilidade na ordem administrativa por meio de contabilidade moderna e estabelecimento de um balanço<sup>10</sup> (MACRAE, 1975, 80).

"Capitalismo houve na China, na Índia, na Babilônia, na Antigüidade Clássica", mas em todos eles faltava o "ethos" particular exemplificado em Weber por trechos dos **discursos de Benjamin Franklin**, um dos líderes do movimento de independência dos Estados Unidos e representante típico do espírito pequeno-burguês (WEBER, 1981, 32). A tônica desse ethos era a idéia do dever de um indivíduo com relação ao aumento de seu capital, que era tomado como um fim em si mesmo, demarcando uma mentalidade utilitarista com forte conteúdo ético:

*"Lembra-te de que tempo é dinheiro. Aquele que pode ganhar dez xelins por dia por seu trabalho e vai passear, ou fica vadiando metade do dia, embora não despenda mais do que seis pence durante seu divertimento ou vadiação, não deve computar apenas essa despesa; gastou, na realidade, ou melhor, jogou fora cinco xelins a mais.*

*Lembra-te de que o crédito é dinheiro. Se um homem permite que seu dinheiro permaneça em minhas mãos por mais tempo do que é devido, ele me concede os juros, ou o quanto eu possa fazer com ele durante este tempo...*

*Lembra-te de que o dinheiro é de natureza prolífica, procriativa. O dinheiro pode gerar dinheiro e seu produto pode gerar mais, e assim por diante...*

*Lembra-te deste refrão: O bom pagador é dono da bolsa alheia...Depois da industriiosidade e da frugalidade, nada contribui mais para um jovem subir na vida do que a pontualidade e a justiça em todos os seus negócios; portanto, nunca conserves dinheiro emprestado uma hora além do tempo prometido, senão um desapontamento fechará a bolsa de teu amigo para sempre...*

*Por seis libras anuais poderás ter o uso de cem libras, uma vez que sejas um homem de conhecida prudência e honestidade".(WEBER, 1980, 182 a 186)*

E Weber seguiu traduzindo essa ética: "a honestidade é útil porque assegura o crédito; do mesmo modo a pontualidade, a laboriosidade, a frugalidade, e esta é a razão pela qual são virtudes. Ganhar dinheiro dentro da ordem econômica moderna é, enquanto for feito legalmente, o resultado e a expressão de virtude e de eficiência em uma vocação...Não é que a *auri sacra fames*, a avidez de ouro, fosse menos potente fora do capitalismo burguês do que dentro dele. A voracidade do mandarim chinês, do velho aristocrata romano, do camponês moderno resistem a qualquer comparação"(WEBER, 1980, 189-190). O que tornava singular e pontuava historicamente o capitalismo ocidental moderno era, além desse ethos - acumular indefinidamente -, a utilização racional de capital e a organização racional

<sup>10</sup> Nas palavras de Weber, uma ação econômica capitalista é aquela que se baseia na expectativa de lucro através da utilização das oportunidades de troca, isto é, nas possibilidades (formalmente) pacíficas de lucro (WEBER, 1981, 4).

do trabalho, ou melhor dizendo, a produção mercantil capitalista requeria calculabilidade (cálculo de preços, salários, custos) e especialização, indivíduos com possibilidades efetivas de realizar tais cálculos, requeria, em suma, “burocratas” (MATOS, 1993, 45).

Mas a racionalidade formal pura não teria sido suficiente para consubstanciar e explicar o desenvolvimento de uma nova “civilização”, de uma nova cultura. A formulação subsequente feita por Weber diz respeito aos processos que teriam levado a transformar-se em vocação - fim absoluto em si mesmo - uma atividade que até então era, na melhor das hipóteses, apenas tolerada. E o conceito de vocação como valorização do cumprimento do dever, como um plano de vida, estava inscrito nas profissões de fé e nos escritos de Martinho Lutero<sup>11</sup>. Contudo, a concepção de vocação em Lutero mantinha-se em sua forma tradicional, ou seja, algo aceito como ordem divina à qual cada indivíduo deveria ajustar-se, incorrendo numa atitude submissa (WEBER, 1980, XVIII a XX).

No **calvinismo e no puritanismo inglês**, Weber encontrou a “força espiritual”, o fator cultural capaz de explicar o impulso singularmente forte do espírito capitalista no mundo ocidental<sup>12</sup>. O calvinista também punha em curso uma série de processos racionais com vista a atingir uma meta final: *a salvação*. Como a salvação era, para ele, um dom gratuito de Deus, e sendo o homem decaído em seu estado natural, para ser minimamente merecedor da salvação, era necessário pautar sua conduta por um profundo isolamento es-

---

<sup>11</sup> Segundo Weber, nem a Antigüidade Clássica nem os povos predominantemente católicos conheceram um termo equivalente a esse sentido contemporâneo de vocação; a palavra originou-se das traduções da Bíblia, aparecendo pela primeira vez na tradução de Lutero, num lugar do Jesus Sirach (Ver WEBER, 1981, 52), que corresponde ao livro bíblico Eclesiástico. Certa valorização do trabalho cotidiano secular, segundo Weber, já se havia manifestado não apenas na Idade Média, mas também na Antigüidade Helenística, mas nova era esta valorização do cumprimento do dever dentro das profissões seculares, no mais alto grau permitido pela atividade moral do indivíduo. Foi isso que deu pela primeira vez este sentido ao termo vocação e que, inevitavelmente, teve como consequência a atribuição de um valor religioso ao trabalho secular cotidiano. A vocação do indivíduo, a única forma de viver aceitável para Deus, que se manifestou como o dogma central de todo o protestantismo, consistia no cumprimento das tarefas seculares e não na superação da moralidade secular pela ascese monástica (WEBER, 1981, 53).

<sup>12</sup> Embora não seja parte deste trabalho desenvolver a interpretação de Marx acerca do surgimento do capitalismo, tarefa inegavelmente valiosa e estimulante, mas que requereria maior tempo de maturação, seria importante lembrar sua referência à Reforma, no segundo volume do livro 1 do Capital, em que afirma que o processo de expropriação dos camponeses e usurpação das terras comuns para abertura de pastagens recebeu um terrível impulso com a Reforma Protestante e com o imenso saque dos bens da Igreja que a acompanhou (MARX, 1984, 836). Os habitantes enxotados dessas terras passaram a engrossar o proletariado. Para Marx, o processo que produz o assalariado e o capitalista tem suas raízes na sujeição do trabalhador. O progresso consistiu numa metamorfose dessa sujeição, na transformação da exploração feudal em exploração capitalista (MARX, 1984, 831). Embora os prenúncios da produção capitalista já aparecessem nos séculos XVI e XV em algumas cidades mediterrâneas, a era capitalista data do século XVI. O que, em Marx, consubstancia o capitalismo é a existência de proprietários, que aplicam capital na aquisição de meios de produção e na remuneração da força de trabalho para produzir outros bens e obter lucro, e de trabalhadores livres, que vendem sua força de trabalho.

piritual em relação a Deus (máxima pureza no amor a Ele) e por um rigorismo moral cujos valores fundamentais eram: a **austeridade** (o estrito afastamento de todo gozo espontâneo da vida), o **autodomínio** (anti-emocionalidade) e o **trabalho como a própria finalidade da vida** (MATOS, 1993, 46). A moldagem a esses valores é que conferiu à *fé reformada* uma característica ascética, rompendo os “grilhões da ânsia de lucro” e, não apenas legalizando-a, mas considerando-a como diretamente desejada por Deus (WEBER, 1980, XX a XXI). Para o calvinismo,

*“O mundo existe para a glorificação de Deus, e somente para este fim. O cristão eleito está no mundo apenas para aumentar esta glória, cumprindo seus mandamentos ao máximo de suas possibilidades. Mas Deus requer obras sociais de cristão, porque Ele deseja que a vida social seja organizada segundo seus mandamentos, de acordo com aquela finalidade. A atividade social do cristão no mundo é primeiramente uma atividade in majorem gloriam Dei. Este caráter é assim partilhado pelo labor especializado em vocações, justificado em termos de amor ao próximo. O que era ele, entretanto, permaneceu uma sugestão puramente intelectual, incerta, tornou-se para os calvinistas um elemento característico de seu sistema ético. O amor ao próximo – desde que só podia ser praticado para a glória de Deus e não em benefício da carne – é expresso, em primeiro lugar, no cumprimento das tarefas diárias dadas pela *lex naturae*, assumindo então um caráter peculiarmente objetivo e impessoal – aquele de serviço em prol da organização racional do nosso ambiente social. Essa organização e o arranjo maravilhosamente cheio de objetivos deste cosmos, tanto segundo a Bíblia como para uma intuição natural, são evidentemente destinados por Deus a servir à utilidade da raça humana. Isto faz com que o labor a serviço dessa utilidade social impessoal surja como promotor da glória de Deus...”*

*“Na medida em que a predestinação não foi interpretada, suavizada ou fundamentalmente abandonada, apareceram dois tipos principais, mutuamente relacionados, de recomendações pastorais. Por um lado, manteve-se como um dever absoluto, de cada um considerar-se como escolhido e de combater todas as dívidas e tentações do demônio, já que a falta de autoconfiança era o resultado da falta de fé, portanto de graça imperfeita. Em vez dos humildes pecadores, a quem Lutero prometia a graça de Deus se confiassem em fé penitente, foram produzidos estes santos autoconfiantes, que podemos redescobrir nos rijos mercados puritanos da era heróica do capitalismo, e, em exemplos isolados, até o presente. Por outro lado, a fim de alcançar aquela autoconfiança, uma intensa atividade profissional era recomendada, como o meio mais adequado”* (WEBER, 1981, 75 e 77).

“A falta de vontade de trabalhar é um sintoma da ausência do estado de graça”(WEBER, 1980, 210). Assim, embora os moralistas puritanos desconfiassem do efeito deletério do dinheiro, seus preceitos empenhavam os fiéis numa vida de trabalho e de poupança, que os fazia enriquecer progressivamente. E, então, o trabalho racional como vocação constante, como expressão maior da ascese e, ao mesmo tempo, como o meio mais

seguro de preservar a redenção da fé e do homem, tornou-se, segundo Weber, a mais poderosa alavanca da concepção de vida constituída pelo "espírito do capitalismo"<sup>13</sup>.

Tocqueville já havia observado alguns efeitos básicos do puritanismo na formação da democracia nos EUA<sup>14</sup> e se impressionara com o acordo aí tão bem firmado entre religião e política. Para ele, a sociedade americana integrara admiravelmente o "espírito de religião" e o "espírito de liberdade" (TOCQUEVILLE, 1979, 195); embora moralmente rigorosos consigo mesmos e salvaguardando seus costumes, os puritanos toleravam a diversidade cultural e política. Apesar da multiplicidade de seitas existente nos EUA, e que diferiam apenas no culto prestado ao Criador, Tocqueville percebia que todas concordavam acerca dos deveres dos homens uns para com os outros. A curiosa combinação de rigorismo moral e tolerância política dos puritanos era compreensível em função da traumática experiência das perseguições a que foram submetidos na Europa. Já em Locke, a tolerância religiosa era apontada como base para a instauração de uma outra forma de vida, que incluía uma nova legitimação do poder político; "mesmo se alguém quisesse, não poderia jamais crer por imposição de outrem" (LOCKE, 1978, 5).

Weber não parece atribuir à religiosidade puritana o "espírito de liberdade" que lhe atribui Tocqueville, ainda que ambas as análises, embora em momentos históricos e realidades geográficas diversas<sup>15</sup>, se remetam à mesma fonte: o calvinismo. Para Alves, o ideal da democracia era totalmente estranho ao espírito do calvinismo, ainda que o protestantismo tenha surgido sob o signo de uma ideologia liberal. O calvinismo pretendia exercer um rigoroso controle sobre a vida dos indivíduos, fundamentado na "Palavra de Deus"(Bíblia), instituindo uma espécie de "aristocracia dos eleitos", que seriam os predestinados por Deus a

---

<sup>13</sup> Weber entende por "espírito do capitalismo" uma individualidade histórica, "um complexo de elementos associados na realidade histórica, que unimos em um todo conceitual, do ponto de vista de um significado cultural"; abarca conjuntos genéticos de relações, que são inevitavelmente de caráter individual e especificamente único (WEBER, 1981, 28-29 e 123). Ressalta que esse ponto de vista não é o único possível e que, embora esse espírito se expresse de forma característica em Franklin, não significa que tudo o que possa ser entendido como a ele pertinente esteja contido em Franklin.

<sup>14</sup> Tocqueville permaneceu nos EUA de 1831 a 1832 e, em 1835, publicou "La Démocratie en Amérique". A maioria dos emigrantes que aportaram na América, particularmente na colônia de Nova Inglaterra, caracterizada pela austeridade em seus princípios, provinha, segundo ele, das classes médias puritanas da Inglaterra. Em todas as demais colônias americanas, o cristianismo apresentou uma infinidade de seitas: presbiterianos, batistas, quacres, além de luteranos alemães e suecos, reformados alemães e holandeses e de uma minoria católica. O predomínio inicial na colonização americana foi de grupos protestantes radicais, influenciados pelos calvinistas.

<sup>15</sup> Em setembro de 1904, antes de concluir "A ética protestante e o espírito do capitalismo", Weber também esteve nos EUA e pôde verificar a amplitude de manifestação das "seitas" protestantes. A admissão a uma congregação determinada era considerada como uma garantia absoluta de qualidades morais (WEBER, 1979).

serem salvos. "Se a repressão é internalizada, a democracia liberal pode operar" (ALVES, 1978, 199 a 204).

Um dos problemas com a teoria de Weber foi a sua comprovação empírica, o que contribuiu para que contra ela se insurgissem nomes como Tawney, Brentano, Rachfall, Robertson e outros (CAMPOS, 1952, 7 a 34), que procuraram encarar a Reforma Protestante não como o "decisivo solvente das inibições tradicionais", mas como uma das manifestações de um meio econômico em mutação, o qual, após gerar sucessivas adaptações institucionais, ter-se-ia tornado forte o suficiente para desaguar no estuário capitalista. A contribuição protestante para o espírito do capitalismo residiria, de acordo com Campos, não no conceito de "vocação", ou na atitude puritana em relação ao trabalho e à poupança, mas no fato dessa doutrina conter sementes de individualismo religioso, que teriam levado também ao individualismo político e econômico, subtraindo a riqueza do mecanismo católico de sanção ética.

Em um ensaio que acabou se tornando um clássico nessa discussão, Tawney argumentou que a tendência histórica originária não foi dos puritanos tornarem-se empresários capitalistas, mas dos capitalistas emergentes converterem-se ao puritanismo<sup>16</sup> (Tawney, 1971). A revolução religiosa expressa pela Reforma havia surgido num mundo agitado pela mais vasta crise econômica que a Europa experimentara desde a queda de Roma.

*"A arte, a curiosidade científica e a perícia técnica, o estudo e a arte política, a erudição que explorava o passado e a visão profética que penetrava o futuro, todos haviam derramado seus tesouros no magnífico relicário da nova civilização... Pois foi o domínio do homem sobre seu ambiente que anunciou a aurora de uma nova era, e foi na tensão das energias econômicas em expansão que esse domínio foi provado e venceu... Em tal estufa econômica, as novas filosofias da sociedade, como as novas crenças religiosas, encontraram solo congenial"* (Tawney, 1971, 79 a 86).

David McClelland realizou em 1950/1960, quando os métodos estatísticos estavam indescritivelmente mais avançados do que no tempo de Weber, um ambicioso empreendimento de medição de características nacionais, um estudo comparado visando explicar o desenvolvimento diferencial entre os países, levando em conta o "grau de espírito realizador" alimentado pelas pautas culturais desses países (MCCLELLAND, 1972). Até certo ponto, pode-se afirmar que esse estudo "testou" a hipótese de Weber sobre a relação entre capitalismo e protestantismo. Isto porque McClelland observou que as diferenças de religi-

---

<sup>16</sup> Segundo Tawney, somente após a revolução de 1688 é que se consolidaram entre os puritanos as tendências capitalistas (CAMPOS, 1952, 12).

ão predominantes nos países parecia estar associada a diferenças nas taxas de desenvolvimento econômico; mais especificamente, as nações predominantemente protestantes pareciam apresentar maior crescimento econômico, e isso, se devia, em parte, ao fato de tal religião alimentar uma maior "necessity of achievement"<sup>17</sup>.

O "motivo de realização" foi correlacionado a várias variáveis, entre as quais a religião, levando McClelland a interpretar e ampliar o argumento de Weber quanto à ligação entre protestantismo e o surgimento do capitalismo em termos de uma revolução na família, que teria acarretado um maior número de filhos com fortes impulsos personalizados de realização. Parecia-lhe muito provável que os pais protestantes tivessem começado desde cedo a atribuir grande valor à confiança de cada um em si próprio e ao domínio, pelo menos, da arte da leitura, para que seus filhos pudessem cumprir melhor os deveres religiosos. A racionalização da conduta a que Weber se referia significava, para McClelland, mais do que disciplina e rigidez; significava um esforço contínuo de melhoria do ego, de realização pessoal, que em Calvino estaria exarada em termos de um contínuo esforço para a perfeição. Assim se criara um mecanismo social pelo qual a nova visão religiosa do mundo pôde afetar, especificamente, a socialização e a motivação da nova geração (MCCLELLAND, 1972, 76).

Embora criticado por tratar motivações psicológicas independentemente das condições reais de vida dos indivíduos e pelos índices de desenvolvimento que elegeu, o mérito de seu método foi reconhecido, particularmente por permitir comparar indivíduos e obras de diferentes culturas (LEITE, 1972, 86 a 89).

Sem desconsiderar as objeções a Weber, a controvérsia que ele instaurou permanece viva, fazendo sentido indagar pela possível interação entre o capitalismo brasileiro e a expansão neopentecostal. É por demais sabida a polêmica existente, no meio acadêmico e político, acerca da natureza do Estado no Brasil. Há muito se discute a forte carga "patrimonialista" desse Estado, tradição essa que, se não oblitera cabalmente a expansão da economia de mercado no país, ao menos a modula em um sentido peculiar (modernização conservadora).

---

<sup>17</sup> Poder-se-ia, talvez, pensar nessas diferenças em termos de Brasil, quando se traça um paralelo entre cidades colonizadas, por ex., por luteranos alemães, e outras; pelo menos no início da colonização de cidades gaúchas, como São Leopoldo, o nível de "racionalidade" era maior do que nas cidades de base italiana ou católica, o que possivelmente não ocorre mais nos tempos atuais, quando a "idéia" de progresso, modernização e prosperidade se generalizou.

A tese do Brasil como um Estado patrimonial com focos de modernização capitalista conta com interlocutores como Roberto Campos, Hélio Jaguaribe, Raimundo Faoro, Simon Schwartzman e outros<sup>18</sup>. O termo "patrimonialismo" é um conceito fundamental na sociologia weberiana e se refere a formas de dominação onde predominam os laços de lealdade pessoal ao chefe, baixa racionalidade burocrática, confusão entre o cargo e seu ocupante, tendência à obtenção de cargos como prebendas políticas e a seu uso em benefício particular.

### **Delineando o problema da pesquisa propriamente dito**

O objeto específico de estudo desta dissertação, como já foi mencionado, centra-se na análise do discurso neopentecostal veiculado pela mídia televisiva brasileira, mais especificamente pela Rede Record de televisão. Para esclarecermos, contudo, o sentido desse recorte analítico, precisamos retomar a tese weberiana. Até certo ponto, poder-se-ia, talvez, dizer que a "insolubilidade" da polêmica suscitada pela tese de Weber sobre a "afinidade eletiva" entre protestantismo e capitalismo (o que determina o que?) decorre da própria "lógica demonstrativa" utilizada por Weber.

Como já foi mencionado, Weber recorreu ao estudo comparado das grandes religiões como parte de sua investigação sobre as razões de o capitalismo ter surgido no ocidente anglo-saxão em determinada época e não em outro lugar ou em outra época. A emergência do protestantismo lhe pareceu, por essa via, vincular-se à origem do capitalismo moderno. Todavia, no contexto de sua argumentação, dois discursos seminais assumem notável importância.

De um lado, Weber seleciona, como já foi explicitado, um conjunto de máximas e provérbios de Benjamim Franklin, com vistas a evidenciar o "espírito do capitalismo" (segunda parte do título do ensaio em questão). De outro lado, ele faz uma espécie de reconstrução da visão teológica de Calvino (e de outras vertentes do protestantismo ascético), que revela, a um só tempo, um tipo de conduta e de discurso que aponta para o trabalho obsessivo como forma do indivíduo lidar com sua ânsia de salvação (a primeira parte do ensaio recebe, assim, o título "ética protestante").

---

<sup>18</sup> Ver FAORO, 1958, MEIRA PENNA, 1988, SCHWARTZMAN, 1982.

Pois bem, de um ponto de vista mais rigoroso com relação à lógica da pesquisa científica, poder-se-ia afirmar que o uso que Weber faz desses dois discursos fundamentais, com vistas a corroborar sua tese, ficaria melhor fundamentado se ele tivesse:

1º) evidenciado não apenas os elementos econômicos no discurso do “homem de negócios” Benjamin Franklin, mas também os elementos religiosos necessariamente presentes nesse mesmo discurso (ainda que sem o fervor do teólogo; posto que se pretendia demonstrar a relação entre “espírito capitalista” e “ética protestante”, não faria sentido comparar o discurso de um empresário ateu com o de um asceta religioso);

2º) escolhido, como caso exemplar do vínculo entre protestantismo e capitalismo, não um personagem que já nascera em uma família burguesa de orientação calvinista, como é o caso de Benjamin Franklin, mas alguém que não procedesse de família burguesa, que tivesse se convertido ao protestantismo e, a partir daí, se tornado um empresário.<sup>19</sup>

Portanto, a maneira como Weber recorre a Benjamin Franklin para fortalecer a sua argumentação acaba suscitando um problema metodológico: será que as máximas e provérbios selecionados por Weber correspondem mesmo à “alma” do discurso proferido por Franklin? O que ele dizia de religião nessa mesma “pregação” sobre o espírito do capitalismo? Weber não responde a isso em seu ensaio, e parece importante, do ponto de vista metodológico, tê-lo feito.

Como desdobramento desse questionamento da tese weberiana, estamos em condições agora de fixar a **primeira “demarque”** da problemática específica deste estudo: **o que, afinal, os pregadores e fiéis do neopentecostalismo iurdiano em ascensão no Brasil estão efetivamente dizendo no dia-a-dia (não apenas sobre a sua religião e as dos outros, mas também sobre a economia, a política, a família, etc.)? E, especialmente, que “ética do trabalho” está sendo veiculada por essa vertente religiosa?**

Em outras palavras, se é certo que a pergunta por aquilo que está sendo dito pelos membros dessa comunidade religiosa constitui um pressuposto para aquelas indagações básicas (a **causa**, o **funcionamento** e os **efeitos** do fenômeno neopentecostal), nem sempre os estudiosos têm se dado ao trabalho de respondê-la antes de passar para os níveis mais profundos da investigação. É como se o conteúdo do discurso dos pastores e dos fiéis dessa

<sup>19</sup> Weber afirma na “Ética Protestante” que Franklin era um “deísta pouco entusiasta”, embora tivesse utilizado uma citação bíblica para responder à questão: “por que se deveria fazer dinheiro do ganho dos homens?” (WEBER, 1981, 33). Todavia, em sua autobiografia, Franklin ressalta ter sido educado como presbiteriano (o presbiterianismo deriva do calvinismo) e, mesmo que considerasse alguns dogmas ininteli-

vertente religiosa já fosse evidente para todos; bastaria ligar a televisão por alguns minutos para comprovar cabalmente a "monotonia" dos depoimentos e pregações.

Não nos parece, entretanto, possível descobrir o que torna o discurso neopentecostal da Igreja Universal tão atraente sem apreender e decodificar sistematicamente esse discurso. Por certo, é razoável pensar que a análise social possa ir **além** das intenções conscientes daquele que profere o discurso que está sendo estudado - uma das críticas dirigidas, por exemplo, à psicanálise é que ela, por vezes, vai longe demais nesse processo interpretativo, colocando na boca dos pacientes intenções radicalmente estranhas à experiência existencial deles -, mas parece muito pouco razoável fazer afirmações sobre a intenção dos pregadores ficando aquém do discurso por eles proferido.

Passemos agora à **segunda "demarque"** da problemática específica deste estudo: **que modulações significativas sofre o neopentecostalismo em função da diversidade regional que caracteriza a cultura brasileira?**

A partir da tese de Weber, instaurou-se uma longa polêmica em torno do argumento de que as nações protestantes, entre as quais a Inglaterra, Suíça, Alemanha e países escandinavos, teriam tido um desenvolvimento econômico mais acentuado do que as nações católicas. Tal polêmica incidia diretamente sobre a conformação valorativa que o protestantismo teria conferido à ética do trabalho.

No caso do Brasil, existe um desenvolvimento interno desigual que demarca profundas diferenciações regionais. A sociologia política brasileira acompanhou o desdobramento do esforço compreensivo em torno dos momentos temáticos da nacionalidade (MATOS, 1993, 137 a 145). Muitos intelectuais brasileiros procuraram explicar essas diferenças e o relativo atraso do país em relação a outros a partir de características étnicas ou psicológicas. A **"ética do trabalho"** é um elemento presente nessas interpretações acerca do caráter nacional<sup>20</sup>, tendo alimentado, por exemplo, o temor de pensadores da primeira metade do século XX de que o sul do Brasil, colonizado por brancos, se opusesse ao Norte, região dominada pela "inércia e indolência, o desânimo e, por vezes, a subserviência dos mestiços"<sup>21</sup>(LEITE, 1976, 218).

---

gíveis, outros duvidosos, nunca deixara de ter princípios religiosos e nunca duvidara da existência de Deus e de que o serviço mais agradável a Ele era fazer o bem ao homem (FRANKLIN, 1963, 76).

<sup>20</sup> Refiro-me aqui a obras como "Os sertões", de Euclides da Cunha, "Populações meridionais", de Oliveira Vianna, "Raízes do Brasil", de Sérgio Buarque de Holanda e "Casa grande e senzala", de Gilberto Freire.

<sup>21</sup> Caberia também questionar se o catolicismo não teria contribuído para se criar uma postura conformista com a pobreza, diversamente do protestantismo, que representa, em geral, a "modernização do cristianismo"

Diferenças entre o brasileiro e outros povos, bem como entre as diversas regiões do país<sup>22</sup>, compõem a imaginação sócio-política, sendo a motivação para o trabalho evocada por esses analistas sociais e por segmentos da opinião pública como elemento diferenciador (uma espécie de linha imaginária que divide o norte e o sul do país em região do trabalho e região da preguiça, embora a localização exata dessa linha possa subir e descer no mapa, conforme o interesse do ator que a desenha em situar o seu vizinho do lado de lá ou do lado de cá do mundo do trabalho).

Holanda, por exemplo, formulou de modo marcante o "personalismo" como um traço básico do "homem brasileiro". Em sua obra "Raízes do Brasil", ele afirma que a moral do trabalho entre espanhóis e portugueses sempre representou "fruto exótico" (HOLANDA, 1963). Azevedo refere-se ao homem do Norte como mais vibrático, mais lírico e dramático e ao do Sul como mais positivo, realista e comedido (AZEVEDO, 1963, 229). Cunha (CUNHA, 1979) atribui ao clima as diferenças entre o colono do Sul e o do Nordeste.

Ribeiro descreve os baianos como "aqueles que vivem para viver, para tirar da vida o gozo que ela nos pode dar", talvez como "conduta compensatória pelos séculos de escravidão" (RIBEIRO, 1998, 192). Seyferth, estudando especificamente a comunidade teuto-brasileira do Vale do Itajaí (SC), colonizada por imigrantes alemães, ressalta que o grupo étnico afirma-se em torno da maior eficiência alemã em termos de trabalho e desenvolvimento econômico; o luso-brasileiro é, em geral, definido como "sujo,...que não gosta de trabalhar" (SEYFERTH, 59).

Em Torres, nacionalista convicto, é elucidativa a referência ao "trabalhador brasileiro", cujo caráter não é, no entanto, explicado a partir de características psicológicas propriamente, mas por condições históricas e econômicas:

---

e cujos núcleos colonizadores originários implantaram-se predominantemente no sul do país (luteranos, presbiterianos, etc.).

<sup>22</sup> Burke rememora suas impressões das visitas ao Brasil em artigo publicado pela Folha de São Paulo, onde afirma que quanto mais viaja pelo Brasil mais difícil se torna formular generalizações que se adaptem igualmente bem a Ouro Preto e Petrópolis, a Araraquara e Aquidauana, a Caruaru e Caxias do Sul (Ver BURKE, Peter. Primeiras impressões de um inglês no Brasil. O Brasil dos viajantes. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 28-12-1997, Caderno Mais). França, em FRANÇA, Jean M. C. A terra feliz sem rei nem lei, no mesmo caderno, também se refere aos relatos de "ociosidade, religiosidade excessiva e moralidade frouxa" feitos pelos viajantes estrangeiros que visitaram o Brasil. Por ocasião da visita do presidente americano Clinton ao Brasil em 1998, o empresário Antônio Ermírio de Moraes teceu o seguinte comentário: "Pena que, na recente visita do presidente Clinton ao Brasil, o cerimonial tenha preferido levá-lo à escola de samba da Mangueira em lugar de conduzi-lo à bacia de Campos, para ali constatar um pouco da competência brasileira" (MORAES, Antônio E. O petróleo e a garra brasileira. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 30-08-98, 1-2). Em outros termos, o valor do brasileiro estaria no trabalho e não no "ócio e indolência".

*"A Europa produz trabalhadores por necessidade, por costume e por disciplina; e nós produzimos ociosos porque, a não ser com o escravo, nunca fundamos no país coisa nenhuma própria a criar o interesse pelo trabalho e o amor pelo trabalho, entre os homens do povo. Na produção brasileira, só trabalhavam o dono da fazenda e o escravo. Os outros não precisavam trabalhar: alimentavam-se e vestiam-se à custa dos fazendeiros e tinham as festas da Igreja e as da fazenda e o jogo, para a alegria do espírito. Que se fez, durante quase um século de independência, para transformar em povo esta massa de ociosos? Criaram-se umas poucas escolas públicas? Mas a lição e a palmatória do pedagogo nunca formaram trabalhadores. Estabeleceu-se qualquer regime de colonização nacional? Nem sinal disso se encontra em toda a nossa legislação...Entre nós, a política de expansão econômica, com o sistema de cultura extensiva, de mineração, de monocultura, de latifúndios, de conquista dos sertões; com o desbravamento e a estrada de ferro, agravou-se singularmente, por efeito da nossa adoração quase idílica pelo estrangeiro, que, assim como nos prostra, como em face de cânones, diante das sentenças e dos juízos de celebridades passageiras, de repórteres e de exploradores em excursão, entrega-nos de mãos atadas à argúcia, ao tato, à perícia de financistas e de caixeiros-viajantes, e nos submete as inteligências aos intuítos e aos cálculos do instinto político dos outros povos. Nós temos mais que respeito: temos superstição pelo valor do estrangeiro e submissão à sua autoridade; e nisto tem estado o maior obstáculo à formação da consciência nacional, à educação da nossa iniciativa, à consolidação do nosso senso de responsabilidade - particularmente, da responsabilidade pública e social. O Brasil não tem trabalhadores rurais, porque as classes superiores, por seu egoísmo, nunca tiveram interesse pelo seu patricio proletário, preferindo explorá-lo a educá-lo, e abandoná-lo, por fim, em sacrifício à máquina de mão do trabalhador europeu. Mas - cumpre bem acentuar - este egoísmo é mais imputável aos dirigentes, aos legisladores, aos governos, porque o problema da organização do trabalho não poderia jamais ser solvido por iniciativa espontânea dos particulares: e os governos nunca fizeram outra coisa senão solvê-los contra o homem brasileiro, e contra a economia nacional, quando importou escravos e quando importou colonos" (TORRES, 1990, 17 a 18).*

A crítica de Leite às ideologias do caráter nacional brasileiro (ou teorias culturalistas) é um caso raro de estudo de psicologia social com certa repercussão na sociologia brasileira após Oliveira Vianna (LEITE, 1976), embora também lhe caibam ressalvas. Para ele, as ideologias<sup>23</sup> do caráter nacional brasileiro, de uma psicologia do povo brasileiro, seguem o esquema das doutrinas européias e também dos movimentos nacionalistas a nível mundial. Numa primeira fase, aparecem a revelação da terra, sendo em 1871 publicada a carta de Pero Vaz de Caminha, e o sentimento nativista. Com o Romantismo e a Independência do país, passa-se a um segundo momento: a reivindicação de uma unidade nacional, da nacionalidade. Num terceiro momento, que se inicia por volta de 1880 e termina na década de

<sup>23</sup> As interpretações do caráter brasileiro revelam, segundo Leite, diferentes etapas na maneira dos intelectuais verem o Brasil, mas mantêm-se ideológicas na medida em que as características psicológicas são tomadas como determinantes da vida social e do nível de desenvolvimento do país. Por teorias culturalistas podemos entender os modelos explicativos elaborados por Sérgio Buarque, Gilberto Freire, Oliveira Vianna, Alberto Torres, etc.

50, ingressa-se, a rigor, na fase da ideologia do caráter nacional brasileiro, onde algumas teses, como a teoria das raças inferiores e superiores e a do determinismo geográfico ou climático, permitem aos ideólogos explicar o atraso do Brasil.

A partir do processo de industrialização brasileira, a luta pela independência econômica e a necessidade de um novo nacionalismo parecem substituir as explicações acerca da inferioridade nacional e provocar, segundo Leite, uma mudança de atitude dos intelectuais. Caio Prado, já nos anos 40, procurava pensar nas características materiais e sociais do Brasil a partir do sentido imposto à sua colonização pela economia européia.

Embora possa ser permeada de ideologia e de estigmas, a discussão acerca do regionalismo cultural é uma temática cuja relevância a sociologia vem procurando resgatar, numa época em que, curiosamente, se tem enfatizado o fenômeno inverso, isto é, uma possível uniformidade geral da cultura brasileira, que se estaria processando paralelamente à modernização da sociedade e por efeito da indústria cultural em todos os recantos e camadas sociais (DIAS, 1985, 73). Isso parece demarcar uma fronteira de tensão entre a questão do regionalismo cultural e a indústria cultural (DIAS, 1985, 73); no plano internacional, entre "multiculturalismo" e "globalização". Os preconceitos não precisam ser endossados. A aceitação de possíveis diferenciações culturais regionais pode ser integrada a uma análise mais abrangente das condições históricas, econômicas e da dinâmica da luta de classes.

Qualquer que seja o peso conferido aos valores em torno do trabalho, a análise não é simples. Em virtude do recorte analítico adotado, não será aqui averiguado o grau de "realismo" de tais argumentos e teses, mas acreditamos valer a pena pensar o neopentecostalismo sob o aspecto dessa diversidade cultural do país, o que poderia nos fornecer indícios acerca de sua ressonância sobre a própria ordem social.

Dado que a "ética do trabalho", concebida como um conjunto de princípios capazes de moldar comportamentos, pautada, no caso do puritanismo, por **trabalho árduo, vida frugal, poupança, calculabilidade, racionalidade e austeridade**, constitui, segundo Weber<sup>24</sup>, um dos elementos centrais da ressonância social do protestantismo, e considerando o valor que o trabalho adquire nas análises de intelectuais brasileiros acerca do "regionalismo cultural", interessa-nos saber qual o significado atribuído à ética do trabalho nos discursos veiculados pela Igreja Universal do Reino de Deus, através da mídia, em Salvador (Nordeste) e em Florianópolis (Sul).

O problema desta pesquisa pode, portanto, ser expresso em duas questões:

**Em que medida o neopentecostalismo reedita em nosso país o discurso do protestantismo originário de base calvinista, no que tange ao peso e significado conferido à ética do trabalho?**

**Em que medida o discurso neopentecostal veiculado pela mídia é modulado pelo regionalismo cultural, considerando especialmente a "ética do trabalho" como traço distintivo?**

A reconstrução histórica do protestantismo, particularmente do puritanismo estudado por Weber, e de seu processo de imigração no Brasil, indica-nos que o espaço ocupado pelas vertentes originárias no país tendeu a permanecer relativamente constante ao longo do tempo (ou, pelo menos, não cresceu de forma tão acelerada como o neopentecostalismo). Essa reconstrução permite-nos, também, sondar, na direção da primeira questão formulada, a possível relação entre o protestantismo originário e o neopentecostalismo atual, confrontando uma tendência, presente no próprio meio acadêmico, de tomar como evidente a descontinuidade entre eles.

### **Alinhavando historicamente o neopentecostalismo**

O protestantismo<sup>25</sup> é uma das três divisões principais do cristianismo e, conjuntamente com a Igreja Católica Romana e as Igrejas Ortodoxas, uma religião mundial (DUNSTAN, 1964, 7 a 11). Apoiava-se na crença de que Deus trata diretamente com o homem como uma pessoa, sendo a salvação alcançada unicamente pela fé, e não pelas obras, como profere o catolicismo. Surgiu no século XVI, não só com a obra dos reformadores<sup>26</sup>

<sup>24</sup> Entendemos que o conceito de "ética do trabalho" é multidimensional, é uma condensação da dimensão política, religiosa, moral, econômica.

<sup>25</sup> O termo "protestantismo" deriva do protesto escrito em 1529 pelos príncipes apoiantes de Lutero contra as decisões da Dieta de Speyer, que concedia liberdade religiosa às minorias católicas nos estados predominantemente luteranos, mas não estendia a mesma liberdade às minorias protestantes nos estados onde o catolicismo era majoritário. Foi ainda com o sentido de professar, declarar abertamente que a palavra foi empregada nesse documento.

<sup>26</sup> Palavra derivada de Reforma, movimento religioso ocorrido na Europa no séc. XVI, marcado por uma rebelião irrompida dentro do cristianismo europeu e que foi dominada inicialmente pela figura de Martinho Lutero. Assentava-se em três instâncias: - a primeira era puramente religiosa: cada um devia decidir a partir de sua própria consciência como ler a Bíblia; - a segunda era a objeção à magnificência do papado e aos abusos da Igreja Católica; - a terceira era o desenvolvimento das idéias políticas e sociais, que acabou re-

Martinho Lutero (Alemanha), Ulrico Zuínglio (Suíça) e João Calvino (Suíça e França), mas também, posteriormente, a partir de múltiplos movimentos e nomes espalhados por vários países, reafirmando, em certa medida, o Humanismo e o Renascimento, ao exaltar o homem como ser livre, responsável e autônomo diante de Deus. A diversidade protestante contrapunha-se à unidade católica.

Como um movimento da história do cristianismo, o protestantismo comporta tanto um repúdio, um protesto contra algumas das crenças e práticas centrais da Igreja Católica Romana, quanto uma afirmação de convicções consideradas essenciais para a fé cristã, como a autoridade da Bíblia sobre a de concílios e papas, a gratuidade da salvação, a fé na ação redentora de Deus por intermédio de Jesus Cristo e o testemunho interior do Espírito Santo (BOISSET, 1971, 10 a 13). Duas correntes principais - o luteranismo e o calvinismo - se constituíram<sup>27</sup>. Os luteranos espalharam-se pela Alemanha e países escandinavos. Os calvinistas conquistaram grupos, não nações, espalhando-se, a partir de Genebra (Suíça), pela França, Holanda, Escócia, Polônia e Hungria (WILGES, 1996, 68)<sup>28</sup>.

Apesar da concordância em vários pontos, havia uma divergência básica entre as duas vertentes, que Weber (WEBER, 1981) apontou em seu ensaio "A ética protestante e o espírito do capitalismo": a confissão luterana partia das carências do homem pecador e da experiência de justificação pela fé para iniciar uma vida justa, o calvinismo partia da soberania absoluta de Deus, com a conseqüente afirmação da doutrina da predestinação<sup>29</sup>.

Embora o propósito original da rebelião deflagrada por Lutero fosse um regresso ao cristianismo primitivo, o que havia começado como uma afirmação de individualismo religioso ampliou-se a outros domínios, como o econômico, que o próprio Lutero frontalmente atacara em seus panfletos (BRONOWSKI e MAZLISCH, 1988, 106). Ao se deparar com a

---

dundando numa aliança da Igreja Luterana com o Estado, na sujeição do indivíduo à autoridade constituída (BRONOWSKI e MAZLISCH, 102 e 103).

<sup>27</sup> Uma 3ª corrente, liderada por Zuínglio em Zurique, embora originalmente próxima das idéias de Lutero, acabou incorporando-se à obra de Calvino. O anglicanismo, que surgiu com Henrique VIII, rei da Inglaterra, foi outra vertente importante, marcada, em suas origens, pela polêmica com a Igreja Católica; foi influenciado pelo zwinglianismo e pelo calvinismo (Enc. Mirador, verbete protestantismo).

<sup>28</sup> Segundo Weber, o "calvinismo foi a fé em torno da qual giraram os países capitalisticamente desenvolvidos - Países Baixos, Inglaterra e França - as grandes lutas políticas e culturais dos séculos XVI e XVII" (WEBER, 1981, 67).

<sup>29</sup> Essa doutrina pode ser apreendida da confissão de Westminster, de 1647: por decreto de Deus, para manifestação de sua glória, alguns homens e anjos são predestinados à vida eterna e outros à morte eterna, por manifestação de Sua livre graça e arbítrio, sem qualquer previsão de fé ou boas obras na criatura como condições ou causas (WEBER, 1981, 69). Essa doutrina já estava presente no debate católico medieval, ainda que haja uma polêmica em torno disso.

proliferação de inspirações e credos considerados errôneos<sup>30</sup>, viu-se na contingência de organizar uma Igreja (BOISSET, 1971, 33), que já emergiu dentro de uma perspectiva política conservadora. Tentou erguer um dique de autoridade política para conter as forças religiosas, econômicas e políticas que tinha deixado escapar, mas seu protesto abriu caminho para outros protestos.

Calvino ergueu um sistema “racionalmente fechado e logicamente disposto de moral, de constituição política e de dogma” (BRONOWSKI e MAZLISCH, 1988, 108). Acabou estabelecendo em Genebra (Suíça), cidade clerical por tradição, um regime assentado não apenas no poder moral, mas também legal e político, reforçado, freqüentemente, por uma absoluta crueldade<sup>31</sup> – teocracia calvinista. Esse regime que Calvino impôs a Genebra incluía o levantar cedo, trabalhar muito e estar sempre atento aos bons costumes e às boas leituras. As virtudes da parcimônia e da abstinência estavam onipresentes<sup>32</sup>.

Apesar de seu caráter teocrático, o movimento de Calvino, tal como se processou na história, promoveu maior independência do indivíduo e contribuiu, provavelmente de modo não intencional, para o individualismo pessoal, econômico e político (o que também ocorreu com o de Lutero) (BRONOWSKI e MAZLISCH, 1988, 112 a 114). Um ministério que controlasse a multidão pela pregação, em lugar dos sacramentos, implicava numa cidadania esclarecida, e a insistência calvinista na leitura da Bíblia significava uma população letrada, para o que Calvino construiu um sistema educativo que tinha mais a oferecer às pessoas comuns, conferindo iguais oportunidades de acesso a todas as crianças (BRONOWSKI e MAZLISCH, 1988, 112).

---

<sup>30</sup>Com o apoio de seus chefes **anabatistas**, que, rejeitando toda autoridade eclesiástica e propondo um comunismo de bens (SCIACCA, 1968, 15), formavam a ala esquerda dos reformadores (BRONOWSKI e MAZLISCH, 1988, 103), os camponeses acreditavam que qualquer reforma da Igreja, para ser verdadeira, teria de envolver a reforma das injustiças sociais. Convictos da própria igualdade diante de Deus que Lutero pregava, organizaram a Revolta dos camponeses, violentamente reprimida pelos príncipes, com o aval do próprio Lutero, que considerou a violência dos camponeses um desafio à “lei de Deus”, “obra demoníaca”. O movimento anabatista não possuía uma unidade religiosa (BOBSIN, 1984, 2), surgiu na Suíça e expandiu-se pela Morávia, Alemanha e Países Baixos, sofrendo violentas perseguições. Na **Morávia**, imbuiu-se de um forte caráter pietista e acabou influenciando grupos batistas, quacres e congregacionais (CAMPOS JÚNIOR, 1995, 12). Para Dunstan, numa perspectiva diferente, os anabatistas poderiam ser denominados a ala direita da Reforma; alguns tendiam para um fanatismo religioso (DUNSTAN, 1964, 64).

<sup>31</sup> Um dos seus cidadãos foi decapitado por ter escrito uma série do que Calvino chamou “versos obscenos”. O médico Serveto foi também queimado na fogueira por ordem de Calvino, depois de uma violenta polêmica que ambos teceram em torno da doutrina da trindade (ver BRONOWSKI e MAZLISCH, 1988, 110 e 111).

<sup>32</sup> Para Mendonça (MENDONÇA, 1984, 34), o plano de governo de Calvino era popular, democrático e republicano e atendia às aspirações vigentes de liberdade, respeitando o individualismo. Calvino construiu “um sistema lógico e coerente, que a tudo respondia”; no entanto, sua rigidez seria mais tarde o seu ponto fraco, por não conseguir ajustar-se a formas sociais diversas ou em mudança (MENDONÇA, 1984, 34).

Calvino também admitiu a existência de um sistema econômico capitalista para a sociedade, sobre cuja base ergueu sua ética, fazendo apelo à burguesia nascente e estimulando-a para a próxima luta pelo poder, que desaguaria na Revolução Francesa (BRONOWSKI e MAZLISCH, 1988, 113).

Na Inglaterra, onde o protestantismo se manifestou sob todos os seus matizes, constituíram-se, ao lado da Igreja Anglicana oficial, que unia, de certa forma, a doutrina calvinista à hierarquia e liturgia católicas, grupos opositores que reivindicavam reformas mais radicais, mais “puras” (daí o adjetivo puritanos<sup>33</sup>), com base na Bíblia e nos imperativos éticos do calvinismo, como os presbiterianos, batistas, congregacionais ou independentes, os anabatistas e, posteriormente, os metodistas. As doutrinas antimonárquicas do contrato social e dos direitos naturais foram, segundo Mendonça, se cristalizando durante os séculos XVI, XVII e XVIII, e a busca de liberdade religiosa e individual contrapondo-se às tiranias dos reis e da Igreja Anglicana. O puritanismo foi um produto típico desse período de ajustamento entre o pensamento político e o religioso, cujo espectro permearia toda a colonização da América do Norte (MENDONÇA, 1984, 32).

Os reformadores religiosos, como John Knox<sup>34</sup>, preparados na universidade de Calvino, procuravam introduzir a reforma calvinista em seus países, mas por muito tempo estiveram em minoria, na situação de terem que reclamar para si mesmos a tolerância religiosa. Como esta dependia da disposição do poder político, passaram também a almejá-lo. Assim, mais por acidente histórico do que por tendência doutrinal, o calvinismo passou a estar relacionado com o governo livre, com o individualismo econômico e político (BRONOWSKI e MAZLISCH, 1988, 114 e 115). A influência de Calvino começou a ser muito ampla, atingindo as áreas de influência do pensamento de Lutero, pondo-se em choque com alguns pontos fundamentais da teologia luterana, como a questão da primazia da fé ou da graça, e, assim, enfraquecendo o próprio movimento da Reforma. Fora dos territórios alemães e da Escandinávia, Calvino suplantou Lutero (MENDONÇA, 1984, 33).

---

<sup>33</sup> Weber refere-se ao conceito de "puritanismo" no sentido que tinha na linguagem popular do século XVII, indicando os movimentos de inclinação ascética da Holanda e Inglaterra, sem distinção de organização eclesiástica ou de dogma, incluindo, assim, os independentes, os congregacionalistas, os batistas, os menonitas e os quacres (WEBER, 1981, 163). O puritanismo foi profundamente influenciado pelo calvinismo e firmemente reprimido pela Coroa.

<sup>34</sup> John Knox é considerado o fundador do presbiterianismo, que professa um calvinismo suavizado no que tange à doutrina da predestinação (WILGES, 1996, 91).

Outros grupos, como os quacres<sup>35</sup> (tremedores) também emergiram da pluralidade religiosa, podendo-se traçar alguma analogia entre eles e o movimento pentecostal posterior, segundo Bobsin (BOBSIN, 1984, 2). Não tinham clero nem liturgia, apenas reuniam-se em assembléias marcadas pela "pureza" de sua vida moral, pela solidariedade e pela abertura ao poder do Espírito (BOISSET, 1971, 80) e acreditavam que a revelação não se confinava às Escrituras. Foram duramente perseguidos, difundindo-se, então, pela Europa e pelos Estados Unidos, em busca de um espaço para viverem a fé sem perseguições (BOBSIN, 1984, 3).

Para Dunstan, quando se difundiu por todo o norte da Europa, o protestantismo deixou de ser testemunho para tornar-se declaração de crença, estatuída em tratados formais, subscritos por certos líderes. Os reformadores eram homens de fé viva, enquanto seus sucessores eram, freqüentemente, "defensores de credos ou confissões" (DUNSTAN, 1964, 71). Ao lado de aspirações que tentavam determinar a fé, e que produziram dinastias de teólogos e pastores, como na Alemanha, emergiam manifestações de místicos, mais ou menos afastadas das afirmações ortodoxas. Movimentos de revitalização da fé e da piedade, "redespertares" da vida religiosa para a fonte original - a Bíblia - projetaram-se recorrentemente no cenário histórico do protestantismo (BOISSET, 1971, 91).

Nas primeiras décadas do séc. XVIII, o pietismo<sup>36</sup> dos morávios, que fermentava naquele momento, influenciou o teólogo anglicano John Wesley, fundador do metodismo, movimento anglo-americano correspondente ao pietismo continental, que teve início em 1738 como seita e, depois, institucionalizou-se como Igreja<sup>37</sup>. Advogando a necessidade de

<sup>35</sup> George Fox (1624 – 1690) foi o iniciador do movimento, depois de passar por experiências de revelação similares às dos inspiradores do século precedente (BOISSET, 1971, 80).

<sup>36</sup> O pietismo foi um reavivamento espiritual da Igreja Luterana no séc. XVIII, enfatizando a fé em Jesus Cristo, a reunião para estudo da Bíblia, oração e enriquecimento mútuo e para a busca de santificação. Segundo Weber (WEBER, 1981, 65), ele se desenvolveu inicialmente no seio do movimento calvinista na Inglaterra e na Holanda, permanecendo naturalmente ligado à ortodoxia e dela se separando gradativamente, até que, no final do séc. XVII, foi absorvido pelo luteranismo, sob a liderança de Spener. Somente a facção dominada por Zinzendorf, e afetada por influências hussitas e calvinistas dentro da irmandade moraviana, foi forçada a formar um tipo peculiar de "seita" - o metodismo. A doutrina da predestinação é o ponto de partida do pietismo; como o movimento permaneceu dentro da Igreja Reformada, é quase impossível, segundo Weber, traçar a linha divisória ente calvinistas pietistas e não-pietistas. Ele difere do calvinismo em qualidade, não em grau (WEBER, 1981, 185).

<sup>37</sup> O "Santo Clube" dos quatorze estudantes que se associavam para rezar e viver em santidade principiou como uma revivência das características ascéticas da Igreja Superior (Inglaterra) e recebeu o nome de metodista pelos seus hábitos pontuais e metódicos de devoção (DUNSTAN, 1964, 77). Além da influência pietista, também assimilou a herança do arminianismo, nome derivado de Jakobus Arminius, teólogo holandês que, apesar de calvinista, opunha-se à ortodoxia da predestinação, afirmando que Deus oferecia a salvação a todos que aceitassem Jesus Cristo como salvador (MENDONÇA e VELASQUES FILHO, 1990, 93 a 95). Organizou a atividade missionária com vistas à conversão de grandes massas (WILGES, 1996, 92). Nas

uma "maior santificação", mais mística, esse movimento apresentava estreitas ligações com o pentecostalismo que surgiria posteriormente no século XX; afirmava a liberdade do homem, a santificação súbita e o testemunho interior do Espírito Santo (BOISSET, 1971, 96), testemunho esse que gerava um sentimento da absoluta certeza do perdão. Os sentimentos espirituais que o moviam levaram-no a menosprezar distinções nacionais e a estabelecer um sistema supranacional (DUNSTAN, 1964, 77), com pregações fora dos templos e forte atuação de pregadores leigos, motivando o aparecimento do que veio a se denominar "evangelismo". Weber o caracterizou pela combinação de um tipo emocional, mas ainda ascético, na religião com uma crescente indiferença pelas bases dogmáticas do ascetismo calvinista (WEBER, 1981, 98).

Com a Revolução Industrial<sup>38</sup> e a formação do operariado inglês, incharam-se as cidades, e a exploração e miséria geradas pelo capitalismo que se desenvolvia na Europa do século XVIII criaram condições para o surgimento de um avivamento religioso, que se propagou, a partir das influências conjugadas dos morávios e metodistas (CAMPOS JUNIOR, 1995, 12 e 13), até o "Despertar" do séc. XIX.

Muitas "seitas operárias" emergiram nas regiões manufatureiras, no meio da inexperienced classe trabalhadora inglesa, ocupando-se de seus problemas não sob uma perspectiva de classe social, mas de indivíduos ou "grupos escolhidos de eleitos" (Hobsbawm, citado em BOBSIN, 1984, 3). O movimento metodista, que também surgia nesse período, ao se contrapor ao clericalismo anglicano e inaugurar uma forma mais simples e imediata de relacionamento com a divindade, conseguiu atingir milhares de trabalhadores e mineiros ingleses, premidos pela brutalidade e insegurança da vida e pela frustração com os canais políticos oficiais (BOBSIN, 1984, 3 a 5).

Por um lado, o metodismo foi considerado por alguns estudiosos indiretamente responsável por um aumento na autoconfiança e capacidade de organização do operariado em sociedades autosubsistentes, por outro, teria surgido como uma influência politicamente regressiva ou estabilizadora (THOMPSON, 1987, 38 a 42). Essa tensão entre tendências

---

doutrinas de Wesley, a primeira obra da graça divina era a salvação (justificação) e, a partir dela, o homem deveria dedicar-se à santificação (perfeição cristã), correspondente à segunda transformação. Sua intenção inicial não era se separar da Igreja Anglicana, mas promover um refervoramento religioso. A distinção entre seita e igreja deriva de uma tipologia feita por Troeltsch, que será explicitada mais adiante.

<sup>38</sup> Hobsbawm, historiador marxista, afirma que uma economia industrial implica também numa "revolução agrícola", pois o rápido aumento geral da população requer um brusco crescimento no fornecimento de alimentos (HOBSBAWM, 1988, 64). Para Weber, o poderoso revival do metodismo precedeu o florescimento da indústria inglesa (WEBER, 1981, 125).

democráticas e autoritárias parece caracterizar toda a história inicial do metodismo. Com o avanço dos movimentos operários de cunho socialista, as seitas operárias foram perdendo terreno e se dissolvendo; as seitas metodistas, porém, desembocaram na institucionalização em Igreja (BOBSIN, 1984, 4).

De acordo com Mendonça, no século XVIII, a Igreja da Inglaterra estava dividida em duas alas: a primeira, influenciada pelo movimento metodista, era a ala dos “evangélicos” e se voltava para o cristianismo em ação; a segunda, conhecida como movimento de Oxford, era influenciada pela nostalgia da tradição católica e preconizava a reaproximação com a Igreja Católica (MENDONÇA, 1992, 4 a 6). O movimento evangélico<sup>39</sup> espalhou-se, através das Alianças Evangélicas, visando a formar uma linha única para enfrentar o catolicismo, e ganhou corpo concomitantemente aos grandes movimentos de avivamento produzidos na Inglaterra e nos Estados Unidos, nos séculos XVIII e XIX<sup>40</sup>. As Alianças Evangélicas, como a fundada em Londres em 1846 e nos EUA em 1867, tinham um fundo teológico básico que, entre outros princípios, afirmava a fé na imortalidade da alma, no julgamento do mundo por Jesus Cristo e na obra do Espírito Santo para a conversão e santificação do pecador, ponto central dos movimentos de avivamento que fomentaram o surgimento do pentecostalismo do século XX (MENDONÇA, 1992, 5).

A Old Missionary Society para a propagação do Evangelho em terras estrangeiras, especialmente relacionada com as colônias americanas, havia sido fundada em 1702 (DUNSTAN, 1964, 138). No entanto, só em 1792, com a Sociedade Missionária Batista, o movimento missionário adquiriu corpo e estendeu seus tendões até a China, África e América, propagando a Bíblia através dos vários dialetos, instruindo por intermédio de escolas e promovendo assistência à saúde por meio de hospitais e dispensários. A partir de então, o

---

<sup>39</sup> A distinção entre evangelical e evangélico pode ser encontrada em Velasques Filho (MENDONÇA e VELASQUES FILHO, 1990, 81 e 82) e Mendonça (MENDONÇA, 1992, 4). Evangelical é uma ala do movimento evangélico que enfatiza a experiência emocional da conversão como sinônimo de conversão e está presente em várias denominações. Evangélico é o movimento teológico que remonta aos pré-reformadores e enfatiza a volta à Bíblia como única regra de fé e conduta. O movimento evangelical é fruto dos reavivamentos, sendo considerado adversário de liberalismo e modernismo. Pelo visto, o uso do termo “evangélico” deveria a rigor designar apenas os adeptos dessa corrente, que se espalhou através das Alianças e que se caracteriza pelo espírito conservador, mas acabou se estendendo aos que descendem, direta ou indiretamente, da Reforma Protestante. Os desdobramentos do movimento evangélico serviram de base, ao mesmo tempo, para o movimento ecumênico e para o movimento conservador e fundamentalista. No Brasil, depois de uma atribulada trajetória, também o nome “evangélico” tornou-se consagrado para todos os cristãos não-católicos.

<sup>40</sup> O protestantismo deve muito de sua expansão ao advento da imprensa, criada no século XV, propiciando a expansão pela Europa das idéias de Lutero através dos seus escritos (Campos, 1997, 248).

trabalho missionário passou a constituir a preocupação precípua das Igrejas, quer diretamente, quer por meio de "sociedades interdenominacionais" (BOISSET, 1971, 112).

Os migrantes que aportavam na América do Norte, particularmente nos EUA, levavam, além de um espírito aventureiro, sua experiência religiosa (CAMPOS JÚNIOR, 1995, 13), o que resultou na implantação de luteranos alemães e suecos, reformados alemães e holandeses, anglicanos, presbiterianos, batistas, metodistas e quacres, entre outros<sup>41</sup>. Como definiu Weber, tratava-se de "religiões de salvação" (AUBRÉE, 1996, 78), do protestantismo histórico, dirigido mais a indivíduos do que a massas e empenhado na construção de um indivíduo responsável. Desde 1620, partidários do puritanismo na Inglaterra, em função de perseguições empreendidas pela Igreja oficial, já emigravam para a América do Norte (MENDONÇA e VELASQUES, 1990, 13), mas a imigração só se tornou mais sistemática depois de passado o período dos pioneiros (BOISSET, 1971 115).

Em função da própria diversidade dessa imigração, o protestantismo americano desenvolveu uma prodigiosa diversificação denominacional - o denominacionalismo: a denominação era uma associação voluntária, uma igreja desestabilizada, composta por pessoas que a ela aderiam espontaneamente e de acordo com suas preferências e convicções pessoais, representando um contraponto ao monolitismo e à postura coercitiva da Igreja Anglicana (MENDONÇA, 1984, 45 e 46). Cada denominação sugeria que o grupo referido era apenas membro de um grupo maior, identificado por um nome particular, e reconhecia sua responsabilidade pela totalidade da sociedade.

No início do séc. XVIII, a efervescência religiosa e o puritanismo tinham declinado muito nas colônias americanas, para o que certamente pesaram as lutas políticas com a Inglaterra, que desembocaram na Guerra da Independência, e o avanço do processo de secularização, que vinha no bojo do Iluminismo (MENDONÇA, 1984, 48 a 51). A essa situação somava-se o caráter elitista das Igrejas, ainda carregadas de um calvinismo ortodoxo, que nutria em sua teologia o princípio da incapacidade humana perante a soberania total de Deus, tornando muito rigorosa a exigência de experiência religiosa para a admissão de seus membros. A demanda por novas formas teológicas e eclesiais abriu caminho para os movi-

---

<sup>41</sup> Zea afirma que, enquanto na Iberoamérica, marcham juntos o colonizador e o evangelizador, na América do Norte, o colonizador é, ao mesmo tempo, pastor (ZEA, 1978, 138-142). Enquanto os missionários católicos, franciscanos e jesuítas incorporam os indígenas quase pela força, mediante batismos massivos, os pastores puritanos não querem saber de indivíduos que não se incorporem livremente a suas igrejas, "que não tivessem sido chamados". O receber ou não o chamado passa a ser o sinal, não da suposta igualdade entre os homens, mas de sua desigualdade. Os índios, surdos ao chamado, eram obstáculos a serem removidos, eram parte da terra que se haveria de explorar (Ver ZEA, 1978).

mentos de avivamento do fervor religioso que foram surgindo em diversos locais, aproximadamente de 1730 a 1770, e que acabaram configurando o primeiro Grande Despertamento do protestantismo americano (MENDONÇA, 1984, 49).

Foi nesse período que o metodismo penetrou na América, procurando, ao lado de outros grupos, como os presbiterianos, oferecer aos fiéis o tipo de mensagem que considerava necessário para a propagação da fé (CAMPOS JÚNIOR, 1995, 13). Sua expansão ocorreu na esteira da conquista e colonização do sudoeste dos EUA, pois, ao abolir aparatos litúrgicos e formalidades cúlticas, adaptava-se melhor às condições sociais vigentes.

Os metodistas utilizavam-se de pregadores itinerantes, que percorriam os acampamentos (camp meetings) - locais de orações e leituras bíblicas, marcados por grandes ajuntamentos de pessoas - e acreditavam na perenidade da promessa de derramamento do Espírito Santo e no aperfeiçoamento por obra da graça divina. Para se chegar à santificação, era necessário muita oração, algo como um dom proveniente de Deus (CAMPOS JÚNIOR, 1995, 16), ocorrendo nas reuniões muitas manifestações de êxtase.

Na primeira década do séc. XIX, nova onda avivalista ergueu-se entre as várias denominações, caracterizando o segundo Grande Despertamento de 1858 (MENDONÇA, 1984, 51), que alimenta a possibilidade do homem atingir seus objetivos por meio da graça de Deus (CAMPOS JÚNIOR, 1995, 19).

Imbuídos da missão divina de levar a fonte da verdade (a Bíblia) a todos os povos que a desconheciam e do sentimento nacional expansionista, os metodistas, batistas e presbiterianos estadunidenses empreenderam, no século XIX, missões evangelizadoras, chegando ao Brasil a partir de 1870, posteriormente às dinâmicas de reavivamento. O advento do progresso na sociedade norte-americana indicava, para os membros dos ramos protestantes, a iminência do reino de Deus, colocando como plataforma de pregação dos avivalistas o milenarismo (CAMPOS JÚNIOR, 1995, 19). As empresas missionárias que surgiam nesse momento de expansão do capitalismo mundial orientavam suas atividades pela idéia de que o progresso nacional era resultado das bênçãos de Deus. O período missionário perdurou até a primeira guerra.

O movimento de santidade (holiness) ocorrido nos países de língua inglesa<sup>42</sup> na segunda metade do século XIX, sob a influência cultural do Romantismo, veio democratizar o conceito wesleyano de santificação: ao invés da busca demorada, a experiência rápida e

---

<sup>42</sup> Segundo Campos Júnior (CAMPOS JÚNIOR, 1945, 21), o movimento de santificação holiness surgiu nos EUA em meados do séc. XIX.

disponível a todos chamada batismo no Espírito Santo (FREESTON, 1994, 110). Esse movimento, além de penetrar muitas denominações, produziu uma franja separatista de pequenos grupos, fortemente marcados pela expectativa da volta iminente de Cristo (adventismo) e pela centralidade teológica da glossolalia<sup>43</sup>, entre os quais se foram estruturando os primeiros movimentos pentecostais. Para Mendonça (MENDONÇA e VELASQUES, 1990, 87), os pentecostais foram os verdadeiros herdeiros do reavivamento norte americano, mantendo a ênfase no emocionalismo e a disposição de itinerância evangélica, embora se possa perguntar se sua institucionalização não lhes fez perderem seu caráter de movimento.

O foco mais preciso do movimento pentecostal foi a Escola Bíblica de Topeka (EUA), onde Charles Parham defendia o falar em línguas como um dos sinais indicativos da santificação, denominada por evangelistas e teólogos do movimento de santificação (holiness) de batismo do Espírito Santo (MENDONÇA e VELASQUES, 1990, 47). Parham fundou um lar de curas e o colégio bíblico, no qual propôs a seus alunos que buscassem na Bíblia uma evidência para o batismo do Espírito, ao que eles responderam com a glossolalia. Mas faltava uma experiência, que veio na passagem de ano de 1901, quando uma aluna de Parham, durante uma vigília em Azusa Street Mission (Los Angeles), falou em outras línguas (CAMPOS JÚNIOR, 1995, 22). Era o começo do pentecostalismo.

Em 1906, W. Seymour, pregador negro e aluno de Parham<sup>44</sup>, da seita holiness, convencido de que a glossolalia sinalizava o batismo do Espírito Santo, passou a promover reuniões sucessivas em Los Angeles, na rua Azusa, freqüentadas predominantemente por negros e pautadas por cânticos alegres e informais e orações simultâneas em voz alta (CAMPOS JÚNIOR, 1995, 23). Para ele, havia três estágios na vida espiritual do pentecostal: a conversão (1ª bênção), a santificação (2ª bênção) e o batismo do Espírito Santo (3ª bênção), cujo sinal era o dom de línguas.

Nos dois primeiros anos, foi em torno desse grupo pentecostal que os brancos inusitadamente se iniciaram na nova experiência (ROLIM, 1985, 69).<sup>45</sup> No entanto, os brancos

<sup>43</sup> Consiste em falar em línguas estranhas. A leitura bíblica literal de "Atos dos Apóstolos" gerou a crença de que o mesmo fenômeno ocorrido com os apóstolos no Dia de Pentecostes - o "batismo de fogo" do Espírito Santo - poderia se repetir entre os fiéis, abrindo-lhes a possibilidade do desenvolvimento de dons carismáticos, como cura, profecia, glossolalia e libertação, em função da fé do converso (MACHADO, 1996, 45).

<sup>44</sup> Segundo Freston (FREESTON, 1994, 110), Parham só permitia que negros ouvissem suas aulas do lado de fora da porta.

<sup>45</sup> Tanto que, numa dessas reuniões, esteve presente o pastor batista branco W. Durham, que atuava em Chicago, mas acreditava, diferentemente de Seymour, que o batismo do Espírito Santo era uma segunda bênção (CAMPOS JÚNIOR, 1995, 25). Um dos membros de sua igreja - o sueco Daniel Berg - fundaria em Belém do Pará, juntamente com Gunnar Vingren, a Assembléia de Deus.

começaram a se separar dos negros por volta de 1908. Os pentecostais brancos adotaram um linha bem diferente da dos pentecostais negros, enfatizando o batismo do Espírito, com glossolalia, os dons de cura e de falar em línguas estranhas e reduzindo sua experiência apenas ao campo do sagrado (ROLIM, 1985, 70 e 71). Os pentecostais negros não dissociavam sua religiosidade das lutas sociais (CAMPOS JÚNIOR, 1995, 23 e 24); acreditavam num Deus implicado na história (ROLIM, 1985, 70), parceiro dos oprimidos.

A partir de 1910, o pentecostalismo, originalmente concebido como uma renovação das igrejas existentes, foi se solidificando em grupos independentes, separados por querelas doutrinárias (FREESTON 1994, 111) e passou a se expandir de forma contínua através de seus muitos missionários. Os brancos que haviam recebido a ordenação na "Igreja de Deus em Cristo" (predominantemente negra) saíram para fundar a Assembléia de Deus, quase exclusivamente branca (FREESTON 1994, 111). O fenômeno glossolálico em si não era a novidade do movimento, mas sim a elaboração doutrinária que lhe dava uma centralidade teológica e litúrgica.

No Brasil, a inserção do protestantismo norte-americano só ocorreu a partir do século XIX, em um período marcado pelo liberalismo<sup>46</sup> (BOBSIN, 1984, 6), que reivindicava a tolerância religiosa. No plano ideológico e religioso, o catolicismo e a ideologia sustentadora da escravidão sofriam, naquele momento do século XIX, desafios de movimentos religiosos e filosóficos procedentes do exterior (BOBSIN, 1984, 5). A abertura para o mundo anglo-saxão, para o cobiçado surto de modernização e progresso, significava abertura para o universo protestante (MENDONÇA e VELASQUES, 1990, 73).

Embora, até o fim do Império, já se tivessem estabelecido no Brasil todas as grandes denominações protestantes clássicas (anglicanos, luteranos, episcopais - anglicanos norte-americanos -), as distinções entre elas eram de natureza secundária, uma vez que se nivelavam pela oposição teológica ao catolicismo (MENDONÇA, 1984, 11 a 22 e MENDONÇA e VELASQUES, 1990, 11 a 59).

O primeiro impulso de ingresso de protestantes no país tinha sido de natureza imigratória e decorrera da abertura dos portos brasileiros ao comércio inglês (1810) e do incentivo à imigração européia, particularmente alemã (luteranos), poucos anos depois

---

<sup>46</sup> Os primeiros protestantes norte-americanos que vieram para o Brasil remontavam à Guerra da Secessão, ocorrida entre 1861 e 1865, conflito que, segundo Léonard, foi subestimado pela História, mas representou a oposição de duas concepções de vida: o escravagismo do Sul e a ávida cobiça do Norte, com o triunfo de uma sobre a outra e com várias conseqüências para o futuro do mundo (LÉONARD, 1951, 332).

(MENDONÇA e VELASQUES, 1990, 12). Antes disso, já tinham ocorrido tentativas de implantação de uma civilização protestante no Brasil: uma de protestantes franceses no início da colonização, entre 1555 e 1560, e outra de protestantes holandeses durante o domínio holandês em Pernambuco, de 1630 a 1645.

As missões protestantes representaram o segundo impulso de inserção do protestantismo no Brasil, ainda que não tenham exercido o impacto que as condições do país naquele momento comportavam, em função das características do catolicismo dominante: baixa densidade de padres e falta do zelo apostólico (LÉONARD, 1951, 431). Tal situação favorecia o surgimento de devoções populares, de "relações mais simples com Deus" (BOBSIN, 1984, 7). Esse *protestantismo missionário* instalou no país a Igreja Congregacional, a Presbiteriana, a Metodista, a Batista e a Episcopal (MENDONÇA e VELASQUES, 1990, 12).

O protestantismo, diferentemente do pentecostalismo, permaneceu por muito tempo um corpo estranho à sociedade brasileira, ainda que seus valores liberais, tais como: a ênfase no individualismo, na liberdade, na democracia, no trabalho e no êxito pessoal (indício de superioridade da fé religiosa) pudessem tecer pontos de contato com certos grupos sociais (BOBSIN, 1984, 8 e 9). No entanto, conseguiu, atrair setores da pequena burguesia, da elite tradicional, da aristocracia rural, do proletariado urbano, das classes médias e homens livres do meio rural. Os grupos de famílias luteranas que aportaram ao sul do país preocuparam-se antes com a preservação de seus valores religiosos do que com o proselitismo.

Segundo Mendonça, o protestantismo procurou implantar-se no espaço religioso brasileiro em três níveis: o polêmico, o educacional e o proselitista (MENDONÇA, 1984, 80). O polêmico dizia respeito ao confronto com a Igreja Católica, que perdurou até os anos 1920, quando também se encerrou a "era missionária"; o educacional foi representado pelos grandes colégios americanos e pelas escolas paroquiais e o proselitista consistia no esforço de conversão dos católicos. Em suma, era um protestantismo estrategicamente anticatólico e, teologicamente, evangelical, baseado na conversão.

A nível individual, o protestantismo impôs uma série de severas restrições que seriam encampadas pelo pentecostalismo: **abstenção dos "prazeres do mundo"**, definidos como vícios, relações pré-matrimoniais, fumo, etc. Aos convertidos propunha uma **ética marcada por honestidade e dedicação ao trabalho** (BOBSIN, 1989, 8).

Mesmo não se tendo implantado na sociedade brasileira daquela época de forma massiva, esse protestantismo parece ter aberto, ao lado de fatores sociais, econômicos e culturais, frentes para o pentecostalismo, que viria ocupar espaços não atingidos, junto, por

exemplo, às camadas mais baixas da população e mesmo a camadas médias (CAMPOS JUNIOR, 1995, 155), muito embora pesquisadores como Rolim (ROLIM, 1980, 109 e 141) afirmem o seu avanço entre as massas populares portadoras do catolicismo devocional<sup>47</sup>.

Em 1910, o ítalo-americano Louis Francescon, pertencente à Igreja Presbiteriana de Chicago, fundava no Paraná (sul do Brasil) a primeira igreja pentecostal da Congregação Cristã do Brasil, e, em seguida, rompendo com o presbiterianismo local, fundava em São Paulo, numa colônia italiana do Brás, a primeira igreja pentecostal em solo paulista, num contexto de agitadas lutas políticas da classe trabalhadora, empreendidas por correntes anarco-sindicalistas, anarquistas e socialistas. Em 1911, em Belém (norte do país), os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, herdeiros e portadores da visão religiosa dos pentecostais estadunidenses de cor branca, considerando-se depositários de uma revelação divina, fundavam a Assembléia de Deus, a partir de uma cisão na Igreja Batista local (ROLIM, 1985, 63). Na abordagem de Freston<sup>48</sup> (FRESTON, 1994, 108), esta constituiu a **primeira onda** de implantação de igrejas pentecostais no Brasil, que coincidiu com a própria expansão do pentecostalismo pelo mundo e, em termos econômico-políticos, com a expansão do capitalismo mundial.

Os dois movimentos pentecostais, tanto em sua fase de implantação quanto de expansão, souberam, não apenas, captar a demanda religiosa existente na sociedade, mas também explorar os conflitos que assolavam o protestantismo tradicional (BOBSIN, 1984, 14). Adotaram uma evangelização direta, indo ao encontro das pessoas mais simples, inibidas pelo cristianismo racional dos missionários de se manifestarem de forma mais espontânea e calorosa. Nos anos 30, sua expansão, que fora até então tímida, acelerou-se, o que parecia

---

<sup>47</sup> Para Mendonça, o pentecostalismo nutre-se e cresce principalmente às custas do protestantismo. Embora angarie adeptos entre os católicos, sua célula mater é o protestantismo, que é essencialmente lógico, ao passo que o catolicismo é "ritual, mítico e sacramental" (MENDONÇA e VELASQUES, 1990, 235). De acordo com Rolim, no início do século XX, o protestantismo de conversão, particularmente através dos batistas e dos presbiterianos, já havia atingido o Nordeste, Norte e o Centro-Oeste, o que foi particularmente importante para o pentecostalismo, com o qual, entretanto, não concorreu. Diante de um catolicismo fortemente hierarquizado, com o qual efetivamente concorreu, deu ao leigo, embora com limites, ampla margem de participação religiosa. Ao invés da educação religiosa nos colégios, mais voltada a segmentos da classe burguesa e das classes médias urbanas, o pentecostalismo adotou uma evangelização voltada às camadas mais baixas da população, utilizando-se de agentes evangelizadores delas oriundos (pedreiros, carpinteiros, ferroviários, etc.). Ver ROLIM, 1985, 63 a 67 e 109.

<sup>48</sup> Por analogia com a análise que David Martin faz do desenvolvimento do protestantismo anglo-saxão em três grandes ondas, Paul Freston identifica igual número de ondas na implantação das Igrejas pentecostais no Brasil. O mérito dessa interpretação nos parece bem descrito por Machado, quando ela valoriza a plasticidade com que o movimento pentecostal é resgatado, uma vez que não se restringe apenas aos planos estético, litúrgico ou teológico, mas encampa também o plano social e o ético-comportamental.

indicar profunda relação com o processo de industrialização (BOBSIN, 1984, 14) e com a crise do Estado oligárquico (ROLIM, 1985, 63) e contemporaneidade com o populismo.

Para Read, Willems e D'Epinay<sup>49</sup>, 1930 foi o marco de expansão do pentecostalismo, pelas condições em que se achavam expostas as classes dominadas migrantes. Para Rolim, o marco foi o ano de 1937, quando Vargas impôs severas medidas de exceção para abafar as lutas populares; fechados os veículos de manifestação e participação política e sindical, restava às massas o canal religioso para expressarem seus anseios (ROLIM, 1985, 79). Durante o Estado Novo, o pentecostalismo encontrou, por um lado, condições favoráveis para se expandir - dissociava-se o social do político -, e, por outro, a necessidade de se defender no confronto com o catolicismo oficial<sup>50</sup> (ROLIM, 1985, 81).

A **segunda onda** pentecostal ocorreu nos anos 50 e início dos 60, quando se dinamizava a urbanização e a formação de uma sociedade de massas, num contexto de expansão do populismo. O campo pentecostal se fragmentou, surgindo, em meio a dezenas de grupos menores, as Igrejas: Brasil para Cristo (1955), Evangelho Quadrangular<sup>51</sup> (1951) e Deus é amor (1962). De acordo com Rolim (ROLIM, 1985, 84 e 85), na medida em que os ramos pentecostais mais antigos começaram a ingressar num certo "aburguesamento", grupos novos foram se proliferando em direção às camadas mais baixas, mas se mantiveram, todavia, circunscritos à esfera sacral. O que estava em jogo era o próprio sistema de produção da sociedade capitalista, responsável, em última instância, pela eclosão das aspirações das massas a um maior consumo de bens materiais e não materiais e pela restrição de oportunidades concretas. Foi nessa época que a Igreja Deus é Amor, fundada por David Miranda, passou a enfatizar o dom de cura e a Igreja Brasil para Cristo, fundada por Manoel de Melo, ensaiou sua prática política.

Uma outra tendência que se manifestou nessa fase do pentecostalismo brasileiro foi a participação de vários de seus membros em lutas na área rural, particularmente nas Ligas Camponesas no Nordeste, levando-os a questionarem o exercício da autoridade e pregando a justiça social a partir dos próprios textos bíblicos dos profetas. A repressão de 64 massacrrou a experiência das Ligas, e vários crentes foram presos.

---

<sup>49</sup> Citados em BOBSIN, 1984, 16 e 25.

<sup>50</sup> Com a investida antiprotestante deflagrada pela Igreja Católica, particularmente a partir de 1939, via de regra organizada por vigários das cidades do interior, curiosamente emergiu um movimento de solidariedade entre os crentes, que passaram a se deslocar de uma cidade a outra em caravanas para apoiarem seus irmãos perseguidos (ROLIM, 1985, 82).

<sup>51</sup> A Igreja do Evangelho Quadrangular era originária de Los Angeles, onde fora fundada por Aimee McPherson, metodista canadense convertida ao pentecostalismo (MENDONÇA e VELASQUES, 1990, 48).

Estudos como o que Novaes (NOVAES, 1985) realizou junto aos "crentes"<sup>52</sup> da Assembleia de Deus que tiveram uma participação nos sindicatos rurais em Santa Maria, Pernambuco, revelam que havia limites nesse envolvimento, na conciliação entre crenças pentecostais e práticas sociais (ROLIM, 1985, 87 a 89). Essa autora questiona a equação pentecostalismo - alienação, observando que aqueles crentes se apropriavam e se utilizavam em benefício próprio da congregação, adquirindo através dela atributos de cidadãos, expressando-se e reivindicando direitos, mas a justiça, por exemplo, era acatada como expressão de uma autoridade quase divina, sem que seus instrumentos fossem discutidos.

A terceira onda de implantação do pentecostalismo teve início no final dos anos 70, após a modernização autoritária do país, particularmente na área das comunicações, e ganhou fôlego nos anos 80. Sua representante mais expressiva é a já mencionada Igreja Universal do Reino de Deus (1977), contando também com a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), ambas surgidas no contexto carioca e ampliando o leque de possibilidades teológicas, litúrgicas, éticas e estéticas do pentecostalismo.

É importante acrescentar que, durante os anos 60 e 70, várias das igrejas tradicionais ou históricas implantadas pelo protestantismo missionário do século XIX registraram um reavivamento pentecostal, apartando-se da igreja matriz (MACHADO, 1996, 44 a 55). Foi o caso da Batista Renovada, Luterana do Brasil e da Presbiteriana Evangélica do Brasil. Também dentro da Igreja Católica teve início, em 1967, nos EUA o movimento de renovação carismática, sob a influência do pentecostalismo e dele se aproximando em vários pontos. Esse movimento reforçou o biblicismo, revalorizou a glossolalia, a profecia, as orações de intercessão e outros dons, estimulou a pureza e a santificação e provocou o engajamento em experiências de evangelização e recuperação de marginais (MACHADO, 1996, 46 a 47).

Houve no Brasil precursores de um protestantismo mais místico, com características semelhantes às do pentecostalismo. Os movimentos messiânicos também pontilharam a tradição brasileira, tendo se caracterizado por sua natureza popular autônoma e, às vezes, pela manifestação de carismas, como a profecia e a glossolalia. Os últimos desses movimentos praticamente coincidiram com os primeiros passos do pentecostalismo, encerrando-se com o crescimento econômico continuado, com a mobilidade social individual e com a centralização militar e burocrática do país (FREESTON, 1994, 110).

---

<sup>52</sup> O uso do termo por essa autora não tem nenhum caráter pejorativo.

O movimento pentecostal distingue-se do protestantismo histórico ou tradicional por praticar um intenso proselitismo e campanhas de evangelização em praça pública, visando estimular as pessoas a reconhecerem sua condição de pecadoras e partirem para a conversão, que é “coroadada pela santificação completa” (WILGES, 1996,104). Sua base social funda-se, como no movimento original nos EUA, nos segmentos populares e sua base bíblica, conforme já mencionado, no livro Atos dos Apóstolos (MACHADO, 1996, 45).

Quanto à questão terminológica, a antropóloga Marion Aubrée admite duas categorias dentro do movimento pentecostal hoje no Brasil: pentecostalismo e neopentecostalismo<sup>53</sup>. Divergindo do sociólogo Ricardo Mariano (que considera três categorias: pentecostais clássicos, pentecostais neoclássicos e neopentecostais), ela argumenta que os neopentecostais se diferenciam dos pentecostais por sua tendência a se acomodarem ao mundo, eliminando a maioria das restrições éticas antes consideradas básicas para a santificação e pelo intenso uso das mídias de massa, especialmente a televisão, na conquista do mercado de bens simbólicos - formulação, expressão e simbolização da fé (AUBRÉE, 1996, 79 a 80).

Enquanto na Europa e nos Estados Unidos os cristãos não católicos se auto-identificam simplesmente como cristãos, no Brasil a auto-identificação protestante tem sido polêmica (MENDONÇA e VELASQUES, 1990, 14 e 15). Os missionários que aqui aportaram a partir de 1850 contribuíram para introduzir o vocábulo "crente" na identificação dos recém-convertidos. Embora conformando um grupo sociologicamente marginal, os crentes eram aqueles que passavam a crer em Jesus Cristo não apenas como uma convicção, mas como compromisso de mudança de vida; por outro lado, a terminologia "crente" não deixava de ser uma credencial, que permitia ao convertido reclamar de outros a ausência de crença. Eram respeitados por seu amor à paz, à ordem e ao trabalho (MENDONÇA, 1992, 5 a 6). A identificação “evangélico” foi evoluindo no interior do protestantismo brasileiro e, antes de cunho expressamente individualista, designando apenas a pessoa que se comprometia com um conjunto de princípios doutrinários, foi sendo incorporada às denominações. Com o tempo, os não-católicos passaram a ser designados e a se auto-referirem como

---

<sup>53</sup> Segundo artigo divulgado na imprensa, os pentecostais recentes se diferenciam dos pentecostais tradicionais por invocarem o Espírito Santo não apenas para participar dos cultos, mas para operar curas instantâneas e expulsar demônios (A fé que remove multidões avança no país. In: Revista Veja, 16-05-1990, p. 51). No Brasil, o sub-campo religioso pentecostal pode ser classificado de várias maneiras, dependendo do critério do analista. Assim, encontramos referências a um pentecostalismo clássico (que corresponderia à primeira onda de Freston), a um pentecostalismo de cura divina ou de segunda onda e a um pentecostalismo autônomo ou neopentecostalismo ou pentecostalismo de terceira onda (CAMPOS, 1996, 51 e 52).

"evangélicos", reservando-se os termos "crente" aos pentecostais ou a protestantes tradicionais de regiões rurais e "protestante" a um uso mais técnico, utilizado por historiadores, teólogos e sociólogos<sup>54</sup>.

## Transitando pela literatura religiosa brasileira

De acordo com Machado (MACHADO, 1996, 11), o florescimento de movimentos de revitalização religiosa, dentro e fora das igrejas tradicionais, nos últimos trinta anos desencadeou na sociologia da religião uma intensa discussão sobre os limites do próprio "paradigma da secularização", que advogava a contração da esfera religiosa e a retirada gradual da religião do espaço público<sup>55</sup>. Frente ao florescimento de religiosidades novas, de fundamentalismos cristãos, islâmicos, judaicos e à efervescência de movimentos pentecostais e de religiosidades de inspiração africana (CAMPOS, 1997, 30), os pesquisadores se dividem: ora propõem a formulação de um novo paradigma, ora um deslocamento do modelo do declínio das religiões para um modelo das mudanças nas religiões, havendo também os que admitem terem superestimado os efeitos corrosivos do processo de racionalização ocidental na esfera religiosa e subestimado a própria complexidade da relação entre modernidade e secularidade (MACHADO, 1996, 12).

Na literatura sociológica brasileira, segundo Alves<sup>56</sup> (ALVES, 1978, 113), o interesse pela religião era, até há bem pouco tempo, episódico e acidental, o que certamente contribuiu para que o pensamento social no país conferisse ênfase, por um lado, ao catolicismo

---

<sup>54</sup> Na verdade, os protestantes tradicionais apresentam, principalmente nas áreas urbanas, preconceito contra a designação de crentes. Para eles, crentes são os pentecostais, categoria inferior de evangélicos, fanáticos e ignorantes (MENDONÇA e VELASQUES, 1990, 16).

<sup>55</sup> O paradigma da secularização adquiriu elevado status no tratamento do fenômeno religioso durante os anos 60. Mas a profecia de absorção do sagrado pela racionalidade científica falhou. Alguns estudiosos afirmam ter ocorrido não uma secularização da religião, mas uma espécie de dessacralização (CAMPOS, 1996, 33). Vattimo toma o significado de secularização como relação de proveniência de um núcleo sagrado do qual nos afastamos e que, todavia, permanece ativo, mesmo na sua versão "decaída", reduzida a termos puramente mundanos (Ver VATTIMO, 1998, 9).

<sup>56</sup> Rubem Alves é teólogo e filósofo mineiro, nascido em 1933. Já foi pastor protestante no interior de Minas e hoje é psicanalista e professor aposentado da UNICAMP. Caberia também considerar que a diversidade confessional protestante dificulta uma unidade de abordagem, o que se torna mais fácil no catolicismo; não se devendo perder de vista também a vinculação, que, muitas vezes, ocorre, dos estudiosos a uma ou outra confissão protestante.

como "religião da maioria" e, por outro, particularmente até 1959, aos cultos afros e ameríndios como "religião das minorias"<sup>57</sup>.

A década de 50 assistiu à expansão acelerada de duas ordens de fenômenos no Brasil: a urbanização e religiões como o pentecostalismo e a umbanda (ALVES, 1978, 123), levando a Igreja Católica e as Igrejas Protestantes históricas a se questionarem acerca de suas próprias práticas sacramentais e cúltricas e a fazerem uso, como no caso da Igreja Católica, da sociologia, para buscar, naquele momento, analisar sua crise institucional. A inflexão marxista ocorrida na sociologia brasileira aproximadamente nesse mesmo período, quando não ignorou o fenômeno religioso, continuou privilegiando o catolicismo como objeto de análise. No entanto, ao influenciar setores leigos das Igrejas Católica e Protestante, fomentou tanto a sua politização quanto a crítica às próprias Igrejas, suscitando no final dos anos 60, com o colapso das esperanças desenvolvimentistas e com o incremento de uma nova compreensão acerca da cultura popular no Brasil, a produção de uma série de estudos sob o signo da "teologia da libertação".

O que se buscou, diante da pressão da situação política, foi a elucidação de problemas politicamente significativos, como o conflito da Igreja Católica com o Estado autoritário ou a sua orgânica ligação com as classes populares, e não a elaboração sociológica de uma grande teoria (ALVES, 1978, 133). Além disso, os intelectuais brasileiros tinham, em sua maioria, formação católica ou eram agnósticos. Poucos foram aqueles, que, à diferença da Europa e EUA, se formaram dentro de uma tradição filosófica protestante. Uma das raras exceções a essas tendências gerais da sociologia da religião no Brasil parece ter sido o esforço do próprio Alves em explicar o "retrocesso conformista" vivido pelo protestantismo brasileiro a partir da década de 50. No momento de seu estabelecimento, havia indícios de que o protestantismo brasileiro atuaria como força renovadora similar à sua forma originária na Europa, adepta da diversidade e do pluralismo.

*"A organização de suas igrejas, seu esforço educacional liberal, sua vocação secularizante de separação entre Igreja e Estado, sua denúncia das conseqüências economicamente retrógradas e politicamente totalitárias do domínio católico no Brasil são evidências de que, naquele momento, o protestantismo desejava profundas transformações políticas, sociais e econômicas no país... No entanto, a partir de meados da década de 50,*

---

<sup>57</sup> No primeiro caso, não poderíamos nos esquecer, pelo menos, dos estudos clássicos de Euclides da Cunha, Gilberto Freire e Antônio Cândido. No segundo caso, pelo menos dos estudos de Roger Bastide e de Cândido Procópio Camargo, enumerados na bibliografia.

*quando surgiram tentativas para se repensar o protestantismo nos seus aspectos teológicos, institucionais e sociais, foram deflagrados mecanismos de controle e repressão que terminaram por eliminar totalmente as novas tendências. O discurso sobre a liberdade de consciência deu lugar ao discurso sobre a obediência e a conformidade ao pensamento herdado do passado” (ALVES, 1982, 11 a 12).*

Ao analisar, contudo, a conformação da consciência protestante<sup>58</sup>, Alves identificou nela própria uma série de mecanismos de repressão que, em sua opinião, acabariam contribuindo para o conformismo político. Ainda que muito importante, sua reflexão resguardou um cunho mais “teológico” e “filosófico” e teve como alvo o protestantismo tradicional brasileiro, não tratando do neopentecostalismo mais especificamente.

Os debates atuais sobre o pentecostalismo têm revelado que a religião deixou de habitar as margens do interesse dos cientistas e tornou-se temática central (ALVES, 1978, 138). Ainda assim, a “literatura”, referente tanto ao protestantismo quanto ao pentecostalismo como fatos sociológicos, embora ajude a balizar as indagações formuladas no início deste capítulo, não é abundante, persistindo muitas dúvidas “em meio a uma gama de interpretações fortemente marcadas pela subjetividade de seus autores” (ANTONIAZZI, 1996, 12).

Nos trabalhos socioantropológicos ( ou de cunho etnológico), voltados para essa problemática, Machado (MACHADO, 1996, 25) identifica pelo menos três abordagens<sup>59</sup>:

- a que vê no pentecostalismo o resultado de uma modernidade excludente, de processos externos ao campo religioso, da qual são tributários, por exemplo, Rubem Alves e Waldo César;

<sup>58</sup> Alves não busca apenas descrever o que aparece, os conteúdos da consciência protestante, mas também elucidar os princípios inconscientes coletivos mediante os quais o grupo constrói sua realidade (ALVES, 1982, 30).

<sup>59</sup> Como geralmente ocorre, as tentativas de delimitação de correntes analíticas são sempre permeadas de divergências quanto a um ou outro aspecto levado em conta como definidor. No caso das vertentes explicativas acerca da emergência e expansão do neopentecostalismo, encontramos em Rolim autores como Waldo César, Beatriz Muniz, Emílio Willems, Lalive D'Epinay e Cândido Procópio Camargo alinhados numa perspectiva culturalista e funcionalista (funcionalista, para Campos), onde a resposta adaptativa é formulada em termos de anomia, integração. Rolim, de formação católica, critica essa postura teórica, por implicar numa visão externa, de mero ajustamento dos pentecostais à sociedade moderna, ao que Alves acrescentaria: como se a modernização fosse um processo inevitável e desejável (ALVES, 1978, 126). Em contraposição, Rolim procura partir da compreensão da urbanização sob um prisma mais amplo e dinâmico e levar em conta a religiosidade preexistente nos próprios pentecostais. Já Alves contesta os argumentos de Camargo, posicionando-se favoravelmente a uma reinterpretação tanto do fenômeno religioso, particularmente do pentecostalismo, quanto das noções de urbanização, industrialização, modernização e secularização (ALVES, 1978, 124 a 127). Segundo ele, o que ocorre é a violência de uma integração a qualquer custo, ameaçando a dignidade do pobre e criando laços de dependência econômica mais apertados. As religiões populares não podem, assim, ser interpretadas como simples elementos de integração, mas como mecanis-

- a que desloca o foco de análise para o interior do campo religioso, evidenciando o processo de racionalização das Igrejas tradicionais, posição defendida por Antônio Mendonça e

- a que procura articular as mudanças sociais com as transformações internas ao campo confessional brasileiro, enfatizando a religiosidade pentecostal e afro-brasileira como fator de ajuste num contexto de transição de uma sociedade rural para uma sociedade urbano-industrial, o que é ilustrado nos trabalhos de Cândido Procópio e Cecília Mariz.

Para Waldo César, o pentecostalismo é um fenômeno essencialmente urbano (ROLIM, 85, 118), pautado na santificação pessoal, na busca dos dons do espírito e na segunda vinda de Cristo. Sua perspectiva é culturalista (ROLIM, 1980, 162) e seu argumento central é de que uma forma nova e "mais sofisticada" de anomia estaria em curso na sociedade brasileira, provocada pelo mesmo processo de urbanização e secularização que já havia atingido as camadas menos favorecidas (MACHADO, 1996, 26). As camadas médias, expostas aos meios de comunicação de massas e aos valores seculares da sociedade mais ampla, estariam sendo atingidas por esse processo e se transformando em coletividades de indivíduos insatisfeitos e angustiados, a buscarem refúgio no emocionalismo e pietismo. Se, nas classes baixas, a insatisfação é com a própria premência da vida, nas classes médias atinge mais fortemente a ordem material e intelectual (ROLIM, 1985, 119).

Souza também é inserida por Rolim dentro da mesma perspectiva culturalista, trabalhando com o gradiente seita<sup>60</sup> para explicar a funcionalidade do pentecostalismo numa sociedade em transição do rural para o urbano-industrial. Para a autora, algumas Igrejas pentecostais aproximam-se mais do tipo ideal "igreja", incorporando valores da sociedade, ao passo que outras se avizinham do tipo "seita", rejeitando valores da sociedade urbana modernizada (ROLIM, 1980, 162), mas ambas cumprem a função social de orientar os indivíduos para a ação na sociedade urbana e, também, uma função de caráter terapêutico<sup>61</sup>.

---

mos ideológicos de dominação; elas conferem uma legitimação sacral às relações de dominação na sociedade capitalista que se pretende moderna, industrial e secular.

<sup>60</sup> A menção à autora Beatriz Muniz de Souza é extraída de ROLIM, 1980, 162, que se refere ao seu trabalho "Experiência de salvação", de 1969. Segundo Campos, a tipologia seita-igreja decorre de um modelo analítico desenvolvido por Ernest Troeltsch. A "igreja" seria uma "instituição que foi, como resultado da obra de redenção, dotada de graça e salvação; pode receber as massas e ajustar-se ao mundo", enquanto a "seita" é uma instituição formada de voluntários (CAMPOS, 1997, 36 e 37). "Seita" deriva de sectare, que significa cortar (WILGES, 1996, 69). No início dos estudos sobre pentecostalismo, reservava-se o termo "seita" para designar um grupo que se afastava da sociedade, e "igreja", para o movimento inverso de interação social entre o grupo organizado e a sociedade que o continha.

<sup>61</sup> O historiador Boris Fausto vê no pentecostalismo uma terapia para pobres (SILVA, 1995, 14). O sociólogo Ricardo Mariano vê na "promessa de alívio imediato dos fiéis um dos pilares do sucesso" das Igrejas neopentecostais (SILVA, 1995, 14).

No entanto, os conceitos "seita " e "igreja", inicialmente usados dentro de um certo rigor acadêmico, logo se tornaram instrumentos de luta, utilizados para desmascarar os fenômenos religiosos não assimiláveis dentro das fronteiras traçadas pela ortodoxia das instituições religiosas (CAMPOS, 1997, 37). Revestindo-se de um tom ideológico e político, tornaram-se um impreciso guarda-chuva: de substantivo passaram a adjetivo, pois "cada grupo pentecostal procura construir uma identidade que expresse a seu modo a fidelidade à ortopraxis da Igreja primitiva com relação ao Espírito Santo, colocando todos os demais grupos sob a égide de "seita e heresia" (CAMPOS, 1997, 38).

Alves, como Waldo César, refuta as relações imediatas entre a experiência mística e a posição de classe dos economicamente marginalizados e sem acesso ao pensamento científico, mas avança mais em suas hipóteses, sugerindo que a emigração da consciência humana para fora da realidade institucionalizada pode estar presente nos diferentes estratos sociais, desde que surja entre os indivíduos uma suspeita acerca da irracionalidade do real socialmente instituído ou da racionalidade instituída; a opção mística é associada ao sentimento de impotência de grupos e comunidades diante da modernidade (MACHADO, 1996, 26). Nesse sentido, quando o conflito entre os valores e aspirações de uma camada social e aqueles que a sociedade lhes oferece institucionalmente é acompanhado por um sentimento de poder, pode gerar um esforço de transformação social; quando o que o acompanha é uma sensação de impotência, pode levar ao refúgio no misticismo.

Willems<sup>62</sup>, ao estudar o protestantismo no Brasil e no Chile, busca inicialmente correlacionar a expansão do pentecostalismo com urbanização, migração, industrialização, mas não como uma simples decorrência mecânica (ROLIM, 1980, 162 a 163). A libertação dos controles sociais de uma ordem tradicional que a vida urbana propicia é, para ele, apenas uma disponibilidade, não uma razão suficiente. O fundamental é o reconhecimento e ascensão pessoal que o pentecostalismo possibilita, quando a sociedade urbana mantém fechadas às classes populares a promoção e valorização individual, ou seja, no plano religioso, as camadas populares adquirem a ascensão que lhes está interdita no plano social.

A interpretação de Mendonça ilustra a segunda abordagem delineada por Machado, sugerindo que a rápida difusão do pentecostalismo constitui uma reação anti-intelectualista às religiões tradicionais, sobretudo o protestantismo, cujo processo de institucionalização

---

<sup>62</sup> Na tipologia sugerida por Machado, Emilio Willems estaria, provavelmente, arrolado na primeira abordagem, numa certa interseção com a terceira. Rolim o enquadra na vertente culturalista, que diz antes o que o pentecostalismo faz do que o que é.

reproduz os mecanismos de poder da sociedade, criando uma intermediação lógica (o discurso teológico) e uma divisão de papéis que marginaliza e expropria seus fiéis em relação ao sagrado (MACHADO, 1996, 27). Altamente racionalizadas, essas religiões tendem a perder seus adeptos para formas de religiosidade em que a crença e o ritual favorecem canais para o acesso ao sagrado sob a forma de misticismo e êxtase.

O misticismo está, segundo Mendonça, na natureza do culto católico, no qual não ocorreu uma ruptura entre misticismo e institucionalização, como ocorreu no protestantismo (MENDONÇA e VELASQUES, 1990, 237 e 238). Essa ruptura constitui, pelo menos, uma das causas da instabilidade institucional do protestantismo.

*"O intento de purificação veiculado pela Reforma, ao questionar os mitos e ritos que se agregaram ao cristianismo ao longo de sua história, acabou pondo também em xeque seus mitos constitutivos por sua necessidade de racionalização. A racionalização do mito e a abolição progressiva do rito produziram especialistas da argumentação em torno de verdades que, no confronto social, produzem o desconforto de duas verdades, ou levam ao ajustamento de ambas numa só, quase sempre adequada ao mundo"* (MENDONÇA e VELASQUES, 1990, 238).

No pentecostalismo, o componente epistemológico é pouco valorizado; assim mesmo, vem depois de uma "adesão caracterizada pela crença" (MENDONÇA e VELASQUES, 1990, 246). Já o ritual, entendido como "prática coletiva destinada a propiciar as experiências espirituais", é um componente pentecostal significativo. Essas experiências manifestam-se individualmente, mas são sancionadas pelo coletivo institucional.

Na terceira vertente arrolada por Machado, Mariz e Camargo analisam, em seus trabalhos, o crescimento das expressões religiosas sacrais ou místicas e emocionais em função da ética e da doutrina dessas religiões (MACHADO, 1996, 27 a 29). Afinados com o pensamento de Weber, esses autores enfatizam a racionalização da ação religiosa, expressa pela conversão ao pentecostalismo ou pela adesão às religiões mediúnicas, reconhecendo, portanto, seu caráter modernizador. A racionalização da ação religiosa resulta da oposição aos valores vigentes na sociedade, especialmente à religião tradicional.

O espiritismo e o protestantismo, particularmente o pentecostalismo, constituem, para Camargo, religiões internalizadas, na medida em que estimulam comportamentos orientados por valores distintos do sistema axiológico predominante na organização social, acarretando uma quebra da norma, a nível social, e uma ruptura na biografia do converso, no plano individual (MACHADO, 1996, 28). Ou seja, o papel racionalizador do pentecos-

talismo é traduzido em termos da internalização de novos valores, adesão voluntária, levando o fiel a uma redefinição dos seus papéis e relações na família, no trabalho e nos demais espaços da vida pública.

Também para Mariz, o pentecostalismo e as novas formas de espiritismo afro-brasileiro são relativamente mais racionalizados que o espiritismo tradicional e o catolicismo. Oferecem uma ética moral e motivações simbólicas, cognitivas e normativas aos seus adeptos para a luta cotidiana pela sobrevivência. A religião pentecostal motiva o ascetismo individual, o que parece ter certa funcionalidade para aqueles que vivem em situação de privação material ou de marginalidade social (MACHADO, 1996, 30).

Mariz salienta o papel instrumental da moralidade pentecostal como suporte para o tratamento respeitoso do pobre e para o fortalecimento de sua auto-estima, moralidade essa que se estampa no próprio zelo com o vestir, com a aparência (MARIZ, 1994, 82 a 93). A fé numa lógica divina cria um senso de coerência, que contribui para que o pobre sobreviva a uma vida de penúria e resista à privação material, sem, no entanto, cair numa postura fatalista. A superação do sentimento de falta de poder (powerlessness) não parece monopólio do pentecostalismo. Sua especificidade, no entanto, parece residir no sentido que atribui aos milagres, às curas, aos benefícios espirituais recebidos, interpretando-os como parte de um plano de Deus (MARIZ, 1994, 88). Esse plano ético de Deus desempenharia na religião um papel similar ao que a razão desempenha na ciência.

Embora, de acordo com Campos, Mariz (e também Machado) coloque a pobreza no centro de sua análise, em nenhum momento estabelece ligações entre pentecostalismo e alienação dos pobres por meio da ideologia religiosa (CAMPOS, 1997, 40). Ela se recusa a aceitar que a alienação seja o fator preponderante na relação do pentecostalismo com a pobreza, chegando a denunciar várias das formas de se analisar o pentecostalismo como maneiras de se usar o discurso científico para se expressarem preconceitos contra a religiosidade das camadas mais pobres da população.

Bobsin acrescenta ao rol de pesquisadores que estudaram o pentecostalismo brasileiro Peter Fry e Gary Howe, que se enquadrariam numa perspectiva mais estruturalista (BOBSIN, 1984, 29 a 30). Pautados em categorias weberianas como racionalização, burocratização e rotinização do carisma, afirmam que o pentecostalismo acompanha o desenvolvimento da sociedade brasileira rumo a uma crescente centralização burocrática dirigida pelo Estado, contrapondo-se, com sua cosmologia unificada, marcada pela individualização e exteriorização, à umbanda, dotada de um caráter mágico. Campos discorda desses autores

ao isentarem o pentecostalismo de uma perspectiva mágica, considerando, inclusive, a magia como uma das possíveis chaves de interpretação do fenômeno pentecostal (CAMPOS, 1997, 42).

Uma outra matriz explicativa acerca da expansão do fenômeno neopentecostal está associada à noção de pobreza, à idéia de luta de classes<sup>63</sup>. No entanto, tem havido uma crescente pentecostalização das comunidades protestantes de classe média: presbiterianos, metodistas, batistas e outras (CAMPOS, 1997, 39 e 40). Alguns analistas, mesmo divididos entre as teorias de conflito ou de consenso, apontavam o pentecostalismo como alienação e ópio do povo, como expressão da situação de violência e escravidão ou como indicador de que as massas estariam utilizando a religião para expressarem, de forma pré-revolucionária, seu descontentamento com a situação de opressão. O passo seguinte seria a chegada dos tempos de transformação social, e o maior desafio, canalizar o protesto pentecostal para os projetos dessa transformação (CAMPOS, 1997, 35).

Mas a esperança nessa potencialidade revolucionária foi desaparecendo, e o pentecostalismo encontrou formas de acomodação no interior da nova sociedade de consumo. Foi nesse *locus* que surgiu o neopentecostalismo, sob o suporte ideológico da "teologia da prosperidade"<sup>64</sup>.

A crescente pentecostalização das comunidades protestantes de classe média sinaliza que o pentecostalismo recusa o papel que algumas análises lhe destinam como religião dos pobres e oprimidos (CAMPOS, 1997, 39 e 40). Reduzi-lo, portanto, segundo Campos, apenas a uma questão de luta de classes pode ser uma alternativa empobrecedora desse fenômeno religioso, embora a pobreza seja uma categoria fundamental para a compreensão da realidade urbano-industrial.

A elaboração teórica de Rolim, não contemplada por Machado, insere-se numa vertente marxista, onde prevalecem as categorias infra-estrutura, superestrutura, classes sociais (BOBSIN, 1984, 32 a 37). Ele procura entender a gênese do pentecostalismo brasileiro no

---

<sup>63</sup> Para Marx, a religião é o suspiro da criatura oprimida, a alma de um mundo sem coração, o opium do povo. Sua abolição, enquanto felicidade ilusória do povo, é uma exigência que a felicidade real formula (MARX e ENGELS, 1972).

<sup>64</sup> Conjunto de idéias formuladas nos EUA, popularizada pelos televangelistas e protestantes sul-coreanos, que valoriza e considera o consumo de bens e serviços típicos da sociedade de consumo como sinais visíveis de que o fiel convive com Deus (CAMPOS, 1997, 36). A Teologia da Libertação, que contribuía, segundo Campos, para divulgar entre os cristãos abordagens do fenômeno religioso a partir da oposição entre pobres e exploradores, também sofreu um arrefecimento; muitos de seus intelectuais passaram a reelaborar o discurso teológico enfatizando a espiritualidade.

âmbito da sociedade capitalista dependente, destacando, por um lado, a questão da vinculação das camadas pobres a um sistema de classes e, por outro, o próprio trabalho religioso.

Rolim afirma que o pentecostalismo fincou suas bases junto às camadas populares, de onde colheu também os elementos para as funções de pastores, presbíteros e diáconos (ROLIM, 1985, 62), tendo encontrado um terreno em parte preparado pelas Igrejas de conversão ou proselitistas, uma vez que o protestantismo etno-cultural, marcadamente o de fé luterana, estava mais empenhado em conservar os valores religiosos nos núcleos de colonização alemã.

Para Rolim, o que diferencia o pentecostalismo de outras religiões é que ele opera uma inversão nas relações sociais, ou seja, os crentes tornam-se “produtores diretos de bens simbólicos” em condições de igualdade, ou seja, há uma divisão mínima do trabalho religioso, que se contrapõe tanto ao modo de produção capitalista, onde uma minoria se apropria dos meios de produção, quanto às religiões tradicionais, onde há um corpo de sacerdotes especialistas (BOBSIN, 1984, 32). Ao invés da distinção entre letrados e não letrados, há “a igualdade de todos pelo acesso à efusão do Espírito” (ROLIM, 1980, 140).

Adotando de Weber a noção de autonomia relativa do domínio religioso e a recusa da religião como mero reflexo da estrutura econômica, Rolim considera o espaço religioso como um espaço de poder, onde a divisão social do trabalho implica dissociação em duas direções distintas: os interesses dos agentes especializados da produção religiosa estão voltados para os dos destinatários ou leigos, como para a sua base de sustentação, mas os interesses destes destinatários não se enraízam nas propostas dos agentes religiosos e sim na situação social em que de fato se encontram, caracterizada cultural, econômica e politicamente. Assim, a produção religiosa está indissolúvelmente ligada à ordem social. Ela busca oferecer aos destinatários razões de existir em sua sociedade concreta, descortinando-lhes o horizonte dos bens de salvação (ROLIM, 1985, 130 a 132).

A partir daí, o autor inclina-se para um enfoque que referencia a religião não a um grupo determinado, mas à relação entre grupos ou classes, buscando ver como aí se situa a autonomia relativa da religião. Dentro da tessitura social, são as relações sociais (relações entre os agentes na produção) que travejam a vinculação da estrutura básica com a superestrutura. Se as classes sociais radicam nessas relações sociais, são elas que vinculam a religião à estrutura econômica (ROLIM, 1985, 136 e 137). O pentecostalismo romperá, em sua opinião, com a sacralidade legitimadora da ordem social vigente quando as crenças religiosas se ligarem às práticas sociais.

Tratando especificamente do neopentecostalismo da Igreja Universal, Campos, no caudal teórico de Mendonça, empreende um amplo estudo, assentado em três eixos metafóricos: teatro, templo e mercado (CAMPOS, 1997, 21). O culto iurdiano é abordado como um espetáculo de fé, de teatralização do sagrado, onde todos participam como atores, numa espécie de teatro de arena; o templo é o espaço energético onde ocorrem as experiências místicas, a casa de Deus (CAMPOS, 1997, 24). Campos aponta também para o *marketing* da Igreja, que opera com a mesma lógica e com a razão instrumental da prática neoliberal, para a qual o mundo é um mercado global, estruturalmente interligado, mas recusa as interpretações de que a IURD é apenas um comércio do sagrado.

A hipótese central desse autor é que a IURD é um empreendimento religioso ligado ao surgimento de um "capitalismo tardio" e a um quadro cultural em que as ferramentas de *marketing* desempenham um importante papel, atuando dentro de um nível de pluralismo religioso, onde procura conhecer as demandas das pessoas para nelas provocar estímulos diferenciados e atraí-las para o "mercado de bens simbólicos"- bens religiosos, como salvação, cura, sentido para a vida (CAMPOS, 1997, 52).

O florescimento do pentecostalismo no mundo cristão foi, para Campos, favorecido por diversos motivos: crescimento da indiferença religiosa entre cristãos, mudanças sociais rápidas que levaram pessoas à perda de identidade, insensibilidade das pessoas em função de uma vida isolada nas grandes cidades, aumento dos problemas sociais ligados à falta de assistência médica e de sentido para a vida, desamparo diante da burocracia da vida moderna e medo de enfrentar o futuro (CAMPOS, 1997, 36).

À vista desses elementos, a problemática acerca da emergência e expansão desse "novo pentecostalismo" ou neopentecostalismo no Brasil torna-se um eixo norteador para a investigação aqui empreendida, ciente da necessidade de escapar, tanto quanto possível, das superficialidades e/ou preconceitos que têm marcado muitas das discussões em voga, como, por exemplo, atribuir o fenômeno à pobreza, ignorando que a própria pobreza é uma categoria histórica, ou enquadrar genericamente os pastores como "proveitadores" da pobreza econômica e cultural.

## Capítulo 2 - Hipóteses e metodologia

Uma hipótese, como nos ensinam os bons manuais de metodologia<sup>1</sup>, é sempre uma proposição provisória acerca da relação presumida entre dois ou mais termos, devendo ser passível de verificação e confrontação com os dados de observação. Dentro dessa perspectiva, as hipóteses formuladas para nortear a investigação e responder às questões propostas no capítulo anterior foram:

**1ª- O protestantismo originário e o neopentecostalismo se assemelham na medida em que ambos incluem a prosperidade material entre os frutos da fé religiosa, mas diferem no significado que conferem à ética do trabalho, fundamentando-se o primeiro no trabalho duro, poupança, austeridade e o segundo, no consumo e conquista de bens materiais.**

**2ª- Os pastores e fiéis que animam a programação televisiva de Salvador (Bahia) e os pastores que animam a programação televisiva de Florianópolis (Santa Catarina) apresentam um discurso bastante uniforme sobre vários aspectos relevantes, mas os primeiros conferem menor ênfase à ética do trabalho do que os segundos.**

A metodologia utilizada para se proceder à investigação pode ser explicitada sob dois prismas:

- Universo e amostra;
- Coleta e instrumentos de análise.

### Universo e amostra

---

<sup>1</sup> Ver, por exemplo, QUIVY e CAMPENHOUDT, 1992.

A definição pelo universo dos discursos neopentecostais, veiculados pela Igreja Universal do Reino de Deus, foi feita em função do fato dessa denominação religiosa constituir a denominação neopentecostal que mais tem causado alarde na mídia e, também, pelo fato da Rede Record, veículo de abrangência nacional, pertencer integralmente ao principal líder e fundador da Igreja - o bispo Edir Macedo.

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) foi fundada no Rio de Janeiro por um pequeno grupo em 9 de julho de 1977, no salão de uma funerária, sendo inicialmente uma corporação religiosa centrada na autoridade carismática de seus primeiros líderes e, com sua expansão<sup>2</sup>, o poder foi se concentrando em Edir Macedo, apesar do processo de institucionalização em andamento (Campos, 1997, 387 a 393). Seu quadro administrativo é composto por alguns profissionais que atuam nas empresas pertencentes à Igreja, como emissoras de rádio, rede nacional de televisão (Rede Record), gravadora, jornais, banco<sup>3</sup>, gráficas, indústria de móveis, etc., administrados de forma quase tradicional e um tanto burocrática, segundo a terminologia weberiana<sup>4</sup> utilizada por Campos. Para o ministério pastoral e bispado já se exigem qualidades carismáticas e lealdade direta à pessoa do líder (CAMPOS, 1997, 393 e 394).

O termo "iurdiano", tomado de empréstimo de Campos, designa, para esse autor, não somente os fiéis que freqüentam assiduamente a IURD, mas também os que mantêm identificações parciais com seu sistema de crenças e práticas, que transitam por seus templos, comungam nas suas idéias e ajudam, com a presença e apoio financeiro, a manutenção desse empreendimento (CAMPOS, 1997, 15). Seu emprego neste trabalho pretende referi-lo também a tudo o que procede dessa denominação neopentecostal: sua teologia, sua retórica, seus mecanismos de atuação.

---

<sup>2</sup> Até 1995, a IURD (Igreja Universal do Reino de Deus) estava organizada em 46 países (FONSECA e NASCIMENTO, 1995, 118) na América Latina, África, Europa e América do Norte. Hoje (1999) já se expandiu também pela Ásia, estando, por exemplo, no Japão. Como tem sido apontado por outros pesquisadores, a Igreja Universal, através de contatos com seus pastores, não se dispôs a nos fornecer quaisquer dados, alegando que tudo o que fazem é transparente, basta assistir aos cultos. "Se a imprensa já nos critica não dando informações, imagine dando" (Pastor Júlio, Florianópolis, sede à Av. Mauro Ramos).

<sup>3</sup> Trata-se do Banco de Crédito Metropolitano, da gravadora Line Records, dos jornais Folha Universal e Hoje em dia (FONSECA e NASCIMENTO, 1995, 118).

<sup>4</sup> Entre os tipos ideais de Weber, encontram-se as três formas de dominação: carismática, tradicional e burocrática ou legal (Ver WEBER, 1944, 170 a 204). Campos opta metodologicamente pela construção do tipo ideal "iurdiano", enfatizando, assim, de forma unilateral, alguns traços, pontos de vista e síntese de um grande número de fenômenos individuais, difusos, mais ou menos presentes numa determinada realidade social (CAMPOS, 1997, 58).

A Igreja Universal constituiu-se como movimento religioso num contexto de globalização que tornou possível a utilização da propaganda, publicidade e marketing<sup>5</sup> em seu processo de expansão, despontando no mercado<sup>6</sup> como um empreendimento marcado por um crescimento expresso em altas taxas de membresia e de arrecadação financeira (Campos, 1997, 15, 244 e 249). Tendo as massas como alvo preferencial, o rádio e a televisão foram os veículos eleitos para atingi-las. A estratégia de aquisição dos veículos de comunicação de massa começou a ser praticada a partir do sétimo ano de funcionamento da Igreja, quando Macedo passou a aplicar as rendas auferidas na aquisição de uma tecnologia mediática que ampliaria o alcance da propaganda de sua Igreja, afetando não só as relações de força no campo religioso, mas também no campo das comunicações e da produção de bens simbólicos, como salvação, cura, libertação das culpas, sentido para a vida (CAMPOS, 1997, 54).

Neste contexto, decidiu-se tomar como amostra para a análise toda a programação religiosa veiculada durante uma semana (sete dias) pela TV Record em Florianópolis (SC) e em Salvador (BA), mediante gravações em fitas cassetes. Poder-se-ia pensar em extrair uma amostra aleatória simples do total de horas em que essa rede de televisão esteve no ar desde sua aquisição pelo bispo Edir Macedo, mas seria praticamente impossível ter acesso a esses arquivos, caso existam.

A definição pela coleta dos dados em Salvador e Florianópolis foi o recorte escolhido para viabilizar a análise, considerando expressiva a escolha das duas capitais em função do caráter regional da programação televisiva, irradiada para todo o estado a partir da capital. Salvador foi tomada como referência por se constituir no centro da "cultura regional baiana", evocada por analistas sociais e segmentos da opinião pública por um "culto da preguiça", num contraponto norte-sul do país.

Trazer à tona esse "discurso" não implica, como já foi dito, reiterar a realidade dessa caracterização, ainda que indicadores econômicos, como o PIB per capita seja maior em Santa Catarina do que na Bahia (ver quadro 3 mais adiante). Mesmo que existisse uma maneira de se

---

<sup>5</sup> Segundo Campos, aplica-se o termo "publicidade" às atividades comerciais que envolvem a divulgação ou venda de um certo produto no mercado, reservando-se a palavra propaganda para as técnicas voltadas à mudança de idéias, comportamentos e sentimentos, principalmente no que se refere às crenças religiosas, ideológicas ou políticas (CAMPOS, 1997, 241). Uma das concepções de marketing que esse autor utiliza é a de Philip Kotler: atividade humana dirigida para a satisfação de necessidades e desejos, através dos processos de troca (CAMPOS, 1997, 207). Voltaremos a este assunto posteriormente.

<sup>6</sup> Mercado é o espaço social no qual produtores e consumidores se encontram e, por meio da comunicação, efetuam as trocas de mercadorias e dinheiro (CAMPOS, 1997, 53).

afirmar objetivamente que a ética do trabalho é mais precária na Bahia, ainda haveria que se considerar o peso residual da escravidão na região (para o escravo, ser livre significa ser livre do trabalho).

Conforme indicações apontadas no capítulo 1, o “culto da preguiça” costuma ser atribuído não apenas ao baiano, mas ao próprio povo brasileiro, conforme atesta a piada abaixo:

|  |             |
|--|-------------|
| <i>“Brasil, terra que trabalha:</i>  |             |
| <i>População Brasileira</i>  | 144.427.600 |
| <i>menos os aposentados</i>  | 22.236.521  |
| <i>sobram</i>  | 122.191.079 |
| <i>menos os estudantes e as crianças</i>   | 74.121.738  |
| <i>sobram</i>  | 48.069.341  |
| <i>menos os funcionários públicos</i>  | 16.306.782  |
| <i>sobram</i>  | 31.762.559  |
| <i>menos os líderes sindicais</i>  | 1.482.434   |
| <i>sobram</i>  | 30.280.125  |
| <i>menos os marajás</i>  | 4.756.201   |
| <i>sobram</i>  | 25.523.924  |
| <i>menos os que foram para Portugal</i>  | 3.925.231   |
| <i>sobram</i>  | 22.228.693  |
| <i>menos os jogadores que foram para a Itália</i>  | 3.491       |
| <i>sobram</i>  | 22.225.202  |
| <i>menos os presos que deveriam estar soltos</i>   | 11.936      |
| <i>sobram</i>  | 22.213.266  |
| <i>menos os soltos que deveriam estar presos</i>   | 5.352.091   |
| <i>sobram</i>  | 16.861.175  |
| <i>menos os presos que devem continuar presos</i>  | 7.584.212   |
| <i>sobram</i>  | 9.276.693   |
| <i>menos os que não trabalham</i>  | 2.018.597   |
| <i>sobram</i>  | 7.258.366   |
| <i>menos os políticos</i>  | 2.324.714   |
| <i>sobram</i>  | 4.933.652   |
| <i>menos os parentes dos políticos</i>   | 2.521.001   |
| <i>sobram</i>  | 2.412.651   |
| <i>menos os amigos dos parentes dos políticos</i>  | 2.412.649   |
| <i>sobram para trabalhar: VOCÊ e EU</i>  | 2           |
| <i>E, francamente, vê se me dá uma mão, porque eu já estou cheio de levar este país nas costas!!!”</i> |             |

Mas essa característica não é vista apenas como um traço negativo; há quem a reverencie como uma qualidade positiva do "povo baiano". A versão "pejorativa" da

"preguiça" do baiano pode ser facilmente notada nas piadas contadas Brasil a fora, e a versão positiva pode ser apreendida em canções criadas por compositores baianos. Vejamos alguns exemplos:

Piadas:

*"- Você sabe quais são os três estágios da baixa velocidade?"*

*- Não.*

*- Velocidade lenta, velocidade muito lenta e velocidade Dorival Caymmi".*

*"Deitado na rede, o baiano vira-se e diz:*

*- Painho, o senhor tem veneno contra cobra?*

*- Tenho, por que?*

*- Porque tem uma cobra vindo na minha direção."*

*"O baiano acorda, boceja e diz:*

*- Dormir é bom, mas na hora de acordar dá uma preguiçaaaaa!"*

Além do universo popular das piadas, poderíamos também evidenciar a "rejeição do mundo mercantil" no âmbito da música popular brasileira. É notável o imenso **culto da malandragem no samba carioca**, estilo musical que já foi nosso melhor "produto de exportação". Com a ascendência da "axé music" no cenário internacional, vale a pena observar a presença dessa "crítica do mundo mercantil" na música baiana. A música do compositor baiano Caetano Veloso intitulada "Beleza pura" constitui um exemplo lapidar de combate à sociedade centrada no dinheiro.

*"Não me amarra dinheiro não*

*Mas formosura*

*Dinheiro não*

*A pele escura*

*Dinheiro não*

*A carne dura*

*Dinheiro não*

*Moça preta do Cururu, Cururu*

*Beleza pura*

*Fede...ção*

*Beleza pura*

*Boca do rio*

*Beleza pura*

*Dinheiro não*

*Quando essa preta começar a tratar do cabelo  
 É de se olhar  
 Toda a trama da trança a transa do cabelo  
 Conchas do mar  
 Ela manda buscar prá botar no cabelo  
 Toda mimíscula  
 Toda delícia  
 Não me amarra dinheiro não  
 Mas elegância  
 Não me amarra dinheiro não  
 Mas a cultura  
 A carne dura  
 Dinheiro não  
 Moço lindo do Badauê  
 Beleza pura  
 Do Ilê Aiyê  
 Beleza pura  
 Dinheiro yeah  
 Beleza pura  
 Dinheiro não  
 Dentro daquele turbante do filho de Ghandi  
 É o que há  
 Tudo é chique demais  
 Tudo é muito elegante  
 Manda botar  
 Fina palha da costa e que tudo se transe  
 Todos os búzios  
 Todos os ócios  
 Não me amarra dinheiro não  
 Mas os mistérios  
 Não me amarra dinheiro não  
 Beleza pura  
 Dinheiro não”*

Florianópolis foi escolhida em função da maior facilidade no levantamento dos dados, realização de entrevistas exploratórias, contatos com fiéis e pastores, etc., além do alcance regional dos programas veiculados, que abrange localidades de colonização germânica, onde o "culto do trabalho" emerge associado ao "sul maravilha"<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Talvez fosse mais apropriado tomar Porto Alegre como ponto de referência da análise, devido ao separatismo político explícito e à influência mais acentuada do espírito europeu-germânico, mas, pelas limitações financeiras e pela maior familiaridade com a realidade da cidade e do estado, o que poderia ajudar a controlar melhor possíveis externalidades não previstas, optou-se por Florianópolis. As informações sobre a realidade de Salvador tiveram que ser alimentadas por jornais locais, contatos telefônicos com os estúdios da Rede Record e conversas com amigos residentes na cidade.

Alguns dados compilados pelo IBGE e pelo IPEA fornecem-nos um breve delineamento contextual da realidade das duas unidades geográficas tomadas para a análise, conforme quadros abaixo:

**Quadro 3: Indicadores econômicos da Bahia, Santa Catarina e Brasil, 1994.**

| Indicador  | Bahia  |        | Santa Catarina |        | Brasil  |        |
|--|--------|--------|----------------|--------|---------|--------|
|  | fa     | %      | fa             | %      | fa      | %      |
| • PIB de 1994 em milhões de reais (imputados serviços de intermediação financeira) |        |        |                |        |         |        |
| Setor primário   | 3.495  | 21,27  | 1.784          | 15,81  | 43.436  | 12,63  |
| Setor secundário   | 5.519  | 33,58  | 4.371          | 38,72  | 113.405 | 32,98  |
| Setor terciário  | 7.421  | 45,15  | 5.133          | 45,47  | 187.011 | 54,39  |
| Total  | 16.435 | 100,00 | 11.288         | 100,00 | 303.852 | 100,00 |
| • PIB per capita em reais  | 1.187  |        | 2.197          |        | 1.980   |        |

Fonte: IPEA, Texto para discussão n.º. 424, maio de 1996.<sup>8</sup>

O quadro 3 permite-nos observar uma presença maior do setor primário na Bahia (21,27%) do que em Santa Catarina (15,81%), presença essa que, nos dois estados, excede a média brasileira (12,63 %). O peso dos setores secundário e terciário nas economias dos dois estados, por sua vez, é mais similar, apresentando, no primeiro caso, uma diferença de 5,17 % e, no segundo, de 0,32 %, ambas a favor de Santa Catarina.

**Quadro 4: Indicadores demográficos por cor e religião da Bahia, Santa Catarina e Brasil, 1991.**

| • População por cor em mil habitantes | Bahia         | Santa Catarina | Brasil  |
|---------------------------------------|---------------|----------------|---------|
| Branca                                | 2.398 (20,2%) | 4.077 (89,8%)  | 75.704  |
| Preta                                 | 1.199 (10,1%) | 97 (2,1%)      | 7.335   |
| Amarela                               | 9 (0,1%)      | 4 (0,09%)      | 630     |
| Parda                                 | 8.190 (69,1%) | 351 (7,7%)     | 62.316  |
| Indígena                              | 16 (0,1%)     | 4 (0,09%)      | 294     |
| Sem declaração                        | 52 (0,4%)     | 6 (0,1%)       | 534     |
| Total                                 | 11.867        | 4.542          | 146.815 |

<sup>8</sup> IPEA é a sigla do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

| • População por religião em mil habitantes |                             |              |                |
|--|-----------------------------|--------------|----------------|
| Católica apostólica romana                 | 10.198 (85,6 <sup>9</sup> ) | 3.900 (85,9) | 121.812        |
| Outra (Cristã tradicional)                 | 82 (0,7)                    | 8 (0,18)     | 553            |
| Evangélica tradicional                     | 274 (2,3)                   | 296 (6,5)    | 4.388          |
| Evangélica pentecostal                     | 399 (3,4)                   | 184 (4,0)    | 8.179          |
| Neo-cristã                                 | 85 (0,7)                    | 21 (0,5)     | 875            |
| Espírita                                   | 64 (0,5)                    | 24 (0,5)     | 1.644          |
| Candomblé e umbanda                        | 13 (0,1)                    | 4 (0,09)     | 648            |
| Judaica ou israelita                       | < 1.000(613)                | <1000(345)   | 86             |
| Oriental                                   | 5 (0,04)                    | 1 (0,02)     | 368            |
| Outra                                      | 2 (0,02)                    | 1 (0,02)     | 94             |
| Sem religião                               | 695 (5,9)                   | 41 (0,9)     | 6.946          |
| Não determinada, mal definida              | 36 (0,3)                    | 8 (0,2)      | 596            |
| <b>Total</b>                               | <b>11.867</b>               | <b>4.542</b> | <b>146.815</b> |

Fonte: IBGE, Censo demográfico 1991.

No quadro 4, cabe ressaltar os contingentes populacionais de cor preta e parda, proporcionalmente bem mais expressivos na Bahia do que em Santa Catarina, assim como o maior percentual de evangélicos tradicionais em Santa Catarina (em torno de 5,5 %) do que na Bahia (2,3 %). A população evangélica pentecostal apresenta pequena margem de diferenciação, representando 3,4 % da população total na Bahia e 4,05% em Santa Catarina.

A veiculação da programação televisiva da Igreja Universal na Bahia e em Santa Catarina é, como já foi mencionado, de caráter regional, sendo os programas, na Bahia, emitidos de **Salvador** para todo o estado e, em Santa Catarina, de **Florianópolis** para uma parte do estado, incluindo as cidades de Blumenau, Itajaí, Rio do Sul, Joinville, Jaraguá do Sul e Ibirama, cidades ao sul até Araranguá e, a oeste, até Lajes, e de **Xanxerê** para o oeste do estado.

Parte dessa programação diária é de âmbito nacional, como o programa "Fala que eu te escuto", "Santo culto em seu lar", "Retrato de família" e alguns programas especiais (Especial Universal, etc.); o restante é de âmbito regional ou local, o que significa que alguns programas são emitidos, a partir dos estúdios da TV Record em São Paulo, para todo o país, e outros são produzidos em cada estado e transmitidos regionalmente. No caso específico da Bahia, até o período da coleta da amostra, os programas "Fala que eu te escuto" levados ao ar nas madrugadas de segunda, terça e quarta-feira (ver programação no próximo item), eram integral ou parcialmente produzidos localmente e transmitidos a partir de Salvador; nos demais dias,

<sup>9</sup> Valores em porcentagem, tomados em relação ao total da população (%), para facilitar a comparação.

eram levados ao ar os programas produzidos, centralizadamente, em São Paulo. Mas, ainda durante o ano de 1998, essa situação foi alterada, e o programa "Fala que eu te escuto" veiculado na Bahia passou a ser o mesmo que era veiculado em cadeia nacional.

Quanto à justificação pela escolha dos sete dias de coleta dos dados, o corte definido enseja uma amostra de natureza mais antropológica do que probabilística, uma vez que a semana é um dos componentes fundamentais do quadro de categorias que estruturam a teologia judaico-cristã. A dialética do tempo e do espaço acompanha o pensamento humano em todos os seus lances (NEHER, 1975, 176 a 196). Cada religião, cada filosofia, cada civilização lhe dá uma significação particular.

O número sete aparece várias vezes na Bíblia, não apenas no Gênesis. Era próprio dos semitas usarem de números não em seu sentido matemático, mas místico, figurado. O sete, numa interpretação teológica, significa plenitude, perfeição. Não se sabe, ao certo, se os sete dias da criação são sete dias de vinte e quatro horas ou sete épocas. São os primeiros dias de uma sucessão de dias que marcarão a vida da Criação, sugerem a mobilidade do tempo; numa perspectiva bíblica, são o começo da história (NEHER, 1975, 182).

Toda a tradição judaico-cristã está marcada pelo movimento permanente e cíclico, e a semana, o sete, constitui um dos componentes fundamentais do quadro de categorias que estruturam sua teologia. Ele organiza vários rituais, como a missa, o culto e tantas outras formas de louvor possíveis, institucionalizadas ou não. Portanto, a semana é aqui tomada como um tempo histórico, não como uma unidade física. É uma unidade simbólica.

Além da amostra extraída da programação televisiva da Igreja Universal, a partir da revisão bibliográfica efetuada e da constatação do peso conferido por Weber aos escritos de Benjamin Franklin, designativos do *ethos* capitalista, e que suscitaram a relação de afinidade entre esse espírito e a ética puritana, optamos, também, por extrair uma amostra da obra de Franklin, com o intuito de investigar o teor de seus conteúdos, buscando discernir os elementos apontados por Weber e estabelecer conexões de sentido com o protestantismo puritano e com o neopentecostalismo iurdiano, mantendo como eixo a ética do trabalho.

Os trechos de Franklin empregados por Weber foram extraídos de duas de suas obras: "Necessary Hints to Those That Would Be Rich", escrito em 1736, e "Advice To a Young Tradesman", escrito em 1748. No entanto, em sua autobiografia, Franklin acentuou o sucesso que obteve com a publicação do seu "Almanaque" - "Poor Richard's Almanacks" - ,

considerado por ele um veículo apropriado para "ministrar instrução à gente comum" (FRANKLIN, 1963, 90)<sup>10</sup>, e que certamente contribuiu para a formação da consciência cívica norte-americana. Sua publicação teve início em 1732 e perdurou por 25 anos, vendendo cerca de dez mil exemplares por ano.

Como uma publicação dirigida a pequenos empresários, homens de negócio, comerciantes e ao povo em geral, que raramente compravam outros livros, pareceu-nos, seguindo a trilha de Weber, embora com a ressalva metodológica explicitada no capítulo 1 quanto à forma demonstrativa por ele adotada, mais apropriado de ser utilizado num paralelo com o neopentecostalismo da Igreja Universal, que também veicula pela televisão um discurso voltado para as massas. Talvez se pudesse estabelecer uma equiparação, em termos de ressonância popular, entre o almanaque daquela época e a televisão de hoje, salientando que não estamos trabalhando com os textos dos teólogos do neopentecostalismo nem do protestantismo originário.

O material produzido e compilado por Franklin, sob o pseudônimo de Richard Saunders, para as edições anuais do "Almanaque", visava "inculcar diligência e frugalidade como meios de obtenção de riqueza e, assim, de promoção de virtude, pois é difícil a um homem necessitado agir honestamente"; em suma, tinha um propósito econômico (FRANKLIN, 1963, 90)<sup>11</sup>. Essas publicações, que abrangem os anos de 1733 a 1758, foram reunidas num volume único, editado pela Heritage Press de Nova York, cujo acesso nos permitiu proceder à análise aqui efetuada. Segundo seu editor, o "Almanaque" não encontrou rival entre as publicações das colônias americanas, sendo superado apenas pela Bíblia.

## **Coleta e instrumentos de análise**

---

<sup>10</sup> Franklin, que viveu de 1706 a 1790, relata em sua autobiografia que o "Almanaque" recebeu aprovação universal. Foi copiado em todos os jornais do continente, reimpresso na Inglaterra em folhas largas para ser afixado nas paredes das casas. "Na Pensilvânia, por haver desencorajado despesa excessiva com artigos estrangeiros supérfluos, alguns acharam que teve sua parte de influência na produção da crescente abundância de dinheiro que pôde ser observada durante vários anos após sua publicação" (FRANKLIN, 1963, 91). Chegou a ter tanta procura que Franklin afirmou ter obtido com ele considerável lucro, atingindo uma em cada cem pessoas.

Quanto à escolha da semana sobre a qual incidiria a coleta dos programas televisivos, a orientação metodológica observada foi a de procurar garantir a comparabilidade mínima dos dados. Assim, além de gravar a programação de uma mesma semana nas duas capitais, procurou-se coletar esses dados numa época em que os calendários religiosos e cívicos regionais não indicassem nenhum acontecimento especial (carnaval, Semana Santa, etc.)<sup>12</sup>. Em outros termos, procurou-se uma semana “normal”, típica.

A programação televisiva da Igreja Universal, tanto em Salvador quanto em Florianópolis, veiculada diariamente pelos jornais, distribuiu-se de forma bastante similar no que tange às denominações dos programas e ao tempo de transmissão. No período tomado para análise, alguns programas não previstos na programação oficial divulgada pela imprensa, como: "A verdade de cada um", "Pare de sofrer", "Palavra de vida", também compuseram a pauta religiosa emitida pela Rede Record.

A programação diária da Igreja Universal, fornecida pela emissora aos jornais de Salvador e de Florianópolis<sup>13</sup>, de 18 a 24 de maio de 1998, foi a seguinte:

#### **Quadro 5 - Programação da Igreja Universal na Rede Record em Salvador e Florianópolis**

| <b>Dias do mês e da semana</b> | <b>Salvador</b>  | <b>Florianópolis</b>  |
|--------------------------------|--|---|
| 18 - 05 - Segunda-feira        | 00:00 Fala que eu te escuto<br>02:00 Falando de fé<br>05:00 O despertar da fé<br>07:00 Ponto de fé<br>às 08:00             | 00:00 Fala que eu te escuto<br>02:00 Falando de fé<br>06:00 O despertar da fé<br>07:00 às 08:00 Ponto de fé |
| 19 - 05 - Terça-feira          | 01:10 Fala que eu te escuto<br>às 03:00<br>04:00 Falando de fé<br>05:00 O despertar da fé<br>07:00 Ponto de fé<br>às 08:00 | 01:10 Fala que eu te escuto<br>às 03:00<br>06:00 Despertar da fé-local<br>07:00 Ponto de fé<br>às 08:00     |
| 20 - 05 - Quarta-feira         | 01:10 Fala que eu te escuto<br>03:00 Falando de fé   | 01:10 Fala que eu te escuto<br>03:00 Falando de fé  |

<sup>11</sup> Na verdade, como se pode apreender de sua autobiografia, o intuito de Franklin era legar à posteridade o conhecimento dos meios a que recorreu para alcançar a prosperidade, por considerar seus bons resultados, obtidos com a graça de Deus, dignos de serem imitados.

<sup>12</sup> Como houve uma perda dos dados coletados em Florianópolis no dia 18-05-98, por motivos técnicos, foi necessário substituí-los pelos programas veiculados no dia 25-05-98, para assegurar, quantitativa e qualitativamente, a comparabilidade com Salvador.

<sup>13</sup> Trata-se dos jornais "Correio da Bahia", de Salvador, e "Diário Catarinense", de Florianópolis.

|                        |   |  |
|------------------------|---|--|
|                        | 05:00 O despertar da fé<br>07:00 Ponto de fé<br>às 08:00  | 06:00 O despertar da fé-local<br>07:00 Ponto de fé<br>às 08:00   |
| 21 - 05 - Quinta-feira | 01:10 Fala que eu te escuto<br>03:00 Falando de fé<br>05:00 O despertar da fé<br>07:00 Ponto de fé<br>às 08:00  | 01:10 Fala que eu te escuto<br>03:00 Falando de fé<br>06:00 Despertar da fé-local<br>07:00 Ponto de fé<br>às 08:00   |
| 22 - 05 - Sexta-feira  | 01:10 Fala que eu te escuto<br>03:00 Falando de fé<br>05:00 O despertar da fé<br>07:00 Ponto de fé<br>às 08:00  | 01:10 Fala que eu te escuto<br>03:00 Falando de fé<br>05:00 Despertar da fé<br>07:00 Ponto de fé<br>às 08:00   |
| 23 - 05 - Sábado       | 01:10 Fala que eu te escuto<br>03:00 Falando de fé<br>às 05:00<br>05:30 O despertar da fé<br>às 08:00   | 01:10 Fala que eu te escuto<br>03:00 Falando de fé<br>às 05:00<br>05:30 Ponto de fé-local<br>07:00 Ponto de fé<br>às 10:00   |
| 24 - 05 - Domingo      | 00:00 Especial Universal<br>00:45 Fala que eu te escuto<br>03:00 Falando de fé<br>às 05:00<br>05:20 Despertar da fé<br>07:00 Ponto de fé<br>08:00 Santo culto<br>às 09:00 | 00:00 Especial Universal<br>00:45 Fala que eu te escuto<br>03:00 Falando de fé<br>às 05:00<br>05:30 Despertar da fé<br>07:00 Ponto de fé<br>08:00 Santo culto em seu lar<br>às 09:00 |

Traduzindo o quadro anterior em termos de tempo de duração dos programas religiosos durante a semana estudada, verificamos que, em Salvador, o tempo total de duração da programação religiosa foi de 50 h e 20 minutos, enquanto que em Florianópolis foi de 49 h e 10 minutos. Considerando que a TV Record permanece no ar vinte e quatro horas por dia, salvo alguma exceção (como uma breve interrupção durante a madrugada, como ocorreu no dia 19-05 nos dois locais), a programação religiosa ocupou em torno de trinta por cento da programação total da emissora nos dois estados.

Quanto ao tratamento técnico e analítico conferido aos discursos coletados, recorreu-se às orientações propostas por Bardin (BARDIN, 1977) para análise qualitativa e quantitativa de conteúdo e às contribuições advindas de profissionais da psicologia social, bem como à

utilização do software ALCESTE<sup>14</sup> ("Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte"), apropriado à análise quantitativa de dados textuais. Como afirmam Quivy e Campenhoudt (QUIVY e CAMPENHOUDT, 1992), o discurso também implica incorrências, contradições e lacunas que, apesar de toda a triagem da mídia, podem também se revelar, o que se procurou, na medida do possível, capturar na análise.

Inicialmente, foram transcritas as 99 horas e 30 minutos de programação gravada, empregando-se alguns códigos e anotações que facilitassem a identificação dos atores em foco: depoentes, pastores, narrador que veicula o discurso da Igreja propriamente dito, intérpretes musicais, e o mapeamento de algumas características dos pastores, como cor da pele, sexo, presença ou não de sotaque, tipo de traje usado, etc.

Subsidiada pelo software "ALCESTE", foi possível obter o relatório dos dicionários de que se compõem os textos provenientes das transcrições de Salvador e de Florianópolis e também o do dicionário do "Almanaque" de Franklin. Esse relatório arrola as palavras em ordem decrescente de frequência, distinguindo as palavras-chave (verbos, substantivos, adjetivos) das palavras-instrumento (conjunções, preposições, pronomes, etc.), e por possibilitar uma melhor apreensão da integralidade dos discursos, resguarda-nos dos riscos de uma seleção arbitrária.

A modernidade, para Weber, é produto do processo de racionalização que ocorreu no Ocidente, e que implicou numa diferenciação crescente das várias dimensões do universo social, ou seja, na modernização da sociedade e da cultura (ROUANET, 1987, 231 e WEBER, 1979, 371 a 410). A **modernização social** é compreendida pela diferenciação da economia capitalista e do Estado moderno (o que também ocorre em Marx) e a **modernização cultural**, através do processo de racionalização das visões do mundo e, especialmente, da religião (ROUANET, 1987, 231). Em consequência desse processo, esferas axiológicas, como a ciência, a moral e a arte, até então embutidas na religião, vão se diferenciando. Essas esferas desenvolvem-se dentro de complexos institucionais próprios (universidades, igrejas) e são funcionais para a modernização social, embora possam, muitas vezes, entrar em conflito entre si e com os subsistemas da sociedade (ROUANET, 1987, 232).

Partindo, assim, de alguns termos designativos da esfera econômica, capturados do documento de Franklin inserido na "Ética Protestante", e do léxico fornecido pelo ALCESTE,

---

<sup>14</sup> Ver REINERT, 1990 e CAMARGO, 1998.

foram construídas tabelas de frequências com as expressões consideradas mais representativas tanto do campo econômico, quanto dos demais campos, os quais foram nomeados em função do vocabulário presente. Vale acrescentar que a crítica de Bourdieu às pesquisas de opinião - as opiniões não se equivalem -, poderia também ser aplicada tanto à fonte de onde procedem as palavras (se do pastor, se de um fiel, se do bispo Macedo), quanto à sua incidência: sua maior frequência não expressa necessária e deterministicamente o seu peso ou relevância no contexto do discurso; uma palavra com baixa recorrência pode ter um peso muito maior (BOURDIEU, 1982, 137 a 151)<sup>15</sup>.

Com base nessa ressalva, algumas expressões consideradas significativas na configuração de uma esfera ou instituição social, segundo o conhecimento sociológico acumulado, foram também incorporadas às tabelas. Formas verbais não propriamente específicas de uma esfera foram, em alguns casos, nela inseridas, em virtude de sua conotação ou associação semântica com aquela esfera<sup>16</sup>.

Como o qui-quadrado é um teste não paramétrico de significância adequado para comparações entre frequências, e não entre escores médios, ele foi utilizado na comparação entre as amostras, tanto do Almanaque de Franklin com o neopentecostalismo da IURD, quanto dos discursos iurdianos de Salvador com os de Florianópolis. No primeiro caso, como se trata de *corpus* desiguais, um escrito e outro veiculado pela TV, além de produzidos em diferentes momentos históricos, etc., a comparabilidade reside muito mais no esforço de captar o que existe de econômico no discurso religioso e o que existe de religioso no discurso econômico, sem subestimar os conteúdos referentes às outras dimensões institucionais presentes em cada um dos dois grupos de amostras.

As frequências esperadas ( $f_e$ ) e as frequências observadas ou obtidas ( $f_o$ ), base do cálculo do qui-quadrado, foram arroladas, com o auxílio do software "Excel", em tabelas específicas, relativas a cada esfera axiológica, selecionando-se as expressões que seriam computadas nesse cálculo mediante o princípio de equiprobabilidade, que consiste em se tomar a frequência total de ocorrências em cada um dos dois *corpus* das tabelas e dividi-la

---

<sup>15</sup> Segundo Bourdieu, a pesquisa de opinião trata a opinião pública como uma simples soma de opiniões individuais, ignorando que as relações entre opiniões são conflitos de força.

<sup>16</sup> Entre essas formas, podem ser enumeradas: transformar, mudar, libertar, participar, obedecer, incluídas na esfera religiosa. Importante é também evidenciar que a autonomia dessas esferas deve ser tomada como relativa.

pelo número total de caselas, para se encontrar a frequência média. A partir daí, eliminam-se do cálculo as expressões cuja frequência seja inferior a esse quociente<sup>17</sup>.

A hipótese nula para o teste de qui-quadrado estabelece que as populações não diferem relativamente à frequência com que ocorre a presença de uma expressão ou característica; por outro lado, a hipótese experimental estabelece que as diferenças amostrais refletem diferenças reais na população matriz, a partir da frequência relativa de uma dada expressão ou característica. Como é sabido, as frequências esperadas referem-se aos termos da hipótese nula, de acordo com os quais se espera que a frequência relativa (ou a proporção) seja a mesma para os dois grupos. No caso das diferenças entre as frequências obtidas e as esperadas serem suficientemente grandes é que rejeitamos a hipótese nula.

A rejeição da hipótese nula, possível a partir de valores do qui-quadrado superiores aos valores críticos (os quais são condensados em tabelas específicas), sinaliza a existência de diferenças estatisticamente significativas entre as duas amostras e, também, a existência de uma diferença real na população.

Além do cálculo do qui-quadrado, foram também calculados os coeficientes de Cramér<sup>18</sup> para cada tabela, que, embora não sejam parâmetros com a mesma sensibilidade e qualificação estatística do qui-quadrado, permitem verificar o grau de intensidade na diferenciação apontada por esse teste, numa escala de 0 a 1, com vantagens sobre outros coeficientes, como o de contingência, por não depender do tamanho da tabela de qui-quadrado.

A partir desse levantamento quantitativo, empreendeu-se, com o auxílio do software "Word", a uma descrição e análise dos múltiplos sentidos que os termos assumem ao longo dos depoimentos, narrações, pregações, comentários, cânticos, orações e propagandas que pautam a programação televisiva veiculada pela IURD e, também, ao longo dos textos do "Almanaque". Nessa operação, impossível de ser efetuada com todas as expressões contabilizadas, buscou-se apreender a compenetração entre as esferas institucionais e,

<sup>17</sup> Esse critério não foi adotado para as tabelas que apresentam os totais por esferas; nesses casos foram consideradas todas as caselas contabilizadas.

<sup>18</sup> Ver fórmulas de cálculo, tanto para este coeficiente quanto para o qui-quadrado, em LEVIN, 1987, 196 e 311.  
 $X^2$  (Qui-quadrado) =  $\sum \frac{(f_o - f_e)^2}{f_e}$ ; V (Coeficiente de Cramér) =  $\frac{\sqrt{X^2}}{N(k-1)}$ ; sendo k o n.º de linhas ou colunas.

particularmente, a visibilidade da vinculação entre religião e economia, sempre com ênfase na ética do trabalho.

## Capítulo 3 - Pontilhando o protestantismo originário e o neopentecostalismo iurdiano

Antes de procedermos à comparação entre o neopentecostalismo iurdiano e o protestantismo originário de base calvinista, que é o objetivo deste capítulo, alguns dados descritivos acerca dos dois instrumentos amostrais utilizados - os discursos televisivos veiculados pela Igreja Universal do Reino de Deus nas duas regiões brasileiras (a partir de Salvador e de Florianópolis) e o "Almanaque" de Franklin - tornam-se elucidativos.

A programação televisiva da Igreja Universal fez, durante muito tempo, do tripé exorcismo, cura e prosperidade as suas vigas mestras (CAMPOS, 1997, 291). Mas dos programas religiosos analisados, coincidentemente com as observações de Campos de que o exorcismo deixou de ser um ritual freqüente na televisão, apenas um contempla brevemente cenas de exorcismo.

De modo geral, os programas são ocupados por matérias sobre uma temática específica relacionada à vida religiosa ou espiritual, sobre a atuação da Igreja Universal em outros países ou da ABC (Associação Beneficente Cristã)<sup>1</sup>, entidade filantrópica da Igreja, nas cidades e estados brasileiros, por sondagens de opinião feitas nas ruas ou pelo telefone, depoimentos ou relatos de cura e de milagrosa prosperidade, pregações de pastores e bispos, publicidade institucional da Igreja, slogans, palavras de ordem, orações e cânticos.

A ênfase, no entanto, parece recair sobre os testemunhos de pessoas que tiveram suas vidas transformadas através do encontro com Jesus na Igreja Universal, ou seja, sobre as "histórias de fé", muitas das quais transmitidas ao vivo, diretamente da sala de entrevistas, onde um pastor dirige a conversa com o convertido, fazendo-lhe perguntas e produzindo interrupções estratégicas, visando criar o maior impacto possível no receptor e gerar a coerência do próprio discurso do entrevistado (CAMPOS, 1997, 291 e 306). Às vezes, esses

---

<sup>1</sup> Segundo programa gravado dia 19-05-98 em Salvador, a ABC leva não só conforto e paz de espírito às pessoas, mas também indispensável ajuda material às comunidades carentes, populações de ruas, presídios, hospitais, asilos, orfanatos e instituições religiosas, em nome do único e mais importante ideal: o amor a Nosso Senhor Jesus Cristo, o respeito à palavra e à obra de Deus. De acordo com a Folha Universal n.º. 274, a ABC foi fundada em 1993.

depoimentos são apresentados através da voz de um narrador, que expressa o discurso da Igreja, intercalada pelos relatos do convertido e por imagens que rememoram e encenam, de alguma forma, o seu difícil trajeto até o momento atual de felicidade.

A dinâmica dos programas não apresenta grandes variações, exceto no programa "Fala que eu te escuto", que é de âmbito nacional, onde ocorre a participação de transeuntes abordados nas ruas por repórteres ou de ouvintes pelo telefone, mediante o comando de um pastor do estúdio de São Paulo. Os programas sempre terminam com orações, quando o pastor dirigente entra na "presença de Deus", para estabelecer a mediação entre a divindade e os pedidos e necessidades de seus telespectadores (CAMPOS, 1997, 292).

Como o calendário da IURD se divide em correntes e campanhas de fé, às quais se somam reuniões, vigílias, concentrações de fé e atividades em semanas especiais, os programas televisivos estão a cada momento veiculando propagandas desses eventos, particularmente das correntes, que são atividades ou ciclos de produções simbólicas inseridas num calendário semanal uniforme e fixo, uma espécie de repetição contínua, cuja unidade básica é cada um dos seus sete dias (CAMPOS, 1997, 144 e 145). Em outros termos, os cultos e atividades desenvolvidos nos templos a cada dia da semana são norteados pelo tema da corrente específica daquele dia. Essas correntes, que não são mais exclusividades da Igreja Universal, são assim distribuídas:

**Segunda-feira:** Corrente da prosperidade, da vida regalada ou dos empresários;

**Terça-feira:** Corrente da saúde, dos milagres ou dos setenta pastores;

**Quarta-feira:** Corrente dos filhos de Deus;

**Quinta-feira:** Corrente da família;

**Sexta feira:** Corrente da libertação;

**Sábado:** Corrente da grandeza de Deus e

**Domingo:** Corrente do encontro com Deus.

Por sua vez, o "Almanaque do Pobre Richard" reúne uma coletânea de adágios populares e de provérbios, que, segundo Franklin, continham a sabedoria de muitas épocas e nações, calendários, roteiros de estradas, com listas de lugares de hospedagem e descrições das estradas, nomes dos reis britânicos e monarcas europeus, datas de eclipses, dias de cortes de

---

justiça e feiras, prognósticos sobre o tempo, receitas, piadas, máximas, hinos de louvor ao Criador, além de regras de saúde e sugestões para quem quisesse ficar rico (FRANKLIN, 1964, VII a IX). Seus dizeres logo passaram ao discurso cotidiano, sendo citados nos sermões, em panfletos ou como motes em jornais.

A distribuição desse arsenal de informações, ditos populares, proposições, etc., obedece a uma ordem cronológica por ano e por meses, sendo que cada início de ano é assinalado por seu suposto autor com uma mensagem dirigida ao leitor, agradecendo, informando ou orientando sobre algum tema específico.

O mapeamento dos conteúdos veiculados pelos dois *corpus*, tanto os programas da Igreja Universal quanto o "Almanaque" do Pobre Richard", feito através da seleção de expressões tomadas como designativas das várias instituições sociais, foi condensado, em ordem hierárquica decrescente de ocorrência em cada *corpus*, nas tabelas de número 3 a 7, que serão objeto de análise deste capítulo, mantido o eixo norteador da investigação em torno da ética do trabalho. As tabelas de número 16 a 22, com os parâmetros para o teste do qui-quadrado e para o cálculo do coeficiente de Cramér, foram alojadas nos anexos, visando poupar o leitor menos adepto do *affair* estatístico.

A seqüência arbitrada para a apresentação das tabelas de 3 a 7 foi a hierarquização por esfera oferecida pelo "Almanaque", e apreendida da tabela 2, tal que, num primeiro patamar, aparece a esfera econômica, depois, a esfera familiar e, em seqüência, a esfera religiosa, a esfera psicossocial e a esfera política.

Antes de passarmos à análise das expressões nas referidas esferas institucionais, serão apresentadas as tabelas de número 1 e 2. Na tabela 1<sup>2</sup>, foram coligidos alguns pronomes de tratamento e reto, com o intuito de ligeiramente sondar, nos dois grupos, os padrões de socialidade e de individualismo e de sinalizar a relevância dessa discussão, que por si só já justificaria uma pesquisa exclusiva. O próprio Weber já salientava que o termo "individualismo"<sup>3</sup> inclui as coisas mais heterogêneas que se possa imaginar, tendo em vista o elemento que é relevante para um ou outro historiador. Tanto o luteranismo tem sido chamado

---

<sup>2</sup> Em virtude de não ter sido feita uma tradução literal por incidência de cada uma dessas formas dentro da frase, as formas "elas", "vocês" e "vós", correspondentes ao inglês "they", "you" e "you", respectivamente, apresentaram uma frequência nula, por terem sido incorporadas às formas "eles", "tu" e "você". No entanto, embora os dados desta tabela sejam, nesse sentido, aproximativos, preferimos não omiti-los.

<sup>3</sup> Nesse contexto, as discussões levantadas por Dumont e Matta em torno do indivíduo e da pessoa são de grande interesse (Ver DUMONT, 1985 e MATTA, 1983).

de individualista por sua regulamentação não ascética, quanto a Idade Média, uma era de pronunciada individualidade, pela importância conferida aos fatores irracionais (WEBER, 1981, 167).

Tabela n.º 1 – Quadro comparativo dos pronomes de tratamento e reto - Almanaque e IURD

| Palavras-chaves |         | Almanaque |       | Palavras-chaves |         | Universal |       |
|-----------------|---------|-----------|-------|-----------------|---------|-----------|-------|
|                 |         | n.º       | %     |                 |         | n.º       | %     |
| 1º              | Ele     | 584       | 25,4  | 1º              | Eu      | 10637     | 36,3  |
| 2º              | Eu      | 485       | 21,1  | 2º              | Você    | 5548      | 19,0  |
| 3º              | Você    | 376       | 16,4  | 3º              | Ele     | 3081      | 10,5  |
| 4º              | Eles    | 323       | 14,1  | 4º              | Nós     | 2938      | 10,0  |
| 5º              | Nós     | 243       | 10,6  | 5º              | Ela     | 2500      | 8,5   |
| 6º              | Tu      | 129       | 5,6   | 6º              | Senhor  | 1257      | 4,3   |
| 7º              | Ela     | 106       | 4,6   | 7º              | A gente | 1155      | 3,9   |
| 8º              | Senhor  | 31        | 1,3   | 8º              | Senhora | 888       | 3,0   |
| 9º              | Doutor  | 12        | 0,5   | 9º              | Eles    | 557       | 1,9   |
| 10º             | Senhora | 9         | 0,4   | 10º             | Vocês   | 338       | 1,2   |
| 11º             | A gente | 0         | 0,0   | 11º             | Elas    | 183       | 0,6   |
| 12º             | Vocês   | 0         | 0,0   | 12º             | Tu      | 131       | 0,4   |
| 13º             | Elas    | 0         | 0,0   | 13º             | Vós     | 49        | 0,2   |
| 14º             | Vós     | 0         | 0,0   | 14º             | Doutor  | 9         | 0,0   |
| Total           |         | 2298      | 100,0 | Total           |         | 29271     | 100,0 |

O valor calculado do qui-quadrado, 1.608,23, conforme tabela 16 dos anexos, indica que as diferenças nos pronomes de tratamento e pronomes retos entre o "Almanaque" e os discursos iurdianos<sup>4</sup> são estatisticamente significativas, o que suscita, ainda que o coeficiente de Cramér (0,17) exprima uma intensidade baixa, a relevância de estudos mais detidos, que remetam a esses aspectos no protestantismo puritano e também no neopentecostalismo iurdiano. Holanda ressalta entre a gente ibérica uma característica peculiar que não compartilha com nenhum de seus vizinhos continentais: a cultura da personalidade. (HOLANDA, 1963, 4). Tanto espanhóis quanto portugueses atribuem à autonomia de cada ser humano em relação a seus semelhantes um peso extremo - o seu valor é inferido da extensão em que não necessite de ninguém, em que se baste.

Disso resulta, segundo esse autor, a singular tibieza das formas de organização social que impliquem solidariedade e ordenação entre esses povos (HOLANDA, 1963, 5). Assim,

<sup>4</sup> Expressão utilizada por Campos como um tipo ideal, conforme descrito no capítulo 2 (CAMPOS, 1997, 58).

por sua ancestralidade portuguesa, a falta de coesão na vida social brasileira não representaria um fenômeno moderno; por isso equivocar-se-iam os que imaginam no retorno à tradição a única defesa possível "contra nossa desordem" (HOLANDA, 1963, 6). A excessiva expansão dos contatos primários e o predomínio de expectativas personalíssimas, emotivas, difusas, adscritivas e particularistas, fenômeno cunhado por Holanda como a *cordialidade*<sup>5</sup> do homem brasileiro, terminou inviabilizando, na ordem política do país, a distinção, crucial para as sociedades modernas, entre a esfera pública e a esfera privada (TAVARES e ROJO, 1998, 157).

Tocqueville, por outro lado, impressiona-se com a capacidade dos norte-americanos de todas as idades, condições e mentalidades unirem-se constantemente em associações das mais diferentes espécies: religiosas, morais, comerciais, industriais, políticas (TOCQUEVILLE, 1979, 287). Percebe nisso uma arte infinita em estabelecer um objetivo comum para os esforços de um grande número de homens e em deixá-los agir livremente, condições fundamentais para a democracia.

Nos discursos televisivos iurdianos, os pastores dirigem-se ao telespectador mediante a utilização do pronome "eu" e do pronome "nós", tanto na sua forma majestática, quanto sugerindo a idéia de uma equipe de trabalho e/ou de pastores. O emprego do pronome "eu" chega a denotar, às vezes, um tom impositivo, como: "eu quero que você pegue uma folha de papel", às vezes, um tom personalista, para se dirigir, por exemplo, a Deus, numa oração que, a princípio, está sendo proclamada em nome de todos. Cabe observar que "personalismo" não é indicativo de uma "mente individualizada" (BARBU, 1972) ou, numa linguagem habermasiana, autônoma, que percebe o caráter convencional das normas, as diferenças, tolera a ambigüidade; pode, ao contrário, indicar uma mente imatura, uma estruturação mental precária.

O uso coloquial do "a gente", também objeto de estudos sócio-antropológicos, é mais freqüente nos relatos dos depoentes do que nas intervenções e falas dos pastores, mas também aparece nessas falas, por exemplo, no apelo à participação do telespectador no próprio

---

<sup>5</sup> Observando que essa caracterização de Holanda provocou enorme polêmica no campo das ciências humanas, tendo sido, inclusive, incorporadas à edição da Editora da UnB aqui utilizada, as objeções formuladas por Cassiano Ricardo. Para Holanda, a "cordialidade" exprime a tendência para sentimentalizar todas as relações sociais, das mais utilitárias, como as que se inserem no mundo dos negócios, do mercado e mesmo do capitalismo, às mais sagradas, como as que se inserem no mundo das reverências religiosas (MATOS, 1993, 139).

programa, via ligação telefônica, no *marketing* da Igreja para "estar com a gente", no anúncio de que um outro pastor determinado fará a oração "com a gente".

No "Almanaque", o suposto autor - Pobre Richard - refere-se a si próprio, à autoria de suas publicações, a seus sentimentos, etc., mediante o uso do pronome "I" (eu), especialmente nas introduções que dirige ao leitor a cada abertura de ano, antes da ordenação dos meses. A expressão "Senhor" também é empregada referindo-se a Deus, como no neopentecostalismo iurdiano.

No protestantismo puritano, à rigidez doutrinária da transcendência de Deus e da corrupção de tudo o que se refere à matéria alia-se a profunda solidão interna do indivíduo, que gera uma atitude negativa para com todos os elementos "sensuais e emocionais" na cultura e religiosidade subjetiva (WEBER, 1981, 73). "O valor individualista reina sem restrições nem limitações" (DUMONT, 1985, 63) ou, como diria Weber, há um individualismo de inclinação pessimista e despido de ilusões (WEBER, 1981, 73).

No neopentecostalismo iurdiano, o indivíduo também está só diante de Deus, também é permanentemente convocado à verticalidade do contato com Ele, ainda que a Igreja se projete como sustentáculo, casa do Senhor, acolhimento. Só que a tonalidade otimista desse individualismo teológico, que pressupõe, a partir da fé, a certeza do milagre e da salvação para todos, diferencia-o do individualismo puritano, assentado na salvação dos eleitos.

Um olhar atento para a tabela 16 revela que o pronome "eu" apresenta uma frequência observada, que é a extraída dos dados, bem inferior à frequência esperada, que é a que se obtém mediante o cálculo para o teste do qui-quadrado, no "Almanaque" e bem maior nos discursos da IURD. Em outros termos, nos discursos iurdianos, o uso do pronome "eu" é bem mais acentuado do que no "Almanaque". Já o pronome "nós" mantém-se praticamente equivalente nos dois grupos, em termos de ênfase e de distância entre o que foi coletado dos dados e o esperado pelo teste, figurando, na tabela 1, em 5.º lugar no "Almanaque" e, em 4.º, nos discursos da IURD.

Na tabela 2, foram arroladas as frequências totais das expressões selecionadas por esfera institucional, possibilitando uma visualização de como se correlacionam os dois *corpus* discursivos - "Almanaque" e programas televisivos iurdianos - e subsidiando-nos no teste da nossa primeira hipótese, que afirma que as duas vertentes religiosas assemelham-se ao incluírem a prosperidade entre os frutos da fé religiosa.

Tabela n.º 2 – Grandes esferas sociais - Almanaque e IURD

| Palavras-chaves |              | Almanaque |       | Palavras-chaves |              | Universal |       |
|-----------------|--------------|-----------|-------|-----------------|--------------|-----------|-------|
|                 |              | n.º       | %     |                 |              | n.º       | %     |
| 1.º             | Economia     | 1451      | 37,0  | 1.º             | Religião     | 32086     | 55,8  |
| 2.º             | Família      | 951       | 24,2  | 2.º             | Família      | 8297      | 14,4  |
| 3.º             | Religião     | 695       | 17,7  | 3.º             | Psicossocial | 8232      | 14,3  |
| 4.º             | Psicossocial | 493       | 12,6  | 4.º             | Economia     | 5723      | 9,9   |
| 5.º             | Política     | 335       | 8,5   | 5.º             | Política     | 3214      | 5,6   |
| Total           |              | 3925      | 100,0 | Total           |              | 57552     | 100,0 |

O resultado do teste de significância qui-quadrado, **3.595,65**, conforme tabela 17 dos anexos, leva-nos a rejeitar a hipótese nula, revelando que as diferenças encontradas entre os dois grupos não são devidas ao acaso; existem diferenças estatisticamente significativas entre eles, ainda que o coeficiente de Cramér, 0,24, indique uma pequena intensidade nessa diferenciação. Seria legítimo esperar que o discurso do "Almanaque", como um manual popular de cunho econômico, fosse exclusiva ou predominantemente econômico e que o discurso iurdiano, como uma produção televisiva de cunho religioso, fosse estrita ou predominantemente religioso.

A tabela 17, nos anexos, permite-nos inferir, através das diferenças entre as frequências obtidas e as esperadas, que, no "Almanaque", a **esfera econômica** é realmente predominante, em relação aos discursos da IURD, onde o econômico é bem menos enfatizado do que o esperado pelo teste. A **esfera familiar** e a **esfera política** são também mais acentuadas no "Almanaque" e menos nos discursos iurdianos, enquanto a **esfera religiosa** é bem mais ressaltada nos discursos iurdianos do que no "Almanaque", seguida da **esfera psicossocial**, também mais enfatizada pela retórica da IURD e menos pelo "Almanaque".

A análise quantitativa nos propicia visualizar a recorrência de expressões pertinentes a outros campos axiológicos, que não exclusivamente o econômico ou o religioso, o que poderia parecer surpreendente. Todavia, tanto o discurso econômico do "Almanaque" quanto o discurso religioso da Igreja Universal interpenetram outras esferas institucionais, o que pode ser constatado através do sentido que as expressões compiladas nas tabelas ensejam ao longo dos textos.

Quando Weber utiliza o documento extraído da obra de Franklin para expressar o espírito do capitalismo, subentende-se, de certa forma, uma absolutização desse *ethos* em Franklin; em outros termos, o espírito do capitalismo é tomado como a ética exclusiva de Franklin<sup>6</sup>, explicitada, segundo Weber, em todas as suas obras. No entanto, o "Almanaque" não pode ser tomado como testamento dessa argumentação; ele expressa o *ethos* capitalista, mas não de forma estrita; está também eivado, conforme ilustra a tabela 2, de religiosidade e de outras dimensões do universo social.

### Expressões da esfera econômica

A tabela 3 indica-nos as expressões da vida econômica em ordem decrescente de frequência, tanto no "Almanaque" quanto nos discursos televisivos da Igreja Universal, enquanto que a tabela 18, nos anexos, nos fornece os parâmetros para o teste do qui-quadrado, cujo valor, **1952,51**, indica haver diferenças significativas entre os dois *corpus*<sup>7</sup>, tendo-se em conta o coeficiente de Cramér de 0,39.

Tabela n.º 3 – Quadro comparativo das expressões econômicas - Almanaque e IURD

| Palavras-chaves |                                     | Almanaque |     | Palavras-chaves |   | Universal |      |
|-----------------|-------------------------------------|-----------|-----|-----------------|---|-----------|------|
|                 |                                     | n.º       | %   |                 |   | n.º       | %    |
| 1º              | Pobre, pobreza                      | 135       | 9,3 | 1º              | Trabalho, trabalhar(+), trabalhador     | 887       | 15,5 |
| 2º              | Tempo                               | 134       | 9,2 | 2º              | Tempo                                   | 424       | 7,4  |
| 3º              | Rico, riqueza, fortuna              | 108       | 7,4 | 3º              | Perder(+), perda, perdedor              | 410       | 7,2  |
| 4º              | Trabalho, trabalhar(+), trabalhador | 88        | 6,1 | 4º              | Empresário, empresa, empresarial        | 348       | 6,1  |
| 5º              | Perder(+), perda, perdedor          | 69        | 4,8 | 5º              | Dono, proprietário, propriedade         | 346       | 6,0  |
| 6º              | Valor, preço                        | 57        | 3,9 | 6º              | Financeiro, financeira, financeiramente | 308       | 5,4  |
| 7º              | Dinheiro                            | 56        | 3,9 | 7º              | Empregar(+), serviço, desempregado      | 302       | 5,3  |
| 8º              | Lucro, proveito, vantagem           | 54        | 3,7 | 8º              | Dinheiro                                | 279       | 4,9  |
| 9º              | Comprar(+), comprador               | 49        | 3,4 | 9º              | Carro, apartamento, telefone celular    | 254       | 4,4  |
| 10º             | Bom pagador, pagar(+)               | 47        | 3,2 | 10º             | Vencer(+), conquistar(+)                | 248       | 4,3  |
| 11º             | Ganho, ganhar(+)                    | 42        | 2,9 | 11º             | Dedicar(+), determinar(+), garra        | 224       | 3,9  |

<sup>6</sup> Ver WEBER, 1981, 33. Em uma nota de rodapé, Weber refere-se à crítica que lhe teria sido formulada por Brentano, com relação à sua desconsideração acerca das qualidades éticas de Franklin (WEBER, 1981, 140).

<sup>7</sup> Cabe aqui esclarecer que, quando aparece nas tabelas uma forma verbal acrescida do sinal (+), significa que todas as suas formas conjugadas foram computadas no levantamento de sua frequência. Os termos que extraímos das citações de Franklin inseridas na "Ética Protestante", conforme descrito na metodologia, foram ressaltados através da cor azul. Em geral, os adjetivos, que estão descritos nas tabelas apenas pela sua forma masculina, como vitorioso, etc., também tiveram suas formas femininas e suas formas plurais contabilizadas. Substantivos, como "filho", "filha", listados somente no singular nas tabelas, também tiveram suas formas plurais computadas, quando assim apareceram.

|     |   |      |       |     |  |      |       |
|-----|---|------|-------|-----|--|------|-------|
| 12º | Empregar(+), serviço, desempregado      | 37   | 2,5   | 12º | Dívida, endividado                     | 177  | 3,1   |
| 13º | Honestidade, honesto, honestamente      | 37   | 2,5   | 13º | Comprar(+), comprador                  | 175  | 3,1   |
| 14º | Negócio, negociar(+)                    | 36   | 2,5   | 14º | Prosperidade, prosperar(+)             | 174  | 3,0   |
| 15º | Despender, gastar(+)                    | 35   | 2,4   | 15º | Bom pagador, pagar(+)                  | 167  | 2,9   |
| 16º | Dólar, libra, xelim, reais, centavos    | 32   | 2,2   | 16º | Negócio, negociar(+)                   | 141  | 2,5   |
| 17º | Dívida, endividado                      | 29   | 2,0   | 17º | Ganho, ganhar(+)                       | 109  | 1,9   |
| 18º | Soma, quantia, quantidade               | 29   | 2,0   | 18º | Produzir(+), produto, produção         | 85   | 1,5   |
| 19º | Economizar(+), poupar(+), poupança      | 28   | 1,9   | 19º | Salário                                | 71   | 1,2   |
| 20º | Possuir(+), posse                       | 27   | 1,9   | 20º | Pobre, pobreza                         | 53   | 0,9   |
| 21º | Dono, proprietário, propriedade         | 26   | 1,8   | 21º | Rico, riqueza, fortuna                 | 53   | 0,9   |
| 22º | Crédito, credor, credibilidade          | 23   | 1,6   | 22º | Cheque                                 | 46   | 0,8   |
| 23º | Indústria, industrial                   | 23   | 1,6   | 23º | Valor, preço                           | 42   | 0,7   |
| 24º | Utilidade, útil, inútil                 | 20   | 1,4   | 24º | Conta, contar(+), cálculo, calcular(+) | 39   | 0,7   |
| 25º | Desperdício, desperdiçar(+)             | 19   | 1,3   | 25º | Economia, econômico                    | 39   | 0,7   |
| 26º | Produzir(+), produto, produção          | 18   | 1,2   | 26º | Dólar, libra, xelim, reais, centavos   | 31   | 0,5   |
| 27º | Divertir(+), passear(+), lazer          | 18   | 1,2   | 27º | Possuir(+), posse                      | 28   | 0,5   |
| 28º | Prudência, prudente                     | 18   | 1,2   | 28º | Conforto, confortável                  | 26   | 0,5   |
| 29º | Prosperidade, prosperar(+)              | 17   | 1,2   | 29º | Despender, gastar(+)                   | 25   | 0,4   |
| 30º | Conta, contar(+), cálculo, calcular(+)  | 17   | 1,2   | 30º | Agiota                                 | 25   | 0,4   |
| 31º | Vadição, vadiar(+), vagabundo           | 15   | 1,0   | 31º | Segurança, estabilidade                | 24   | 0,4   |
| 32º | Preguiça, preguiçoso                    | 13   | 0,9   | 32º | Despesa                                | 23   | 0,4   |
| 33º | Dedicar(+), determinar(+), garra        | 12   | 0,8   | 33º | Divertir(+), passear(+), lazer         | 18   | 0,3   |
| 34º | Juros                                   | 11   | 0,8   | 34º | Mercado, mercadoria                    | 17   | 0,3   |
| 35º | Economia, econômico                     | 9    | 0,6   | 35º | Soma, quantia, quantidade              | 16   | 0,3   |
| 36º | Conforto, confortável                   | 9    | 0,6   | 36º | Crédito, credor, credibilidade         | 16   | 0,3   |
| 37º | Vencer(+), conquistar(+)                | 8    | 0,6   | 37º | Indústria, industrial                  | 12   | 0,2   |
| 38º | Empresário, empresa, empresarial        | 7    | 0,5   | 38º | Lucro, proveito, vantagem              | 11   | 0,2   |
| 39º | Balanço, receita                        | 6    | 0,4   | 39º | Bens                                   | 11   | 0,2   |
| 40º | Industriosidade*                        | 6    | 0,4   | 40º | Honestidade, honesto, honestamente     | 10   | 0,2   |
| 41º | Mercado, mercadoria                     | 5    | 0,3   | 41º | Investir(+), investimento              | 8    | 0,1   |
| 42º | Bens                                    | 5    | 0,3   | 42º | Utilidade, útil, inútil                | 6    | 0,1   |
| 43º | Frugalidade, vida modesta               | 5    | 0,3   | 43º | Desperdício, desperdiçar(+)            | 5    | 0,1   |
| 44º | Segurança, estabilidade                 | 4    | 0,3   | 44º | Preguiça, preguiçoso                   | 3    | 0,1   |
| 45º | Pontualidade                            | 3    | 0,2   | 45º | Prudência, prudente                    | 2    | 0,0   |
| 46º | Salário                                 | 2    | 0,1   | 46º | Vadição, vadiar(+), vagabundo          | 2    | 0,0   |
| 47º | Investir(+), investimento               | 2    | 0,1   | 47º | Pontualidade                           | 2    | 0,0   |
| 48º | Despesa                                 | 1    | 0,1   | 48º | Balanço, receita                       | 1    | 0,0   |
| 49º | Financeiro, financeira, financeiramente | 0    | 0,0   | 49º | Economizar(+), poupar(+), poupança     | 0    | 0,0   |
| 50º | Carro, apartamento, telefone celular    | 0    | 0,0   | 50º | Juros                                  | 0    | 0,0   |
| 51º | Cheque                                  | 0    | 0,0   | 51º | Industriosidade                        | 0    | 0,0   |
| 52º | Agiota                                  | 0    | 0,0   | 52º | Frugalidade, vida modesta              | 0    | 0,0   |
|     | Total                                   | 1451 | 100,0 |     | Total                                  | 5723 | 100,0 |

No contexto do "Almanaque", como uma publicação "popular", dedicada a inculcar "diligência e frugalidade" como meios de obtenção de riqueza e, assim, de promoção de virtude (FRANKLIN, 1963, 90), os termos "pobre" (e "pobreza"), "tempo", "rico" (e "riqueza") e "trabalho" ("trabalhador" e "trabalhar") foram os que apareceram com maior frequência no campo econômico, ocupando, respectivamente, o 1.º, 2.º, 3.º e 4.º lugares.

No contexto dos discursos televisivos da Igreja Universal em Salvador e em Florianópolis, cuja estratégia de comunicação visa atrair as pessoas a um de seus inúmeros templos e satisfazer seus sonhos e desejos (CAMPOS, 1997, 275 e 276), os termos mais freqüentes na mesma esfera foram: "trabalho" ("trabalhar" e "trabalhador"), na 1.ª posição, "tempo", na 2.ª, "perder" ("perda" e "perdedor"), na 3.ª e "empresa" ("empresarial" e "empresário"), na 4.ª posição.

No "Almanaque", as palavras "pobre" e "pobreza" remetem-se recorrentemente à condição de Richard Saunders - o Pobre Richard -, nome adotado por Franklin para personificar a autoria e o título da publicação<sup>8</sup>. Sua pobreza é declarada já em sua primeira aparição, no início do "Almanaque". Muitos são também os provérbios que contrapõem o pobre ao rico, a pobreza à riqueza, e nos quais pobre e pobreza adquirem um valor positivo:

*"Ter sido pobre não é vergonha, mas estar envergonhado disso, é"* (FRANKLIN, 1964, 165).

*"Sábios em Sabedoria! Digam-me qual desses vocês pensam que possui mais! Um que com sua Pobreza é rico ou um que com toda sua Riqueza é pobre"* (FRANKLIN, 1964, 117).

*"Ó Avareza! Quão cegos são seus Devotos! Quão freqüentemente por procurarem alcançar demais eles perdem tudo, a si mesmos com isso! A Sede de Mais cresce com o Acúmulo; e ao impaciente Desejo de Ter, é somado o Medo cruel de Perder, uma Tormenta da qual o Pobre é livre. E a Morte freqüentemente espalha tudo o que juntamos com tanto Cuidado e Labuta"* (FRANKLIN, 1964, 179 e 180).

*"Enquanto a Preguiça viaja tão lentamente, a Pobreza cedo o surpreende, como lemos no Pobre Richard, que acrescenta: Dirija teu Negócio, não deixe que ele te dirija; e*

<sup>8</sup> A prosperidade de Franklin estava justamente começando no ano em que ele iniciou o "Almanaque", embora ele já procedesse de uma família burguesa. Em sua autobiografia, ele atribui a Deus sua ascensão da pobreza em que nascera a uma situação de prosperidade, uma vez que Ele o teria conduzido aos meios que usou, os quais lhe deram bons resultados (FRANKLIN, 1963, 4).

\*O termo "industriosidade" foi tomado da tradução da "Ética Protestante" utilizada. O "Novo dicionário da língua portuguesa" não inclui esta expressão, mas sim "industrioso", que significa laborioso, sagaz. Poderia ser substituída por "diligência", que tem significado semelhante, indicando: atividade, presteza.

*Cedo ir para a Cama e cedo levantar faz um Homem sadio, rico e sábio*" (FRANKLIN, 1964, 278 e 279).

Nos discursos da Igreja Universal, "pobre" e "pobreza", que figuram na tabela 3 em 20.º lugar, referem-se à condição social de pessoas ou grupos (bairro pobre, barracos pobres, família pobre), mas também designam um estado indesejável anterior à conversão a Jesus:

*"Ivanilde continuava prisioneira da pobreza, da miséria, do abandono, da solidão"* (Narrador, Florianópolis, Programa Fala que eu te escuto, Rede Record, 25-05-98).

Nessa direção, a pobreza aparece associada à intervenção maligna do demônio, do diabo, e é descontextualizada de qualquer forma de organização social:

*"A pobreza é do diabo, o pobre é de Deus, a pessoa que não tem condição, tá destruída na lona, no lodo, na lama, é de Deus. Agora, a pobreza não é de Deus não, a pobreza é do diabo, tem que sair, pastor Adriano, a pessoa tem que vencer, ela tem que vencer, e eu creio que ela foi marcada prá vitória, ela foi marcada prá vencer"* (bispo Roberto, Florianópolis, Programa Fala que eu te escuto, Rede Record, 25-05-98).

*"A tua vida financeira está amarrada, parece que tem uma coisa, e tem uma coisa mesmo, tem uma coisa mesmo que você pensa que é crise, mas não é crise coisíssima nenhuma. É uma coisa espiritual, é um mal que está aí, que te amarra, que te acorrenta, que não deixa você prosperar.[...]... em Saul havia um espírito de derrota, um espírito negativo, sabe aquelas pessoas que vivem falando negativamente: eu não posso, eu não consigo, você não vai conseguir, você não vai vencer, você nasceu prá ser pobre, nasceu prá ser miserável. Não, meu amigo, você se afaste desses, se afaste desses e junte-se a nós que temos o espírito de Davi, o espírito de valentia, o espírito de determinação, de coragem, de fé"* (Pastor, Florianópolis, Programa Verdade de cada um, Rede Record, 25-05-98).

O que se pode inferir dessas afirmações tão categóricas é que, embora a Igreja advogue um acolhimento indiscriminado a todos, igualitário, dentro do espírito cristão, em última instância, "ser pobre" corresponde a não ser próspero e, portanto, não estar sob as graças de Deus ou não estar vivendo em obediência a Ele. Se ao pobre é oferecida a oportunidade de prosperar mediante sua aposta de fé, a pobreza é renegada e exorcizada como arbítrio do demônio.

Tomando os dados expressos na tabela 18 dos anexos, percebe-se que o termo "pobre" é o que apresenta a maior diferença entre a frequência obtida e a esperada pelo teste do qui-quadrado, sendo mais enfatizado no "Almanaque" e menos nos discursos iurdianos.

"Trabalho" e seus derivados (trabalhador, trabalhar, etc.) aparecem no "Almanaque" predominantemente no sentido econômico, laboral<sup>9</sup>, com um valor fortemente positivo, condizente com o momento histórico em que ele foi publicado, quando estava na Europa a substituição de uma economia feudal-mercantil por uma economia industrial, prenunciando a Revolução Industrial e a Revolução Francesa<sup>10</sup>.

*"Para a casa de um homem trabalhador a fome olha, mas não ousa entrar"* (FRANKLIN, 1964, 50).

*"Este é o Décimo Segundo Ano em que eu tenho deste Modo trabalhado para o Benefício - de quem? - do Público, se você for de tão boa índole para acreditar; se não, levo a Verdade desnuda para o benefício do meu próprio querido ego"* (FRANKLIN, 1964, 113).

Para Locke<sup>11</sup>, o trabalho era o fundamento originário da propriedade e o mundo fora dado por Deus aos homens para "uso do diligente e racional" (LOCKE, 1978, 47). Uma vez que Deus, ao dar o mundo em comum a todos os homens, ordenara-lhes também que trabalhassem, a fundamentação religiosa necessária para alimentar a mentalidade burguesa estava cravada, cabia ao Estado preservar a propriedade (LOCKE, 1978, 47 e 82) e proteger os empreendedores, os "novos" empresários capitalistas. A centralidade do trabalho torna-se, assim, atributo de toda a tradição liberal, passando por Adam Smith e Ricardo.

Em Kant<sup>12</sup>, o imperativo categórico formou-se no filão genealógico aberto por Lutero e não dentro do viés utilitarista inglês: fazer não pelo fim, mas pelo trabalho em si, pelo fazer

<sup>9</sup> Poderíamos definir aqui o trabalho como atividade em que o homem aplica suas potencialidades e sua força para atingir uma meta definida.

<sup>10</sup> Cabe observar que na teologia medieval católica, o trabalho é fruto do pecado, e, conseqüentemente associado ao sofrimento, ao "suor do rosto".

<sup>11</sup> O filósofo inglês John Locke viveu de 1632 a 1704, descendendo de uma família burguesa da cidade de Bristol, contrapondo-se durante toda a sua vida à teocracia anglicana e lutando pela entrega do poder à burguesia (LOCKE, 1978). Sua filosofia está nas origens do utilitarismo, posteriormente desenvolvido por Jeremy Bentham (1748 - 1832), para o qual a utilidade é o valor supremo da ação moral. Para Locke, o homem tinha uma propriedade em sua própria pessoa (LOCKE, 1978, 45), mas só poderia garantir a sua liberdade se trabalhasse, se conquistasse uma propriedade fora de si mesmo - a propriedade como passaporte para a cidadania. O trabalho é que provocava a diferença de valor em tudo.

<sup>12</sup> Em Kant (1724 - 1804), a norma ou lei moral tem a forma de um imperativo categórico (Weffort, 1996, 52), ou seja, a moral é concebida como independente de todos os impulsos e tendências naturais ou sensíveis, desvinculada de qualquer condição; a ação moralmente boa seria a que obedecesse somente à lei moral em si mesma, a qual é criada pela razão (KANT, 1980, XVIII). A razão não seria, assim, constituída apenas por uma dimensão teórica que busca conhecer, mas também por uma dimensão prática, que determina seu objeto mediante a ação (KANT, 1980, XVIII). O comando contido na norma moral é categórico porque as ações a ele conformes são objetivamente necessárias, independentemente da sua finalidade material ou substantiva particular. A necessidade objetiva do comando categórico faz referência a que o dever moral vale para a vontade de qualquer

em si. Ele opunha-se, explicitamente, ao utilitarismo como doutrina moral, em que as leis reguladoras do comportamento são instrumentais com respeito aos valores materiais das ações humanas (WEFFORT, 1996, 53). Em suas próprias palavras, "os imperativos categóricos declaram que uma ação é objetivamente necessária em si mesma, e não como meio para se atingir um fim qualquer" (WEFFORT, 1996, 96), muito embora isso não possa ser tomado num sentido absoluto. Kant tinha, certamente, consciência de que não se consegue tomar o outro absolutamente como fim; em alguma medida, ele acaba sendo também meio.

Embora certas formulações do "Almanaque" apresentem o trabalho com uma conotação meramente utilitária<sup>13</sup>: assegurar um futuro tranqüilo, ele, às vezes, parece atingir, numa conformação laica, o status de um "imperativo categórico", de uma lei universal. Em outros termos, a sanção psicológica imposta pelo puritanismo, pela ascese protestante<sup>14</sup>, tornando o trabalho meio excelente, senão único, de atingir a certeza da salvação e dever para com Deus, parece desprender-se de suas raízes religiosas e ceder lugar à secularidade utilitária; a intensidade da procura do reino de Deus transforma-se em sóbria virtude econômica (WEBER, 1981, 127), sacraliza-se a economia.

*"Trabalhe como se você fosse viver cem anos,  
Ore como se você fosse morrer Amanhã"* (FRANKLIN, 1964, 267).

*"Aprendam, miseráveis, aprendam os movimentos da mente,  
Por que vocês foram feitos, para que foram designados,*

---

ser racional; o móbil ou princípio subjetivo da ação, que pode variar segundo a situação ou o indivíduo, não determina o valor moral da ação (WEFFORT, 1996, 52). O imperativo categórico formula-se nos seguintes termos: "Age de tal maneira que o motivo que te levou a agir possa ser convertido em lei universal" (KANT, 1980, XX). Sendo universais, as normas morais são elaboradas por nós mesmos enquanto seres racionais, e obedecer às suas próprias leis é ser livre (WEFFORT, 1996, 53). Portanto, a liberdade, em Kant, é a liberdade de agir segundo leis e é indissociável da moralidade, cujo motivo fundamental é o respeito pela lei em si mesma (KANT, 1980, XX). A influência pietista na Alemanha se manifesta em Kant (BOISSET, 1971, 97).

<sup>13</sup> Weber acentua o tom utilitarista das atitudes morais de Franklin: a honestidade, a laboriosidade, a frugalidade e a pontualidade são úteis porque asseguram o crédito, por isso são virtudes (WEBER, 1981, 32). Em sua autobiografia, Franklin narra seu projeto de chegar à perfeição moral, mediante a observância obcecada das treze virtudes que catalogara: temperança, silêncio, ordem, resolução, frugalidade, diligência, sinceridade, justiça, moderação, limpeza, tranqüilidade, castidade e humildade (FRANKLIN, 1963, 78). A interpenetração entre a esfera moral e a esfera religiosa no "Almanaque" não parece autorizar-nos a interpretar as atitudes morais ou virtudes, inclusive as de Franklin, dentro de um contexto meramente utilitário; a perfeição moral supõe, como o próprio Franklin aponta em sua autobiografia, viver sem cometer falta alguma, o que sugere alguma proximidade com a noção de santidade.

<sup>14</sup> Termo usado por Weber (WEBER, 1981, 128). O ascetismo é a doutrina que desvaloriza os aspectos corpóreos e sensíveis do ser humano, a ascese é o essencial da vida moral, conforme o Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Na "Ética protestante", Weber enumera como representantes do protestantismo ascético: o calvinismo, o pietismo, o metodismo e as seitas derivadas do movimento batista.

*E o grande fim moral da espécie humana.  
Estude a ti mesmo, que posição ou qual grau,  
O sábio Criador tem classificado-te:  
E todas as funções desta posição  
Execute, e com tua prudência guie teu destino"* (FRANKLIN, 1964, 165).

Do espírito da ascese cristã nasce a conduta racional baseada na idéia de vocação (WEBER, 1981, 130), e essa qualificação moral da atividade terrena, do trabalho, foi uma das elaborações mais cheias de consequência do protestantismo, presente também em Lutero, para o qual o trabalho vocacional representa, como dever de amor ao próximo, uma dívida de gratidão à graça de Deus, não sendo do agrado d'Ele que seja realizado com relutância (WEBER, 1981, 54 e 205). Tornar-se laborioso passa a significar, então, tornar-se virtuoso e também eficiente em sua vocação, ocasionando, conseqüentemente, o aumento de riqueza.

A imbricação da esfera religiosa na econômica pode ser percebida já no próprio empenho de Franklin em produzir o "Almanaque", uma vez que, conforme registros da sua autobiografia, e evidenciados por Weber, o reconhecimento de utilidade da virtude era, por ele, atribuído a uma revelação divina que pretendia conduzi-lo ao caminho da honestidade (WEBER, 1981, 32), e acreditava que isso poderia servir de exemplo para outros, uma vez divulgado.

*"De acordo com suas Obras seja sua Recompensa:  
Possuir Reinos imortais como lhes forem Devidos,  
Preparados de uma Data eterna para você "* (FRANKLIN, 1964, 275).

O dever de um indivíduo em relação ao aumento do seu capital torna-se, conforme já apontado em Weber, um *ethos* que Franklin fielmente espelha através de uma mentalidade afeita ao ganho sistemático e racional, bem presente no "Almanaque". O endinheirar-se, enquanto feito legalmente, passa a ser considerado, assim, uma finalidade em si mesma, assegurando ao empreendedor burguês a convicção de estar na plena graça de Deus. Portanto, um dos sinais visíveis do trabalho como virtude parece inscrever-se no aumento da riqueza, que Weber enfatiza como o "alfa e ômega da ética de Franklin", do "espírito do capitalismo", e que se tornou comum a grupos inteiros de homens, não apenas a indivíduos isolados (WEBER, 1981, 33 e 34).

Uma vez em operação o "moderno trabalho vocacional", a ascese religiosa já se incumbira de acionar o motor que colocava à disposição do empreendedor burguês

trabalhadores sóbrios e industriais, que se aferraram ao trabalho como uma finalidade de vida desejada por Deus, ensejando uma curiosa coincidência entre os interesses dos empregadores e os interesses de Deus<sup>15</sup> (WEBER, 1981, 127, 130 e 222).

A valoração positiva conferida pelo "Almanaque" à pobreza, desde que associada à honestidade, reflete a assimilação de uma ordem fundada no trabalho e que se perpetua na competição entre "industriais" e "preguiçosos", resultando no sucesso e na ascensão individual dos primeiros. Dentro dessa ordem, a pobreza apresenta-se sempre passível de ser abolida, mediante a incorporação do "espírito do capitalismo", à semelhança do que preconiza a Igreja Universal, em que o fiel, no caso o pobre, deve imbuir-se do "espírito da fé".

*"Ao estudar Direito ou Física, ou qualquer outra Arte ou Ciência pela qual você se propõe adquirir seu Sustento, embora você ache isto a princípio duro, difícil e desagradável, use Diligência, Paciência e Perseverança; o Aborrecimento de sua Tarefa diminuirá assim diariamente, e seu Trabalho será finalmente coroado com Sucesso. Você irá além de todos os seus Concorrentes que são descuidados, preguiçosos ou superficiais em suas Aquisições, e estará no Topo de sua Profissão. - Habilidade conduzirá negócios, Riquezas; e Riqueza uma fácil e honrosa Aposentadoria quando a Idade a exigir"* (FRANKLIN, 1964, 269).

A sujeição do trabalhador ao controle e domínio do burguês<sup>16</sup> é expressa nas entrelinhas de certas citações:

*"O olho de um Mestre fará mais Trabalho do que sua Mão"* (FRANKLIN, 1964, 119).

*"Não vigiar os Trabalhadores é deixar-lhes a Bolsa aberta"* (FRANKLIN, 1964, 198).

A ascese abominava tanto a desonestidade quanto a ganância instintiva, que era, como afirma Weber, condenada como cobiça. Dentro do mesmo espírito, numa escala de "pecados

<sup>15</sup> Para teólogos como Baxter, citado por Weber, o critério de santidade do trabalhador assentava-se não na confissão externa de fé, mas na consciência de seus deveres. Para Calvino, o indivíduo não era ninguém se não trabalhava. Afirmava que somente se a massa de trabalhadores e artesãos se mantivesse pobre é que se conservaria obediente a Deus (WEBER, 1981, 127). A ascese religiosa dava também aos trabalhadores a tranquilizadora garantia de que a desigual distribuição da riqueza deste mundo era obra especial da Divina Providência, que, com essas diferenças, perseguia seus fins secretos, desconhecidos do homem (WEBER, 1981, 127).

<sup>16</sup> Os provérbios aqui extraídos do "Almanaque" oferecem indícios acerca da forma como se processavam as relações de trabalho entre os operários e os empreendedores e burgueses emergentes, evocando o profundo desprezo de Gorki pelo mundo dos pequenos burgueses, que vê como uma multidão cinzenta e entediada (ver GORKI, 1982).

capitais" enunciados no "Almanaque", a avareza seria fruto da cobiça, e igualmente condenável.

*"Quando o Cofre do Avarento estará bastante cheio?  
Quando ele cessará de empanturrar e abarrotar suas Bolsas?  
Todo o Dia ele **trabalha** e toda a Noite planeja,  
Precavendo-se como se tivesse cem Vidas"* (FRANKLIN, 1964, 29).

A vaidade associada ao trabalho também é condenada no "Almanaque", o que é coerente com a ética puritana.

*"Nosso jovem Pregador, vejam, deseja Fama;  
Desejoso para ganhar Almas? - Não, é para ganhar um Nome.  
Vejam suas Mãos exibidas, seu Corpo elevado;  
Com que Zelo ele **trabalha** - para ser exaltado.  
Tocado por cada Fraqueza que ele denuncia,  
Com Vaidade ele fala contra o Vaidoso;  
Com Ostentação guia a Humildade;  
Orgulhoso de suas Conclusões formadas para golpear o Orgulho"* (FRANKLIN, 1964, 115 e 116).

Trabalho no "Almanaque" expressa ainda as obras de Deus e o Seu trabalho como Criador:

*"A Velhice virá, a Doença pode vir antes...  
Então, formada na Alma, deixe a Virtude brilhar,  
A Terra eterna, como o **Trabalho divino**"* (FRANKLIN, 1964, 142).

No neopentecostalismo da Igreja Universal, o "trabalho" aparece mais referido a uma "ética institucional" da Igreja e não propriamente a uma "ética do trabalho" individual ou a alguma exortação ao trabalho individual, como ocorria no protestantismo originário. O trabalho institucional da Igreja, tanto através de suas várias sedes no Brasil ou em outros países quanto através de sua associação beneficente (ABC), é veiculado como forma de se legitimar seu "prestígio" como instituição religiosa e a autenticidade de sua "conexão" com Deus.

Na verdade, a lógica expansionista da Igreja de certo modo projeta, a nível institucional, os fundamentos, a obsessão que Weber percebe no "espírito do capitalismo" e na ascese vocacional do puritanismo a nível individual - há um permanente reinvestir no

crescimento da Igreja, um trabalho "inesgotável como princípio orientador", como vocação, o que também acaba espelhando uma simbiose entre religião e capitalismo. O trabalho institucional está imbuído de um sentido religioso, sagrado, de uma incontestável valorosidade, o que, portanto, aproxima o neopentecostalismo iurdiano do protestantismo puritano<sup>17</sup>.

*"Mas eu gostaria de mostrar agora alguma coisa da obra social, do trabalho da Igreja, o trabalho realizado, a distribuição de alimentos, pessoas sendo beneficiadas com alimentos"* (Bispo Alceu, Salvador, Programa Fala que eu te escuto, Rede Record, 18-05-98).

*"Um trabalho que hoje se estende a mais de 50 países em todos os continentes"...Esse carinho, com toda certeza, tem sido a base do trabalho da IURD no mundo inteiro e em países como a França, onde a presença dos imigrantes é uma realidade muito marcante, essa obra alcança uma importância fundamental"* (Narrador, Programa Fala que eu te escuto, Salvador, Rede Record, 18-05-98).

À disciplina eclesiástica do protestantismo puritano e calvinista importava não a salvação da alma dos condenados, que era assunto exclusivo de Deus, mas o aumento da Sua glória (WEBER, 1981, 171), o que minava os fundamentos da caridade como valor, tão central no catolicismo. Calvino negava, inclusive, o dever de enviar missões aos pagãos; uma vez que o zelo missionário repousava numa base integrada por várias confissões protestantes, o calvinismo como tal não foi co-autor de seus feitos<sup>18</sup> (WEBER, 1981, 171). O "Almanaque", por sua vez, estimula a prática da caridade, que aflora como uma ordem divina.

*"Proporcione sua Caridade para a Força de sua Propriedade, ou Deus proporcionará sua Propriedade para a Fraqueza de sua Caridade"* (FRANKLIN, 1964, 273).

O caráter assistencial da atuação da Igreja Universal, e de sua entidade filantrópica ABC, mais que uma possível ruptura com a teologia do protestantismo histórico, tanto de ascendência luterana, centrado na fé e não nas obras, quanto calvinista, centrado na glória de

<sup>17</sup> Não se pretende aqui desconsiderar que o enriquecimento foi uma "conseqüência não intencionada do trabalho puritano", como afirma Pierucci. Como esta pesquisa atém-se à análise da retórica do neopentecostalismo iurdiano, o efeito social do trabalho dos fiéis (se efetivamente prosperam, se mudam sua realidade cotidiana) não pôde ser analisado. Também não tivemos conhecimento ou acesso a pesquisas que fornecessem tais dados, ainda que seja veiculado por alguns estudiosos que os neopentecostais "continuam pobres".

<sup>18</sup> De acordo com Dunstan, o excedente de riqueza gerado pelo capitalista nos círculos calvinistas genebrinos devia ser utilizado para obras de utilidade pública e, especialmente, para fins de filantropia eclesiástica. Essa é a origem da prática dos milionários americanos, onde mesmo homens religiosamente indiferentes fazem doações

Deus<sup>19</sup>, poderia ser, talvez, melhor interpretado sob dois ângulos: como munção necessária na disputa por adeptos numa sociedade hegemonicamente católica, onde a caridade é, como já foi mencionado, um valor teológico central, e como um instrumento capaz de agregar os próprios indivíduos assistidos ao "corpo" de fiéis da Igreja, os quais passariam, por sua vez, a buscar a prosperidade, abdicando de sua condição de pobreza, inatividade ou decadência.

*"Existem dois aspectos fundamentais: o trabalho que se faz diretamente com o indivíduo, com todas as pessoas que, de uma maneira ou outra, chegam à Igreja cheias de problemas, recebem orientação espiritual e seguem suas vidas adiante. Outro aspecto fundamental é que o trabalho é feito para que cada uma destas pessoas consiga solucionar seus problemas individuais e comece a pensar em ser uma pessoa ativa dentro da sociedade. Ser uma pessoa ativa, uma pessoa participante, é uma questão de princípio, uma questão de honra para quem entrega o coração ao generoso amor de Nosso Senhor Jesus Cristo. Para concretizar essa vocação, a Igreja Universal da Colômbia criou há dois anos o Grupo da Fé: são centenas e centenas de voluntários que saem às ruas para pregar o evangelho, para divulgar a palavra de Jesus Cristo"* (Narrador, Especial Universal, Salvador e Florianópolis, Rede Record, 24-05-98).

Em nome do "trabalho para Deus" como meta absoluta (e altruísta) da Igreja, é veiculado o *marketing* do trabalho da própria Igreja, como se pode perceber pela pregação de Macedo:

*"Porque para isso eu trabalho, todo trabalho nosso é em função disso: para que você venha nascer de Deus, nascer do Espírito Santo, não de uma religião, não de uma filosofia, não de um pensamento, não, mas do próprio Deus, e você torna-se uma criatura de Deus e independente de quem quer que seja, apenas dependente de Deus. Chama-se a isso regeneração, regeneração, você é feita de novo, é realizada, é criada de novo, aí, sim, você se torna filho ou filha de Deus"* (Bispo Macedo, Programa Fala que eu te escuto, Salvador e Florianópolis, Rede Record, 21-05-98).

O trabalho no sentido laboral pode ser percebido, nos discursos iurdianos, tanto circunscrito ao âmbito meramente econômico, quanto impregnado de uma conotação religiosa. Contudo, por si mesmo, é descrito e representado como infrutífero, só se tornando conseqüente mediante as bênçãos de Deus, ou seja, mediante a sua sacralização, que é operada

---

de grande parte de suas fortunas para fins públicos (DUNSTAN, 1964, 128). Esse "espírito público" está fortemente presente em Franklin.

<sup>19</sup> Apesar da inutilidade das obras como meio de obtenção da salvação, elas eram indispensáveis, para o calvinismo, como sinal de escolha; eram os meios técnicos de libertação do medo da condenação (WEBER, 1981, 80). Para o catolicismo medieval, as boas obras não formavam um sistema integrado, permaneciam como atos isolados; ao calvinista, era exigido um autocontrole ativo diante da inexorável alternativa: escolhido ou condenado, uma santificação pelas obras, pelo trabalho, coordenada, segundo Weber, num sistema unitário.

quando o indivíduo se converte, se encontra com Deus. Muitas vezes, a falta dessa bênção deixa aberta a "janela" para que o demônio, o "espírito devorador", penetre. Weber aponta um elemento na ética puritana que parece indicar alguma analogia com esse pressuposto da Igreja Universal: ao tratar da divisão do trabalho, o puritanismo acentua que fora de uma vocação bem sucedida, de um ofício certo, as realizações do homem são apenas casuais e irregulares, e ele gasta mais tempo na vadiagem do que no trabalho (WEBER, 1981, 115)<sup>20</sup>. Nesse sentido, o caráter providencial (intervenção da Providência) da divisão do trabalho dá-se a conhecer, para o puritanismo, pelos seus resultados, por um trabalho ordenado.

*"Eu quero que você leve a carteira de trabalho, eu quero que você leve também o número do processo que você tem na justiça, você não sabe mais o que fazer. Agora a decisão é sua: ou você toma uma atitude de buscar a Deus, alcançar um milagre ou você vai continuar na situação em que você está. Deus não pode ajudar você, você ficando em casa de braços cruzados. Deus não pode mudar sua situação se você ficar esperando que a coisa aconteça por acontecer. Porque até quando você vai ficar em casa se lamentando, contando sua vida prá um, prá outro e nada muda? Só quando a pessoa toma uma decisão é que ela é abençoada"* (Pastor Jorge, Programa O despertar da fé, Salvador, Rede Record, 18-05-98).

*"Eu vendi tudo, o conjunto, vendi tudo o que eu tinha e agora eu só tô com o meu trabalho e o dinheiro tá multiplicando. O dinheiro multiplica agora, porque eu ... troquei de carro, faz um ano e meio que estou na igreja, troquei de carro 3 vezes, tô com o apolo 91, e, em nome de Jesus, final do ano eu vou trocar por um zero"* (Depoente Orivaldo, Programa Fala que eu te escuto, Florianópolis, Rede Record, 25-05-98).

A lógica discursiva dominante parece ser construída sobre o pressuposto de que só à prosperidade, à riqueza do cristão, mais especificamente do cristão iurdiano, são asseguradas garantias de preservação. Em outros termos, a riqueza (e a prosperidade) só se justifica, só se torna justa pela fé. Quem tiver fé progredirá, mas é preciso "tomar uma atitude", é preciso "se revoltar". Segundo Weber, era óbvio para os puritanos que se devia "ser religioso para tornar-se rico" (WEBER, 1981, 222).

O diálogo que se estabelece entre dois pastores no programa "Pare de sofrer" é bastante elucidativo da visão da Igreja Universal acerca do trabalho laboral, onde o econômico ou

<sup>20</sup> Weber utiliza os textos do teólogo presbiteriano Richard Baxter acerca da ética puritana, que iluminam muitos dos aspectos referentes ao trabalho, tempo, riqueza, etc. A ênfase do significado ascético de uma vocação fixa teria propiciado uma justificação ética para a moderna divisão do trabalho, da mesma forma que a interpretação providencial da probabilidade de lucros a teria propiciado para os homens de negócios (WEBER, 1981, 117).

utilitário está intrinsecamente imbuído do religioso, numa tonalidade um tanto mágica<sup>21</sup>, que não é característica do protestantismo originário, para o qual o trabalho sistemático, metódico, por si mesmo já expressava a obediência a Deus. Na retórica iurdiana, não se trata de estimular o indivíduo a um trabalhar obsessivo, mas à obediência, ao sacrifício da vontade, a uma rendição a Deus, conforme enfatiza Macedo (veremos mais adiante), que começa por buscá-lo na Igreja Universal. É a vinculação com Deus que possibilita ao trabalho dar frutos; caso contrário, ou se trabalha sem resultados ou o resultado é precário. Mais ainda, quem trabalha sem Deus acaba produzindo para a prosperidade de quem trabalha com Deus.

*"Graças a Deus nós voltamos, então, e estamos aqui na programação do Pare de sofrer. No livro de Eclesiastes, no cap. 12, versículo 24, preste atenção: nada há melhor para o homem do que comer, beber e fazer com que sua alma goze o bem do seu trabalho, no entanto, vi que isso também vem da mão de Deus, nada há melhor para o homem, e é o próprio Deus falando aqui"* (Pastor Isnarde, Programa Pare de sofrer, Salvador, Rede Record, 18-5-98).

*"Você que está assistindo a essa programação e há pessoas, pastor, que ela até trabalha, ela até luta, mas não tem tido resultado, ela não tem tido uma resposta do seu trabalho, da sua vida, mas quando a pessoa, ela busca esse Deus, ela busca esse dom, ela procura se voltar para Deus, então ela recebe isso: ter Deus. Ela passa a ter Deus, ela passa a gozar daquilo por que ela trabalha. Tantas pessoas... de repente, se você é um empresário, se você é um micro empresário, se você é uma pessoa que tem trabalhado, tem lutado, tem dado sua vida ao seu trabalho, tem dedicado sua vida para isso, mas nada tem acontecido, você não tem vencido nada porque falta Deus estar contigo, e você só pode vencer se você tiver a mão de Deus na sua vida, se você tiver esse Deus ao seu lado para que o seu trabalho, a sua vida venha a ser uma vida de vitória"* (Pastor Sidelvan, Programa Pare de sofrer, Salvador, Rede Record, 18-05-98).

---

<sup>21</sup> Em geral, os maiores expoentes das ciências sociais que analisam as relações entre religião e magia, como Durkheim, Marcel Mauss, Evans-Pritchard e James Frazer, afirmam a oposição entre ambas (CAMPOS, 1997, 41). Mas a corrente antropológica à qual pertence Maurice Godelier refuta essa oposição, admitindo que a religião existe sobre uma forma teórica (representação-explicação do mundo) e sob uma forma prática (ação mágica e ritual sobre o real). Para Weber, a religião se caracteriza pela submissão à divindade, enquanto a magia é uma coerção de Deus, embora a fronteira entre ambas seja fluida. A eliminação da magia seria uma decorrência natural do processo de racionalização do mundo (CAMPOS, 1997, 41). Para Campos, a magia é uma das possíveis chaves de interpretação do fenômeno neopentecostal, e os ritos, práticas e visão de mundo cultivados na IURD sugerem que as relações entre magia e religião são mais de continuidade e complementaridade que de exclusão (CAMPOS, 1997, 42). Para Pierucci, a tensão entre religião e magia é irreduzível, e a originalidade da tese mais madura de Weber está justamente em mostrar que o que desencanta o mundo é a religião, a religião ocidental, o judeu-cristianismo que tem sua conclusão lógica no protestantismo puritano (PIERUCCI, 1997, 257). Esse autor critica o argumento de alguns sociólogos da religião de que o que está ocorrendo no Brasil contemporâneo é reencantamento do mundo, e, além do mais, operado pelo pentecostalismo, e não desencantamento. Para ele, secularização é diferente de desencantamento; tem que ser vista como desenraizamento de indivíduos, dessacralização da cultura, libertação das amarras tradicionais.

*"É verdade, pastor, continua aqui, pois, separado de Deus, quem pode comer ou se alegrar? Tem muita gente que tem comido, mas não tem sido alegre. Aquela vida de mentira, aquela vida de, de perseguição, de angústia, ainda que você tenha tido, infelizmente, uma vida de mentira, talvez até com prosperidade, mas não a vida abençoada por Deus, diz mais ainda, porque, pastor Ramos, olha só, Deus dá sabedoria, conhecimento e prazer ao homem que lhe agrada, então Deus dá sabedoria, dá conhecimento e dá prazer. Prazer significa prosperidade, **trabalhar** pela sua empresa, ter seu dinheiro, ter comida, ter como se vestir, ter onde morar, como viver. Mas ao pecador, pastor Ramos, dá **trabalho** para que este ajunte, amontoe a fim de dar àquele que agrada a Deus... Olha, estamos cheios, este mundo tá cheio, a capital baiana está cheia de gente assim, que **trabalha, trabalha, trabalha**, luta, luta, luta, enfrenta patrão mal humorado, ignorante, estúpido, o ônibus cheio, enfrenta sol e chuva e não vai prá frente, pastor Ramos. É exatamente o que o senhor tá dizendo, pastor Ramos, é por não agradar a Deus" (Pastor Isnarde, Programa Pare de sofrer, Salvador, Rede Record, 18-5-98).*

*"Se você não agradar a Deus infelizmente o que vai restar prá você é só sofrimento. Você vai ficar feito escravo, vai ficar **trabalhando** a vida toda e infelizmente nunca vai ter nada, porque Deus, Ele dá prazer, Ele dá prosperidade, Ele abençoa aquela pessoa que lhe agrada, então se você quer tomar essa benção, você vai dar o primeiro passo de fé. Hoje mesmo você deve vir a uma Igreja Universal do Reino de Deus. Não perca tempo não, tem reunião às 7, às 10, ao meio-dia, às 3 da tarde e às 19 horas. Então hoje mesmo você já vai tomar esse passo de fé, de vir buscar a Deus, é o primeiro passo para agradá-lo e depois obedecer a sua palavra" (Pastor Sidelvan, Programa Pare de sofrer, Salvador, Rede Record, 18-05-98).*

O trabalho laboral não aparece nos discursos iurdianos nomeando relações de exploração ou de opressão dos homens entre si, nem traduzindo anseios mais profundos de auto-realização. O horizonte de aspirações parece repousar numa vida próspera, que implica saúde, alegria, paz, bens materiais. Deus está acima de qualquer objeção à dinâmica social, tudo n'Ele se consuma. No luteranismo e pietismo, o trabalho vocacional, como já mencionamos, é uma dívida de gratidão à graça de Deus, não sendo, portanto, do Seu agrado que seja realizado com relutância. Essa versão menos "drástica" harmoniza-se melhor com a versão do trabalho individual que aflora da retórica dos depoentes, pastores e da IURD em si, do sentido positivo que lhe é conferido numa sociedade onde o trabalho não é uma virtude pessoal.

*"Tenho minha casa, **trabalho**, hoje não preciso viver naquela tristeza que eu vivia" (Depoente Jeneci, Programa Falando de fé, Salvador, Rede Record, 23-05-98).*

O termo "trabalho" também assume o sentido de despacho, arranjo feito visando prejudicar alguém e que, via de regra, remete ao espiritismo afro-brasileiro, alvo privilegiado do maniqueísmo iurdiano, para o qual há uma guerra permanente entre Deus e o diabo.

*"Agora, meu pai, venha arrancar do mal, meu Deus, venha nesse instante, meu Deus, dissipar o mal, arrancar o mal pela raiz, todo mal de ordem espiritual, olho grande, inveja, os demônios que, com sua maldade, os demônios que, por causa do olho grande, atuando através de alguém, ó, Deus, foi feito o trabalho para derrubar esse empresário, para derrubar essa pessoa, a fim de que ela não continue mais com o trabalho que ela vinha fazendo, meu Deus, um demônio maldito que foi lançado na porta da loja"* (Pastor Isnarde, Programa Pare de sofrer, Salvador, Rede Record, 18-05-98).

Outro uso do termo "trabalho" na retórica da Igreja Universal expressa um sentido negativo: de ser um peso para a família, para os pais ou para alguém, ou na aceção de dificuldade.

*"Desde nova sempre dei muito trabalho aos meus pais com enfermidades. Sempre tive muitas enfermidades, muitas doenças, isso persistiu na minha adolescência"* (Depoente Carla, Programa O despertar da fé, Salvador, Rede Record, 18-05-98).

"Trabalho" refere-se também, ao trabalho de Deus, não só como Criador, mas o trabalho cotidiano, sobre cada indivíduo.

*"O meu trabalho, Senhor, é nada diante do trabalho que Tu fizeste na minha vida, do Teu trabalho que tens para comigo, tiveste e tens para me manter, Senhor..."* (Bispo Macedo, Programa Fala que eu te escuto, Salvador e Florianópolis, Rede Record, 24-05-98).

De acordo com a tabela 18, "trabalho" é, depois de "pobre", o termo que apresenta a maior distância entre a freqüência obtida e a esperada, contribuindo para manter elevado o valor do qui-quadrado e indicando uma pronunciada diferenciação entre o "Almanaque" e os discursos da IURD, sendo bem menos ressaltado no primeiro *corpus* e mais no segundo.

O termo "tempo", como já foi dito, em 2.º lugar nos dois grupos, apresenta-se no "Almanaque" no sentido climático: tempo chuvoso, tempo aberto; indicando período: terceiro período ou terceiro ano e no sentido da sucessão dos anos, dias, horas, intrinsecamente associado ao processo de trabalho e de acumulação, ao *ethos* capitalista configurado por

Weber.<sup>22</sup> O desperdício ou perda de tempo é obsessivamente condenado, o que adensa a frequência de tais expressões; tempo significa libras, pences, valor, lucro, dinheiro.

*"Aquele que gasta ociosamente o Valor de um groat<sup>23</sup> do seu Tempo por Dia, um Dia após o outro, desperdiça o Privilégio de usar cem libras a cada Dia"* (FRANKLIN, 1964, 46 e WEBER, 1981, 31).

*"Aquele que perde cinco xelins não perde apenas esta Soma, mas todo o Lucro que poderia ser obtido por revertê-la em Negociações, a qual, durante o tempo em que um Jovem torna-se velho, integraria uma considerável Soma de Dinheiro"* (FRANKLIN, 1964, 46 e WEBER, 1981, 31).

*"Tempo perdido nunca é encontrado novamente"* (FRANKLIN, 1964, 147).

*"Quem é pródigo com suas Horas é, com Efeito, um Esbanjador de Dinheiro... Tempo é dinheiro..."* (FRANKLIN, 1964, 192).

Na retórica televisiva da Igreja Universal, "tempo" também adquire o sentido de período, época, mas indica basicamente a sucessão dos anos, dos dias, muito evocada no relato de doenças, sofrimentos (tempo em que esteve hospitalizada, por ex.), na demarcação do processo de conversão do depoente e como medida da adesão do convertido à Igreja (frequenta há oito meses, por ex.). Na verdade, a IURD regula o tempo em ritmos programados racionalmente, refletindo a concepção urbana de tempo (CAMPOS, 1997, 142). Seus ritos, seus movimentos litúrgicos, permanentemente propagados ao longo dos programas, configuram, desse modo, uma cadência própria, mensurada em correntes, campanhas, e parecem propor, de acordo com Campos, uma recomposição dos tempos fragmentados pela modernidade.

A idéia de perda de tempo, veementemente combatida tanto pelo *ethos* capitalista, expresso de forma característica em Franklin, quanto pela ética puritana, para a qual a perda de tempo é o primeiro e o principal de todos os pecados, não aparece nos discursos iurdianos com semelhante carga valorativa. Sua coloração é mais persuasiva, mas também apela à urgência da resposta ao chamado, conclama a se buscar a Deus na Igreja Universal,

<sup>22</sup> Segundo Weber, estamos acostumados a encarar o tempo como característico do homem moderno que não tem tempo, mas não devemos esquecer que os primeiros a viverem por meio de uma cuidadosa medição do tempo foram os monges medievais, e que os sinos das igrejas foram imaginados principalmente para atender às suas necessidades (WEBER, 1981, 204).

<sup>23</sup> Pequena moeda no valor de quatro pence.

despertando no expectador uma certa tensão, que, a priori, só pode ser resolvida com a sua tomada de decisão.

*"Não perca tempo não, tem reunião às 7, às 10, ao meio-dia, às 3 da tarde e às 19 horas"* (Ver citação anterior: Pastor Sidelvan, Programa Pare de sofrer, Salvador, Rede Record, 18-05-98).

*"Nós não temos tempo de orar aqui na televisão, o tempo é muito curto e muita gente atendendo uma por uma, aí, fica difícil, mas na Igreja Universal oramos coletivamente com mais tempo, com mais intensidade e, com certeza, nesse local onde as pessoas se convertem, onde há uma união, nesse local Deus tem operado grandemente..."* (Pastor Isnarde, Programa Pare de sofrer, Salvador, Rede Record, 19-05-98).

No protestantismo puritano, de acordo com Weber, a utilidade de uma vocação, e o conseqüente aval de Deus, é orientada primeiramente por critérios morais e depois pela escala de importância dos bens produzidos para a coletividade, colocando-se, a seguir, um terceiro, e do ponto de vista prático, mais importante critério: a lucratividade individual do empreendimento. Quando Deus aponta para um de seus eleitos uma oportunidade de lucro, este deve aproveitá-la com um propósito - o de "ser rico" para Deus, não para a carne ou para o pecado (WEBER, 1981, 116). A riqueza se torna, assim, condenável só na medida em que constitui uma tentação para a vadiagem.

No "Almanaque", a riqueza é positivamente valorada se colocada a serviço de outros, ou do público, ou se resultar da virtude ou para ela, em suma, apresenta um forte conteúdo moral. Nos conselhos e sugestões para quem quer enriquecer, a tônica incide sobre a parcimônia, ou seja, uma vida regrada, de poupança, sem desperdício de tempo, sem gastos com luxo ou inutilidades, evitando-se as compras a crédito, às quais sempre se acresce a carga dos juros.

*"Ambição em ser maior e mais rico, um Homem pode simplesmente Ter em seu Poder para prestar mais Serviço a seus Amigos e ao Público, tal Poder pertence a uma Classe regularmente discreta: satisfeita se tem êxito, resignada se falha"* (FRANKLIN, 1964, 272).

*"Não venda virtude para comprar riqueza, nem Liberdade para comprar poder"* (FRANKLIN, 1964, 59).

*"A Arte de ficar Rico consiste muito na Parcimônia"* (FRANKLIN, 1964, 171).

Nos depoimentos, pregações e relatos televisivos da IURD enfocados nesta pesquisa, as expressões "rico" e "riqueza", que no "Almanaque" ocupam a 3.<sup>a</sup> posição na tabela 3 e na amostra iurdiana figuram em 21.<sup>o</sup> lugar, são empregadas para designar alguns substantivos coletivos e aspectos gerais, designativos de países desenvolvidos, como o Japão e os Estados Unidos, onde a Igreja já penetrou com o seu trabalho (povo rico, solo rico, toda essa riqueza, etc.), sendo raramente utilizadas para qualificar indivíduos específicos. A Igreja também se auto-refere com essa terminologia e adjetivação, incorporando ao seu discurso o indiscriminado acolhimento a todos aqueles que buscam o "Deus verdadeiro", sem gradações de qualquer natureza.

*"A Igreja Universal é isso, eu não sei, a cada dia eu vou descobrindo coisas maiores, e fico sempre sem poder dizer o que é a igreja, eu não posso definir porque a obra do Espírito Santo é realmente uma coisa fabulosa, então a Igreja Universal é um tesouro escondido, são as riquezas encobertas que Deus dá àquele que chama pelo nome d'Ele, é onde você encontra o Deus verdadeiro"* (Depoente Rodrigues, Programa Falando de fé, Salvador, Rede Record, 18-05-98). No vídeo aparece: "A Igreja Universal é o tesouro escondido, são as riquezas encobertas que Deus dá a quem chama pelo Seu nome".

*"Aqui não existem ricos ou pobres, humildes ou privilegiados, porque o amor de Cristo, o imenso amor de Cristo torna todos absolutamente iguais. Sim, cada um de nós é mais um filho querido desse Deus vivo e verdadeiro. E quando abrimos o coração para Ele, a sua imensa generosidade, a sua infinita misericórdia, estamos prontos para receber a cada momento dádivas sem fim"* (Narrador, Programa Falando de fé, Florianópolis, Rede Record, 25-05-98).

Numa sutil restrição ou, talvez, contradição a esse discurso igualitário, em que a Igreja conclama a todos na perspectiva de que queiram ser prósperos, de que queiram entregar-se à fé que preconiza, ela, ao mesmo tempo, diferencia o mundo dos "crentes iurdianos" não só do mundo dos "não-crentes", mas também dos "crentes não-iurdianos". A retórica nivela, mas a fé diferencia - "quem tiver fé prosperará".

Em estreita conexão com o valor atribuído ao trabalho, ao tempo, ao afastamento de todo gozo espontâneo da vida e à riqueza, a preguiça e a indolência assumem no puritanismo o status de pecados mortais, por terem um efeito cumulativo, destruidor da graça (WEBER, 1981, 207). A verdadeira objeção moral à riqueza refere-se ao descanso sobre a posse, ao gozo da riqueza, com sua conseqüência de ócio e sensualidade, à desistência da procura de uma vida santificada (WEBER, 1981, 112). Conseqüentemente, toda aquisição feita sob a égide de

uma vida posterior mais feliz e sem preocupações torna-se nefasta, ascetismo ao qual Franklin e o "Almanaque" não chegaram.

Com efeitos práticos similares, quase como uma operação cascata moralizante e disciplinadora, a conduta racional baseada na idéia de "vocação", que nasce do espírito dessa ascese - o *ethos* que emerge de Franklin e que adquire visibilidade no "Almanaque" -, consagrando a industriiosidade, a pontualidade, a prudência, a honestidade, a frugalidade, a poupança, a calculabilidade, é também uma apologia contra a preguiça, prescrição fundamental para o desenvolvimento capitalista que se configura.

*"Ociosidade e seus Deleites são no Fim mais pesados que o próprio Trabalho"* (FRANKLIN, 1964, 263).

*"Preguiça, por causar Doenças, encurta a Vida. Preguiça, como Ferrugem, consome mais rapidamente do que o Trabalho, enquanto a Chave usada sempre é brilhante, como o Pobre Richard diz. Mas tu que amas a Vida, não desperdice Tempo, do qual a Vida Material é feita, como o Pobre Richard diz. - Quão mais que o necessário gastamos em Sono! Esquecendo que A raposa dormente não pega nenhuma ave, e que haverá sono suficiente no Sepulcro, como o Pobre Richard diz. Se Tempo é de todas as Coisas a mais preciosa, desperdiçar Tempo deve ser, como o Pobre Richard diz, a maior Prodigalidade, desde que, como ele alhures nos fala, Tempo Perdido nunca é achado novamente; e o que nós chamamos Tempo suficiente sempre prova ser pouco suficiente... Preguiça faz todas as Coisas difíceis, mas Diligência tudo fácil, como o Pobre Richard diz; e Aquele que levantou tarde, deve trotar todo o Dia, e raramente colherá de seus Negócios à Noite" (FRANKLIN, 1964, 278)<sup>24</sup>.*

Nos programas iurdianos analisados, o termo "preguiça" quase não é utilizado, como se pode verificar na tabela 3 (44.º lugar), aparecendo, por exemplo, incorporado ao *marketing* e à propaganda da Igreja, que buscam persuadir as pessoas a procurarem um de seus espaços cúlticos, permanentemente divulgados no rodapé do vídeo. Todavia, esse forte traço do protestantismo originário, ainda que não erigido como uma sanção explícita no neopentecostalismo iurdiano, poderia ser traduzido de forma indireta, ou seja, a ênfase no trabalho permite-nos apreender o não-trabalho como um mal. Além do que, descansar na fé é uma permanente ameaça a se perder tudo.

*"Assim será com essa senhora que está nos assistindo, com esse senhor, com essa mãe que está nos assistindo, essas pessoas enfermas que deixem de preguiça, saiam de casa e vão à Igreja, pois os médicos e remédios não podem te curar dessa dor, o Senhor Jesus Cristo vai te arrancar e, quando a pessoa sai com essa determinação, vai até o Senhor Jesus, ela não*

<sup>24</sup> Os trechos grifados estão em itálico no texto original, indicando ditos e provérbios populares.

*irá, de forma alguma, se decepcionar"* (Pastor Cícero, Programa Falando de fé, Salvador, Rede Record, 19-05-98).

Tampouco as virtudes preconizadas pelo "Almanaque", como diligência (industriosidade), honestidade, pontualidade, etc., e que estão em estreita correspondência com a ética puritana do trabalho, são reforçadas pelo discurso iurdiano. A prosperidade, que, talvez, possa ser interpretada como uma forma de se falar do trabalho numa sociedade de consumo e que, no âmbito religioso do qual deriva e no qual se insere a Igreja Universal, pressupõe meios lícitos, decorre, como se pode apreender das citações já mencionadas, muito mais da obediência a Deus, de Sua presença na vida do indivíduo, também evocada pela presença do Espírito Santo ou pelo encontro com Jesus Cristo<sup>25</sup>.

A teologia da prosperidade, que se define a partir de um conjunto de crenças e afirmações surgidas nos Estados Unidos e que advoga ser legítimo ao crente buscar resultados, fortuna favorável, obter o favorecimento de Deus para a sua vida material, está na base de várias denominações, como a Igreja Universal, a Igreja Renascer em Cristo, Igreja Internacional da Graça de Deus, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra e outras (CAMPOS, 1997, 363).

A prosperidade é tema das reuniões de todas as segundas-feiras nos templos iurdianos, com o nome, conforme já anteriormente mencionado, de corrente da prosperidade ou da vida regalada ou dos empresários. Os anúncios televisivos dessas reuniões entrecortam toda a programação da noite e da madrugada precedente, e a tônica das pregações que os acompanham enfatiza que a prosperidade é um direito de todo cristão fiel, é o propósito de Deus na vida do homem (CAMPOS, 1997, 367).

Em algumas passagens, a prosperidade engloba todas as dimensões da vida humana: financeira, física, emocional e espiritual, noutras refere-se mais ao progresso na vida financeira ou ao consumo, aparecendo ainda diretamente associada ao dízimo, reforçando uma ordem social baseada na dádiva e na contra-dádiva, que, embora alvo de acusações da mídia de charlatanismo e exploração dos pobres, não é exclusividade da Igreja Universal (CAMPOS, 1997, 369).

---

<sup>25</sup> Tendo-se em conta que Deus é teologicamente representado no cristianismo como trindade: Pai, Filho e Espírito Santo.

Para conquistar uma vida em abundância, a prosperidade no sentido pleno, o fiel deve mergulhar na fé, deve *determinar*, para que o seu desejo seja transformado numa vontade divina, o que justifica a importância desse termo e de seus correlatos no discurso iurdiano.

*"Estaremos nesse espírito determinando, meu amigo, minha amiga, há prosperidade na sua vida, há paz, porque está escrito que o Senhor Jesus Cristo veio para nos dar vida com abundância, então, hoje, hoje, segunda-feira, você pode tomar posse dessa vida abundante; é só você, é só você tomar uma atitude de fé e de participar conosco da grande reunião da prosperidade"* (Pastor Amauri, Programa Fala que eu te escuto, Salvador, Rede Record, 18-05-98).

A idéia de que Deus garante, preserva a riqueza do que vive pela fé, conforme já explicitado, é reforçada pela propaganda da corrente dos empresários:

*"Esta palavra é para você, empresário que tem passado por sérios e graves problemas. Por mais que você faça sua empresa continua em queda, já foram à falência muitos dos seus amigos e por isso a incerteza e o medo estão tirando as suas forças e acabando com a sua paz. Chegou a hora do milagre. Participe da reunião dos empresários e veja o poder de Deus na sua vida, na sua empresa. Está escrito: entrega os teus caminhos ao Senhor, confia n'Ele e o mais Ele fará"* (Narrador, Programa falando de fé, Florianópolis, Rede Record, 25-05-98).

*"Atenção, atenção, você que se encontra nessa situação: cheque sem fundos nas mãos de agiota, contas atrasadas, com sua empresa falindo, pensando em suicídio, não perca, reunião dos empresários todas as segundas-feiras, às 19:00 horas, e sua vida vai mudar"* (Narrador, Programa O despertar da fé, Florianópolis, Rede Record, 25-05-98).

No "Almanaque", "prosperidade" e "prosperar" assumem um sentido mais restrito ao campo material, sempre submetido aos preceitos de uma vida modesta e alicerçada num permanente balanço. A riqueza é, às vezes, qualificada como empresarial, o que pressupõe sua fonte. Na ética puritana, a prosperidade sem ostentação é amplamente aprovada, indicando que as oportunidades divinas foram aproveitadas com êxito<sup>26</sup>. Portanto, nas duas vertentes protestantes (tendo em vista que nos mantivemos, no caso iurdiano, no campo da retórica), a prosperidade é enfatizada, representa um fruto da fé religiosa, resguardando-se as diferentes

<sup>26</sup> Weber afirma que a ascese condenava a ostentação dos novos ricos e tinha para o sóbrio "self-made man" da classe média (aqueles homens bons que venceram na vida por seu próprio esforço), que Franklin parece espelhar fielmente, toda a aprovação ética. Para os quacres, a prosperidade frequentemente representava o prêmio de uma vida santa, teologia retratada no livro bíblico de Jó. Foi da classe de pequenos capitalistas e de uma classe sem propriedades, às quais pertenciam os puritanos sectários: batistas, quacres, menonitas, etc., e não da classe dos grandes magnatas, monopolistas empreiteiros governamentais ou aventureiros financeiros, que surgiu o que

nuanças no que tange ao consumo, que não sofre restrições explícitas na teologia iurdiana. Essa homologia reflete-se, de alguma forma na tabela 18, da qual se pode inferir uma pequena diferença entre os valores obtidos e os esperados pelo teste, ou seja o "Almanaque", que está imbuído de uma coloração religiosa puritana, confere uma ênfase à prosperidade quase na mesma proporção que a ênfase presente nos discursos iurdianos.

*"Quando a Prosperidade estava bem montada, ela soltou a Rédea e logo caiu da Sela"* (FRANKLIN, 1964, 229).

Tanto no calvinismo e luteranismo quanto no pensamento liberal, manifesta-se uma oposição à riqueza excessiva. Se a propriedade era instituída pelo trabalho, este, por sua vez, impunha limitações à propriedade (WEFFORT, 1997, 85). O surgimento da moeda, de acordo com Locke, teria levado à distribuição desigual dos bens entre os seres humanos e à concentração da riqueza, impedindo outros de trabalharem. Nessa medida, a democracia liberal, em última instância, buscava assegurar a formação de uma classe média forte, o que reporta a uma certa consonância com as estratégias empresariais e comunicativas da Igreja Universal.

Há um valor positivo atribuído ao empresário e à atividade empresarial tanto no protestantismo originário, que interpretava tal atividade como vocação voltada para a glória de Deus (WEBER, 1981, 129), quanto no neopentecostalismo iurdiano, onde um dos sinais da bênção de Deus é visualizado na posse de um negócio ou empresa próprios, nessa "vitória" do fiel, na sua "conquista", palavras que adquirem forte peso no discurso televisivo.

*"É um grande sonho sendo realizado, é um sonho realmente, e há dois, três anos, não tinha capacidade. Essa empresa é obra do Espírito Santo. Há três ou quatro anos eu vivia encerrado num computador, era um programador, não tinha capacidade empresarial, capacidade administrativa, capacidade de negociador, não existia aquilo, não via as oportunidades. A empresa está sendo uma bênção"* (Depoente Juan, Programa Fala que eu te escuto, Salvador, Rede Record, 18-05-98).

No "Almanaque" as expressões "perda" (5.º lugar na tabela 3), "gasto" (15.º), "ganho" (11.º) e seus correlatos não estão circunscritas ao âmbito econômico, embora girem em torno dele; são adotadas num sentido geral: perder o crédito, a pontaria, o amigo, o cavalo, a honra,

---

passaria a caracterizar o capitalismo ocidental: a organização de classe média do trabalho industrial baseada na propriedade privada (WEBER, 1981, 117 e 221).

mas são recorrentes nos conselhos para enriquecer, que insistem no ganho máximo e no gasto mínimo. "Comprar", "pagar", "endividar" também compõem a pauta desse *ethos*, que refuta qualquer aquisição supérflua ou contração de dívidas.

*"Não despreze nem Perda trivial, nem Ganho trivial;  
Montículos, se freqüentemente somados, viram Montanhas;  
Pese cada pequeno Gasto e nada desperdice,  
Quantias ínfimas, economizadas por muito tempo, equivalem a Libras no final"*  
(FRANKLIN, 1964, 172).

*"Depois de cruzes e perdas, os homens tornam-se mais humildes e sábios"*  
(FRANKLIN, 1964, 49).

*"Mas, ah, pense no que você faz quando incorre em Dívidas: Você concede a outro Poder sobre sua Liberdade...Como diz o Pobre Richard, O Segundo Vício é mentir, o primeiro é incorrer em Dívidas"* (FRANKLIN, 1964, 283).

Nos depoimentos, narrações e pregações veiculados pela Igreja Universal, "perda" e "perder" (em 3.º lugar na tabela 3) são expressões-chaves, que parecem promover a transposição do mundo laico para o mundo sacralizado. É a perda do gosto pela vida, perda do crédito, de familiares, de amigos, da esperança, dos bens, de tudo, até não se ter mais nada a perder - é o fundo do poço, que será abordado mas adiante. São bastante recorrentes nos relatos as perdas materiais, perda do emprego, da empresa, só repostas pelo encontro com Jesus na IURD. A busca de Deus a partir de situações-limite parece um traço relevante na adesão das pessoas à Igreja Universal, diferenciando-a do protestantismo originário, onde a idéia de salvação como meta permanente dominava o horizonte religioso. Para alguns analistas, o grande objetivo da IURD são os resultados imediatos, o que pode ser deduzido não só das propagandas que veicula, mas também da retórica dos pastores e do próprio processo de fabulação que incorpora o fiel ou convertido (VIGNOLI, 1995, 44). No entanto, um viés mais "teológico", que pode até visar amortecer o tom das críticas, também emerge dos discursos:

*"Você só será salvo se você se sentir perdido, se você não se sentir perdido você não será salvo, porque Jesus só salva aqueles que se encontram perdidos, então está aí a razão porque muitas pessoas estão indo às igrejas, mas que não conquistam nada, porque estão buscando não a salvação, não o salvador, não o solucionador, mas estão buscando a solução, então, é justo que você busque a solução, mas, se você quer a solução de Deus, você tem que se encontrar com Ele, você tem que ter um encontro com Ele. Aí você tem o direito de que*

*necessita. Mas se você tenta buscar suas bênçãos e seu benefícios, então, sem buscar o encontro com Ele, sem procurar entregar a sua vida ou ofertar a sua vida, então você vai ficar correndo atrás do vento, é, não vai conseguir, não vai acontecer nada na sua vida. O segredo para o encontro com o Senhor Jesus é o desejo profundo que cada um deve ter no coração disso"* (Bispo Macedo, Programa Fala que eu te escuto, Salvador e Florianópolis, Rede Record, 21-05-98).

Os termos "pagar" (15.º lugar na tabela 3), "ganhar" (17.º), "gastar" (29.º), nos discursos iurdianos, reproduzem o cotidiano das contas de luz, aluguel, dívidas, os parâmetros avaliativos do ganhar bem ou pouco, os gastos com remédios, com doenças, com drogas, bebida, etc., passando por uma certa transfusão a partir do momento em que ocorre de fato a conversão do indivíduo, que subverte o salário, o desemprego, a miséria, as dívidas. A compra do carro novo, do apartamento, da casa própria, do celular são indicativos da prosperidade adquirida, do novo poder de compra, que demarca não apenas uma dessemelhança radical em relação à ética puritana, que impunha uma severa restrição ao consumo, mas também a mudança de paradigma que, a partir dos anos 40, 50, instaura a sociedade de consumo.

### Expressões da esfera familiar

A tabela 4 fornece-nos as expressões pertinentes à esfera familiar e sua frequência em ordem decrescente no "Almanaque" e nos programas televisivos da IURD, sendo que o cálculo do qui-quadrado, no valor de 1694,28, indica significativa diferenciação entre ambos, apesar da intensidade de 0,32 retratada pelo coeficiente de Cramér, conforme tabela 19 dos anexos.

**Tabela n.º 4- Quadro comparativo das expressões da vida familiar - Almanaque e IURD**

| Palavras-chaves |                       | Almanaque |      | Palavras-chaves |                       | Universal |      |
|-----------------|-----------------------|-----------|------|-----------------|-----------------------|-----------|------|
|                 |                       | n.º       | %    |                 |                       | n.º       | %    |
| 1º              | Homem, mulher         | 373       | 39,2 | 1º              | Amigo, amiga, amizade | 1243      | 15,0 |
| 2º              | Amigo, amiga, amizade | 165       | 17,4 | 2º              | Casa                  | 1198      | 14,4 |
| 3º              | Velhice, velho        | 99        | 10,4 | 3º              | Homem, mulher         | 950       | 11,4 |
| 4º              | Marido, esposa        | 94        | 9,9  | 4º              | Família               | 893       | 10,8 |
| 5º              | Pai, pais             | 54        | 5,7  | 5º              | Pai, pais             | 873       | 10,5 |
| 6º              | Filho, filha          | 34        | 3,6  | 6º              | Filho, filha          | 855       | 10,3 |
| 7º              | Criança, infância     | 29        | 3,0  | 7º              | Marido, esposa        | 547       | 6,6  |

|     |   |     |       |     |   |      |       |
|-----|---|-----|-------|-----|---|------|-------|
| 8º  | Casa                                      | 25  | 2,6   | 8º  | Mãe, mães                                 | 479  | 5,8   |
| 9º  | Família                                   | 21  | 2,2   | 9º  | Casamento, casal, casar(+),<br>matrimônio | 448  | 5,4   |
| 10º | Irmão, irmã, irmãos, irmãs                | 17  | 1,8   | 10º | Irmão, irmã, irmãos, irmãs                | 276  | 3,3   |
| 11º | Mãe, mães                                 | 14  | 1,5   | 11º | Criança, infância                         | 203  | 2,4   |
| 12º | Casamento, casal, casar(+),<br>matrimônio | 12  | 1,3   | 12º | Lar, lares                                | 129  | 1,6   |
| 13º | Lar, lares                                | 7   | 0,7   | 13º | Velhice, velho                            | 54   | 0,7   |
| 14º | Avô, avó                                  | 5   | 0,5   | 14º | Cunhado, cunhada                          | 29   | 0,3   |
| 15º | Tio, tia                                  | 2   | 0,2   | 15º | Neto, neta                                | 23   | 0,3   |
| 16º | Cunhado, cunhada                          | 0   | 0,0   | 16º | Avô, avó                                  | 21   | 0,3   |
| 17º | Neto, neta                                | 0   | 0,0   | 17º | Conjugual                                 | 20   | 0,2   |
| 18º | Conjugual                                 | 0   | 0,0   | 18º | Sogro, sogra                              | 20   | 0,2   |
| 19º | Sogro, sogra                              | 0   | 0,0   | 19º | Tio, tia                                  | 19   | 0,2   |
| 20º | Parente, parentes                         | 0   | 0,0   | 20º | Parente, parentes                         | 14   | 0,2   |
| 21º | Primo, prima                              | 0   | 0,0   | 21º | Primo, prima                              | 3    | 0,0   |
|     | Total                                     | 951 | 100,0 |     | Total                                     | 8297 | 100,0 |

O substantivo "homem" (1.º lugar na tabela 4) é empregado no "Almanaque" ora como designativo do ser humano em geral, ora de pessoas específicas, ora da condição masculina. Como termo de adágios, de máximas condizentes com o caráter prático e popular dessa publicação, fornece também indícios sobre as relações homem-mulher, marido-esposa e sobre as relações familiares em geral, exprime os preconceitos, o machismo, o "espaço" contido reservado à criança. Na tabela 19, "homem" é o termo que mais diferencia o "Almanaque" e os discursos iurdianos, pois a distância entre a sua frequência obtida e esperada é elevada, revelando a ênfase que lhe é conferida pelo primeiro *corpus*, em relação ao segundo.

*"Dinheiro e Homem, um espetáculo de Amizade mútua: Homem faz o Dinheiro falso, Dinheiro faz o Homem falso"* (FRANKLIN, 1964, 99).

*"...famoso reformador John Calvin, Um homem de mesma temperança e sobriedade que Lutero, e talvez ainda mais diligente"* (FRANKLIN, 1964, 163).

*"Boas esposas e boas plantações são feitas por bons maridos"* (FRANKLIN, 1964, 40).

*"Boas Mulheres são como Estrelas na Noite mais escura,  
Suas Ações Virtuosas brilhando como uma luz  
Para guiar seu Sexo ignorante, que muitas vezes cai em pecado,  
E caindo, muitas vezes torna-se diabólico"* (FRANKLIN, 1964, 15).

*"Ensine seu filho a segurar a língua, ele aprenderá rápido o suficiente para falar"* (FRANKLIN, 1964, 19).

O protestantismo originário estabeleceu os contornos da moral familiar e social, cuidou da educação, fundando nos Estados Unidos a maioria dos colégios existentes até a época de Franklin, nos séculos XVII e XVIII. Os cultos reuniam, via de regra, as famílias, com escolas dominicais para os filhos, e os valores religiosos eram, assim, repassados geração após geração. O "Almanaque" exprime em algumas passagens o "espírito" de união familiar, exortando os leitores a não trabalharem só para si mesmos, mas para tornar sua a felicidade de seus pais e irmãos (FRANKLIN, 1964, 286).

No contexto iurdiano, embora seja mencionada em muitos depoimentos a adesão posterior de outros membros da família ou a descoberta do valor da família através da IURD, a dimensão do sofrimento ou a agudez das situações que levam o indivíduo a procurar a ajuda espiritual da Igreja não lhe permita, talvez ainda, incorporar a seu processo os filhos ou a família numa perspectiva mais educadora<sup>27</sup>. A Igreja Universal procura não apenas reforçar a família (CAMPOS, 1997, 448), tendo reservado, em seus templos, as quintas-feiras para essa corrente específica, mas se auto-refere como uma grande família - a "família Universal"<sup>28</sup>. Entretanto, diferentemente das Igrejas protestantes tradicionais, o tratamento conferido à família, e que é o próprio objetivo da corrente da família, está centrado na premência de suas necessidades e desejos, nas contendas, filhos drogados, problemas no casamento, desunião e tantos outros.

*"Sim, todos concordam, é maravilhoso conhecer, e, principalmente, conviver com essa imensa e solidária família constituída pela Igreja Universal do Reino de Deus ao redor de todo o mundo"* (Narrador, Programa Fala que eu te escuto, Salvador e Florianópolis, Rede Record, 23-05-98).

Embora a Igreja consagre a mulher como obreira e, em alguns casos, pastora, articula, como em várias vertentes do protestantismo originário<sup>29</sup>, o discurso da submissão da mulher ao marido (CAMPOS, 1997, 443). Todavia, como afirma Campos, procura colocar a figura do Deus transcendente para apaziguar homens e mulheres, tanto que nos programas televisivos

---

<sup>27</sup> Já ocorrem em alguns templos a Escola Bíblica Infantil, nos moldes da escola dominical protestante ou do catecismo católico, porém, com menos formalismo e mais festividade (CAMPOS, 1997, 147). Segundo Folha Universal n.º 274, a EBI atua em aproximadamente 200 igrejas no Rio de Janeiro e em São Paulo.

<sup>28</sup> Terminologia presente também na Folha Universal n.º 274, página 3b.

<sup>29</sup> Um dos fundamentos tomados pelo protestantismo para justificar a submissão das mulheres a seus maridos é a Carta de Paulo aos efésios, contida na Bíblia. Ver Efésios, capítulo 5, versículos 22 a 24.

aparecem as expressões "homens e mulheres de Deus", designando particularmente seus pastores e obreiros.

O termo "irmão" (e irmã), tão corrente em muitas denominações protestantes, é usado de forma mais restrita nos programas iurdianos. Além de expressar os laços consangüíneos, integra-se a algumas letras de músicas e também aparece referindo-se aos "irmãos necessitados" do Nordeste, vítimas da seca recorrentemente socorridas através da atuação filantrópica da ABC.

Expressões como "velho", "filho", "pai" são também empregadas no "Almanaque" em sentido metafórico ou remetendo-se não propriamente a pessoas, mas a objetos, virtudes ou vícios. No neopentecostalismo televisivo iurdiano, cujo objetivo primordial é comunicar mensagens religiosas, os ditos populares, piadas, expressões da linguagem popular onde se alojam preconceitos culturais, raciais ou de gênero não aparecem veiculados. A palavra "pai", largamente evocada na comunicação com Deus no discurso iurdiano, é raramente usada no "Almanaque" com essa conotação.

*"Virtude e Felicidade são Mãe e Filha"* (FRANKLIN, 1964, 132).

*"Desconfiança e cautela são os pais da segurança"* (FRANKLIN, 1964, 8).

A velhice é colocada com um sentido positivo no "Almanaque" (3.º lugar), devendo ser assegurada utilitariamente pela laboriosidade e frugalidade cultivadas ao longo da vida, tanto que, na tabela 19, observa-se que a palavra "velhice" é bem mais enfatizada no "Almanaque" do que nos discursos iurdianos, contribuindo para aumentar a diferença entre os dois grupos amostrais.

Nos discursos iurdianos, a velhice (13.º lugar) e um futuro tranqüilo só podem ser garantidos mediante uma fé bíblica; as referências à terminologia "velho" são pouco pertinentes ao homem ou mulher idosos, designam mais o "irmão mais velho", o "filho mais velho", o que parece corresponder ao significado do tempo nesse neopentecostalismo, à premência das conversões, que, por decorrerem de tantas situações-limite, tendem a reforçar o presente, o momento, sem desconsiderar aqui que a linguagem e seu significado situam-se no tempo e na cultura. A IURD advoga o direito a uma vida terrena de alegria, paz e prosperidade, o que tende a ofuscar as preocupações com o dia de amanhã e também rompe

com a visão kardecista de que o mundo terreno é o lugar de sofrimento (CAMPOS, 1997, 375).

Coincidentemente, como se pode perceber pela sua frequência na tabela 4 (2.<sup>a</sup> posição no "Almanaque" e 1.<sup>a</sup> na Universal), a forma "amigo" que o Pobre Richard utiliza para se dirigir ao leitor, visando, por certo, obter a sua confiança, é a mesma que os pastores e bispos utilizam para se dirigirem aos telespectadores - amigo, amiga -, possivelmente, com o intuito de angariar sua confiança e preferência num amplo mercado de bens simbólicos.

No "Almanaque", enquanto, por um lado, se valoriza positivamente a amizade, paradoxalmente por outro, os provérbios referentes ao amigo e ao inimigo manifestam-se eivados de cautela, de risco, da iminente traição que pode reverter a amizade em inimizade, e cujo móvel, como parece típico às relações pequeno-burguesas, são os interesses econômicos. Assim, o "verdadeiro amigo como a melhor posse" (FRANKLIN, 1964, 119) não parece corresponder ao "verdadeiro amigo" aristotélico, invulnerável à calúnia e ao utilitarismo (ARISTÓTELES, 1979, 183).

Na literatura puritana também são recorrentes as advertências contra qualquer confiança na ajuda da amizade dos homens; só Deus podia ser o confidente, só a Ele a confiança (WEBER, 1981, 73). Manifesta-se, assim, uma consonância entre essa ética e a desconfiança burguesa estampada no "Almanaque". Na Igreja Universal, embora não se formule uma bula prescritiva contra a amizade, a infidelidade dos amigos é contraposta à absoluta fidelidade de Deus.

*"Olhe para seus amigos e veja o que eles podem fazer por você, olhe para seus amigos e veja o que eles fizeram até hoje por você. Talvez se você hoje está na sarjeta, na dependência, você nem amigo tem; antes você era carregado, rodeado de amigos. Resolva agora, levante-se, levante, venha buscar esse Deus vivo, porque, com certeza, Ele quer abençoar a sua vida"* (Pastor Isnarde, Programa Pare de sofrer, Salvador, Rede Record, 18-05-98).

A estratégia uniformizadora de nomear o ouvinte de "meu amigo", "minha amiga" evoca a ambigüidade do "brasileiro cordial" de Holanda - traço inerente ao personalismo já assinalado -, sugerindo a pretensão de intimidade, de confiança, num universo religioso dificilmente afeito à construção de uma comunidade de pessoas muito próximas. No âmbito dessa tradição de "cordialidade", o brasileiro parece incapaz de lidar com a coerção social sempre que ela implica ir além das escalas afetivas do valor, escalas, por sua vez, polarizadas

pelo grupo doméstico - familismo social<sup>30</sup> (MATOS, 1993, 139). Essa constatação recoloca-nos diante do já referido parâmetro familista que a IURD adota como auto-imagem.

### Expressões da esfera religiosa

A tabela 5 aponta-nos as expressões da esfera religiosa extraídas do "Almanaque" e dos discursos televisivos da Igreja Universal e, na tabela 20 dos anexos, o valor do qui-quadrado - 3962,73 - exprime a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos, embora o coeficiente de Cramér seja de 0,28.

Tabela n.º 5- Quadro comparativo das expressões da vida religiosa - Almanaque e IURD

| Palavras-chaves |                                       | Almanaque |      | Palavras-chaves |                                       | Universal |      |
|-----------------|---------------------------------------|-----------|------|-----------------|---------------------------------------|-----------|------|
|                 |                                       | n.º       | %    |                 |                                       | n.º       | %    |
| 1º              | Vida                                  | 98        | 14,1 | 1º              | Deus, Criador                         | 5315      | 16,6 |
| 2º              | Verdade, verdadeiro                   | 74        | 10,6 | 2º              | Vida                                  | 3785      | 11,8 |
| 3º              | Deus, Criador                         | 63        | 9,1  | 3º              | Jesus, Cristo, Jesus Cristo           | 2071      | 6,5  |
| 4º              | Graça                                 | 42        | 6,0  | 4º              | Oração, orar(+)                       | 1368      | 4,3  |
| 5º              | Céu, inferno                          | 38        | 5,5  | 5º              | Igreja                                | 1289      | 4,0  |
| 6º              | Virtude, virtuoso                     | 30        | 4,3  | 6º              | Igreja Universal do Reino de Deus     | 1225      | 3,8  |
| 7º              | Bênção, abençoar(+)                   | 28        | 4,0  | 7º              | Fé                                    | 1097      | 3,4  |
| 8º              | Momento, momentos                     | 28        | 4,0  | 8º              | Pastor, pastora                       | 1076      | 3,4  |
| 9º              | Amor                                  | 24        | 3,5  | 9º              | Bênção, abençoar(+)                   | 1034      | 3,2  |
| 10º             | Ovelha, ovelhas, rebanho              | 23        | 3,3  | 10º             | Amor                                  | 1015      | 3,2  |
| 11º             | Paz                                   | 23        | 3,3  | 11º             | Mudar(+), mudança                     | 1008      | 3,1  |
| 12º             | Mudar(+), mudança                     | 22        | 3,2  | 12º             | Milagre                               | 761       | 2,4  |
| 13º             | Pai, pai celestial                    | 21        | 3,0  | 13º             | Espírito, espiritual, vida espiritual | 736       | 2,3  |
| 14º             | Religião, religioso                   | 20        | 2,9  | 14º             | Encontro, encontrar(+)                | 728       | 2,3  |
| 15º             | Obediência, obedecer(+)               | 18        | 2,6  | 15º             | Pai, pai celestial                    | 667       | 2,1  |
| 16º             | Pecado, pecador, pecar(+)             | 17        | 2,4  | 16º             | Graça                                 | 643       | 2,0  |
| 17º             | Fé                                    | 15        | 2,2  | 17º             | Transformar(+), transformação         | 643       | 2,0  |
| 18º             | Espírito, espiritual, vida espiritual | 13        | 1,9  | 18º             | Momento, momentos                     | 629       | 2,0  |
| 19º             | Oração, orar(+)                       | 13        | 1,9  | 19º             | Reino                                 | 626       | 2,0  |
| 20º             | Igreja                                | 11        | 1,6  | 20º             | Bispo                                 | 591       | 1,8  |
| 21º             | Encontro, encontrar(+)                | 10        | 1,4  | 21º             | Verdade, verdadeiro                   | 549       | 1,7  |
| 22º             | Demônio, Satanás, Diabo, Demônios     | 8         | 1,2  | 22º             | Participar(+), participação           | 456       | 1,4  |

<sup>30</sup> Os laços paternalistas estabelecidos entre os membros dessa sociedade e os líderes populistas confirmariam o prolongamento dessa tradição. Entretanto, conforme pretende mostrar Holanda, a mentalidade do homem cordial tende a se tornar um anacronismo crescente em face dos novos dados da urbanização e da industrialização do país (MATOS, 1993, 139). Curiosamente, o pronunciamento em cadeia nacional, feito dia 12-04-98 pelo presidente da república Fernando Henrique Cardoso, visando a adesão popular às diretivas governamentais, teve início com as expressões de tratamento "meus amigos", "minhas amigas", dentro de um quadro nacional político e econômico profundamente delicado.

|     |   |     |       |       |   |       |       |
|-----|---|-----|-------|-------|---|-------|-------|
| 23º | Perdão, perdoar(+)                      | 8   | 1,2   | 23º   | Libertar(+), libertação                 | 431   | 1,3   |
| 24º | Padre, sacerdote, clero                 | 6   | 0,9   | 24º   | Corrente, correntes                     | 407   | 1,3   |
| 25º | Pastor, pastora                         | 5   | 0,7   | 25º   | Bíblia, palavra de: Deus, Senhor, Jesus | 403   | 1,3   |
| 26º | Transformar(+), transformação           | 5   | 0,7   | 26º   | Religião, religioso                     | 382   | 1,2   |
| 27º | Vitória, vitorioso                      | 5   | 0,7   | 27º   | Espírito Santo                          | 353   | 1,1   |
| 28º | Catolicismo, católico                   | 4   | 0,6   | 28º   | Paz                                     | 304   | 0,9   |
| 29º | Jesus, Cristo, Jesus Cristo             | 4   | 0,6   | 29º   | Certeza                                 | 290   | 0,9   |
| 30º | Bíblia, palavra de: Deus, Senhor, Jesus | 2   | 0,3   | 30º   | Testemunho, depoimento                  | 286   | 0,9   |
| 31º | Certeza                                 | 2   | 0,3   | 31º   | Vitória, vitorioso                      | 239   | 0,7   |
| 32º | Consagração, consagrar(+)               | 2   | 0,3   | 32º   | Demônio, Satanás, Diabo, Demônios       | 227   | 0,7   |
| 33º | Corrente, correntes                     | 2   | 0,3   | 33º   | Céu, inferno                            | 171   | 0,5   |
| 34º | Crença, crente, crer(+)                 | 2   | 0,3   | 34º   | Catolicismo, católico                   | 157   | 0,5   |
| 35º | Salvação                                | 2   | 0,3   | 35º   | Crença, crente, crer(+)                 | 150   | 0,5   |
| 36º | Evangelho, evangelizar(+)               | 1   | 0,1   | 36º   | Catedral                                | 122   | 0,4   |
| 37º | Libertar(+), libertação                 | 1   | 0,1   | 37º   | Espiritismo, espírita, kardecismo       | 110   | 0,3   |
| 38º | Milagre                                 | 1   | 0,1   | 38º   | Pecado, pecador, pecar(+)               | 108   | 0,3   |
| 39º | Papa, Vaticano                          | 1   | 0,1   | 39º   | Evangelismo, evangélico                 | 86    | 0,3   |
| 40º | Participar(+), participação             | 1   | 0,1   | 40º   | Evangelho, evangelizar(+)               | 83    | 0,3   |
| 41º | Reino                                   | 1   | 0,1   | 41º   | Macumba, despacho, terreiro             | 82    | 0,3   |
| 42º | Testemunho, depoimento                  | 1   | 0,1   | 42º   | Salvação                                | 76    | 0,2   |
| 43º | Povo de Deus                            | 0   | 0,0   | 43º   | Dízimo, dizimista                       | 76    | 0,2   |
| 44º | Bispo                                   | 0   | 0,0   | 44º   | Perdão, perdoar(+)                      | 51    | 0,2   |
| 45º | Catedral                                | 0   | 0,0   | 45º   | Obediência, obedecer(+)                 | 41    | 0,1   |
| 46º | Dízimo, dizimista                       | 0   | 0,0   | 46º   | Consagração, consagrar(+)               | 41    | 0,1   |
| 47º | Espiritismo, espírita, kardecismo       | 0   | 0,0   | 47º   | Umbanda, umbandista, candomblé          | 27    | 0,1   |
| 48º | Espírito Santo                          | 0   | 0,0   | 48º   | Próximo                                 | 25    | 0,1   |
| 49º | Evangelismo, evangélico                 | 0   | 0,0   | 49º   | Povo de Deus                            | 20    | 0,1   |
| 50º | Igreja Universal do Reino de Deus       | 0   | 0,0   | 50º   | Ovelha, ovelhas, rebanho                | 14    | 0,0   |
| 51º | Inquisição                              | 0   | 0,0   | 51º   | Padre, sacerdote, clero                 | 9     | 0,0   |
| 52º | Macumba, despacho, terreiro             | 0   | 0,0   | 52º   | Virtude, virtuoso                       | 2     | 0,0   |
| 53º | Próximo                                 | 0   | 0,0   | 53    | Inquisição                              | 1     | 0,0   |
| 54º | Umbanda, umbandista, candomblé          | 0   | 0,0   | 54    | Papa, Vaticano                          | 0     | 0,0   |
|     | Total                                   | 695 | 100,0 | Total |   | 32086 | 100,0 |

Da mesma forma como se pôde perceber nas tabelas anteriores, a compenetração entre as esferas, aqui também se torna visível a imbricação do religioso no discurso econômico do "Almanaque", pautado numa espécie de humanismo divinizado<sup>31</sup>. Deus, expressão mais freqüente no neopentecostalismo iurdiano, como seria previsível num discurso religioso, é também representativo no "Almanaque" (3.º lugar na tabela 5), mas, da tabela 20, nos anexos,

<sup>31</sup> Weber, ao afirmar a origem ascética da conduta racional baseada na idéia de vocação, acrescenta que, no tempo de Franklin, essa fundamentação religiosa já havia desaparecido (WEBER, 1981, 130). Tal conduta teria sido secularizada como virtude, mas aparece no "Almanaque" imbuída de uma conformação religiosa.

infere-se que o termo "Deus" é o que mais contribui para a diferenciação entre os dois *corpus*, espelhando, assim, maior ênfase nos discursos iurdianos do que no "Almanaque".

No "Almanaque", Deus ou o Criador abençoa a vida, age, trabalha, cura, mas sua ação acontece no fluxo da vida e requer de nós o exercício contínuo da virtude, do trabalho, das atividades seculares. Essa valorização da vida secular como dever pessoal manifesta-se no calvinismo, sendo, segundo Weber, inconcebível para o catolicismo medieval e mesmo para o luteranismo, para o qual importa a fé e não as obras; retomando o eco de Kant, "ser feliz" deve ser algo merecido, muito embora a ação humana não deva ser orientada para a felicidade como um fim.

*"É observável que Deus tem freqüentemente chamado os Homens para Lugares de Dignidade e Honra, quando eles estão ocupados no Desempenho honesto da sua Vocação. Saul estava buscando os Asnos de seu Pai, e Davi cuidando das Ovelhas de seu Pai quando foram chamados para o Reino"* (FRANKLIN, 1964, 253).

*"A Deus nós devemos temor e amor; a nossos vizinhos justiça e caridade; a nós mesmos prudência e sobriedade"* (FRANKLIN, 1964, 126).

*"Onde com a regra de Cristo não concordarão nossas vidas,  
Nós a dobramos como uma Regra de Chumbo, digo eu;  
Fazendo com que ela concorde com o que nós somos"* (FRANKLIN, 1964, 57).

*"Esta doutrina, meus Amigos, é Razão e Sabedoria; mas depois de tudo, não dependa demais de sua própria Industriosidade, Frugalidade e Prudência, embora excelentes Coisas, pois elas podem ser todas arruinadas sem a Bênção do Céu; e por essa razão, peça essa Bênção humildemente, e não seja severo com aqueles que no presente parecem necessitar dela, mas conforte-os e ajude-os. Lembre-se de que Jó sofreu e depois foi próspero"* (FRANKLIN, 1964, 284).

A atribuição exclusiva a Deus do poder e da glória é um traço dominante do calvinismo e do puritanismo; o Deus de Calvino é essencialmente vontade e majestade (DUMONT, 1985,64). Mas Calvino sustentava a doutrina da predestinação, e o seu Deus, até certo ponto, aproxima-se do Deus dos místicos: incognoscível, terrificante, um Deus que se deve temer (BOISSET, 1971, 62). Na teologia e na retórica iurdiana, como já exposto anteriormente, a felicidade só pode fluir da "companhia" de Deus, o que mantém a Sua soberania como "princípio teológico", mas os desígnios de Deus são claros, e todos podem ter acesso à Sua graça pela fé. Se essa perspectiva sinalizaria um afastamento do neopentecostalismo iurdiano da ética puritana e uma proximidade ao princípio luterano da

justificação pela fé, valeria também ponderar a possibilidade de uma aclimação do neopentecostalismo iurdiano a um universo majoritariamente católico e a um tempo histórico dificilmente afeito a comportar a doutrina da predestinação (embora ela permaneça atual em muitos círculos protestantes).

*"O trabalho incansável da Igreja vem provando há mais de vinte anos que a libertação, a cura, a salvação estão ao alcance de todos de maneira clara e simples, bastando apenas que tenhamos o coração aberto, pronto para receber Jesus Cristo e que entreguemos o nosso espírito sem reservas ao maravilhoso amor que o Todo Poderoso dedica a cada um de seus filhos, a cada um de nós. E para que as tão cobiçadas bênçãos divinas possam ser conquistadas, é necessário apenas ter fé, muita fé na palavra e na obra de Deus"* (Narrador, Programa Fala que eu te escuto, Salvador, Rede Record, 20-05-98).

Deus é proclamado pela IURD como santo, eterno, poderoso, vivo, que liberta, que cura, que dá vida, Pai<sup>32</sup>, Senhor. Qualquer possibilidade de vida abundante, próspera, com saúde, depende da intervenção d'Ele, mediante a entrega e a obediência do indivíduo. A obediência, remetida tanto a Deus quanto aos profetas ou "homens de Deus" constitui um imperativo forte, embora sua recorrência não seja quantitativamente tão substancial<sup>33</sup>, conforme se observa na tabela 5.

A Igreja Anglicana manteve uma organização eclesiástica composta por bispos, padres e diáconos, mas o protestantismo em geral abolia essas hierarquias, rompia com a autoridade eclesial. Para Lutero, que pregava o sacerdócio de todos os crentes e abominava a mediação entre os homens e Deus, havia necessidade de ministros da palavra, não de sacerdotes (WILGES, 1996, 84). A IURD, entretanto, repõe essa autoridade na figura de seus bispos, pastores e obreiros. Aos pastores, que se intitulam homens de Deus, é exigida obediência absoluta; sua palavra e diretriz são acatadas sem reservas (CAMPOS, 1997, 105). Além do que, se a hierarquia é resguardada, a instituição pode ter maiores chances de subsistir enquanto tal, de se manter unitária, haja visto o modelo da Igreja Católica.

Essa forma de exercício do poder eclesiástico, aliada ao estado-limite em que, muitas vezes, se encontram os fiéis que acorrem aos templos iurdianos, parece reforçar nesses fiéis uma postura muito pouco crítica, como diria Campos, em relação às autoridades que os dirigem, muito embora entrevistas analisadas, por exemplo, por Freston, revelem uma

<sup>32</sup> A palavra "Pai" que aparece na tabela 5 refere-se a Deus e também ao pai de família.

<sup>33</sup> Vale a pena recorrer novamente a Holanda, ao enfatizar que, em função da autarquia do indivíduo e da exaltação extrema da personalidade, paixão que não tolera compromissos, não pareça estranhável que a

filtragem das recomendações e apelos da IURD por parte de seus fiéis (FREESTON, 1996, 150). Em geral, os membros comuns da Igreja adotam as críticas e acusações de toda a natureza, que são dirigidas a Macedo: charlatanismo, estelionato, curandeirismo, envolvimento com narcotráfico, como perseguição e falsidade, o que eleva o potencial de adesão à causa da Igreja.

*"Crede no Senhor, vosso Deus, e estareis seguros; crede nos seus profetas e prosperareis. Quero que você leia junto comigo II Crônicas, capítulo 20, versículo 20....Ela obedeceu ao homem de Deus, com a direção do Espírito Santo. O pastor Daniel está também aqui conosco. O senhor veja, pastor Daniel, que essa mulher, por obedecer, ela foi abençoada, ela prosperou"* (Pastor Jorge, Programa O despertar da fé, Salvador, Rede Record, 18-05-98).

Outro aspecto a se considerar é que, como a própria terminologia "Universal" sugere, a IURD não deixa de ser, parodiando Campos, a expressão religiosa de um mercado que pretende se totalizar e dominar, inclusive, o campo religioso, tendo-se indícios dessa postura, até mesmo, na elevada recorrência (6º lugar) à "Igreja Universal" na retórica televisiva, conforme se verifica na tabela 5. A intensidade dessa propaganda fica maximizada quando se soma, ao cômputo dessa expressão, o termo "Igreja", que figura na mesma tabela em 5º lugar. Embora esse termo seja empregado de forma genérica e se refira às igrejas em geral, evocadas pelos emissores das mensagens, ela também designa, na maioria dos casos, a Igreja Universal.

Segundo Campos, ao pastor iurdiano é dado apenas o carisma de função, reservando-se a Macedo o direito ao carisma pessoal<sup>34</sup>, e ele deve, com sua instrumentalidade em produzir os bens simbólicos demandados, confirmar ao longo do culto ou do "espetáculo televisivo" o atributo que lhe é conferido como homem de Deus, demonstrando experimentar as sensações que passa para o público. Nos programas, geralmente os pastores se apresentam de terno (o que, talvez, queira sugerir resolutividade em sua vida financeira), desprovidos de sotaque,

---

obediência tenha sido o único princípio político verdadeiramente forte entre os povos ibéricos; a vontade de mandar e a disposição para obedecer ordens são-lhes igualmente peculiares (HOLANDA, 1963, 13 e 14).

<sup>34</sup> Diferentemente do culto-espetáculo da igreja eletrônica de origem norte-americana, que se caracteriza pela personalização do pastor-ator, astro principal cuja ascensão ou queda leva consigo toda a equipe de produção (CAMPOS, 1997, 98). Sobre a formação dos pastores iurdianos, seu papel mediador nos cultos, etc., embora assuntos fundamentais, não nos cabe atermo-nos aqui, em função de limites de tempo e prioridades da investigação. Consultar Campos, 1997. O Instituto Bíblico Universal é que tem sido a entidade formadora dos pastores iurdianos; o curso é por convite, não tem duração fixa e frisa aspectos práticos (FREESTON, 1996, 142). Também seriam importantes estudos sobre sua inserção social, origem de classe, etc.

salvo raríssimas exceções observadas, o que parece coerente com a perspectiva universalizadora do discurso da IURD.

No "Almanaque", o termo "momento" (8.<sup>a</sup> posição na tabela 5) é usado num contexto laico, como o pertinente à ciência da astronomia, mas também sobre ele recai a advertência da transitoriedade, da parcimônia, o risco das extravagâncias do momento comprometerem o futuro e o avanço da idade. No discurso iurdiano, o momento (18.<sup>a</sup> posição), muito distante da obstinação puritana em torno da idéia da graça e da salvação futura, é o retrato de uma religiosidade que não cultiva a memória. Momento de conversão, conversão em um momento. Vale a dimensão presente, como na televisão, onde as emoções marcantes de um dia, de um instante, rapidamente são esvaecidas por outras. Nesse ambiente de mobilização contínua, onde se alternam "campanhas" e "dias especiais"<sup>35</sup>, ocorre também um permanente rodízio de pastores, em que os feitos do novo pastor obliteram qualquer ligação emocional ou espiritual que o fiel tenha tecido com o seu antecessor<sup>36</sup>.

*"Os bispos e os pastores da Igreja sempre mudam, essa é uma norma da Igreja, para ninguém se apegar ao homem mas sim a Deus"* (Bispo Alceu, Programa Fala que eu te escuto, Salvador, Rede Record, 18-05-98).

No protestantismo originário, a conversão é um processo lento, que se desenvolve no tempo; na IURD, embora algumas pregações e depoimentos afirmem a "persistência" para se chegar à vitória, a nota dominante é a idéia do "súbito", da rapidez, que está também, em grande medida, na raiz do pentecostalismo - a conversão pelo Espírito Santo, cujas origens remontam ao metodismo, contemporâneo da Revolução Industrial e do avivamento religioso que fermentou em meio à pobreza e exploração do trabalho que se disseminou pela Europa.

<sup>35</sup> Campanhas na IURD são atividades sazonais realizadas conforme as exigências e circunstâncias, adaptadas às condições locais de aplicação; duram vários dias, até uma semana (CAMPOS, 1997, 145). Nos programas aqui analisados foi muito citada a participação dos depoentes na campanha de Israel e na campanha SOS nordeste. As dramatizações são elementos importantes nessas campanhas de fé, propiciadas, por exemplo, pelo uso de objetos representativos do imaginário religioso cristão, como cornetas rememorando Josué à frente da batalha para a conquista de Canaã (CAMPOS, 1997, 149). A campanha de Israel faz a ligação simbólica com o espaço idealizado de Israel, através de objetos como água, pedra, sal, óleo, trazidos pelas caravanas de fiéis e pastores que lá vão, e através da conexão mítica dos lugares sagrados, como o Monte Sinai, o Rio Jordão, etc., com o espaço sagrado dos fiéis nos templos (CAMPOS, 1997, 128). Estipula-se a "concordância" das orações na Igreja com o horário em que bispos e pastores estarão orando no Monte Sinai, por exemplo às 18 horas na Bahia. A própria IURD possui uma empresa turística - a New Tur - que promove excursões para Israel.

<sup>36</sup> Os dados aqui obtidos não nos informam acerca da procedência dos pastores, se são nativos da Bahia ou de Santa Catarina ou se procedem de outras regiões. É prática da Igreja Católica não deixar numa comunidade um padre procedente dela; há a idéia do "enviado", do maior poder atribuído a quem vem de fora.

A idéia de "corrente", que soaria muitíssimo estranha ao universo do protestantismo originário, tão marcado pela adesão solitária e individual à Igreja e pela supremacia da vontade, embora não seja quantitativamente tão expressiva, conforme tabela 5 (33.º lugar no "Almanaque e 24.º na IURD), também remete à noção de "tempo", pois é um parâmetro no dimensionamento das atividades e cultos iurdianos, sugerindo uma prática religiosa muito mais momentânea e fragmentada. As correntes compõem o arsenal diário da Igreja Universal, são âncoras essenciais de seu calendário litúrgico e do *marketing* televisivo.

*"Nesta terça-feira, corrente dos setenta pastores. Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje, sempre. Quando andou neste mundo, Jesus Cristo se compadeceu das multidões que o acompanhavam e curou muitas pessoas, dando a elas, dignidade, oportunidade, uma nova vida. O mesmo Jesus Cristo continua querendo curar, abençoar, livrar a todos da dor, tristeza, do sofrimento. Participe, nesta terça-feira, da corrente dos setenta pastores, que estarão orando em nome de Jesus Cristo pela sua saúde. Corrente dos setenta pastores. Vida, um presente de Deus!"* (Narrador, Programa Fala que eu te escuto, Salvador, Rede Record, 19-05-98).

O Deus que aflora das pregações e depoimentos iurdianos é também uma divindade escrava de suas promessas, dentro de uma lógica implacável, chegando a ser desafiado pelos fiéis e pastores nos ritos da Igreja (CAMPOS, 1997, 153 e 309). É aqui que entra também a questão do dízimo, tido por muitos como uma forma de extorquir dinheiro dos pobres. A teologia da prosperidade confirma uma idéia tradicional de que as ofertas materiais removem obstáculos entre o ser humano e a divindade (CAMPOS, 1997, 369), e a IURD potencializa essa prática, criando ritos de consagração dos dizimistas e reiterando as promessas de Deus inscritas na Bíblia acerca da oferta. "Oferta é uma expressão de fé", segundo Macedo, ofertar a Deus é aceitar o desafio e cobrar d'Ele o cumprimento das antigas promessas feitas no Velho Testamento, como a registrada, por exemplo, pelo profeta Malaquias (3, 10)<sup>37</sup>.

Alguns depoimentos enfocam a equação de proporcionalidade entre dar e receber, entre dízimo e prosperidade, que, no âmago de uma sociedade capitalista, parece constituir,

<sup>37</sup> Edir Macedo é apresentado como teólogo e fundador da IURD e o diretor do jornal Folha Universal, doutor em Ciências da Educação, José Vasconcelos Cabral, apresenta-se também como teólogo; as fontes do pensamento de Macedo estão nos neopentecostais norte-americanos, em especial o pregador de cura divina Tommy Lee Osborn (CAMPOS, 1997, 328). Macedo é egresso da Igreja de Nova Vida, fundada pelo bispo pentecostal Robert McAlister. O versículo de Malaquias citado em Campos, 1997, 371, é: "Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e provai-me nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós bênção sem medida".

parodiando Campos, o "supremo sacrifício". Dar é desafiar Deus a cumprir suas promessas, mas é também arriscar-se.

*"Quanto mais eu dou dízimo na minha vida, mais eu prospero"* (Depoente Regina, Programa O despertar da fé, Salvador, Rede Record, 18-05-98).

Para muitos fiéis, até mesmo aqueles que, antes de ingressarem na IURD, chegaram a acusá-la de charlatanismo, o dízimo não é questionado, é um preceito bíblico; afinal, se vivemos numa sociedade fundamentada na moeda, onde tudo tem um preço, por que com Deus seria diferente?

*"Eu vejo o dízimo como o início de toda uma mudança, porque quando Deus colocou o homem dentro do jardim do Éden, ele escolheu duas árvores e disse para o homem: vocês não vão mexer nessas árvores. Aquilo representava a fidelidade, não era sacrifício; o dízimo é a fidelidade, não é sacrifício, ora bolas. Eu ganho cem por cento, tiro dez por cento fico com noventa por cento. Que sacrifício é esse? Eu estou demonstrando prá Deus a minha obediência, a minha fidelidade para com Deus. Então, quando eu dou, eu dou o dízimo com prazer, porque, na verdade, eu não estou dando, eu estou devolvendo prá Deus"* (Depoente Rodrigues, Programa Falando e fé, Rede Record, Salvador, 18-05-98).

*"Cada oferta, cada propósito, cada dízimo que eu vejo, eu me vejo. Eu, quando precisei daquelas portas, ali eu tive gente que me atendeu, me acolheu, quem me falou de Jesus Cristo, me deu esperança. E foi lá, com os pastores da Universal. Então, é por isso que eu dou as minhas ofertas, porque eu quero que o mundo inteiro se abra de todo canto que puder, de canto a canto se abra uma Igreja Universal, para que as pessoas tentem lá, encontrem lá uma pessoa que fale de Jesus Cristo e encontrem a paz"* (Depoente Ivanilde, Programa Falando de fé, Salvador, Rede Record, 18-05-98).

A oração de um pastor, reproduzida abaixo, incide sobre o dízimo, ponto cardeal da teologia iurdiana, e opera uma distinção dos dizimistas, legitimando a retórica da própria Igreja; a fidelidade nas ofertas é erigida como uma virtude teologal.

*"Porque, meu Senhor, Tu disseste: abre tuas portas à nação justa e àquele que guarda a fidelidade, e a fidelidade deste povo é para o Senhor, meu Pai. Então tinha que haver uma diferença, não pode haver igualdade entre o que serve a Deus e o que serve ao diabo; se é para haver igualdade, prá que servir a Deus, prá que ser dizimista?"* (Pastor na Catedral da fé, Programa O despertar da fé, Salvador, Rede Record, 18-05-98).

O protestantismo calvinista e puritano opõe a esse utilitarismo iurdiano, como já mencionado, a absoluta soberania de Deus - Deus não existe para os homens, mas os homens para Deus. Embora a linha divisória entre eleitos (ou salvos) e condenados se conservasse

oculta do conhecimento humano, a fé para Calvino tinha que ser provada por seus resultados objetivos, por um tipo de conduta que aumentasse a glória de Deus (WEBER, 1981, 79). As obras não asseguravam a salvação, mas eram os meios técnicos de libertação do medo da condenação. Duas foram, como já explicitadas no capítulo 1, as recomendações pastorais decorrentes da doutrina da predestinação: cada um deveria considerar-se escolhido e combater as dúvidas e tentações do demônio, já que a falta de autoconfiança era sinal de falta de fé, e, a fim de alcançar essa autoconfiança, o meio mais adequado era uma intensa atividade profissional. Somente o eleito, em virtude de seu renascimento (*regeneratio*) e da conseqüente santificação, era capaz de aumentar a glória de Deus através de boas obras verdadeiras, o que era possibilitado por Deus e funcionava, assim, como sinal de escolha. O escolhido era chamado à obediência. Os condenados, que também podiam fazer parte das Igrejas calvinistas, deviam submeter-se à sua disciplina não para serem salvos, o que era impossível, mas porque, para a glória de Deus, deveriam obedecer<sup>3</sup> Seus mandamentos.

Na IURD, a fé é o eixo central de toda a teologia e das pregações. Ao estereótipo de "religião de resultados", ela contrapõe seus princípios doutrinários. Numa das argumentações de Macedo reproduzida nesta seqüência, a busca da salvação deve transcender os apelos cotidianos; a "salvação é a conquista primordial" (Folha Universal, n.º 274).

*"Saiba que é através da fé que a sua vida vai mudar, é através da fé que você terá condições de conquistar saúde, a benção dentro da sua casa. Por que não falarmos também a benção financeira? Agora, preste atenção, a nossa fé é que a sua vida, ela pode mudar totalmente, a nossa fé é que Deus, Ele não deseja melhorar não, Ele deseja mudar, Ele deseja transformar. Agora, a nossa fé vai além, a nossa fé nos faz acreditar que Ele tira do nada, Ele traz à existência, como o bispo Eduardo disse no começo do programa, aquilo que não existe, e trazer à existência nada mais é do que tirar do nada, quer dizer, Ele pode tirar do nada a sua prosperidade, Ele pode tirar do nada a sua cura, a sua saúde. Ele pode tirar do nada a sua vida familiar (Bispo Djalma, Programa Falando de fé, Florianópolis, Rede Record, 23-05-98).*

Desse modo, o "bem" torna-se um dom de Deus. E o homem deve agir para merecer esse bem:

*"Com respeito à fé não há equilíbrio. Em tudo na vida há equilíbrio, mas com respeito à fé em Deus, não pode haver equilíbrio, ou você é ou você não é, ou você entrega ou não entrega. Não pode haver restrição. E aí está a qualidade da fé. A pessoa diz: eu tenho fé em Deus, eu creio em Deus, e ela pensa que essa crença, que essa fé é uma coisa teórica, é um sentimento. Não, é mais do que isso, há uma entrega mental, total, que você entrega para*

*Deus. É algo para o mundo louco, mas não para os que realmente conhecem a palavra de Deus. Então, se você quer tudo de Deus, você tem que estar disponível para dar tudo para Deus. Não estou falando no sentido de você dar o seu dinheiro, os seus bens na igreja não, estou falando de você entregar para Deus o seu tudo, deixar o seu futuro, a sua vida por inteiro nas mãos de Deus. Amém? A Bíblia diz que os olhos do Senhor passam por toda a terra, para mostrar-se forte para aqueles cujo coração é totalmente, quer dizer cem por cento d'Ele. Então se você é uma pessoa cristã infeliz, o problema é seu, azar é seu, que ainda se mantém egoísta e acha que a sua capacidade intelectual, que as suas condições vão fazê-lo feliz. Não vão, é impossível, a felicidade está com Deus, Ele é a fonte da vida, Ele criou a vida, Ele criou a felicidade, Ele criou no nosso coração o desejo de ser feliz. E Ele tem isso prá nós, mas há uma condição, há um preço que se tem de pagar, que é a entrega da sua própria vida. Não é religião, não é igreja, não é pastor, não é bispo, não é ninguém que lhe vai dar isto. [...] A partir do momento em que você, no fundo da sua alma diz: ó, meu Deus, eu estou cansado de dar seqüência para a minha vida, eu quero me entregar prá Ti. A fé é o único caminho, é o único instrumento capaz de libertá-lo, de curá-lo, salvá-lo, de trazer a prosperidade, de garantir o seu futuro, não apenas nesse mundo, mas sobretudo para toda a eternidade (Bispo Macedo, Programa Fala que eu te escuto, Florianópolis, Rede Record, 24-05-98).*

A apologia da fé também se torna uma espiritualidade ideologizada (VIGNOLI, 1995, 44), reduzindo a leitura analítica da vida social a um maniqueísmo teológico, que acaba, no fundo, derivando a pobreza da ausência de fé.

*"Então você, meu amigo e minha amiga, que deseja sair dessa situação crítica em que você vive a sua vida, a sua vida econômica, nós temos uma situação desagradável econômica em nosso país, aliás essa é uma constante no nosso país, problemas e mais problemas. Então se você quer se ver livre dos seus problemas se você quer ser independente e garantir o seu futuro, garantir uma velhice tranqüila e em paz, e sobretudo a sua salvação eterna, não há outra alternativa senão apelar para a fé, a fé bíblica, a fé que agrada a Deus. [...], quando você abraça sua fé no Senhor Jesus, você tem que pagar um preço alto. A salvação nossa é gratuita, porém, para que nós possamos mantê-la dia após dia até o nosso encontro com o Senhor Jesus, nós temos que renunciar a nós mesmos; então nós temos que sacrificar as nossas vontades, os nossos desejos, [...] a nossa própria vida. Jesus disse em João, 12, 24: em verdade, em verdade vos digo, se um grão de trigo caído na terra não morrer, fica ele só, mas se morrer produz muito fruto. [...] Quando você entrega a sua vida para o Senhor Jesus você se rende como fez agora, sinceramente [...], então você pode esperar que, cedo ou tarde, não sei quando, mas, cedo ou tarde, o Espírito Santo vai descer sobre você e vai regenerá-la ou regenerá-lo, isto é, fazer você nascer de novo, nascer de novo. Esse novo nascimento, que é produzido pelo Espírito Santo e somente por Ele, faz de você uma nova criatura" (Bispo Macedo, Salvador e Florianópolis, Programa Fala que eu te escuto, Rede Record, 21-05-98).*

Nesta pregação de Macedo, está embutida uma noção comum a todo o protestantismo: de que a salvação resulta da transformação do homem como um todo, através da graça de Deus (Ver WEBER, 1981, 179).

O comparecimento aos templos iurdianos é considerado, conforme já mencionado, um passo de fé, nódulo central da propaganda televisiva. Ainda assim, uma certa ambigüidade entre essa conclamação, feita de slogans, palavras de ordem, marcas institucionais, e algumas afirmações do próprio Macedo acerca da verdadeira autoria da obra: não é o pastor, não é a religião, não é a Igreja, mas Jesus, transparece nos programas, talvez como um recurso técnico estratégico: uma mensagem muito clara poderia reduzir o impacto sobre o telespectador.

Apesar da necessidade de participar da verdadeira Igreja para a salvação, o intercâmbio do calvinista com seu Deus não enfatizava tanto a assembléia de fiéis quanto o faz a Igreja Universal; ele era desenvolvido num profundo isolamento espiritual, base de todas as organizações sociais calvinistas, nas quais o indivíduo nunca ingressava emocionalmente, mas, racionalmente, para a glória de Deus (WEBER, 1981, 74, 75 e 168). O amor ao próximo só podia ser praticado com esse fim, não em benefício da "carne".

Um elemento diferenciador entre as duas vertentes protestantes é o grau de certeza que o neopentecostalismo iurdiano infunde acerca dos propósitos, do milagre e dos frutos da relação com a divindade. O puritanismo genuíno não oferecia essas salvaguardas, pelo contrário, a incerteza foi um atributo fundamental para a moldagem de uma ética do trabalho tão adaptável ao moderno capitalismo ocidental.

Dentro da mesma lógica, também não havia, para o puritanismo, meios mágicos de obter a graça de Deus para aqueles a quem Ele decidira negá-la, como não havia nenhuma espécie de meio (WEBER, 1981, 72 e 73). Toda a magia é abolida. Já a IURD introduz no cenário religioso rituais (e toda uma cosmovisão) que reduzem as incertezas, atribuindo valor de uso e eficácia mágica a vários objetos<sup>38</sup>, como água benta, óleo ungido, rosa ungida, recorrentemente mencionados nos depoimentos, culminando muitos dos programas com o convite do pastor a que o telespectador beba o copo de água que deixara próximo ao televisor, já consagrado pela oração, para que, através dele, "receba a vida que vem do Senhor".

### **Expressões da esfera psicossocial**

---

<sup>38</sup>Esses objetos, segundo Campos, são denominados pontos de contato pelo Manual do Obreiro (CAMPOS, 1997, 83).

A tabela 6 apresenta o ordenamento decrescente das expressões inseridas na esfera psicossocial para o "Almanaque" e para os discursos iurdianos, e a tabela 21, nos anexos, os termos selecionados para o teste do qui-quadrado, calculado em 453,11, e que traduz estatisticamente, a significância das diferenças entre os dois *corpus*, embora o coeficiente de Cramér seja de 0,18.

Tabela n.º 6 – Quadro comparativo das expressões da vida psicossocial - Almanaque e IURD

| Palavras-chaves |   | Almanaque |      | Palavras-chaves |   | Universal |      |
|-----------------|---|-----------|------|-----------------|---|-----------|------|
|                 |   | n.º       | %    |                 |   | n.º       | %    |
| 1º              | Doença, doente, enfermidade, enfermo    | 81        | 16,4 | 1º              | Problema, problemas, dificuldade        | 1171      | 14,2 |
| 2º              | Feliz, felicidade                       | 56        | 11,4 | 2º              | Sufrimento, sofrer(+)                   | 863       | 10,5 |
| 3º              | Alegre, alegria                         | 55        | 11,2 | 3º              | Feliz, felicidade                       | 657       | 8,0  |
| 4º              | Alcool, alcoólatra, bebida, beber(+)    | 43        | 8,7  | 4º              | Doença, doente, enfermidade, enfermo    | 615       | 7,5  |
| 5º              | Dor, doer(+)                            | 39        | 7,9  | 5º              | Droga, maconha, cocaína, crack          | 540       | 6,6  |
| 6º              | Saúde, saudável                         | 35        | 7,1  | 6º              | Alcool, alcoólatra, bebida, beber(+)    | 469       | 5,7  |
| 7º              | Vício, vícios, viciado                  | 27        | 5,5  | 7º              | Dor, doer(+)                            | 433       | 5,3  |
| 8º              | Problema, problemas, dificuldade        | 24        | 4,9  | 8º              | Médico, medicina                        | 422       | 5,1  |
| 9º              | Miséria, miserável                      | 19        | 3,9  | 9º              | Triste, tristeza                        | 315       | 3,8  |
| 10º             | Sufrimento, sofrer(+)                   | 18        | 3,7  | 10º             | Briga, brigar(+)                        | 264       | 3,2  |
| 11º             | Gritar(+), xingar(+)                    | 15        | 3,0  | 11º             | Vício, vícios, viciado                  | 255       | 3,1  |
| 12º             | Roubo, roubar(+), roubando              | 14        | 2,8  | 12º             | Desespero, desesperado, desesperar(+)   | 252       | 3,1  |
| 13º             | Bater(+), apanhar(+)                    | 12        | 2,4  | 13º             | Destruído, destruição                   | 243       | 3,0  |
| 14º             | Armado, arma                            | 12        | 2,4  | 14º             | Alegre, alegria                         | 212       | 2,6  |
| 15º             | Médico, medicina                        | 8         | 1,6  | 15º             | Bater(+), apanhar(+)                    | 185       | 2,2  |
| 16º             | Desespero, desesperado, desesperar(+)   | 8         | 1,6  | 16º             | Saúde, saudável                         | 182       | 2,2  |
| 17º             | Triste, tristeza                        | 6         | 1,2  | 17º             | Remédio                                 | 181       | 2,2  |
| 18º             | Destruído, destruição                   | 5         | 1,0  | 18º             | Fundo do poço                           | 133       | 1,6  |
| 19º             | Prostituição, prostituta, prostituir(+) | 4         | 0,8  | 19º             | Miséria, miserável                      | 125       | 1,5  |
| 20º             | Decadente, decadência                   | 4         | 0,8  | 20º             | Nervoso                                 | 105       | 1,3  |
| 21º             | Remédio                                 | 3         | 0,6  | 21º             | Fumar(+)                                | 102       | 1,2  |
| 22º             | Violento, violência                     | 3         | 0,6  | 22º             | Suicidar(+), suicídio                   | 98        | 1,2  |
| 23º             | Briga, brigar(+)                        | 1         | 0,2  | 23º             | Prostituição, prostituta, prostituir(+) | 86        | 1,0  |
| 24º             | Suicidar(+), suicídio                   | 1         | 0,2  | 24º             | Deprimido, angustiado                   | 80        | 1,0  |
| 25º             | Droga, maconha, cocaína, crack          | 0         | 0,0  | 25º             | Violento, violência                     | 74        | 0,9  |
| 26º             | Fundo do poço                           | 0         | 0,0  | 26º             | Gritar(+), xingar(+)                    | 58        | 0,7  |
| 27º             | Nervoso, nervosa                        | 0         | 0,0  | 27º             | Roubo, roubar(+), roubando              | 46        | 0,6  |
| 28º             | Fumar(+)                                | 0         | 0,0  | 28º             | Armado, arma                            | 31        | 0,4  |
| 29º             | Deprimido, angustiado, angustiada       | 0         | 0,0  | 29º             | Decadente, decadência                   | 17        | 0,2  |
| 30º             | Aborto                                  | 0         | 0,0  | 30º             | Aborto                                  | 11        | 0,1  |

|     |                                |     |       |     |                                |      |       |
|-----|--------------------------------|-----|-------|-----|--------------------------------|------|-------|
| 31º | Descontrolado, descontrolar(+) | 0   | 0,0   | 31º | Descontrolado, descontrolar(+) | 7    | 0,1   |
|     | Total                          | 493 | 100,0 |     | Total                          | 8232 | 100,0 |

O recrutamento religioso, conforme Campos, sempre tem sido feito a partir de necessidades não resolvidas, o que não é peculiaridade do pentecostalismo. Faz parte do arsenal cultural de nossa sociedade buscar na religião soluções para sofrimentos, aflições e carências (CAMPOS, 1997, 202). Na medida em que a IURD procura operar com essas demandas e reduzir as incertezas, elas emergem como elementos articuladores dos depoimentos e do discurso da Igreja<sup>39</sup>.

A IURD está também ligada a uma tradição do pentecostalismo de cura divina, de procedência norte-americana, que utilizou maciçamente o rádio nos anos 40 para atingir e moldar as massas, popularizando vários pregadores rádio-evangelistas (CAMPOS, 1997, 267). O rádio e a televisão são as pontes por ela construídas para atrair as pessoas aos seus templos, onde se processam as bênçãos e os milagres.

Os relatos de curas (especialmente das doenças incuráveis pela medicina), de abandono dos vícios, da violência, de vitória sobre a miséria, e a decadência permeiam os testemunhos, sendo particularmente acentuados no dia consagrado à corrente da saúde (terças-feiras)<sup>40</sup>. O sofrimento, tanto quanto a doença, na teologia iurdiana, como já foi dito, procede do diabo, nunca de Deus, portanto, está destituído de qualquer valor pedagógico (CAMPOS, 1997, 366), ainda que ele delimite, muitas vezes, o ponto de inflexão ou de aproximação com Deus; sofrer, por sua procedência maligna, remete à necessidade de libertação do demônio, nunca à libertação do orgulho humano, como seria pertinente, por exemplo, à teologia católica e mesmo ao protestantismo histórico.

<sup>39</sup> A imprensa confere um duro tratamento à Igreja Universal, sendo, de uma forma ou de outra, apresentada à opinião pública sob o estigma da mercantilização do sagrado (Ver Campos, 1997, 178 e 179). Na "Folha de São Paulo", de 17-09-1995, intelectuais a consideram uma espécie de "fast-food" da fé (SILVA, 1995). Segundo Valla, pesquisador da Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, as outras denominações pentecostais e neopentecostais do Rio têm interpretado a IURD como depositária de uma missão divina de UTI, pronto-socorro dos necessitados e oprimidos.

<sup>40</sup> Alves, ao sugerir que se interpretem as "empresas de cura divina" a partir de sua mentalidade empresarial e não de sua manifestação religiosa, afirma que os símbolos religiosos nesses fenômenos de clientela são tomados por sua promessa prática imediata e usados da mesma forma como se usa uma ferramenta ou uma droga (ALVES, 1988, 113 e 115).

A passagem de uma vida miserável, destruída, decadente, cheia de problemas, ou, em muitos casos, golpeada pela trágica perda de todos os bens, a uma "vida feliz", transformada, liberta, é demarcada pelo "fundo do poço", expressão freqüentemente evocada para indicar o limiar de uma existência sem Deus. É, muitas vezes, o momento em que começa a escalada de fé, a experiência da conversão.

*"Muitos me convidaram várias vezes prá ir na igreja. Muitas vezes eu chegava até a ir, mas de forma que não tinha o encontro. Mas, quando eu vi a necessidade, quando eu fui atacada por aqueles vírus, eu me vi no fundo do poço, eu falei: eu preciso ter um encontro com Deus"* (Depoente Maria, Programa O despertar da fé, Florianópolis, Rede Record, 25-05-98).

Os "dramas humanos" no protestantismo originário analisado por Weber não descartam certamente o sentido da dor, dos problemas, das doenças, mas o seu foco reside na conquista da graça e da salvação - ela constitui o seu maior drama. Além do que, ao indivíduo era conferida inteira autonomia em questões religiosas. O "Almanaque" atribui a Deus o curar, mas a saúde é também conquistada por uma boa dieta, cuidados, prudência, pelo cultivo das virtudes. A alegria e a felicidade não se apresentam, como no discurso iurdiano, divinizadas, são conectadas à divindade em várias passagens, em hinos ao Criador, mais como frutos de uma contínua caminhada com Ele, do que de momentos pessoais de rupturas.

A análise da tabela 21 revela-nos que "alegria" e "doença" e seus correlatos são os termos mais enfatizados pelo "Almanaque" e menos pelos discursos iurdianos, enquanto "problema", "sofrimento" e "droga", juntamente com seus correlatos, os que são mais enfatizados pela IURD, em relação ao "Almanaque" (uma vez que as distâncias entre o observado e o esperado são as de maior valor), intensificando, portanto, a diferenciação entre os dois *corpus*.

### **Expressões da esfera política**

Na tabela 7, encontram-se as expressões selecionadas da esfera política e sua freqüência, por ordem decrescente, no "Almanaque" e nos discursos televisivos da IURD. Com base na tabela 22, nos anexos, o cálculo do qui-quadrado, com valor de **809,89**, indica

também que as diferenças entre os dois universos discursivos ou *corpus* são significativas, ainda que o coeficiente de Cramér de 0,36 expresse uma intensidade moderada.

Tabela n.º 7 - Quadro comparativo das expressões políticas - Almanaque e IURD

| Palavras-chaves |  | Almanaque |       | Palavras-chaves |  | Universal |       |
|-----------------|--|-----------|-------|-----------------|--|-----------|-------|
|                 |  | n.º       | %     |                 |  | n.º       | %     |
| 1º              | Poder, poder(+)                        | 101       | 30,1  | 1º              | Poder, poder(+)                        | 1700      | 52,9  |
| 2º              | Mundo                                  | 64        | 19,1  | 2º              | Mundo                                  | 449       | 14,0  |
| 3º              | Lei, leis, legislação, constituição    | 54        | 16,1  | 3º              | Povo, população                        | 360       | 11,2  |
| 4º              | Advogados, advocacia                   | 27        | 8,1   | 4º              | Sociedade, social                      | 113       | 3,5   |
| 5º              | Governo, governante                    | 24        | 7,2   | 5º              | Polícia, delegado, policial, delegacia | 104       | 3,2   |
| 6º              | Direito, direitos                      | 16        | 4,8   | 6º              | Estado, estadual                       | 90        | 2,8   |
| 7º              | Município, municipal                   | 8         | 2,4   | 7º              | Direito, direitos                      | 71        | 2,2   |
| 8º              | Impostos, fiscalização, fiscais        | 7         | 2,1   | 8º              | Capital (cidade), capitais             | 47        | 1,5   |
| 9º              | Povo, população                        | 6         | 1,8   | 9º              | Voto, votar(+)                         | 43        | 1,3   |
| 10º             | Administração, administrar(+)          | 5         | 1,5   | 10º             | Governo, governante                    | 34        | 1,1   |
| 11º             | Juiz, juízes, juizado                  | 5         | 1,5   | 11º             | Político, política, políticos          | 27        | 0,8   |
| 12º             | Estado, estadual                       | 4         | 1,2   | 12º             | Advogados, advocacia                   | 23        | 0,7   |
| 13º             | Eleição, eleitor, eleitoral            | 3         | 0,9   | 13º             | Comunidade                             | 23        | 0,7   |
| 14º             | Polícia, delegado, policial, delegacia | 2         | 0,6   | 14º             | Prefeito, prefeitura                   | 19        | 0,6   |
| 15º             | Voto, votar(+)                         | 2         | 0,6   | 15º             | Cidadão                                | 14        | 0,4   |
| 16º             | Autoridade, autoridades competentes    | 2         | 0,6   | 16º             | Lei, leis, legislação, constituição    | 12        | 0,4   |
| 17º             | Corrupção, corrupto, corruptor         | 2         | 0,6   | 17º             | Autoridade, autoridades competentes    | 11        | 0,3   |
| 18º             | Sociedade, social                      | 1         | 0,3   | 18º             | Antônio Carlos Magalhães, ACM          | 11        | 0,3   |
| 19º             | Capital (cidade), capitais             | 1         | 0,3   | 19º             | Município, municipal                   | 10        | 0,3   |
| 20º             | Político, política, políticos          | 1         | 0,3   | 20º             | Administração, administrar(+)          | 10        | 0,3   |
| 21º             | Comunidade                             | 0         | 0,0   | 21º             | Eleição, eleitor, eleitoral            | 8         | 0,2   |
| 22º             | Prefeito, prefeitura                   | 0         | 0,0   | 22º             | Juiz, juízes, juizado                  | 7         | 0,2   |
| 23º             | Cidadão                                | 0         | 0,0   | 23º             | Deputado, senador                      | 7         | 0,2   |
| 24º             | Deputado, senador                      | 0         | 0,0   | 24º             | Corrupção, corrupto, corruptor         | 5         | 0,2   |
| 25º             | Democracia, democrático                | 0         | 0,0   | 25º             | Democracia, democrático                | 4         | 0,1   |
| 26º             | Mandato                                | 0         | 0,0   | 26º             | Impostos, fiscalização, fiscais        | 3         | 0,1   |
| 27º             | Presidente(da República)               | 0         | 0,0   | 27º             | Fernando Henrique Cardoso, FHC         | 2         | 0,1   |
| 28º             | Ditadura, ditatorial                   | 0         | 0,0   | 28º             | Mandato                                | 2         | 0,1   |
| 29º             | Órgão público, serviço público         | 0         | 0,0   | 29º             | Presidente(da República)               | 2         | 0,1   |
| 30º             | Vereador                               | 0         | 0,0   | 30º             | Ditadura, ditatorial                   | 1         | 0,0   |
| 31º             | Antônio Carlos Magalhães, ACM          |           | 0,0   | 31º             | Órgão público, serviço público         | 1         | 0,0   |
| 32º             | Fernando Henrique Cardoso, FHC         |           | 0,0   | 32º             | Vereador                               | 1         | 0,0   |
|                 | Total                                  | 335       | 100,0 | Total           |  | 3214      | 100,0 |

A terminologia "poder" (1.º lugar nos dois grupos), empregada como substantivo, na retórica iurdiana designa a possibilidade do agir divino e o efetivo exercício desse poder, transformando vidas, comportamentos. É o poder de Deus, o poder das bênçãos, o poder do Espírito Santo, o poder de Jesus, o poder da fé. Na acepção laica de poder público, adquire, tanto quanto as expressões "governo" e "governante", sentido negativo: "o governo não resolve", "não tem interesse em sanar o problema do nordeste", "os candidatos que entram só pensam neles", "faltam homens sérios no governo".

O "Almanaque", com seu tempero liberal, recomenda que jamais se "venda liberdade para se comprar poder" e que os homens não negligenciem seus negócios para se "intrometerem na administração do governo" (FRANKLIN, 1964, 28). Poderes em disputa, poder de reis, poder da natureza, o grande poder que fez o universo, são, entre tantas, acepções da palavra "poder" no "Almanaque", conciliação de um burguês empenhado no bem público e de uma mente científica. Governo de Cromwell, governo laico e governo divino, a esfera religiosa em interseção com a política. Na tabela 22, "poder" é o termo que mais diferencia o "Almanaque" e os discursos da IURD, pois a distância entre as frequências obtida e esperada é maior que para os demais termos e indica que ele é mais enfatizado pela IURD.

Calvino pregava que a Igreja era o reino de Deus e diferia da autoridade civil (DUNSTAN, 1964, 124), mas procurou implantar em Genebra, como já foi colocado no capítulo 1, uma sociedade pautada na moralidade cristã. Os puritanos eram ferrenhos opositores da ligação que se processava entre o Estado inglês e a Igreja e que conferia privilégios aos comerciantes e empresários colonialistas; a ela contrapunham sua ética comercial baseada nos motivos individualistas da aquisição moral e legal (WEBER, 1981, 129)<sup>41</sup>.

Enquanto a Igreja Universal articula seu discurso em torno da iniciativa empresarial, da emancipação frente ao Estado, numa direção aparentemente divergente da ordem patrimonial, anuncia a formação de um partido político (Partido da Ação Social)<sup>42</sup>, que, no entanto, não se

<sup>41</sup> Segundo Weber, contra algumas companhias de comércio, contra os lombardos, os "Trapezitas", os monopolistas, especuladores e banqueiros protegidos pelo anglicanismo e pelos reis e parlamentos na Inglaterra e França, tanto os puritanos quanto os huguenotes (nome conferido aos calvinistas na França) moviam-se em uma luta encarniçada (WEBER, 1981, 55).

<sup>42</sup> Ver Oração às urnas. Revista Época, n.º 7, ano I, p 23 a 27, julho, 1998. Até final de 1998, a bancada congressista ligada à IURD era composta por seis deputados. Nas eleições de 1994, a IURD apoiou a candidatura

consumou até o momento. Segundo Campos, ela trabalha, numa perspectiva de *marketing* religioso-político, sua demanda por ética na política, por uma forma cristã de se fazer política (CAMPOS, 1997, 454). Insinuar uma possível semelhança com o protestantismo calvinista nesse aspecto requereria uma investigação mais acurada, que escapa aos objetivos e às possibilidades deste trabalho.

A visão de "política" que a Igreja nutre, e que a situa numa "bélica" relação com a esfera religiosa, é descrita pela voz de um de seus agentes:

*"Os principados são demônios que não se manifestam, os potestades também não. Os principados atuam através de leis injustas, de acúmulos de impostos, através da política, de homens que têm o poder na mão, e esses que têm o poder na mão, infelizmente, se puderem, então, através da entidade, forçam, prejudicam, maltratam os pobres. Então, as potestades, os principados fazem isso"* (Pastor Isnarde, Programa Pare de sofrer, Salvador, Rede Record, 22-05-98).

Caberia apenas lembrar a advertência de Hannah Arendt a Platão: enquanto se tem a política (a doxa) se pode ser livre, pois a *episteme* permite que se veja a necessidade, e não a liberdade. Ao nível mais elevado da opinião e da concórdia, que era aquele no qual a verdade de Platão conflitava com o político, "continuamos inscientes do verdadeiro conteúdo da vida política - da recompensadora alegria que surge de estar na companhia de nossos semelhantes, de agir conjuntamente e aparecer em público; de nos inserirmos no mundo pela palavra e pelas ações" (ARENDR, 1972, 325).

Recuperando a proposição da nossa primeira hipótese, que afirma que o protestantismo originário de base calvinista e o neopentecostalismo iurdiano assemelham-se quanto à inclusão da prosperidade material como fruto da fé religiosa, mas diferem no significado que conferem à ética do trabalho, reforçando o primeiro o trabalho duro e a austeridade e o segundo o consumo e as conquistas materiais, podemos, pela análise exposta, confirmá-la, porém, com algumas correções.

A prosperidade é um fruto comum às duas vertentes, salvaguardadas as devidas proporções históricas, o caráter profundamente ascético do protestantismo de base calvinista e o fato de nos mantermos no campo da retórica iurdiana. Para o calvinismo, a prosperidade não

---

de Fernando Henrique. Sete dos deputados da bancada da IURD eleita em 98 saíram de seus partidos anteriores e

era motivada por interesses puramente pessoais, mas pelo afã de aumentar a glória de Deus; era "conseqüência" do trabalho como um "fim em si mesmo", muito embora o verdadeiro fim dessa obstinação (e que era puramente pessoal!) fosse transcendente: a salvação. Na IURD, a prosperidade também sinaliza as bênçãos de Deus, único "ingrediente" capaz de preservá-la, mas ela é "produto" da fé; o fiel deve agir para que ela aconteça, embora o "milagre" seja uma prerrogativa de todos os que têm fé.

Quanto à ética do trabalho, o calvinismo, como percebeu Weber, continha energias que impulsionaram a produção industrial e o desenvolvimento econômico, mas sua ética advogava o trabalho como ascetismo, submetendo o indivíduo a uma profunda racionalização em todos os níveis da vida, a uma luta árdua e longa. A mensagem iurdiana estimula a iniciativa empresarial, o que reforça o ponto de vista ético subjacente - tornar-se "empregador" ou "deixar de trabalhar para outro" -, no entanto, essa mensagem não impõe a sanção psicológica que o calvinismo impunha ou, pelo menos, não impõe a mesma sanção acerca da incerteza da salvação; ao lado do valor conferido à "persistência", remetida muito mais à noção de fé do que de esforço contínuo, subsiste o milagre, a possibilidade de mudanças súbitas.

Embora o consumo e a conquista de bens materiais estejam presentes na retórica da Igreja Universal, não se afiguram, pelos dados analisados, como núcleo central; não é apregoado um consumismo generalizado, mas a prosperidade em suas várias nuances, incluindo cura, sucesso, libertação e conquistas materiais. A questão da salvação, a que todos estão "predestinados" a ter acesso, é, de certa forma, separada das questões de prosperidade, como diria Freston (FRESTON, 1996, 150), ainda que ambas sejam conferidas pela fé.

Cabe também ressaltar que as diferenças apontadas entre o puritanismo e o neopentecostalismo iurdiano, particularmente quanto à ética do trabalho, não devem ser vistas em si mesmas, como se fossem "essências", mas também como decorrência de adaptações da Igreja Universal, enquanto vertente nascida no Brasil, a um universo hegemonicamente católico e de movimentos que se foram processando ao longo da história do protestantismo, como o próprio pentecostalismo. Weber, embora tenha visitado os EUA em 1905, quando recolhia material para a continuação de seu ensaio "A Ética Protestante", não levou em conta (provavelmente em vista de seus objetivos com essa obra) a proliferação de novas confissões protestantes de base puritana e as mudanças que nelas já se processavam em relação a essa

mesma base. Muitas das diferenças entre as duas vertentes consideradas nesta investigação a respeito da ética do trabalho estão sujeitas a serem encontradas também entre o puritanismo estudado por Weber e outras denominações de origem puritana atualmente existentes nos EUA.

## Capítulo 4 - Paralelo entre o neopentecostalismo iurdiano na Bahia e em Santa Catarina

A Igreja Universal iniciou sua atuação e expansão na Bahia no início dos anos 80, sob acirrados conflitos com os adeptos do candomblé, em virtude de sua postura taxativa em relação aos orixás, nivelados aos demônios cristãos, e de sua equivocada postura diante das próprias peculiaridades do candomblé, englobado na mesma matriz religiosa da umbanda (CAMPOS, 1997, 419). Todavia, a construção de um terreno doutrinário sincrético, conjugando protestantismo, catolicismo popular, umbanda carioca, neopentecostalismo norte-americano e kardecismo, facilitou a acelerada penetração da IURD na Bahia (CAMPOS, 1997, 420).

Especificamente em Florianópolis, a Igreja Universal deu início a seu trabalho por volta de 1992, mas já estava instalada em cidades do sul e do norte do estado (VIGNOLI, 1995, 42).

Neste capítulo, procura-se analisar os discursos capturados na Bahia e em Santa Catarina, no enalço da segunda hipótese, cuja proposta é a de investigar o peso conferido à ética do trabalho em cada uma das duas regiões, sob o suposto de que ela tende a ser menos reforçada na Bahia do que em Santa Catarina.

As expressões tomadas como representativas das várias dimensões institucionais foram condensadas nas tabelas de número 10 a 14, reservando-se a tabela 8 para o levantamento dos pronomes de tratamento e reto, a tabela 9, para a distribuição total das frequências por esfera e a tabela 15 para o arrolamento de expressões referentes à cultura regional, presentes nos discursos iurdianos veiculados em Salvador e em Florianópolis. As tabelas de número 23 a 30, incorporadas aos anexos, apresentam os parâmetros de cálculo para os testes do qui-quadrado, pertinentes a cada conjunto de termos explicitado nas tabelas a seguir enumeradas.

Todas as tabelas foram ordenadas de forma decrescente, a partir da recorrência das expressões nos discursos, tanto numa região quanto na outra. A ordem que comandou a apresentação das tabelas de 10 a 14, designativas das cinco esferas institucionais, foi a **frequência decrescente das expressões por esfera**, capturada da tabela 9, arbitrando-se pela hierarquização obtida em Santa Catarina, uma vez que, na Bahia, a esfera familiar foi

quantitativamente mais expressiva do que a esfera psicossocial, ocorrendo o inverso em Santa Catarina. Assim, foram arroladas seqüencialmente as tabelas com as expressões da esfera religiosa, depois da psicossocial, da familiar, da econômica e, por último, da política.

**Tabela n.º 8 – Quadro comparativo dos pronomes de tratamento e reto por regiões brasileiras**

| Palavras-chaves |         | Bahia |       | Palavras-chaves |         | Santa Catarina |       |
|-----------------|---------|-------|-------|-----------------|---------|----------------|-------|
|                 |         | n.º   | %     |                 |         | n.º            | %     |
| 1º              | Eu      | 5024  | 37,8  | 1º              | Eu      | 5613           | 35,1  |
| 2º              | Você    | 2443  | 18,4  | 2º              | Você    | 3105           | 19,4  |
| 3º              | Nós     | 1344  | 10,1  | 3º              | Ele     | 1759           | 11,0  |
| 4º              | Ele     | 1322  | 9,9   | 4º              | Nós     | 1594           | 10,0  |
| 5º              | Ela     | 1018  | 7,7   | 5º              | Ela     | 1482           | 9,3   |
| 6º              | Senhor  | 619   | 4,7   | 6º              | Senhor  | 638            | 4,0   |
| 7º              | A gente | 517   | 3,9   | 7º              | A gente | 638            | 4,0   |
| 8º              | Senhora | 407   | 3,1   | 8º              | Senhora | 481            | 3,0   |
| 9º              | Eles    | 263   | 2,0   | 9º              | Eles    | 294            | 1,8   |
| 10º             | Vocês   | 174   | 1,3   | 10º             | Vocês   | 164            | 1,0   |
| 11º             | Elas    | 76    | 0,6   | 11º             | Elas    | 107            | 0,7   |
| 12º             | Tu      | 56    | 0,4   | 12º             | Tu      | 75             | 0,5   |
| 13º             | Vós     | 28    | 0,2   | 13º             | Vós     | 21             | 0,1   |
| 14º             | Doutor  | 2     | 0,0   | 14º             | Doutor  | 7              | 0,0   |
| Total           |         | 13293 | 100,0 | Total           |         | 15978          | 100,0 |

O valor do qui-quadrado, **47,88**, obtido a partir da tabela 23 dos anexos, indica uma diferenciação estatisticamente significativa entre os dois grupos, embora o coeficiente de Cramér, 0,03, traduza uma reduzida intensidade nessa diferenciação. A menção a esse viés, passível de comparabilidade entre as duas regiões brasileiras, pretende aqui, muito mais, atentar para a relevância de estudos que percorram os trilhos da imaginação político-social brasileira nessa temática do que oferecer respostas acerca do maior ou menor nível de individualismo ou sociabilidade na Bahia ou em Santa Catarina apenas a partir dos dados colhidos.

Observando-se a tabela 23, percebe-se que a maior distância entre as frequências observadas e esperadas ocorreu para o pronome "eu", ou seja, foi o termo que contribuiu mais fortemente para a diferenciação entre Bahia e Santa Catarina, tendo sido mais recorrente do que o esperado na primeira região (+222,6) e menos na segunda (-222,6).

Tornamo-nos cada vez mais conscientes de que a crise vivida pelas sociedades contemporâneas está associada não apenas ao efeito da força centrípeta das grandes fusões organizacionais em gestação (Comunidade Européia, Mercosul, Grandes conglomerados

empresariais, etc.), mas também da força centrífuga inerente à pulverização das estruturas preexistentes de poder (explosão de conflitos étnicos, apatia eleitoral, etc.) (MATOS, 1993, 36). Uma interpretação na fronteira pós-modernista dessa conjuntura pode ser apreendida da idéia de neotribalismo, formulada por Mafesolli (MAFESOLLI, 1987). Segundo esse sociólogo, está se desenvolvendo cada vez mais, nas sociedades de massa atuais, uma ambiência tribal, que explicaria o florescimento crescente de uma enormidade de pequenos grupos, congregações, conjuntos musicais, de natureza fundamentalmente estética, como único mecanismo de sobrevivência no mundo mórbido preparado pela própria modernidade (MATOS, 1993, 36).

Pode-se questionar se essa efervescência seria intensa o suficiente para precipitar um novo momento institucional ou um novo sistema, como diria Mafesolli. A expressividade da presença dos grupos baianos de axé, com acentuada projeção, inclusive, a nível internacional, poderia sinalizar nessa direção mais "tribal", ensejando, quem sabe, nessa região, uma menor ressonância da organização religiosa iurdiana do que na região sulina.

No neopentecostalismo da IURD, é acentuada a incidência da forma "Senhor", referida a Deus e também a Jesus Cristo, que figura em sexto lugar tanto numa região quanto na outra. Poderíamos pressupor aqui uma certa compenetração entre a tradição religiosa do Velho Testamento e a tradição patriarcal, tão vinculada à nossa formação social brasileira<sup>1</sup>. O cristianismo é, em si, uma religião patriarcal, que, como outras sob o mesmo signo, ajuda a reproduzir esse patriarcalismo, porém, o potencial da nossa historicidade não deve ser subestimado. Como a fundamentação bíblica da pregação iurdiana repousa muito mais sobre o Velho do que sobre o Novo Testamento, o que pode ser constatado nas obras de Macedo (CAMPOS, 1997, 368) e nos discursos dos pastores aqui analisados<sup>2</sup>, a relação senhor-servo, que emerge muito mais enfática no primeiro conjunto de livros bíblicos do que no segundo, pode também estar se sobrepondo aos representantes da Igreja como forma preferencial de reverência e "interação" com Deus.

A tabela 9, conforme anteriormente mencionado, fornece um perfil das esferas institucionais construídas, mediante a totalização das ocorrências das expressões contabilizadas.

---

<sup>1</sup> Cabe mencionar os estudos de Gilberto Freire, Oliveira Vianna e Sérgio Buarque de Holanda, alguns dos quais estão citados na bibliografia.

<sup>2</sup> Com a ressalva de que são, em geral, capturados fora de seus contextos literários e históricos.

Tabela n.º 9 - Grandes esferas sociais por regiões brasileiras

| Palavras-chaves |                  | Bahia |       | Palavras-chaves |                  | Santa Catarina |       |
|-----------------|------------------|-------|-------|-----------------|------------------|----------------|-------|
|                 |                  | n.º   | %     |                 |                  | n.º            | %     |
| 1.º             | Religião         | 16021 | 57,7  | 1.º             | Religião         | 16065          | 53,1  |
| 2.º             | Família          | 3744  | 13,5  | 2.º             | Psicossocial     | 4713           | 15,6  |
| 3.º             | Psicossocial     | 3519  | 12,7  | 3.º             | Família          | 4553           | 15,0  |
| 4.º             | Economia         | 2578  | 9,3   | 4.º             | Economia         | 3145           | 10,4  |
| 5.º             | Política         | 1688  | 6,1   | 5.º             | Política         | 1526           | 5,0   |
| 6.º             | Cultura Regional | 226   | 0,8   | 6.º             | Cultura Regional | 269            | 0,9   |
| Total           |                  | 27776 | 100,0 | Total           |                  | 30271          | 100,0 |

Como se pode apreender da tabela 24, nos anexos, o teste do qui-quadrado, cujo valor é de **213,35**, exprime uma significância estatística na diferenciação das esferas entre as duas regiões analisadas, ainda que sua intensidade, dada pelo coeficiente de Cramér de 0,04, seja pouco expressiva. O que parece importante ressaltar é que a programação televisiva iurdiana, com base nos dados analisados, não veicula exclusivamente um discurso religioso. Embora ele seja predominante nas duas regiões, não é exclusivo, como se pode ler na tabela 9. Estes dados também contra-indicam qualquer atestado de obviedade ou evidência empírica ao argumento ou acusação de que o mundo econômico é o centro do discurso da IURD, ou de que "ela só fala em dinheiro". Esse discurso também trata de aspectos familiares, psicossociais, políticos, numa imbricação com a dimensão religiosa muito mais complexa do que parece ao senso comum.

O exame das freqüências observadas e esperadas na tabela 24 revela que a **esfera religiosa** é a que apresenta a maior diferença entre umas e outras, indicando, mediante o teste do qui-quadrado, maior presença do que o esperado na Bahia e menor em Santa Catarina. As expressões que compõem a esfera econômica são mais acentuadas em Santa Catarina do que na Bahia. A **esfera familiar** e a **esfera psicossocial** também são mais acentuadas em Santa Catarina do que na Bahia, já a **esfera política** predomina na Bahia. As expressões da cultura regional aparecem levemente mais reforçadas em Santa Catarina do que na Bahia. Em suma, dentro do âmbito dos discursos analisados, as esferas institucionais "religião" e "política" predominam na Bahia, e as esferas familiar, psicossocial e econômica predominam em Santa Catarina.

Se tivesse sido excluída do levantamento quantitativo dos discursos iurdianos efetuado nas duas regiões a programação de alcance nacional, que, obviamente, é equivalente nos dois lugares, talvez se pudesse ter auferido uma diferenciação um pouco

maior entre os dois grupos, mas não a ponto de alterar substancialmente os resultados ou o teste da segunda hipótese. Mesmo nos programas de âmbito regional, veiculados, por exemplo, em Florianópolis, são muitas vezes apresentados os mesmos depoimentos que já foram transmitidos pela Rede Record da Bahia em algum de seus programas religiosos, ou vice-versa.

### Expressões da esfera religiosa

A tabela 10 apresenta as expressões da esfera religiosa computadas nas duas regiões brasileiras e a tabela 25, nos anexos, os valores das frequências observadas e esperadas das expressões, selecionadas através do princípio da equiprobabilidade, para o teste do qui-quadrado.

Tabela n.º 10 – Quadro comparativo das expressões da vida religiosa por regiões brasileiras

| Palavras-chaves |                                       | Bahia |      | Palavras-chaves |   | Santa Catarina |      |
|-----------------|---------------------------------------|-------|------|-----------------|---|----------------|------|
|                 |                                       | n.º   | %    |                 |   | n.º            | %    |
| 1º              | Deus, Criador                         | 2629  | 16,4 | 1º              | Deus, Criador                           | 2686           | 16,7 |
| 2º              | Vida                                  | 1744  | 10,9 | 2º              | Vida                                    | 2041           | 12,7 |
| 3º              | Jesus, Cristo, Jesus Cristo           | 1098  | 6,9  | 3º              | Jesus, Cristo, Jesus Cristo             | 973            | 6,1  |
| 4º              | Pastor, pastora                       | 695   | 4,3  | 4º              | Oração, orar(+)                         | 786            | 4,9  |
| 5º              | Igreja                                | 680   | 4,2  | 5º              | Mudar(+), mudança                       | 647            | 4,0  |
| 6º              | Igreja Universal do Reino de Deus     | 642   | 4,0  | 6º              | Igreja                                  | 609            | 3,8  |
| 7º              | Milagre                               | 614   | 3,8  | 7º              | Igreja Universal do Reino de Deus       | 583            | 3,6  |
| 8º              | Oração, orar(+)                       | 582   | 3,6  | 8º              | Fé                                      | 564            | 3,5  |
| 9º              | Amor                                  | 545   | 3,4  | 9º              | Bênção, abençoar(+)                     | 536            | 3,3  |
| 10º             | Fé                                    | 533   | 3,3  | 10º             | Amor                                    | 470            | 2,9  |
| 11º             | Bênção, abençoar(+)                   | 498   | 3,1  | 11º             | Espírito, espiritual, vida espiritual   | 461            | 2,9  |
| 12º             | Pai, pai celestial                    | 367   | 2,3  | 12º             | Encontro, encontrar(+)                  | 404            | 2,5  |
| 13º             | Mudar(+), mudança                     | 361   | 2,3  | 13º             | Pastor, pastora                         | 381            | 2,4  |
| 14º             | Reino                                 | 334   | 2,1  | 14º             | Transformar(+), transformação           | 373            | 2,3  |
| 15º             | Encontro, encontrar(+)                | 324   | 2,0  | 15º             | Graça                                   | 359            | 2,2  |
| 16º             | Bispo                                 | 318   | 2,0  | 16º             | Momento, momentos                       | 338            | 2,1  |
| 17º             | Momento, momentos                     | 291   | 1,8  | 17º             | Pai, pai celestial                      | 300            | 1,9  |
| 18º             | Religião, religioso                   | 291   | 1,8  | 18º             | Reino                                   | 292            | 1,8  |
| 19º             | Verdade, verdadeiro                   | 285   | 1,8  | 19º             | Bispo                                   | 273            | 1,7  |
| 20º             | Graça                                 | 284   | 1,8  | 20º             | Verdade, verdadeiro                     | 264            | 1,6  |
| 21º             | Espírito, espiritual, vida espiritual | 275   | 1,7  | 21º             | Participar(+), participação             | 229            | 1,4  |
| 22º             | Transformar(+), transformação         | 270   | 1,7  | 22º             | Libertar(+), libertação                 | 223            | 1,4  |
| 23º             | Corrente, correntes                   | 249   | 1,6  | 23º             | Testemunho, depoimento                  | 196            | 1,2  |
| 24º             | Participar(+), participação           | 227   | 1,4  | 24º             | Bíblia, palavra de: Deus, Senhor, Jesus | 195            | 1,2  |

|     |                                   |       |       |     |                                   |       |       |
|-----|-----------------------------------|-------|-------|-----|-----------------------------------|-------|-------|
| 25º | Libertar(+), libertação           | 208   | 1,3   | 25º | Espírito Santo                    | 176   | 1,1   |
| 26º | Bíblia, palavra de Deus, Jesus    | 208   | 1,3   | 26º | Paz                               | 176   | 1,1   |
| 27º | Espírito Santo                    | 177   | 1,1   | 27º | Certeza                           | 168   | 1,0   |
| 28º | Demônio, Satanás, Diabo           | 151   | 0,9   | 28º | Vitória, vitorioso                | 168   | 1,0   |
| 29º | Paz                               | 128   | 0,8   | 29º | Corrente, correntes               | 158   | 1,0   |
| 30º | Certeza                           | 122   | 0,8   | 30º | Milagre                           | 147   | 0,9   |
| 31º | Catedral                          | 92    | 0,6   | 31º | Crença, crente, crer(+)           | 108   | 0,7   |
| 32º | Testemunho, depoimento            | 90    | 0,6   | 32º | Céu, inferno                      | 105   | 0,7   |
| 33º | Catolicismo, católico             | 74    | 0,5   | 33º | Religião, religioso               | 91    | 0,6   |
| 34º | Vitória, vitorioso                | 71    | 0,4   | 34º | Catolicismo, católico             | 83    | 0,5   |
| 35º | Céu, inferno                      | 66    | 0,4   | 35º | Demônio, Satanás, Diabo           | 76    | 0,5   |
| 36º | Espiritismo, espírita, kardecismo | 57    | 0,4   | 36º | Evangelismo, evangélico           | 56    | 0,3   |
| 37º | Pecado, pecador, pecar(+)         | 55    | 0,3   | 37º | Espiritismo, espírita, kardecismo | 53    | 0,3   |
| 38º | Macumba, despacho, terreiro       | 54    | 0,3   | 38º | Pecado, pecador, pecar(+)         | 53    | 0,3   |
| 39º | Dízimo, dizimista                 | 47    | 0,3   | 39º | Evangelho, evangelizar(+)         | 41    | 0,3   |
| 40º | Crença, crente, crer(+)           | 42    | 0,3   | 40º | Salvação                          | 35    | 0,2   |
| 41º | Evangelho, evangelizar(+)         | 42    | 0,3   | 41º | Perdão, perdoar(+)                | 31    | 0,2   |
| 42º | Salvação                          | 41    | 0,3   | 42º | Catedral                          | 30    | 0,2   |
| 43º | Evangelismo, evangélico           | 30    | 0,2   | 43º | Dízimo, dizimista                 | 29    | 0,2   |
| 44º | Obediência, obedecer(+)           | 28    | 0,2   | 44º | Macumba, despacho, terreiro       | 28    | 0,2   |
| 45º | Umbanda, umbandista, candomblé    | 21    | 0,1   | 45º | Consagração                       | 26    | 0,2   |
| 46º | Perdão, perdoar(+)                | 20    | 0,1   | 46º | Obediência, obedecer(+)           | 13    | 0,1   |
| 47º | Próximo                           | 18    | 0,1   | 47º | Povo de Deus                      | 10    | 0,1   |
| 48º | Consagração                       | 15    | 0,1   | 48º | Próximo                           | 7     | 0,0   |
| 49º | Povo de Deus                      | 10    | 0,1   | 49º | Umbanda, umbandista, candomblé    | 6     | 0,0   |
| 50º | Ovelha, ovelhas, rebanho          | 10    | 0,1   | 50º | Ovelha, ovelhas, rebanho          | 4     | 0,0   |
| 51º | Padre, sacerdote, clero           | 6     | 0,0   | 51º | Padre, sacerdote, clero           | 3     | 0,0   |
| 52º | Virtude, virtuoso                 | 1     | 0,0   | 52º | Virtude, virtuoso                 | 1     | 0,0   |
| 53º | Inquisição                        | 1     | 0,0   | 53º | Inquisição                        | 0     | 0,0   |
|     | Total                             | 16021 | 100,0 |     | Total                             | 16065 | 100,0 |

O valor do qui-quadrado, **1202,72**, permite-nos decidir pela rejeição da hipótese nula, uma vez que expressa existirem diferenças estatisticamente significativas entre um *corpus* e outro, ainda que o coeficiente de Cramér, 0,15, seja pequeno.

De acordo com Campos, o ministério de cura da IURD está fundamentado numa vertente da tradição cristã que sempre encarou Javé como o Deus que cura, e, na teologia do Cristo taumaturgo, encarnação de um Deus médico, que se expressa no poder do Espírito Santo (CAMPOS, 1997, 352). A crença nos milagres, enraizada nos profetas judaicos, ocupou um lugar importante na pregação e prática dos primeiros cristãos ou da Igreja primitiva, o que não ocorreu com os teólogos protestantes da primeira metade do século XX, que, sob influências racionalizantes, procuraram relegar os relatos de milagres a uma órbita mais lendária, afinada com as tendências culturais do mundo helênico-judaico (CAMPOS, 1997, 352).

Esse "movimento de Jesus", inscrito na tradição profética do antigo judaísmo, crê na expulsão de demônios, cura dos enfermos e falar em línguas como sinais deixados por Jesus, e, inclusive, delegados a seus apóstolos, de que o reino de Deus havia chegado, crença que foi incorporada, com maior ou menor ênfase, à teologia oficial de todos os ramos pentecostais (CAMPOS, 1997, 354). A IURD, ao enfatizar os milagres, exorcismos e cura divina, coloca-se como um ministério que prolonga a ação de Jesus e de seus apóstolos; curar é levar as pessoas à salvação, à conversão, é afastar os demônios, que são "as causas dos males". Daí a tão anunciada atualidade dos milagres de Jesus nos programas televisivos - o tempo dos milagres não passou -, num momento em que ninguém mais fala de "milagre brasileiro". Apreende-se dos depoimentos o desejo de ruptura que o "milagre" evoca; no entanto, embora a opção por este canal possa denunciar a falta de esperança de que a vida se resolva dentro da ordem social dominante ou a indignação diante da pobreza, abeirando-se da "liberdade", que também é ruptura, esse desejo permanece enclaustrado numa espiritualidade individualizada; não encena emancipar-se.

*"Um milagre, Deus não quer só melhorar, Deus quer fazer um milagre na sua vida"* (Pastor Jorge, Programa O despertar da fé, Salvador, Rede Record, 18-05-98).

*"A palavra de Deus para você é que tudo é possível àquele que crê. Com essa enfermidade que você tem, se você usar a sua fé, agir com a sua fé, se você entregar o seu problema nas mãos de Deus, então um milagre vai acontecer"* (Pastor, Programa O despertar da fé, Florianópolis, Rede Record, 19-05-98).

A maior menção ao termo "milagre" na Bahia (7º lugar na tabela 10 e 30º em Santa Catarina) pode ser, em parte, justificada pela veiculação de uma sondagem de opinião, feita nas ruas e pelo telefone, acerca da existência ou não de milagres, no programa "Fala que eu te escuto" do dia 19-05-98, que, uma vez de âmbito regional, não foi transmitido em Florianópolis. Naquele dia, o programa "Fala que eu te escuto", que deveria ser veiculado em Santa Catarina a partir dos estúdios paulistas, não foi ao ar, mediante alegação, por parte da emissora, de intercorrências de ordem técnica, tendo sido substituído pelos programas "Ponto de fé" e "Palavra de vida". Em Santa Catarina, "milagre" figura em 30º lugar na mesma tabela. Mediante uma leitura da tabela 25, nos anexos, observa-se que a palavra "milagre" é a que apresenta uma maior diferença entre a frequência obtida dos dados e a frequência esperada pelo teste do qui-quadrado, contribuindo mais, portanto, para a diferenciação apontada por esse teste entre as duas regiões.

As "correntes", que figuram na tabela 10, em 23º lugar na Bahia e em 29º em Santa Catarina, também aparecem vinculadas ao milagre, no sentido de promoverem, a nível individual, uma "limpeza do passado" (FRESTON, 1997, 139); preparam os caminhos para que o milagre aconteça. Alguns testemunhos enfatizam a "persistência" (que aflora como um valor) nas orações e nas correntes até alcançarem a cura ou a vitória; nesse sentido, a corrente torna-se não uma fórmula mágica, mas uma espécie de "penitência" a cumprir, trajeto de merecimento da bênção, muito embora o termo "merecer" seja pouco referido nos discursos. O sentido do "fui me firmando, fui sendo perseverante, abrindo meu coração, e Deus foi penetrando com o poder d'Ele" enseja, mesmo não perdendo a perspectiva pragmática (meio para um fim), a idéia kantiana de que o "ser feliz" deve ser merecido (para Kant, deve-se procurar merecer não para se ter como resultado a felicidade), remete à idéia da importância da fé e não das obras, tão apregoada pelo luteranismo.

A construção da retórica iurdiana é facilitada pela disseminação de uma cultura mais ou menos homogeneizada, difundida mundialmente através dos meios de comunicação de massa. Nesse sentido, a perspectiva universalizadora da IURD, que caracteriza, de forma geral, todo o cristianismo<sup>3</sup>, adquire visibilidade na órbita da linguagem televisiva e pode ser apreendida do balanço das expressões constitutivas da tabela 10 e das demais tabelas, expressões essas que mantêm uma proporcionalidade relativamente similar nas duas regiões. O teste do qui-quadrado configura, no entanto, uma prescrição de cuidado quanto a afirmações categóricas nessa direção.

O sucesso da mensagem iurdiana está também articulado a uma maior ou menor capacidade de se conectar com os símbolos das culturas locais, que, por sua polissemia, criam condições para que pessoas com diferentes visões convivam numa mesma comunidade de culto (CAMPOS, 1997, 82). A maior recorrência da terminologia "demônio" ou "diabo" (28º lugar) e das expressões pertinentes aos cultos afros, como umbanda, candomblé, macumba, etc., na Bahia pode ser compreendida pela presença historicamente mais significativa<sup>4</sup> dessas matrizes religiosas naquela região do que em Santa Catarina (onde diabo e demônio aparecem em 35ª posição). Há um combate vigoroso

---

<sup>3</sup> Haja visto que da ação propagandística dos primeiros cristãos nasceram os evangelhos e epístolas do Novo Testamento. Um dos distintivos que compõem a assinatura institucional da IURD é o signo visual de um coração vermelho com uma pomba dentro, em pleno vôo, logotipo de toda a programação televisiva, que, segundo Campos, representa, através do coração, o centro intelectual, racional e emotivo dos seres humanos, através da pomba, a presença do Espírito Santo, e a cor vermelha, o sangue derramado de Jesus (CAMPOS, 1997, 323).

e maniqueísta, por parte da Igreja Universal, a todas essas práticas<sup>5</sup>, consideradas formas de manifestações demoníacas (e muitos depoimentos narram a "traumática" passagem por alguma delas antes do encontro definitivo com Jesus), ainda que, como já foi dito, ela tenha incorporado muitos símbolos figurativos e cósmicos dessas e de outras manifestações religiosas em suas práticas ritualísticas, como "óleo do Rio Jordão", "sal orado", "bálsamo ungido", etc.

Durante a programação televisiva, repetidas chamadas alertam para os dez sinais da possessão demoníaca, como a que é formulada antes da veiculação de uma cena de "amarração" de demônio ou de exorcismo:

*"Eu quero pedir que você assista com atenção os dez sintomas que caracterizam possessão, que caracterizam manifestação do diabo na vida das pessoas. E se você tem um ou mais sintomas, você deve estar na Igreja procurando libertação. Os dez sintomas que caracterizam possessão: nervosismo, dores de cabeça constantes, insônia, medo, desmaios ou ataques, desejo de suicídio, doenças que os médicos não descobrem a causa, visão de vultos ou audição de vozes, vícios e depressão"* (Pastor Isnarde e Narrador, programa Pare de sofrer, Salvador, Rede Record, 22-05-98).

Nos programas coletados em Salvador, o emprego da forma "pastor" aparece em 4º lugar, quantitativamente bem mais acentuado do que em Florianópolis (onde figura em 13º), tanto nas entrevistas com os convertidos, como nas trocas e diálogos entre pastores na confecção do discurso ao longo dos programas, sugerindo em ambas as regiões uma insígnia de autoridade espiritual - o homem de Deus -, conforme exposto no capítulo anterior. Na tabela 25 dos anexos, pode-se constatar uma maior diferença entre a frequência observada e a esperada para o termo "pastor", superada apenas pelo termo "milagre".

A oração, aliada ao conhecimento bíblico e a uma comunhão contínua com Deus, é a prescrição iurdiana para o convertido. Em Santa Catarina, esse termo, que ocupou o 4º lugar, foi quantitativamente mais reforçado do que na Bahia, onde figurou em 8º lugar.

Os termos "vitória" e "vitorioso", embora mais proeminentes em Santa Catarina (28ª posição) do que na Bahia (34ª), são credenciais fundamentais da cosmovisão iurdiana e demarcam o trânsito do profano para o sagrado. Esse trânsito opera numa ampla província de significados: vitória como sinônimo de "liberdade", de "saúde", de "transformação dessa vida de miséria"; vida de vitória "não é só uma vida de sucesso, é

<sup>4</sup> Proporcionalmente, o número de adeptos do candomblé e umbanda na Bahia pouco difere de Santa Catarina. Ver dados de 1991 no quadro 4 do capítulo 2.

<sup>5</sup> O combate é dirigido a todas as formas de espiritismo, que incluem o kardecismo, umbanda, macumba, etc.

uma vida abundante em todos os sentidos"; o milagre de Deus corresponde à vitória, à "mudança total e completa"; "Deus é a vitória, a resposta"<sup>6</sup>. Mas "vitória" implica em vencer o mal, "amarrá-lo", subjugar o demônio, em nuances de mentalidade mágica e lei do esforço próprio.

*"E no programa de hoje, nós temos muitos testemunhos de pessoas que chegaram destruídas até a Igreja Universal do Reino de Deus e foram abençoadas, receberam a vitória, porque lutaram. É claro que não vem de graça, é com luta, é com perseverança. Não se paga por dinheiro, mas tem que ter fé, tem que acreditar, tem que confiar em Deus, quando ela acredita em Jesus, ela é vitoriosa"* (Bispo, Programa Ponto de fé, Florianópolis, Rede Record, 23-05-98).

*"Dai força para que as pessoas possam chegar hoje à Tua casa, receber a oração, ter um encontro contigo e desse encontro, dessa religião, resultar na vitória de suas vidas"* (Bispo Alceu, Programa Fala que eu te escuto, Salvador, Rede Record, 18-05-98).

A teologia iurdiana rompe com as preocupações escatológicas do protestantismo histórico (CAMPOS, 1997, 374), abole as visões fatalistas, idéias de carma, destino, creditando à fé do indivíduo o "passe" para todas as transformações. A Bíblia é sujeita muito mais a uma leitura simbólica, e não literal, como ocorre no fundamentalismo protestante, embora seja constantemente reafirmada como regra de fé; o pastor, muitas vezes, apela para a autoridade de seus exemplos como mais um mecanismo de persuasão. A repetição, não só das citações bíblicas, mas de certas expressões, chamadas, afirmações, que esquadrinha, de forma particular, a retórica dos pastores nas duas regiões, é um recurso publicitário e propagandístico poderoso, segundo Brown<sup>7</sup>, para afugentar o raciocínio crítico e a dúvida.

*"Eu quero falar para você agora a respeito da garantia da Palavra de Deus. Eu garanto que a sua vida vai mudar se você sair de casa hoje, você que está separado, desempregado, doente, sofrendo, você que está com a vida amarrada. Eu garanto que sua vida vai mudar. Mas vai mudar em nome de Jesus Cristo. A Palavra de Deus é verdadeira, O Deus que estamos buscando, servindo, é um Deus vivo. Não é de pau, de pedra. É um Deus vivo, que faz milagre acontecer"* (Pastor Adriano, Programa O despertar da fé, Florianópolis, Rede Record, 19-05-98).

Progredirão os que tiverem fé, os que forem fiéis, estando implícita nesta fidelidade a ambivalência da oferta - oferta a Deus e oferta à Igreja Universal.

<sup>6</sup> Os termos entre aspas indicam citações extraídas dos programas televisivos.

<sup>7</sup> Citado por Campos, 1997, 302.

*"Muitas pessoas que agora assistem a essa programação, elas estão tentando dar a desculpa colocando a culpa no destino, carma, na cruz que têm que carregar, na provação; porém, nós cremos o contrário, nós cremos que é dom de Deus que o homem tenha uma vida regalada, o próprio Senhor Jesus disse: eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância. Quer dizer, não é o carma, não é a cruz que essa pessoa está carregando não, não. Ela tem que enfrentar esse problema de frente, crer em Deus, colocar a vida nas mãos de Deus, usar a fé, ir até a igreja, enfim, abrir o coração. Porque ela vai desfrutar se ela crer"* (Bispo, Programa Ponto de fé, Florianópolis, Rede Record, 24-05-98).

A compenetração da esfera religiosa e da esfera econômica manifesta-se, de forma curiosa, na significação da palavra "paz", uma vez associada à expressão "financeira" - paz financeira -, combinação que induz à ausência de conflitos gerados por carências materiais e, até mesmo, por desejos de posse e consumo não satisfeitos.

*"Na Igreja Universal do Reino de Deus, eu conheci a paz, a paz interior que muita gente acha que não existe, conheci a paz financeira, conheci a paz sentimental, conheci a paz familiar"* (Depoente, Programa Ponto de fé, Florianópolis, Rede Record, 24-05-98).

### Expressões da esfera psicossocial

A tabela 11 reúne as expressões inseridas na esfera psicossocial, conforme a mesma dinâmica das tabelas anteriores, ou seja, decrescente por frequência nos dois grupos, e a tabela 26, nos anexos, os parâmetros de cálculo para o teste do qui-quadrado.

**Tabela n.º 11 – Quadro comparativo das expressões da vida psicossocial por regiões brasileiras**

| Palavras-chaves |  | Bahia | Palavras-chaves |  | Santa Catarina |
|-----------------|--|-------|-----------------|--|----------------|
| 1º              | Sufrimento, sofrer(+)                            | 448   | 1º              | Problema, problemas, dificuldade                 | 766            |
| 2º              | Problema, problemas, dificuldade                 | 405   | 2º              | Sufrimento, sofrer(+)                            | 415            |
| 3º              | Feliz, felicidade                                | 303   | 3º              | Doença, doente, enfermidade, enfermo             | 373            |
| 4º              | Droga, drogado, maconha, cocaína, crack          | 263   | 4º              | Feliz, felicidade                                | 354            |
| 5º              | Doença, doente, enfermidade, enfermo             | 242   | 5º              | Droga, drogado, maconha, cocaína, crack          | 277            |
| 6º              | Alcool, alcoolismo, alcoólatra, bebida, beber(+) | 208   | 6º              | Alcool, alcoolismo, alcoólatra, bebida, beber(+) | 261            |
| 7º              | Dor, doer(+)                                     | 177   | 7º              | Dor, doer(+)                                     | 256            |
| 8º              | Médico, medicina                                 | 169   | 8º              | Médico, medicina                                 | 253            |
| 9º              | Triste, tristeza                                 | 141   | 9º              | Triste, tristeza                                 | 174            |
| 10º             | Vício, vícios, viciado                           | 109   | 10º             | Briga, brigar(+)                                 | 160            |
| 11º             | Alegre, alegria                                  | 108   | 11º             | Destruído, destruição                            | 148            |
| 12º             | Desespero, desesperado, desesperar(+)            | 105   | 12º             | Desespero, desesperado, desesperar(+)            | 147            |

|       |   |      |     |   |      |
|-------|---|------|-----|---|------|
| 13º   | Briga, brigar(+)                            | 104  | 13º | Vício, vícios, viciado                      | 146  |
| 14º   | Destruído, destruição                       | 95   | 14º | Remédio                                     | 135  |
| 15º   | Saúde, saudável                             | 88   | 15º | Bater(+), apanhar(+)                        | 125  |
| 16º   | Miséria, miserável                          | 73   | 16º | Alegre, alegria                             | 104  |
| 17º   | Fumar(+)                                    | 67   | 17º | Saúde, saudável                             | 94   |
| 18º   | Fundo do poço                               | 62   | 18º | Fundo do poço                               | 71   |
| 19º   | Bater(+), apanhar(+)                        | 60   | 19º | Suicidar(+), suicídio                       | 58   |
| 20º   | Nervoso, nervosa                            | 49   | 20º | Nervoso, nervosa                            | 56   |
| 21º   | Remédio                                     | 46   | 21º | Miséria, miserável                          | 52   |
| 22º   | Suicidar(+), suicídio                       | 40   | 22º | Deprimido, angustiado, deprimida, angustia  | 52   |
| 23º   | Prostituição, prostituta, prostituir(+)     | 39   | 23º | Violento, violência                         | 51   |
| 24º   | Deprimido, angustiado, deprimida, angustia  | 28   | 24º | Prostituição, prostituta, prostituir(+)     | 47   |
| 25º   | Gritar(+), xingar(+)                        | 26   | 25º | Fumar(+)                                    | 35   |
| 26º   | Roubo, roubar(+), roubando                  | 24   | 26º | Gritar(+), xingar(+)                        | 32   |
| 27º   | Violento, violência                         | 23   | 27º | Roubo, roubar(+), roubando                  | 22   |
| 28º   | Armado, arma                                | 11   | 28º | Armado, arma                                | 20   |
| 29º   | Descontrolado, descontrole, descontrolar(+) | 3    | 29º | Decadente, decadência                       | 15   |
| 30º   | Decadente, decadência                       | 2    | 30º | Aborto                                      | 10   |
| 31º   | Aborto                                      | 1    | 31º | Descontrolado, descontrole, descontrolar(+) | 4    |
| Total |   | 3519 |     |   | 4713 |

O teste do qui-quadrado, cujo valor é de **79,48**, aponta que as diferenciações entre o peso das expressões nos dois *corpus* de análise são estatisticamente significativas, ainda que a intensidade, expressa pelo coeficiente de Cramér, 0,12, seja baixa. Os termos mais recorrentes na Bahia, e que ocupam a 1ª e 2ª posição, respectivamente, na tabela 11, são "sofrimento" (e "sofrer") e "problema" (e "dificuldade), que também são os de maior destaque em Santa Catarina, porém, em ordem inversa.

Da tabela 26 dos anexos, depreende-se que os referidos termos são os que apresentam as maiores diferenças entre as frequências observadas e as esperadas, o que repercute, evidentemente, na majoração do valor final do teste do qui-quadrado, e na intensificação da diferenciação dos discursos entre as duas regiões. "Problema" aparece na Bahia com menor ênfase do que o esperado pelo teste, e "sofrimento", com maior ênfase.

As expressões distribuídas na esfera psicossocial, tanto de cunho positivo quanto negativo, situam-se nas fronteiras da realidade, desejos e sonhos de telespectadores premidos pela crise econômica e pelo anseio de ascensão social, aos quais a IURD pretende apresentar soluções. Termos como "destruído", "arrasado" e outros, indicativos da vida pregressa do convertido, são "moedas numa troca simbólica cujas regras são ditadas pelo vendedor" (CAMPOS, 1997, 308). A insistência nos resultados e a propaganda, feita de palavras de ordem e slogans, entrecortando os depoimentos de transformações

exemplares, parecem compor uma filosofia totalizante, capaz de expressar e, ao mesmo tempo, superar o universo fragmentado da existência humana.

Os estados emocionais enumerados nas tabelas estão fortemente associados ao campo religioso; o "insight religioso" é quase o movimento de um estado depressivo para um estado eufórico. Problemas, dificuldades, sofrimento, tristeza, violência são estilhaços do passado, superado graças à ação de Deus na Igreja Universal, o que é comum às duas regiões. Como dizia Marx, a religião é o soluço da criatura oprimida (MARX e ENGELS, 1972, 46).

Embora a "violência" (e "violento") apareça com reduzida frequência, segundo a tabela 11 (27º lugar na Bahia e 23º em Santa Catarina), alguns depoimentos relatam a mudança comportamental do "marido violento" após a conversão. As religiões em geral exercem um poder inibidor sobre a violência física, muito embora possam agudizar a violência simbólica. Cabe aqui mencionar a originalidade da contribuição de Girard para o estudo da violência, impossível de ser desenvolvida aqui, mas que nos parece fundamental para a reflexão acerca do fenômeno religioso (GIRARD, 1992). Para Girard, os ritos possuem uma função catártica, catalizando para "vítimas sacrificiais" diversas (plantas, animais ou seres humanos) o "capital de ódio" acumulado na comunidade (MATOS, 1996). E essa catarse ocorre devido à extraordinária fusão que esses rituais promovem entre o sagrado e a violência. "Sagrado" origina-se de *sacer*, que ora é traduzido por "sagrado", ora por "maldito". Os ritos de libertação e amarração de demônios que ocorrem na Igreja Universal cumprem uma função catártica, promovem uma certa "coesão coletiva".

*"Quando eu cheguei à Igreja Universal, eu estava muito triste, muito doente, cheguei completamente destruída; quando isto acontece, os pastores falam com você e ajudam. Então, você começa a depender de um Deus que nunca havia conhecido, isto vai transformar a sua vida. Você deixa de ser triste e doente. Por exemplo, quando cheguei à Igreja Universal, tinha muitas doenças: nos rins, na coluna, tinha sinusite e úlcera, e fui totalmente curada. Não tinha trabalho e consegui, pouco a pouco fui prosperando..."* (Depoente, Programa Especial Universal, Salvador e Florianópolis, Rede Record, 24-05-98).

*"Hoje, graças a Deus, minha vida mudou. Porque dentro da minha casa tem paz, a gente é uma família feliz. Minha família tá toda convertida e, graças a Deus, tá tudo diferente hoje na nossa vida, né?"* (Depoente Cleonice, Programa Verdade de cada um, Florianópolis, Rede Record, 25-05-98).

Em alguns testemunhos, o depoente manifesta sua emoção através do choro, quando evoca situações de dor vividas ou o encontro com Deus. Quando o relato não é

feito mediante entrevista com o pastor, mas através da voz de um narrador, intercalada ou não por intervenções do depoente, são, muitas vezes, introduzidas cenas de cachoeiras, de lugares bucólicos, acompanhados de um fundo musical, induzindo um clima mais sentimental, que concorra para persuadir o telespectador a concretizar seus desejos através da Igreja.

A Igreja Universal preserva o caráter emocional do pentecostalismo e procura estimulá-lo em seus cultos e concentrações de fé em geral, no entanto, o apelo à razão, à "justificação pela fé", como aparece na pregação recortada em seguida, recoloca, por um lado, a racionalidade protestante, também resguardada, haja vista a importância da retórica televisiva, e, por outro, a racionalidade como valor moderno. Em outros termos, se o que vale é a racionalidade, burlá-la através de um viés emocional redundaria em enfraquecimento da Igreja enquanto tal.

*"Você tem que pedir pela fé, porque pela emoção, Deus não vai abençoar ninguém não, pelo sentimento, porque, se Deus fosse abençoar pelo sentimento, o mundo não estaria como está. Porque o mundo está uma desgraça, pessoas morrendo, fome e necessidade e por que Deus não abençoa? Porque a pessoa só pode alcançar de Deus a bênção pela fé"* (Bispo, Programa O despertar da fé, Florianópolis, Rede Record, 23-05-98).

Os termos "droga" ("drogado" e similares) e "doença" ("doente", "enfermidade" e "enfermo"), associados a um passado sem a "verdadeira" fé, despontam entre os mais relevantes na tabela 11, estando listados, respectivamente, em 4º e 5º lugares na Bahia e, em 5º e 3º, em Santa Catarina. A maioria das curas refere-se, como já foi dito no capítulo anterior, a doenças incuráveis pela medicina ou para as quais ela não consegue oferecer resolutividade ou um diagnóstico adequado. A doença também é inoculada pelo envolvimento com espiritismo, umbanda, etc.

*"...para trabalhar para esses espíritos, mas foi a pior miséria da minha vida. Lá foi que eu encontrei a miséria e destruição e doença; todo tipo de doença fez morada no meu corpo"* (Depoente Terezinha, Programa O despertar da fé, Salvador, Rede Record, 22-05-98).

### **Expressões da esfera familiar**

Na tabela 12, estão distribuídos os termos relativos à vida familiar, colhidos dos discursos gravados em Salvador e Florianópolis, e na tabela 27, nos anexos, os parâmetros

para o cálculo do qui-quadrado, cujo valor, 545,02, exprime relevância estatística na diferenciação entre os dois *corpus*, embora o coeficiente de Cramér de 0,19 aponte uma baixa intensidade nessa diferenciação.

Tabela n.º 12 – Quadro comparativo das expressões da vida familiar por regiões brasileiras

| Palavras-chaves |   | Bahia |       | Palavras-chaves |   | Santa Catarina |       |
|-----------------|---|-------|-------|-----------------|---|----------------|-------|
|                 |   | n.º   | %     |                 |   | n.º            | %     |
| 1º              | Casa                                      | 528   | 14,1  | 1º              | Amigo, amiga, amizade                     | 723            | 15,9  |
| 2º              | Amigo, amiga, amizade                     | 520   | 13,9  | 2º              | Casa                                      | 670            | 14,7  |
| 3º              | Pai, pais                                 | 485   | 13,0  | 3º              | Homem, mulher                             | 555            | 12,2  |
| 4º              | Filho, filha                              | 462   | 12,3  | 4º              | Família                                   | 523            | 11,5  |
| 5º              | Homem, mulher                             | 395   | 10,6  | 5º              | Filho, filha                              | 393            | 8,6   |
| 6º              | Família                                   | 370   | 9,9   | 6º              | Pai, pais                                 | 388            | 8,5   |
| 7º              | Marido, esposa                            | 234   | 6,3   | 7º              | Casamento, casal, casar(+),<br>matrimônio | 326            | 7,2   |
| 8º              | Mãe, mães                                 | 226   | 6,0   | 8º              | Marido, esposa                            | 313            | 6,9   |
| 9º              | Irmão, irmã, irmãos, irmãs                | 164   | 4,4   | 9º              | Mãe, mães                                 | 253            | 5,6   |
| 10º             | Casamento, casal, casar(+),<br>matrimônio | 122   | 3,3   | 10º             | Irmão, irmã, irmãos, irmãs                | 112            | 2,5   |
| 11º             | Criança, infância                         | 96    | 2,6   | 11º             | Criança, infância                         | 107            | 2,4   |
| 12º             | Lar, lares                                | 38    | 1,0   | 12º             | Lar, lares                                | 91             | 2,0   |
| 13º             | Velhice, velho                            | 28    | 0,7   | 13º             | Velhice, velho                            | 26             | 0,6   |
| 14º             | Neto, neta                                | 18    | 0,5   | 14º             | Cunhado, cunhada                          | 17             | 0,4   |
| 15º             | Tio, tia                                  | 15    | 0,4   | 15º             | Avô, avó                                  | 12             | 0,3   |
| 16º             | Cunhado, cunhada                          | 12    | 0,3   | 16º             | Conjugal                                  | 12             | 0,3   |
| 17º             | Avô, avó                                  | 9     | 0,2   | 17º             | Parente, parentes                         | 12             | 0,3   |
| 18º             | Sogra, sogro                              | 9     | 0,2   | 18º             | Sogra, sogro                              | 11             | 0,2   |
| 19º             | Conjugal                                  | 8     | 0,2   | 19º             | Neto, neta                                | 5              | 0,1   |
| 20º             | Primo, prima                              | 3     | 0,1   | 20º             | Tio, tia                                  | 4              | 0,1   |
| 21º             | Parente, parentes                         | 2     | 0,1   | 21º             | Primo, prima                              | 0              | 0,0   |
|                 | Total                                     | 3744  | 100,0 |                 | Total                                     | 4553           | 100,0 |

Como já descrito no capítulo anterior, o tratamento preferencial adotado pelos pastores, nas duas regiões, ao se dirigirem ao telespectador é a forma "meu amigo", "minha amiga", o que eleva a frequência dessa expressão, inserida na esfera da vida familiar, figurando em 2º lugar na Bahia e em 1º em Santa Catarina. A palavra "casa", tão recorrente no discurso televisivo iurdiano nas duas regiões (1º lugar na Bahia e 2º em Santa Catarina), designa uma referência espacial, geográfica ("vá à Igreja Universal mais próxima de sua casa"); o bem material em si; remete a seu sentido laico de lar, domicílio, no entanto, sempre passível de sacralização mediante as bênçãos divinas e também a seu atributo divino - o templo iurdiano como a casa do Senhor, o local do "encontro com o Espírito

Santo", um centro de proteção. A "casa" que se sacraliza é, na verdade, o centro de intimidade da "família como Deus manda", segundo afirma um depoente.

"Casa" é o fenômeno original da existência humana, o modelo do modo humano de ser, o signo de todos os signos da transição da ordem da natureza para a ordem da cultura (Matos, 1993, 123). À idéia de uma onipresença da casa na sociedade brasileira antiga, enfatizada na sociologia gilbertiana<sup>8</sup>, Matos propõe um reparo crítico à crítica corrente. Em Freyre são encontráveis observações incisivas referentes à rigidez característica do relacionamento cotidiano entre o pai e os filhos e à distância emocional entre a mãe e as crianças. Essa relativa ausência de um enlace emocional ter-se-ia refletido na debilidade das alianças comunitárias mais amplas e na debilidade originária da própria instituição familiar, uma vez que as interações entre o patriarca, os filhos e a esposa eram antes baseadas numa combinatória de poder-medo e/ou indiferença do que de autoridade-confiança; em outros termos, a incapacidade política do Brasil talvez seja explicável, em melhor medida, pela ausência do que pela ascendência da família no processo de estruturação da sociedade (MATOS, 1993, 8 e 125).

Num paralelo com o estudo que Banfield realiza numa vila rural no sul da Itália, buscando elucidar a sua relativa incompetência organizacional ou incapacidade no desenvolvimento de uma conduta associada, Matos salienta o que aquele autor denomina "ethos familista amoral", que consiste no fato dos membros dessa coletividade agirem como se observassem o princípio: "extraia o máximo de vantagem material para você, sua mulher e seus filhos e não se esqueça de que os outros tentarão fazer a mesma coisa", cabendo à família nuclear, nesse contexto, praticamente o status de única associação possível (MATOS, 1993, 125 e BANFIELD, 1958). Tanto no caso colonial brasileiro quanto no caso italiano<sup>9</sup>, Matos atenta para uma fragilidade do que se poderia chamar, com base em Tönnies, de espírito de comunidade, mas o familismo italiano, embora problemático, ainda poderia ser tomado como uma base mais favorável para a democracia do que o "individualismo" brasileiro (MATOS, 1993, 134).

Na Igreja Universal, a noção de "família", conforme já foi referido, constitui uma categoria estruturadora da retórica, tanto numa região quanto na outra, embora com pesos diferenciados (6º lugar na Bahia e 4º em Santa Catarina, pela tabela 12), possivelmente em vista de uma ênfase maior num ou noutro relato ou testemunho. Na tabela 27 dos anexos,

---

<sup>8</sup> Relativo a Gilberto Freyre.

<sup>9</sup> Esclarecendo que, ao fazermos referência ao "caso italiano", não estamos entrando no mérito da questão familiar italiana de forma mais ampla, onde a mãe é o centro, pesando a favor da emoção; o exemplo citado trata de uma situação particular.

percebe-se que a frequência do termo "família" encontrada na Bahia é aproximadamente dez por cento inferior à esperada pelo teste do qui-quadrado.

A família torna-se, numa certa aproximação, embora cautelosa, com o estudo de Banfield, a forma por excelência de associação, projetada a nível da própria Igreja. A adesão a essa "grande família Universal", ou seja, a Igreja como uma grande família, é ressaltada pela apologética iurdiana, que procura incutir nos fiéis o orgulho de pertencerem a uma Igreja tantas vezes perseguida e que, por seus resultados, é detratada por adversários aliados a forças diabólicas.

É típico das religiões assumirem a moral familiar como base da ordem social mais ampla e adotarem a família como símbolo de estabilidade moral e social (Machado, 1996, 35), interpretação que também se adequaria à Igreja Universal. Nesse modelo, a sociedade torna-se uma soma das relações interpessoais, onde os desviantes (homossexuais, feministas, etc.) representam um risco para a própria ordem social. Subjacente a essa lógica, a família e o casamento devem constituir-se e manter-se mediante a ação de Deus. Conseqüentemente, é essa família conforme "Deus manda", alicerçada na fé, que progredirá, pois "agrada a Deus", como aparece nos discursos dos pastores. Na "Folha Universal" (n.º 368, 3B), é feita uma advertência contra os casamentos com regime parcial de bens, que exprimem uma falta de fé - e a fé é a única arma capaz de salvar o infortúnio e desagregação familiar dos dias de hoje.

*"Este é o melhor retrato da Igreja Universal do Reino de Deus: uma família unida, com base sólida. Uma família que acredita no amor ao próximo e no poder de transformação de vida através do amor do Todo Poderoso Nosso Senhor Jesus Cristo"* (Narrador, Programa Fala que eu te escuto, Florianópolis e Salvador, Rede Record, 20-05-98).

Na tabela 27, pode-se ler uma maior diferenciação entre as frequências encontradas e as esperadas para os termos "pai" ("pais"), "filho" ("filha" e plurais) e "casamento" ("casar", etc.), sendo tal diferença, para os dois primeiros termos, substancialmente maior na Bahia e menor em Santa Catarina e, para o último, o inverso: menor na Bahia e maior em Santa Catarina. A maior incidência da figura paterna na Bahia do que em Santa Catarina nos recoloca a discussão acerca do lugar do patriarca na nossa formação social, que, em Freyre, ocupa o centro da sociedade colonial (FREIRE, 1977), com repercussões obviamente diferenciadas em Santa Catarina e na Bahia, núcleo dessa sociedade (tendo sido Salvador a primeira sede de governo no Brasil, erigida por Tomé de Sousa na capitania da Bahia).

## Expressões da esfera econômica

A tabela 13 reúne as expressões pertinentes à esfera econômica, a partir das quais também se procedeu ao teste do qui-quadrado, apresentado na tabela 28 dos anexos.

Tabela n.º 13 – Quadro comparativo das expressões econômicas por regiões brasileiras

| Palavras-chaves |   | Bahia |      | Palavras-chaves |  | Santa Catarina |      |
|-----------------|---|-------|------|-----------------|--|----------------|------|
|                 |   | n.º   | %    |                 |  | n.º            | %    |
| 1º              | Trabalho, trabalhar(+), trabalhador           | 477   | 18,5 | 1º              | Trabalho, trabalhar(+), trabalhador    | 410            | 13,0 |
| 2º              | Tempo   | 212   | 8,2  | 2º              | Perder(+), perda, perdedor             | 260            | 8,3  |
| 3º              | Perder(+), perda, perdedor                    | 150   | 5,8  | 3º              | Tempo                                  | 212            | 6,7  |
| 4º              | Dono, proprietário, propriedade, posse        | 142   | 5,5  | 4º              | Empresário, empresa                    | 211            | 6,7  |
| 5º              | Empresário, empresa                           | 137   | 5,3  | 5º              | Dono, proprietário, propriedade, posse | 204            | 6,5  |
| 6º              | Financeiro, financeira                        | 129   | 5,0  | 6º              | Empregar(+), serviço, desempregado     | 194            | 6,2  |
| 7º              | Dinheiro                                      | 111   | 4,3  | 7º              | Financeiro, financeira                 | 179            | 5,7  |
| 8º              | Empregar(+), serviço, empregado, desempregado | 108   | 4,2  | 8º              | Dinheiro                               | 168            | 5,3  |
| 9º              | Carro, apartamento, telefone celular          | 104   | 4,0  | 9º              | Carro, apartamento, telefone celular   | 150            | 4,8  |
| 10º             | Vencer(+), conquistar(+)                      | 104   | 4,0  | 10º             | Vencer(+), conquistar(+)               | 144            | 4,6  |
| 11º             | Comprar(+), comprador                         | 97    | 3,8  | 11º             | Dedicar(+), determinação, garra        | 141            | 4,5  |
| 12º             | Dívida, endividado                            | 87    | 3,4  | 12º             | Prosperidade, prosperar(+)             | 99             | 3,1  |
| 13º             | Dedicar(+), determinação, garra               | 83    | 3,2  | 13º             | Negócio, negociar(+)                   | 91             | 2,9  |
| 14º             | Bom pagador, pagar(+)                         | 78    | 3,0  | 14º             | Dívida, endividado                     | 90             | 2,9  |
| 15º             | Prosperidade, prosperar(+)                    | 75    | 2,9  | 15º             | Bom pagador, pagar(+)                  | 89             | 2,8  |
| 16º             | Negócio, negociar(+)                          | 50    | 1,9  | 16º             | Comprar(+), comprador                  | 78             | 2,5  |
| 17º             | Ganho, ganh(+)                                | 45    | 1,7  | 17º             | Ganho, ganh(+)                         | 64             | 2,0  |
| 18º             | Salário                                       | 44    | 1,7  | 18º             | Produzir(+), produto, produção         | 49             | 1,6  |
| 19º             | Produzir(+), produto, produção                | 36    | 1,4  | 19º             | Pobre, pobreza                         | 29             | 0,9  |
| 20º             | Rico, riqueza, fortuna                        | 30    | 1,2  | 20º             | Salário                                | 27             | 0,9  |
| 21º             | Pobre, pobreza                                | 24    | 0,9  | 21º             | Cheque                                 | 26             | 0,8  |
| 22º             | Valor, preço                                  | 22    | 0,9  | 22º             | Rico, riqueza, fortuna                 | 23             | 0,7  |
| 23º             | Cheque  | 20    | 0,8  | 23º             | Economia, econômico                    | 21             | 0,7  |
| 24º             | Conta, contar(+), cálculo, calcular(+)        | 20    | 0,8  | 24º             | Valor, preço                           | 20             | 0,6  |
| 25º             | Dólar, libra, xelim, reais, centavos          | 20    | 0,8  | 25º             | Conta, contar(+), cálculo, calcular(+) | 19             | 0,6  |
| 26º             | Economia, econômico, economicamente           | 18    | 0,7  | 26º             | Conforto, confortável                  | 16             | 0,5  |
| 27º             | Despender, gastar(+)                          | 18    | 0,7  | 27º             | Agiota                                 | 15             | 0,5  |
| 28º             | Possuir(+), posse                             | 16    | 0,6  | 28º             | Segurança, estabilidade                | 13             | 0,4  |
| 29º             | Despesa                                       | 15    | 0,6  | 29º             | Divertir(+), passear(+), lazer         | 13             | 0,4  |
| 30º             | Mercado, mercadoria                           | 13    | 0,5  | 30º             | Possuir(+), posse                      | 12             | 0,4  |
| 31º             | Crédito, credor, credibilidade                | 13    | 0,5  | 31º             | Dólar, libra, xelim, reais, centavos   | 11             | 0,3  |
| 32º             | Segurança, estabilidade                       | 11    | 0,4  | 32º             | Despesa                                | 8              | 0,3  |
| 33º             | Conforto, confortável                         | 10    | 0,4  | 33º             | Soma, quantia, Quantidade              | 8              | 0,3  |
| 34º             | Agiota  | 10    | 0,4  | 34º             | Despender, gastar(+)                   | 7              | 0,2  |

|     |                                    |     |      |     |                                    |      |       |
|-----|------------------------------------|-----|------|-----|------------------------------------|------|-------|
| 35º | Lucro, proveito, vantagem          | 9   | 0,3  | 35º | Indústria, industrial              | 7    | 0,2   |
| 36º | Soma, quantia, quantidade          | 8   | 0,3  | 36º | Bens                               | 7    | 0,2   |
| 37º | Divertir(+), passear(+), lazer     | 5   | 0,2  | 37º | Honestidade, honesto, honestamente | 6    | 0,2   |
| 38º | Indústria, industrial              | 5   | 0,2  | 38º | Investir(+), investimento          | 5    | 0,2   |
| 39º | Bens                               | 4   | 0,2  | 39º | Mercado, mercadoria                | 4    | 0,1   |
| 40º | Honestidade, honesto, honestamente | 4   | 0,2  | 40º | Crédito, credor, credibilidade     | 3    | 0,1   |
| 41º | Investir(+), investimento          | 3   | 0,1  | 41º | Utilidade, útil, inútil            | 3    | 0,1   |
| 42º | Utilidade, útil, inútil            | 3   | 0,1  | 42º | Desperdício, desperdiçar(+)        | 3    | 0,1   |
| 43º | Desperdício, desperdiçar(+)        | 2   | 0,1  | 43º | Lucro, proveito, vantagem          | 2    | 0,1   |
| 44º | Preguiça, preguiçoso               | 2   | 0,1  | 44º | Preguiça, preguiçoso               | 1    | 0,0   |
| 45º | Vadição, vadiar(+), vagabundo      | 2   | 0,1  | 45º | Pontualidade                       | 1    | 0,0   |
| 46º | Pontualidade                       | 1   | 0,0  | 46º | Prudência, prudente                | 1    | 0,0   |
| 47º | Prudência, prudente                | 1   | 0,0  | 47º | Balanço, receita                   | 1    | 0,0   |
| 48º | Balanço, receita                   | 0   | 0,0  | 48º | Vadição, vadiar(+), vagabundo      | 0    | 0,0   |
|     | Total                              | 257 | 100, |     | Total                              | 3145 | 100,0 |
|     |                                    | 8   | 0    |     |                                    |      |       |

O valor calculado do qui-quadrado, **310,36**, traduz a relevância estatística das diferenças entre os termos do campo econômico, capturados nas duas regiões brasileiras, indicando, apesar do valor pouco expressivo do coeficiente de Cramér, 0,18, cautela na afirmação da homogeneidade e universalidade da retórica iurdiana. O termo "trabalho" e seus correlatos assumem o 1º lugar em ambas as regiões, embora na Bahia seu peso seja um pouco maior (18,5 % contra 13,0 %). O exame da tabela 28 permite-nos verificar que "trabalho" foi o termo que apresentou a maior diferença entre a frequência observada e a esperada pelo teste, pesando a favor de uma diferenciação entre os dois grupos. Na Bahia, "trabalho" aparece mais do que seria esperado pelo teste do qui-quadrado e, em Santa Catarina, obviamente, aparece menos.

"Tempo", que ocupa o 2º lugar na Bahia (tabela 28) e o 3º em Santa Catarina, "perder" ("perda", etc.), que figura em 3º lugar na Bahia e, em 2º, em Santa Catarina e "empregar" ("desempregado", etc.), que aparece em 8ª posição na Bahia e em 6ª em Santa Catarina, são palavras que apresentam, depois de "tempo", as maiores diferenças entre os valores obtidos através dos dados e os esperados pelo teste, inferidas da tabela 28. O termo "prosperidade" ("prosperar") mostra-se, nessa tabela, sujeito a uma pequena variação entre as frequências encontradas e esperadas, o que indica uma certa indiferenciação entre os discursos nas duas regiões estudadas no que tange à prosperidade.

Na Bahia é mais reforçado o desempenho institucional da Igreja Universal, dado o seu permanente apelo à filantropia, em função da recorrência da seca do Nordeste, o que, de alguma forma, justificaria a presença aí mais significativa das palavras "governo" e

"governante" do que em Santa Catarina, conforme se observará nas tabelas posteriores<sup>10</sup>. Se essa apologia ao trabalho da Igreja teria a pretensão de suscitar uma "vocação" para o trabalho num meio percebido como mais adverso a ele, não haveria como verificarmos pelos nossos dados.

A oração do trabalhador, proferida pelas autoridades eclesiásticas da IURD tanto numa região quanto na outra, retrata a imbricação entre as esferas religiosa e econômica. O desemprego não é remetido ao contexto social ou às conjunturas políticas ou econômicas da região ou do país, mas é imbuído de uma conotação puramente religiosa, que requer a libertação individual das amarras malignas. Beber da "água ungida" ao final dos programas implica em estabelecer, através desse ritual, a conexão com o sagrado<sup>11</sup>.

*"Nós oramos por todos os profissionais, trabalhadores do campo, da lavoura, trabalhadores da cidade, funcionário público, profissional liberal, autônomo, vendedor, comerciante, padeiro, professores, oramos pelo dentista, pelo médico, pelo enfermeiro, oramos pelo motorista, pelo cobrador, oramos, enfim, por todos os trabalhadores, Senhor, e oramos também por esta pessoa que está desempregada, meu Deus, daqui a pouco ela vai sair em busca de um emprego, eu defino, em nome de Jesus, e o anjo vai na frente abrindo os caminhos trancados, em nome de Jesus, eu entrego em suas mãos, estas pessoas, abençoa e consagra esta água, unge com o Teu poder, com Teu espírito, e quando esta pessoa beber dessa água, que ela seja agraciada por Ti, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém. Graças a Deus. Juntos, vamos beber da água ungida, da água consagrada em nome de Jesus"* (Bispo, Programa Pare de sofrer, Florianópolis, Rede Record, 22-05-98).

A palavra "diversão" e seus correlatos, pouco representativa na tabela 13 (37ª posição na Bahia e 29ª em Santa Catarina) assume uma tonalidade predominantemente negativa, associada à vida pregressa do convertido, que se "divertia" em detrimento do convívio familiar ou maltratava a mulher por "puro divertimento", mas, uma vez mediada pela transformação com Deus, adquire uma coloração positiva. O religioso povoa o mundo profano, o lazer, o passeio; ainda que antes a vida incluísse a diversão, o "vazio não era preenchido". Depois do encontro com Jesus, a paz verdadeira, a suficiência do mergulho.

Nas pregações e narrativas específicas da Igreja Universal inseridas nos programas analisados, praticamente estão ausentes o lazer, a diversão, o tempo livre. A palavra

<sup>10</sup> Se esse peso maior da instituição poderia sinalizar no sentido da menor incidência na Bahia de uma mente individualizada do que em Santa Catarina, não se torna possível investigar ou confirmar no âmbito da pesquisa empreendida. O conceito de mente individualizada foi, como tal, formulado por Barbu e implica numa consciência da alteridade, que define fronteiras para a expansão do ego, na capacidade de discernir as normas e negociá-las, na necessidade de auto-realização, etc. Ver Matos, 1993 e BARBU, 1972.

<sup>11</sup> Na IURD, objetos são "sinais detonadores de emoções" e de estados místicos subjetivos, tornam-se, conforme já foi dito, os "pontos de contato" capazes de desencadear a fé (CAMPOS, 1997, 83). O óleo

"divertido" e a palavra "passeia" foram mencionadas uma vez<sup>12</sup>, "lazer" foi empregada 4 vezes referindo-se a Miami e ao Central Park nova-iorquino. Portanto, essa ausência pode também ser expressiva. Para a tradição liberal, tempo livre é não trabalho, para o calvinismo, condenação e perigo. Talvez caiba inferir do não dito que, para o neopentecostalismo iurdiano, trabalho, uma vez sob a tutela divina, significaria lazer.

### Expressões da esfera política

Na tabela 14, foram inseridas as expressões que delimitam o campo político, possibilitando, do mesmo modo que as tabelas anteriores, a rejeição da hipótese nula em função do resultado do teste do qui-quadrado, cujo valor obtido foi de **84,81**, calculado mediante a tabela 29. Tal valor do qui-quadrado indica existirem diferenças estatisticamente significativas entre as duas regiões, ainda que sua intensidade seja pouco expressiva, levando-se em conta o coeficiente de Cramér de 0,12.

Tabela n.º 14 – Quadro comparativo das expressões da vida política por regiões brasileiras

| Palavras-chaves |  | Bahia |      | Palavras-chaves |  | Santa Catarina |      |
|-----------------|--|-------|------|-----------------|--|----------------|------|
|                 |  | n.º   | %    |                 |  | n.º            | %    |
| 1º              | Poder, poder(+)                        | 861   | 50,6 | 1º              | Poder, poder(+)                        | 839            | 54,5 |
| 2º              | Povo, população                        | 245   | 14,4 | 2º              | Mundo                                  | 244            | 15,8 |
| 3º              | Mundo                                  | 205   | 12,0 | 3º              | Povo, população                        | 115            | 7,5  |
| 4º              | Sociedade, social                      | 71    | 4,2  | 4º              | Polícia, delegado, policial, delegacia | 73             | 4,7  |
| 5º              | Direito, direitos                      | 38    | 2,2  | 5º              | Estado, estadual                       | 61             | 4,0  |
| 6º              | Polícia, delegado, policial, delegacia | 31    | 1,8  | 6º              | Sociedade, social                      | 42             | 2,7  |
| 7º              | Governo, governante                    | 31    | 1,8  | 7º              | Direito, direitos                      | 33             | 2,1  |
| 8º              | Estado, estadual                       | 29    | 1,7  | 8º              | Capital(cidade), capitais              | 25             | 1,6  |
| 9º              | Voto, votar(+)                         | 26    | 1,5  | 9º              | Advogados, advocacia                   | 19             | 1,2  |
| 10º             | Capital(cidade), capitais              | 22    | 1,3  | 10º             | Voto, votar(+)                         | 17             | 1,1  |
| 11º             | Político, política, políticos          | 21    | 1,2  | 11º             | Comunidade                             | 8              | 0,5  |
| 12º             | Prefeito, prefeitura                   | 16    | 0,9  | 12º             | Cidadão, cidadã                        | 8              | 0,5  |
| 13º             | Comunidade                             | 15    | 0,9  | 13º             | Político, política, políticos          | 6              | 0,4  |
| 14º             | Antônio Carlos Magalhães, ACM          | 11    | 0,6  | 14º             | Administração, administrar(+)          | 6              | 0,4  |
| 15º             | Autoridade, autoridades competentes    | 10    | 0,6  | 15º             | Lei, leis, legislação, constituição    | 5              | 0,3  |
| 16º             | Eleição, eleições, eleitor, eleitoral  | 8     | 0,5  | 16º             | Juiz, juizes, juizado                  | 5              | 0,3  |

ungido, rosa unguada, etc., são alguns deles. Nos programas televisivos, o copo de água unguada constitui um ponto de contato.

<sup>12</sup> A primeira, referindo-se a um garoto, filho de pais que se converteram na Igreja, a segunda, a um depoente que obteve prosperidade e agora passeia em seu carro zero.

|     |                                     |      |       |     |                                       |      |       |
|-----|-------------------------------------|------|-------|-----|---------------------------------------|------|-------|
| 17º | Lei, leis, legislação, constituição | 7    | 0,4   | 17º | Corrupção, corrupto, corruptor        | 5    | 0,3   |
| 18º | Município, municipal                | 7    | 0,4   | 18º | Governo, governante                   | 3    | 0,2   |
| 19º | Deputado, senador                   | 7    | 0,4   | 19º | Prefeito, prefeitura                  | 3    | 0,2   |
| 20º | Cidadão, cidadã                     | 6    | 0,4   | 20º | Município, municipal                  | 3    | 0,2   |
| 21º | Advogados, advocacia                | 4    | 0,2   | 21º | Democracia, democrático               | 2    | 0,1   |
| 22º | Administração, administrar(+)       | 4    | 0,2   | 22º | Mandato                               | 2    | 0,1   |
| 23º | Juiz, juizes, juizado               | 2    | 0,1   | 23º | Autoridade, autoridades competentes   | 1    | 0,1   |
| 24º | Democracia, democrático             | 2    | 0,1   | 24º | Impostos, fiscalização, fiscais       | 1    | 0,1   |
| 25º | Impostos, fiscalização, fiscais     | 2    | 0,1   | 25º | Antônio Carlos Magalhães, ACM         | 0    | 0,0   |
| 26º | Fernando Henrique Cardoso, FHC      | 2    | 0,1   | 26º | Eleição, eleições, eleitor, eleitoral | 0    | 0,0   |
| 27º | Presidente (da República)           | 2    | 0,1   | 27º | Deputado, senador                     | 0    | 0,0   |
| 28º | Ditadura, ditatorial                | 1    | 0,1   | 28º | Fernando Henrique Cardoso, FHC        | 0    | 0,0   |
| 29º | Órgão público, serviço público      | 1    | 0,1   | 29º | Presidente (da República)             | 0    | 0,0   |
| 30º | Vereador                            | 1    | 0,1   | 30º | Ditadura, ditatorial                  | 0    | 0,0   |
| 31º | Corrupção, corrupto, corruptor      | 0    | 0,0   | 31º | Órgão público, serviço público        | 0    | 0,0   |
| 32º | Mandato                             | 0    | 0,0   | 32º | Vereador                              | 0    | 0,0   |
|     | Total                               | 1688 | 100,0 |     | Total                                 | 1526 | 100,0 |

A palavra "mundo", que figura em 3º lugar na Bahia e em 2º em Santa Catarina, em sua polissemia, aparece na cosmologia iurdiana demarcando o espaço humano, a arena onde se dá a luta entre Deus, Satanás e seus exércitos de anjos (CAMPOS, 1997, 336). Adquire, ainda, na retórica televisiva a acepção de todas as pessoas - todo o mundo -, remete aos universos profanos de segregação, como o mundo das drogas, da bebida, e também sacraliza o campo geopolítico, ao se propagar vinculada à ação e ao trabalho da Igreja - por todo o "mundo". O *marketing* universalista parece predominar sobre todas as singularidades, sem fronteiras, sem distinções culturais, conjugando-se, na medida em que isso venha a potencializar sua atuação institucional, com elementos da cultura local.

*"A Igreja Universal tem o maior orgulho de poder ajudar a transformar a vida de homens e mulheres no mundo inteiro através da pregação do Evangelho, dos ensinamentos de nosso Senhor Jesus Cristo, ensinamentos levados de todas as formas a todos os lugares possíveis e, na Inglaterra, não poderia ser diferente"* (Narrador, Programa Fala que eu te escuto, Florianópolis e Salvador, Rede Record, 20-05-98).

O termo "povo" (e "população") na tabela 29 dos anexos é o que apresenta a maior distância entre a frequência encontrada e a esperada pelo teste do qui-quadrado, ou seja, "povo" e "população" são categorias muito mais enfocadas pelo discurso iurdiano na Bahia

do que em Santa Catarina, pesando, portanto, a favor de uma diferenciação entre os dois *corpus*.

As expressões "sociedade" e "social" (4º lugar na Bahia e 6º em Santa Catarina) também ressaltam o peso institucional da IURD, com frequência observada maior que a esperada na Bahia e menor em Santa Catarina, onde o trabalho social é reiteradamente acentuado como um contraponto à forma como o governo opera no Nordeste, onde o exercício do poder político, em seu caráter populista, é mais visível. Se essa contraposição fornece indícios de um rompimento com o poder patrimonial que, segundo Faoro, comanda o recrutamento e as retribuições dentro do aparelhamento burocrático brasileiro (FAORO, 1993), teríamos que empreender estudos mais específicos, abrangendo, inclusive, as aquisições de canais de televisão e de rádio pela IURD<sup>13</sup>. Faoro acentua que a empresa constitui, no Brasil, uma iniciativa particular viável por meio da dádiva pública, obtida por meios legais ou ilícitos (FAORO, 1993, 17).

Adotando uma tipologia proposta por Aglietta & Orlean acerca dos três grandes princípios de soberania responsáveis por três "ordens sociais", a saber: o sagrado, pela Ordem Ritual; a lei, pela Ordem Política e a moeda, pela Ordem Mercantil, Quadros afirma que o que distingue a ordem mercantil das outras é a questão social (QUADROS, 1993, 26 a 35). As ordens não devem ser vistas como etapas cronológicas, mas como modalidades distintas, e sua designação emana da modalidade dominante. A ordem mercantil, que domina a nossa contemporaneidade, consolida-se, para esse autor, através da criação/solução de problemas sociais.

Nessa perspectiva, poder-se-ia também compreender a atuação da IURD, que, em sua filantropia - uma espécie de política social compensatória -, contribui para alimentar essa ordem, não para demoli-la. Segundo Quadros, só quando os problemas sociais, uma vez postos, tiverem uma solução "não-mercantil", é que a moeda, enquanto princípio de soberania, começará a deixar de ser hegemônica.

No sentido genérico de corpo social, "sociedade" enfatiza a condição de alijamento dos fiéis antes de sua conversão (rejeitados pela sociedade), a solidariedade da sociedade às necessidades das famílias assistidas pela ABC em vários estados brasileiros e é também empregada para designar os povos de outros países: a sociedade japonesa, americana, etc.

Uma abordagem da sociedade que parece retratar a visão atomizada da IURD, contrariando a visão durkheimiana de autonomia do social, pode ser apreendida do discurso de um de seus pastores em Bogotá. Embora, em Weber, o indivíduo é que

compreende o significado da orientação que toma face aos outros, sua perspectiva analítica compreensiva, onde a racionalidade formal significa um tipo de inter-relação deliberativa e calculada entre indivíduos para se chegar a um fim comum, visa antes fundamentar sociologicamente uma superação do subjetivismo (MATOS, 1993, 45).

*"A violência não está em um grupo social, ela está no interior de cada um de nós. A Igreja Universal traz a paz a cada indivíduo, e o que é a sociedade? É a extensão do indivíduo. Então, a Igreja Universal contribui para a paz na Colômbia, partindo da paz individual para chegar, enfim, à sociedade"* (Bispo José Luís, Programa Fala que eu te escuto, Salvador e Florianópolis, Rede Record, 24-05-98).

As expressões "estado" e "estadual" delimitam um contexto mais propriamente geopolítico, ao serem empregadas pelos porta-vozes da IURD, para veicularem a propaganda dos templos espalhados pelo "estado", das sedes "estaduais" localizadas em Salvador e Florianópolis, das correntes de pastores advindos de todo o "estado" e para divulgarem as localidades do "estado" beneficiadas pela assistência social da ABC.

O sentido negativo conferido aos políticos e à política em geral<sup>14</sup>, particularmente por sua "falta de preocupação e vontade" em relação ao Nordeste, nos discursos iurdianos é transposta do plano laico ao sagrado. Numa das orações, o pastor dirige-se a Deus nos seguintes termos: "Tu não és político, Senhor, que promete e não cumpre!" Esse aparente ceticismo com os canais políticos tradicionais parece, no entanto, incitar uma disciplina eleitoral surpreendente entre os fiéis e pastores iurdianos, eficientes cabos eleitorais, segundo Freston (FRESTON, 1996, 135). Em nome da perseguição à Igreja e da defesa de seus interesses, são assegurados, de acordo com esse autor, os votos dos fiéis aos candidatos indicados pela cúpula, numa relação francamente pragmática com a política. O posicionamento ideológico da Igreja tem sido de apoio a candidaturas conservadoras (Collor, Maluf) e hostilidade à esquerda, embora, nas últimas eleições tenha adotado uma postura crítica ao governo.

Considerando a compenetração entre os campos axiológicos, caberia conjecturar em que medida plenificar de certezas o horizonte religioso, absolutizando-o, não repercute em intolerância no campo político, na incapacidade de negociar dialogicamente as normas e de considerar que, no fundo, acabar com todo o "mal" é correr o risco de acabar com a própria liberdade. O desejo de "libertação" confunde-se com o desejo de não se ter mais que decidir. O ideal plasmado pela IURD, e que rege os próprios depoimentos, é o de "ser

---

<sup>13</sup> Algumas informações podem ser obtidas de FRESTON, 1996, 143 -144.

feliz"<sup>15</sup>, termo que, na tabela 11, aparece em 3º lugar na Bahia e em 4º em Santa Catarina, não o de "ser livre" (num sentido positivo de liberdade).

### Expressões da cultura regional

A tabela 15 focaliza as expressões selecionadas como expressivas de tendências ou características regionais em cada um dos dois grupos e a tabela 30, nos anexos, os parâmetros necessários ao teste do qui-quadrado.

**Tabela n.º 15 – Quadro comparativo das expressões da cultura regional por regiões brasileiras**

| Palavras-chaves |   | Bahia |       | Palavras-chaves |  | Santa Catarina |       |
|-----------------|---|-------|-------|-----------------|--|----------------|-------|
|                 |   | n.º   | %     |                 |  | n.º            | %     |
| 1º              | Nordestino, nordeste                    | 54    | 23,9  | 1º              | Florianópolis                            | 67             | 24,9  |
| 2º              | Bahia                                   | 48    | 21,2  | 2º              | Nordestino, nordeste                     | 41             | 15,2  |
| 3º              | Salvador                                | 21    | 9,3   | 3º              | Música                                   | 37             | 13,8  |
| 4º              | Festa                                   | 19    | 8,4   | 4º              | Santa Catarina                           | 33             | 12,3  |
| 5º              | EUA, Estados Unidos, Europa             | 16    | 7,1   | 5º              | Brasileiro                               | 22             | 8,2   |
| 6º              | Brasileiro                              | 15    | 6,6   | 6º              | EUA, Estados Unidos, Europa              | 20             | 7,4   |
| 7º              | Americano, norte-americano              | 12    | 5,3   | 7º              | Americano, norte-americano               | 10             | 3,7   |
| 8º              | Paulista, mineiro, carioca, gaúcho      | 12    | 5,3   | 8º              | Festa                                    | 9              | 3,3   |
| 9º              | Música                                  | 10    | 4,4   | 9º              | Paulista, mineiro, carioca, gaúcho       | 8              | 3,0   |
| 10º             | Turista, visitante                      | 6     | 2,7   | 10º             | Dança, dançar                            | 7              | 2,6   |
| 11º             | Sulista, sul                            | 5     | 2,2   | 11º             | Catarinense, catarinenses, barriga verde | 5              | 1,9   |
| 12º             | Baiano, baianos                         | 4     | 1,8   | 12º             | Turista, visitante                       | 4              | 1,5   |
| 13º             | Dança, dançar                           | 2     | 0,9   | 13º             | Sulista, sul                             | 4              | 1,5   |
| 14º             | Santa Catarina                          | 1     | 0,4   | 14º             | Bahia                                    | 2              | 0,7   |
| 15º             | Carnaval                                | 1     | 0,4   | 15º             | Salvador                                 | 0              | 0,0   |
| 16º             | Florianópolis                           | 0     | 0,0   | 16º             | Baiano, baianos                          | 0              | 0,0   |
| 17º             | Catarinense, catarinense, barriga verde | 0     | 0,0   | 17º             | Carnaval                                 | 0              | 0,0   |
| Total           |   | 226   | 100,0 | Total           |  | 269            | 100,0 |

O teste do qui-quadrado, instrumentalizado pela tabela 30, nos anexos, expressa, pelo seu valor de **168,36**, a ocorrência de diferenças estatisticamente significativas entre as duas regiões, e que tais diferenças não são devidas ao acaso. O coeficiente de Cramér de 0,45 exprime um nível médio de intensidade nessa diferenciação. Os termos "nordestino" e "nordeste" apresentam frequência maior em Salvador (1.º lugar) do que em Florianópolis (2.º lugar), sendo empregados para designar a seca e a fome que vitima e assola aquela

<sup>14</sup> Cabe aqui observar que as menções a Antônio Carlos Magalhães, político baiano, que aparecem na tabela 14 referem-se ao nome de uma rua em Salvador, onde se situa a "Catedral da Fé" da IURD, não ao político.

<sup>15</sup> Felicidade e consumo são termos associados numa "sociedade de consumo".

região e aquele povo, e, ao mesmo tempo, para divulgar o trabalho filantrópico da ABC e da IURD. Na tabela 30 dos anexos, "nordestino" é mais recorrente do que o esperado na Bahia do que em Santa Catarina. O que articula os nordestinos enquanto "povo", o que lhes confere uma certa "identidade regional" é a miséria e a seca e não, propriamente, algum sentimento de "orgulho regional". Ao "povo do sul", expressão referida uma vez nos programas da Bahia e três nos de Santa Catarina, é conferida a capacidade de "saber da necessidade das pessoas e não medir esforços para ajudar" ("sondagem de opinião").

A modulação regional não parece adquirir, nos discursos iurdianos, um estatuto de valor capaz de se sobrepor à força da homogeneização e à própria perspectiva universalizadora, coadunada, de algum modo, como já foi mencionado, com a proposta igualitária do próprio cristianismo. As referências parecem ater-se mais à arena geográfica do que cultural, como as repetidas chamadas para os templos situados em Salvador ou em Florianópolis, além das demais cidades recorrentemente nomeadas, distribuídas pela área de abrangência dos programas televisivos e da atuação da Igreja Universal. Essas expressões: "Bahia", "Santa Catarina", "Salvador" e "Florianópolis" são as que mais contribuem para demarcar uma diferenciação entre as duas regiões, conforme se pode inferir da tabela 30, nos anexos, mediante as distâncias que apresentam entre as frequências obtidas e as esperadas.

No intuito de sondar eventuais referências ao "Primeiro Mundo" desenvolvido, foram investigadas as menções aos Estados Unidos e Europa (não foi incluído o Japão), que apresentaram uma relativa proporcionalidade nas duas regiões pesquisadas (5.º lugar e na Bahia e 6.º em Santa Catarina). Para uma mentalidade provinciana, "se até os americanos estão aderindo, por que não deveríamos aderir"? As matérias produzidas pelas Igreja, propagando o seu trabalho em Miami, Nova Iorque, Londres, Paris, sem mencionar os países fora do circuito primeiro-mundista, como México, Colômbia, Chile, etc., relatam a sua repercussão entre os imigrantes, procedentes da África, Caribe, etc., em busca de "uma vida digna" (narrador da IURD).

A palavra "festa" (4.º lugar na Bahia e 8.º em Santa Catarina) também é um termo representativo do trânsito profano-sagrado, inscreve-se na pauta dos valores abolidos pelo iurdiano quando de sua mudança ou conversão ("eu saía para as festas com amigos"), e, uma vez matizada pela inserção do fiel no universo religioso da Igreja, reveste-se de uma significação divinizada. "Festa" não aparece referindo-se a qualquer evento de caráter cultural ou regional, só ocorre dentro do âmbito religioso.

O termo "música" (9.º lugar na Bahia e 3.º em Santa Catarina) designa, majoritariamente, as canções religiosas anunciadas pelos agentes iurdianos; a maior incidência em Santa Catarina justifica-se pela presença, nos programas, do depoimento de um músico. Portanto, nesse ínterim, piadas, adágios, manifestações populares "profanas" dificilmente circulariam pelo " espaço público" ou pela "retórica oficial" da Igreja Universal.

*"E você, minha amiga, meu amigo, é convidado a estar conosco neste domingo, participando desta festa onde nós estaremos nos enchendo, fazendo o nosso coração transbordar, ser inundado pela paz da felicidade, da alegria e da água do Espírito Santo"* (Pastor, Programa Pare de sofrer, Salvador, Rede Record, 24-05-98).

Portanto, em vista do que se pôde verificar, a nossa segunda **hipótese**: de que os discursos que animam a mídia televisiva da IURD em Salvador e em Florianópolis são bastante uniformes em vários aspectos, mas a "ética do trabalho" (como um conjunto de princípios que modelam a conduta do indivíduo em relação ao trabalho) tende a ser menos enfatizada na Bahia do que em Santa Catarina, só se confirma parcialmente, de acordo com os dados analisados. O levantamento quantitativo e os testes do qui-quadrado realizados oportunizaram a apreensão, como vimos, de diferenças significativas, sob certos aspectos, entre as duas regiões, mas não a ponto de caracterizar uma ênfase maior ao trabalho ou a uma "ética do trabalho" em Santa Catarina do que na Bahia. O que se manifestou de forma clara nos discursos analisados foi a maior ênfase ao trabalho institucional e filantrópico da IURD na Bahia do que em Santa Catarina.

A força universalizadora e homogeneizadora, à qual já nos referimos antes, do neopentecostalismo iurdiano, articulada ao código relativamente padronizado da sua linguagem midiática, onde depoimentos e pregações são transladados de uma região para outra, acentuam muito mais a onipresença da Igreja do que as especificidades porventura pertinentes a cada "conversão" ou a cada "corpo" local de "fiéis", o que, em certa medida, pode justificar a indiferenciação sob o ângulo mais específico da "ética do trabalho".

O substrato que sanciona o trabalho, a prosperidade, a saúde, a paz, a vida, enfim, e que emerge da retórica iurdiana é a "fé", mas a fé que toma uma "atitude" (que começa por buscar a IURD) e que se manifesta como uma justaposição de razão, emoção e magia. O caráter obsessivo do "trabalho institucional" da Igreja não se impõe como sanção; mas, enquanto persuasão, porta sua própria carga de violência simbólica.

## Alguns apontamentos interpretativos propiciados pelo "ALCESTE"

Extraindo do volume total dos discursos apenas os que foram proferidos durante as segundas-feiras nas duas regiões brasileiras estudadas, centrados na prosperidade, e que, dentro do perfil programático semanal da Igreja Universal, apresentam uma relação mais direta com o eixo temático desta pesquisa - a ética do trabalho -, submetemos esses textos, mediante classificação preliminar em três *corpus* de unidades de contexto iniciais, construídas com os discursos: a) dos pastores, b) dos narradores e c) dos depoentes, à análise processada pelo software "ALCESTE", visando a obter uma radiografia dos programas daquele dia.

O processamento do material textual pelo ALCESTE gerou unidades de contexto elementar e classes ou contextos semânticos para cada um dos três *corpus*, indicando campos de imagens ou ressaltando aspectos do discurso. O *corpus* "depoimentos" polarizou-se em duas classes, nitidamente designativas do estado depressivo e degenerado anterior à conversão-libertação-transformação e do estado de felicidade e prosperidade posterior.

*"A minha vida era só beber, só destruída mesmo, só tomar, só ir para o bar e pensar coisa errada. Hoje tá vendo a minha mudança, como mudou, mas minha vida tava no fundo do poço"* (Nilson, Florianópolis, 25-05-98).

*"Hoje eu tenho o meu negócio, hoje eu tenho o meu comércio próspero e abençoado por Deus, liberta dos vícios, de tudo na corrente dos empresários. Isso, depois que eu pedi: olhe, meu Senhor Jesus, o Senhor vai me dar uma visão, o Senhor vai me abrir uma porta para mim, mas depois que eu passei a levar a sério um compromisso"* (Viviane, Salvador, 18-05-98).

Os referentes de textos pregações e manifestações dos pastores (*corpus* "pastores") foram redistribuídos em cinco classes, cujas imagens dominantes poderiam ser assim configuradas:

- 1ª: conclamam os telespectadores a participarem do programa, através de suas ligações telefônicas, e a procurarem a Igreja Universal, o que, em suma, traduz o apelo a que seja tomada uma atitude, provocado o milagre, aproveitada a

oportunidade que Deus está oferecendo, apelo esse embasado e reiterado pela certeza de que Ele, como Deus de milagre, vai mudar, vai abençoar;

- 2ª: conclamam os desempregados, os endividados, os empresários, trabalhadores e todos os demais ouvintes para a corrente dos empresários;
- 3ª: reforçam a fundamentação bíblica em torno da obediência a Deus e aos homens de Deus, do agradecer a Deus como cumprimento do estatuto de fé que conduz à prosperidade, às bênçãos;
- 4ª: glorificam e aclamam, através das orações, a Deus, ao Espírito Santo e a Jesus, pela libertação, livramento do seu povo, pela unção através da água abençoada e
- 5ª: notificam os inúmeros pedidos de oração que são solicitados pelas pessoas, via telefone (há inclusive o disque-oração), aos pastores em seus programas. Como se pode perceber pela reprodução da fala de um pastor abaixo transcrita, a propaganda da oração (e da Igreja) assemelha-se à propaganda de qualquer empresa, anunciando no mercado seus produtos:

*"Meu amigo, minha amiga, creia na sua vitória. Ligue para cá enquanto você assiste a esse testemunho, ligue para cá, deixe o seu nome, deixe o nome de sua loja, da sua empresa. Eu tenho certeza, a sua vida vai mudar"* (Pastor, Florianópolis, 25-05-98).

Os relatos e intervenções veiculados pelos narradores, e que exprimem a voz da Igreja, foram condensados também, pela análise do ALCESTE, em cinco classes, que poderiam ser delineadas, em vista de suas expressões predominantes, em:

- 1ª: a Igreja Universal como a depositária da verdadeira mensagem de Deus, *locus* do verdadeiro amor e do verdadeiro encontro com Jesus;
- 2ª: os começos das histórias de fé, dos depoimentos, assentados nos sofrimentos, problemas, vícios;
- 3ª: descrição de algumas capitais do primeiro mundo, sua opulência e seus contrastes, enunciando a presença dos inúmeros templos da Igreja Universal;
- 4ª: propagandas e slogans sobre a corrente dos empresários, conclamando à participação e
- 5ª: relata a história de vida de Ivanilde e de sua transformação através do encontro com Jesus na Igreja Universal, até se tornar uma grande empresária.

Como exemplo desses discursos, extraímos a seguinte imagem do templo iurdiano:

*"Aqui todos trazem no fundo do coração a força de uma verdade, a verdade da palavra divina, a palavra de Nosso Senhor Jesus Cristo, a única que é capaz de levar ao caminho da salvação, ao encontro de uma vida definitivamente abençoada"* (Narrador, 18-05-98).

Uma descrição mais particularizada de como a temática da prosperidade foi gerida pela mídia iurdiana nas duas regiões em um dia de programação poderia ser levada a cabo através dos recursos disponibilizados pelo "ALCESTE", e seria indubitavelmente valiosa, mas optamos, no bojo deste trabalho, por delinear aqui apenas o seu esboço geral, uma vez que nossa unidade de análise são os sete dias da semana. A perspectiva de socializar os resultados desta pesquisa, certamente, propiciará desdobramentos nessa direção, em parceria com os interlocutores e colaboradores envolvidos.

## Considerações finais

A partir da distinção feita por Dilthey entre explicação e compreensão, Weber concebe como tarefa da sociologia entender a ação social, interpretando-a para, dessa forma, explicá-la causalmente em seu desenvolvimento e efeitos (WEBER, 1944, 5). Cabe-lhe não prever, mas compreender o fato social e a ação humana como carregados de sentido. Por mais que se investigue o passado, a ciência não pode indicar o futuro. E, na busca de compreensão dos fenômenos em suas relações, depara-se antes com o percurso que se tem pela frente do que com o que já se trilhou. Todavia, se só com a teoria se pode ser cético, os frutos nascentes da "prática de pesquisa", tenros, desconfiados, cautelosos dos riscos dogmáticos, colhidos onde tantos outros tiveram que ser ceifados, vão ter que se decidir na "arena política". Pessimista na teoria, otimista na prática, sábio dito que Gramsci retoma de Cícero.

No plano da incursão exploratória nos discursos televisivos da Igreja Universal do Reino de Deus, os resultados apresentados, embora não se tenham detido, conforme mencionado no capítulo 2, em todas as expressões arroladas nas tabelas, nos possibilitam corroborar a primeira hipótese, com algumas correções, como vimos. Apesar de evidenciadas inúmeras diferenças entre o neopentecostalismo iurdiano e o protestantismo originário de cunho puritano e calvinista, a prosperidade apresenta-se como um fruto comum da fé religiosa, que tende a sinalizar as bênçãos de Deus. No entanto, a restrição ao consumo e a ostensiva austeridade, típicas da ética puritana, não são advogadas como princípios teológicos iurdianos; a aquisição de bens é, ao contrário, também erigida como bênção, desejo de Deus e direito do cristão. A valoração positiva do trabalho aproxima as duas vertentes, ainda que o protestantismo puritano o incorpore como uma finalidade individual em si e a Igreja Universal o enfatize como uma "vocação" institucional, que a credencia como a "verdadeira" mediadora entre os fiéis e Deus. O campo religioso interpenetra o campo econômico e vice-versa.

No protestantismo puritano, trabalhar da forma mais dedicada e rigorosa possível possibilitava ao indivíduo sentir-se mais próximo da graça de Deus, embora ciente de que essa graça era produto único de um poder objetivo, do foro íntimo de Deus, não podendo ser atribuída ao valor pessoal ou a obras. No neopentecostalismo iurdiano, também há um sentido religioso no "trabalhar"; o trabalho só gera frutos, e frutos estáveis, a partir da "comunhão"

com Deus, da "obediência" a Ele. A sanção psicológica que a incerteza da salvação impunha ao calvinista, compelindo-o ao trabalho e à racionalização metódica da vida, não se configura da mesma forma ao fiel iurdiano; a salvação não é uma deliberação unilateral de Deus, não é predestinação, mas uma conquista de fé, pois Ele quer salvar a todos; no entanto, para isso é preciso que o indivíduo "se esvazie de si mesmo".

Ao contrário do que apregoa o senso comum e setores da mídia em geral, caber-nos-ia muito mais questionar, ainda que circunscritos aos dados retóricos iurdianos analisados, a validade da linha de ruptura que delimitam entre a IURD e as formas históricas de protestantismo. Afiguram-se-nos inegáveis discontinuidades, mas também continuidades, ajustes<sup>1</sup>, sínteses reelaboradas em função de transformações sociais e de desafios concretos. Dentro da arena religiosa brasileira, subsistiria, talvez, como exclusividade da IURD apenas a sua eficiência comunicativa e a potencialização do marketing, favorecidos pela presença de uma tradição oral-auditiva, que, segundo Schultze<sup>2</sup>, justificaria, em grande medida, o sucesso do pentecostalismo na América Latina.

Apesar de toda a padronização discursiva imposta por sua direção e por seu projeto mercadológico expansionista, a unidade da Igreja Universal parece ser mais aparente que real, o que transparece no discurso de seus pastores e inúmeros agentes, oriundos de tradições diversas e contraditórias e sujeitos a um período reduzido de formação pastoral. Por resultar de um processo de justaposição de crenças, práticas e atores, parecem coexistir, nos mesmos espaços simbólicos, diversas IURDs ou, parafraseando Foucault, diversos discursos, ainda que sujeitos às rédeas carismáticas de Edir Macedo. Se a pregação religiosa se dá no campo da *doxa*, da retórica, não seria um tanto paradoxal esperar alcançar uma moldura única, uma unidade lógica em tal discurso? A dificuldade afigura-se como efeito do próprio discurso. Além do que, o próprio discurso religioso possui características que não permitem uma

---

<sup>1</sup> E esses ajustes não são atributo da IURD. Paulo, personagem das epístolas bíblicas, ao divulgar o cristianismo no ocidente, também adaptava suas pregações às circunstâncias com as quais se deparava. Sem dúvida, muitas das diferenças entre IURD e protestantismo calvinista também decorrem da forma como esse protestantismo foi se processando ao longo da própria história norte-americana: puritanismo, metodismo, pentecostalismo, etc., além dos processos adaptativos e dos ajustes do protestantismo às circunstâncias brasileiras. Valeria também ponderar o argumento de que o neopentecostalismo seria uma religião de acomodação ao mundo. Mudanças nos parâmetros existenciais, psicológicos, representariam um efeito meramente acomodaticio à realidade? Concriar, de certo modo, o capitalismo durante a atividade laboral da semana e ingressar na ordem ritual no final da semana não representariam uma dualidade a ser melhor estudada?

<sup>2</sup> Citado por Campos (CAMPOS, 1997, 246).

esquematização racional; as adesões à fé e à instituição religiosa sempre trazem consigo elementos racionais e outros irreduzíveis à razão.

A teologia e a cosmovisão que emergem das pregações dos bispos e pastores, dos depoimentos, das narrativas e argumentações que exprimem a voz da Igreja Universal, através da programação televisiva, focalizam a **ética do trabalho** individual não no seu epicentro, como ocorre no protestantismo calvinista e puritano, e, sob uma outra nuance, no próprio luteranismo. O apelo não é propriamente ao trabalhar em si, mas à prosperidade. E a promessa de prosperidade para todos, que se assenta numa lógica retributiva, num certo pacto fiel-Deus, a princípio vantajoso para ambas as partes, pois há um agradar recíproco, coexiste ao lado das promessas de cura, milagres e libertação.

Se entre um discurso e outro, as gradações da concepção de prosperidade se propagam de forma mais ou menos circunscrita ao campo material e econômico ou percolam até a plenitude da "vida em abundância", a lógica implícita a qualquer vitória ou conquista parece a mesma; traduz uma ética mais ampla - uma ética da oferta, da entrega, da fé -, fé que, ainda que sujeita a grandes multidões, é plasmada individualmente, e não pela idéia de comunidade, fé que é subsumida pela entrega total, mas também pela espera do milagre. Assim como "oferta", que, na retórica iurdiana, é oferta do "seu tudo", como aparece na pregação de Edir Macedo, e que é do foro íntimo de cada um com Deus, mas é também oferta dos bens materiais e do dízimo, cuja via direta é a Igreja, e que aparece suavizada na linguagem televisiva, em relação ao seu contrapeso no templo<sup>3</sup>.

Ainda que o trabalho honesto e cotidiano possa ser um pressuposto para a prosperidade, a possibilidade de um "salto mágico", de uma "estratégia de assalto" (que quer conquistar de um só golpe), parece sempre latente. Fé<sup>4</sup> confunde-se com mágica, com superstição. A magia é, para Campos, como já foi dito, uma possível chave interpretativa para o crescimento do neopentecostalismo e coexiste com a religião. No entanto, segundo o já mencionado questionamento de Pierucci (PIERUCCI, 1997, 257), onde se alojaria a tensão irreduzível entre magia e religião, processo que, segundo Weber, o protestantismo puritano

---

<sup>3</sup> Como a IURD procura, através de sua mensagem televisiva, atrair fiéis para os seus templos, somente nos cultos e eventos que se realizam nesses templos, a pressão sobre o "ofertar" poderia adquirir visibilidade. Nas atividades cúllicas que presenciamos, o apelo dos pastores às ofertas é incisivo, como se realmente eles tivessem uma meta de arrecadação a cumprir. Campos menciona casos de pastores demitidos ou transferidos das igrejas iurdianas em função de arrecadações inferiores às quotas esperadas (Ver Campos, 1997).

levou até a sua conclusão lógica? Não estaria esse viés reencantador atribuído ao neopentecostalismo, traduzindo, muito mais, o poder "mágico" (ou feitiço?) do "mercado"?

Embora a Igreja Universal concite indiscriminadamente trabalhadores, desempregados, os que "querem abrir seu próprio negócio" e empresários, estes últimos, uma vez fiéis devotos, parecem ser considerados os mais abençoados por Deus. O trabalho como princípio de prosperidade liberta da dependência do outro, do trabalho assalariado. Nesse sentido, temos aqui um conceito negativo de liberdade, que é o conceito liberal - a não interferência de outros e a garantia da propriedade. Essa liberdade (libertação) "dos outros" e não "com os outros" (que seria a concepção positiva de liberdade - liberdade para algo - , a verdadeira liberdade democrática) se aloja, assim, no cerne da ética iurdiana do trabalho e da prosperidade - a prosperidade como conquista individual pela fé.

Ainda que o indivíduo "fora-do-mundo", no sentido conferido por Dumont, esteja presente no cristianismo, no protestantismo originário, a comunidade constitui um meio pelo qual se fortalece a relação com Deus. No catolicismo, encontra-se com Deus enquanto se está em comunidade, unido aos outros; o meio e o fim coincidem. A Igreja Universal promove, de certa forma, uma ruptura em relação às comunidades protestantes históricas; grandes multidões e templos permanentemente abertos não significam "vivência comunitária". Essa "espiritualidade ideologizada", que alia individualismo e mentalidade mágica, parece-nos um tempero pouco próprio para a construção de uma sociedade democrática.

Quando a retórica iurdiana reforça o advento do milagre, está reforçando uma ruptura com a normalidade, com a racionalidade dominante, que está implícita na concepção de milagre. Todavia, esse advento, em estreita sintonia com os anseios de uma população premida por um sistema social injusto e sem esperanças de que as coisas possam ser resolvidas dentro dessa lógica, é vinculado à mediação da Igreja. As escolhas livres, num sentido pleno, são também rupturas com a ordem vigente e podem conferir autoconfiança e autonomia, na medida em que se suporta a experiência de decidir. No entanto, mergulhar nas promessas da "religião", mais particularmente da instituição religiosa, no afã de se libertar da tensão ou da "precariedade" da existência humana, é correr o risco de abdicar também da liberdade e de se superestimar a confiança no outro, contribuindo para fomentar "impérios econômicos" e realimentar a ordem mercantil, na qual se assentam as causas reais da miséria, que se quer

---

<sup>4</sup> Para Calvino, a fé consistia no conhecimento de Deus e de sua vontade (conforme texto do próprio reformador,

exorcizar por milagre. O ideal da IURD não é tornar autônomo, mas tornar empregador (FRESTON, 1996, 149).

Se, por um lado, não é tão simples imputar à Igreja Universal a mercantilização da religião, da qual é largamente acusada, os dados, os materiais simbólicos levantados nesta investigação não nos fornecem elementos para afirmar ou negar tal concepção, apenas nos permitem perceber que, nesse circuito religioso, estão também envolvidos sofrimentos humanos, experiências de cura, buscas de sentido para a vida, "suspiros de criaturas oprimidas". Tomar isso em conta não significa subestimar as controvérsias em torno de possíveis compromissos políticos ou da "habilidade"<sup>5</sup> de Edir Macedo em canalizar as demandas existentes e construir a maior multinacional brasileira.

O fenômeno religioso persiste sendo, acima de tudo, um fenômeno humano, sujeito aos interesses, ao marketing e a toda a realidade humana; não é um fenômeno isolado. A fé como "uma escolha pessoal" ou como "um dom de Deus" são leituras feitas pelos seres humanos, assim como a prova de validade de qualquer forma de fé só pode ser uma prova humana, não um "juízo divino".

O sucesso e expansão da Igreja Universal estão indubitavelmente vinculados à realidade atual brasileira, à manutenção dos mecanismos sócio-políticos excludentes, ao crescimento do desemprego, da violência e a todas as mazelas sociais. O próprio fracasso da "religião" do mercado globalizado (o estar ligado a tudo e a todos assume um sentido religioso), que beneficia poucos e penaliza milhões (o mercado é para poucos!), suscita a busca de outras fontes (ASSMANN, 1998), ainda que essas outras fontes operem uma tensa coalizão entre a ideologia da "religação" global e a suposta religação à divindade. Tal situação leva-nos a desconfiar do poder explicativo que Campos confere à "magia" dentro da IURD.

Se a desagregação social ou, como diria Alves, se a suspeita da "irracionalidade" da lógica instituída incita à aposta em soluções "mágicas" (em "estratégias de assalto", na expectativa de que os desejos e sonhos venham a se realizar, como é enfatizado nos programas televisivos), essa aposta não parece ser monopólio da Igreja Universal. A magia, tanto quanto a religião, é também um fenômeno humano, sujeito a sentimento e razão. Ainda que a advertência de Pierucci seja importante, a magia, mesmo abjurada pelo calvinismo, não parece alijada do catolicismo, tanto tradicional quanto carismático, nem da umbanda, nem do

---

compilado em DUNSTAN, 1964, 48).

pentecostalismo, nem mesmo das próprias Igrejas protestantes históricas, como a luterana e a batista, ainda que a adjetivação de "mágico", em geral, tenha procedência "externa", seja conferida por "outros". Numa sociedade supostamente "racional", ninguém quer assumir-se como "irracional", muito menos os pastores iurdianos. Pleitear algo da divindade é, a partir do alerta de Weber acerca da tênue fronteira entre religião e magia, pretender agir sobre essa divindade, não se sujeitar a ela.

Sem pretender subestimar a valiosa contribuição de Campos na compreensão do fenômeno religioso iurdiano, atestada ao longo desta dissertação, caberia aqui também questionar seu argumento, reproduzido no capítulo 1, de que a Igreja Universal é um "empreendimento religioso ligado ao surgimento de um capitalismo tardio", que parece contrariar a tese weberiana de uma "afinidade eletiva", de um amálgama de capitalismo e protestantismo. Ainda que a presença da Igreja Universal em outras sociedades de capitalismo tardio da América Latina esteja se efetivando, não se trata de um reflexo, de uma decorrência lógica ou "teleológica" da estruturação social e econômica dessas sociedades enquanto tal, senão os homens não seriam também, ainda que dentro de circunstâncias determinadas, sujeitos da história.

A IURD cumpre o ritual de dinamismo do mercado, reinvestindo continuamente na aquisição de veículos de comunicação de massa e na multiplicação de seus templos, o que tem assegurado, pelo visto, o seu triunfo. O cristianismo é em si mesmo um projeto universalizador; a ação propagandística das primeiras comunidades cristãs em torno da vida e obra de Jesus resultou nos evangelhos e nos escritos do Novo Testamento. Isso, todavia, não nos autoriza a adotar, conforme já alertamos antes, uma postura "relativista", possível apenas quando focalizamos experiências individuais, pois esse relativismo pode transformar-se em conivência com processos espúrios, porventura embutidos no projeto de expansão de "corporações midiático-religiosas"<sup>6</sup> como a Igreja Universal.

A racionalidade que Weber confere às sociedades ocidentais contemporâneas está estreitamente ligada à coisificação de todos os aspectos da vida social, reconhecendo-se aqui o eco da problemática marxista do "fetichismo", com a diferença de que Marx situou-a no âmbito da economia (na forma mercadoria do produto), fonte do que era, para ele, uma perversão das relações sociais (COLLIOT-THÉLÈNE, 1995, 48). Entre a "racionalização" de

---

<sup>5</sup> Habilidade sujeita, inclusive, a inquéritos criminais (FREESTON, 1996, 155).

Weber e a "alienação" de Marx, a distância, segundo Colliot-Thélène, não é grande; nos dois casos, o que está em jogo é a autonomização dos campos constituídos pelas práticas humanas, isto é, o caráter quase natural que adquirem os sistemas produzidos pela ação dos homens. Marx privilegiava a forma econômica do fenômeno, a divisão do trabalho, causa da petrificação da atividade social em uma potência que domina os homens.

Weber, como já foi explicitado no capítulo dois, trata da racionalização do homem com as esferas da ação; cada esfera desenvolve uma lógica de funcionamento que lhe é própria. Na medida em que as esferas se individualizam, tornam-se mais refratárias às tentativas de regulação inspiradas pelas exigências éticas e religiosas particularmente (COLLIOT-THÉLÈNE, 1995, 49). A religião visa a orientar a conduta nos vários campos, não apenas no econômico, mas é também penetrada por eles. Essa compenetração, sujeita a todas as tensões, adquiriu visibilidade na análise dos conteúdos discursivos iurdianos e também do "Almanaque", o que relativiza a noção de autonomia das esferas institucionais.

O "monismo" e o "pluralismo causal" aparecem, para Colliot-Thélène, como uma divergência de segunda ordem entre Weber e Marx, em relação à imanência das práticas e das estruturas, assim como de suas determinações recíprocas, inscrição comum ao materialismo histórico e à sociologia weberiana. Marx convida a ver na separação dos trabalhadores de seus meios de produção o "segredo da acumulação primitiva", a verdadeira pré-história do mundo burguês (COLLIOT-THÉLÈNE, 1995, 47). Weber retoma essa análise, contrapondo a Marx o argumento de que o trabalho assalariado já existia antes da acumulação primitiva, e "generaliza", como diria Colliot-Thélène, "sua força, explicando a formação de um dos pilares do Estado moderno - o funcionamento burocrático".

Para essa autora, que é também a posição assumida neste trabalho, a relação que Weber estabelece entre o conjunto de estruturas objetivas (das quais fazem parte as crenças religiosas e os imperativos éticos) e as práticas sociais é de determinação mútua, dialética (COLLIOT-THÉLÈNE, 1995, 65). No entanto, há divergências quanto a esse ponto de vista. A literatura também afirma que a verdadeira intenção de Weber era explicar a gênese do capitalismo; a idéia de "afinidade eletiva" teria sido uma medida de prudência. Se há uma acusação a Marx de que a acumulação primitiva não contém toda a "verdade", também não nos parece possível tomar uma decisão cabal pela argumentação de Weber, ainda que a aceitemos, particularmente

---

<sup>6</sup> Expressão tomada de empréstimo de CARVALHO, 1998, 110 .

em seu nível mais "macro" - da vigorosa análise que empreende da "mentalidade" das grandes religiões -, como uma outra parte da "verdade", muito embora esta discussão, inegavelmente instigante, não seja objeto desta pesquisa.

Os debates acerca da expansão do neopentecostalismo também têm sido, como vimos, nutridos por uma multiplicidade de hipóteses explicativas, que, embora abrindo pistas e ampliando o campo de visão, não sinalizaram ainda um consenso mais duradouro, o que reflete a complexidade do fenômeno religioso, que, por envolver aspectos da vida humana de forma mais ampla, não se resolve só pela via racional. Como afirma Eliade, o homem moderno ressent-se de uma dificuldade cada vez maior em reencontrar as dimensões existenciais do homem religioso das sociedades arcaicas (ELIADE, 1967, 21). Lasch, ao se referir aos comentários em voga sobre a dificuldade espiritual moderna, lamenta que a religião seja neles tratada como uma fonte de segurança intelectual e emocional, e não como um desafio à complacência e ao orgulho (LASCH, 1995).

A penetração da Igreja Universal até mesmo entre comunidades indígenas<sup>7</sup> coloca em xeque, dentro de uma perspectiva popperiana, a tese do pentecostalismo como um fenômeno urbano. O argumento de Rolim, exposto no capítulo 1, de que a especificidade do pentecostalismo reside no fato dos crentes serem produtores diretos de bens simbólicos e de haver uma divisão mínima do trabalho religioso, contraposta, portanto, ao modo de produção capitalista, não pode ser estendido à Igreja Universal, onde os fiéis são consumidores de bens simbólicos, cuja produção não é apenas gerada dentro de uma lógica capitalista, mas a ela confere, como afirmou Alves, uma legitimação sacral. Em outros termos, o neopentecostalismo iurdiano ajuda a plasmar a ordem mercantil.

Segundo Pierucci, quanto maior o número de religiões compartilhando o mesmo espaço-tempo comprimido, tanto mais se intensifica a secularização estrutural da cultura e tanto mais esse processo histórico-cultural de secularização se projeta como busca e garantia de liberdade religiosa para todos (PIERUCCI, 1997, 259). E é também com a instauração de um pluralismo religioso e ideológico que as religiões e as ideologias se estabelecem como problemas a serem elucidados (ALVES, 1978, 119). Será que a multiplicidade de abordagens para a compreensão do fenômeno neopentecostal poderia ser canalizada através desse viés? Se o fiel iurdiano se aliena na religião e absolutiza a instituição religiosa, a comunidade

acadêmica também tem o que aprender das lições de Galileu, e do próprio Iluminismo, que, acima de tudo, advogavam como critério científico não a autoridade, mas a experiência; nós, da mesma forma, sacralizamos autores e os absolutizamos como "verdades".

No que tange à segunda hipótese, não nos cabe, apesar das ênfases diferenciadas conferidas a vários aspectos dos discursos em uma região e na outra, atribuir a esses discursos um peso menor à ética do trabalho na Bahia do que em Santa Catarina. Os dados indicam uma presença institucional maior do trabalho filantrópico da Igreja Universal no Nordeste do que no Sul, tendo em vista as condições aí sempre recorrentes de seca e miséria. O apelo à solidariedade lhe permite, inclusive, acumular forças e mercado no seio de uma sociedade de tradição católica, para a qual a caridade aflora como valor teológico supremo e a pobreza, como valor salvífico. O neopentecostalismo iurdiano, sob a égide da "prosperidade", cujo caráter individualista é ressaltado pelos próprios meios adotados para divulgá-la, ou seja, os depoimentos individuais, dota de um sentido positivo o trabalho, numa sociedade onde ele não é uma "virtude" pessoal. E esse sentido positivo configura uma "mentalidade".

A sustentabilidade da mídia em escala nacional e do projeto expansionista da Igreja Universal a nível mundial requer, inegavelmente, alto grau de planejamento em suas estratégias, o que, em interação com a própria lógica dos meios de comunicação de massa, que combina meios e fins, justifica, em parte, a reduzida margem de diferenciação das mensagens e programas veiculados nas duas regiões e mantém a sua retórica dentro de um relativo patamar de homogeneidade.

Admitindo-se que a Igreja Universal, tendo em vista a sua estratégia de atuação, contribui para a reprodução da ordem neoliberal no Brasil, como justificar teologicamente tal opção, se, nessa ordem, o que comanda a riqueza é a especulação financeira, mais precisamente o "não-trabalho"<sup>8</sup>? Se a própria Igreja advoga o trabalho como um valor positivo, como se relaciona com a especulação, com o "não-trabalho"? A acusação que Lutero e Calvino impetram à Igreja Católica Medieval, e que se torna decisiva para a Reforma Protestante, é justamente a de que ela sustentava, através das indulgências, uma renda sobre o "não-trabalho".

---

<sup>7</sup> A Folha de São Paulo de 28 -12-97, divulga a penetração da Igreja Universal junto à aldeia indígena Campinas, em Campinápolis (MT), constituindo pastores e obreiros entre seus membros (ZORZAN, 1997, 11).

<sup>8</sup> O que remete a um outro debate: até que ponto o neoliberalismo mantém a valoração do trabalho, em comparação com a tese liberal clássica?

## BIBLIOGRAFIA

**A Bíblia sagrada.** Brasília, Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

A fé que move multidões avança no país. **Revista Veja**, 16/05, 1990, p. 46 a 52.

AGLIETTA e ORLEAN. **A violência da moeda.** São Paulo, Brasiliense, 1990.

ALVES, Rubem A. A empresa de cura divina. In: VALLE, E. e QUEIRÓZ, J. J. (orgs.). **A cultura do povo.** 4ª ed., São Paulo. Cortez Instituto de Estudos Especiais, 1988, p. 111 a 117.

ALVES, Rubem A. A volta do sagrado (Os caminhos da sociologia da religião). **Religião e sociedade**, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira S.A., n.º 3, p. 109 a 141, out., 1978.

ALVES, Rubem A. Protestantismo e repressão. **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira S.A., n.º 3, p. 199 a 204, set., 1978.

ALVES, Rubem A. **Protestantismo e repressão.** São Paulo, Ed. Ática, 1982.

ANTONIAZZI, Alberto e outros. **Nem anjos nem demônios** (Interpretações sociológicas do pentecostalismo). 2ª ed., Petrópolis, Ed. Vozes, 1996.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho.** São Paulo, Ed. Cortez, Campinas, Ed. Unicamp, 1995.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro.** São Paulo, Ed. Perspectiva, 1972.

ARENHOEVEL, Diego. **Assim se formou a Bíblia.** São Paulo, Ed. Paulinas, 1978.

ARISTÓTELES. **Ética à Nicômaco.** In: **Os Pensadores.** 2ª ed., São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1979.

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico.** 3ª ed., São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1995.

ASSMANN, Hugo. A igreja eletrônica. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, ISER, n.º 24, ano 6, p. 58 a 65, março, 1987.

ASSMANN, Selvino. Globalização como fato e como ideologia. **Ulysses**, Florianópolis, ano 1, n.º 1, p. 27 a 38, set., 1998.

ATTALI, Jacques. **Les trois mondes.** Paris, Fayard, 1981.

- AUBRÉE, Marion. Tempo, História e Nação. **Religião e sociedade**, Rio de Janeiro, CER/ISER, v. 17, n.º 1-2, p. 76 a 88, agosto, 1996.
- Autobiografia de Benjamin Franklin**. São Paulo, IBRASA, 1963.
- AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. 4ª. ed., Brasília, Ed. Unb, 1963.
- BANFIELD, Edward. **The moral basis of a backward society**. NY. The Free Press, 1958.
- BARBU, Zevedei. **Psicologia de la democracia y de la dictadura**. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1972.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo, Edições 70, 1977.
- BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. 2ª. ed., São Paulo. Livraria Editora Pioneira, 1985.
- BIRMAN, Patrícia. Cultos de possessão e pentecostalismo no Brasil. **Religião e sociedade**, Rio de Janeiro, CER/ISER, v. 17, n.º. 1-2, p. 90 a 109, agosto, 1996.
- BOBSIN, Oneide. Tese de mestrado sobre o pentecostalismo. São Paulo, PUC (texto incompleto), 1984.
- BOBSIN, Oneide. Surgimento e expansão do pentecostalismo no Brasil e Fuga do mundo e participação popular. **CECA - Informação, formação, experiência**, n.º 3, ano 1, 1989.
- BOBSIN, Oneide. **Transformações no universo religioso**. São Leopoldo, Gráfica e Editora Contexto, n.º 82, 1994.
- BOISSET, Jean. **História do protestantismo**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1971.
- BOURDIEU, Pierre. A opinião pública não existe. In: THIOLENT, Michel J. M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 3ª. ed., São Paulo, Ed. Polis, 1982, p. 137 a 151.
- BRANDÃO, Carlos R. Ser católico: dimensões brasileiras – um estudo sobre a atribuição através da religião. **Colóquio Identidade Nacional e Expressões Culturais: uma comparação entre os EUA e o Brasil**. Maison de Sciences de l'Homme, Paris, 1985.
- BRESSER, Deborah. Em nome de Deus. **Imprensa**, n.º 95, ano VIII, p. 24 a 31 agosto, 1995.
- BRONOWSKI, J. e MAZLISCH, Bruce. **A tradição intelectual do Ocidente**. Lisboa, Edições 70, 1988.
- CABRAL, J. **Entre o vale e o monte**. Rio de Janeiro, Ed. Gráfica Universal Ltda., 1948.
- CABRAL, Oswaldo R. **Assuntos insulanos**. Florianópolis, Prefeitura Municipal, 1948.

- CAMARGO, Brígido Vizeu. **Introdução à utilização do programa informático Alceste para a análise quantitativa de dados textuais**. LACCOS-CFH-UFSC, 1998.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira. **Kardecismo e umbanda**. São Paulo, Pioneira, 1961.
- CAMPOS, Leonildo. **Teatro, templo e mercado**. Petrópolis, Ed. Vozes, São Paulo, Simpósio Editora e Umesp, 1997.
- CAMPOS, Roberto de Oliveira. Uma interpretação institucional das leis medievais da usura, **Revista Brasileira de Economia**. n.º 2, ano 6, p. 7 a 34, junho, 1952.
- CAMPOS JUNIOR, Luís de Castro. **Pentecostalismo**. São Paulo, Ed. Ática, 1995.
- CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1975.
- CARDOSO, Ernesto Barros. Os pentecostais e as igrejas protestantes históricas. **CECA - Informação, formação, experiência**, n.º 3, ano 1, p. 16 a 21.
- CARVALHO, José Jorge de. Religião, mídia e os predicamentos da convivência pluralista. In: **Sociedade global**. Petrópolis, Ed. Vozes, São Paulo, Universidade de São Francisco, 1998, p. 79 a 112.
- CAROZZI, Maria Julia. Tendências no estudo dos novos movimentos religiosos na América: os últimos 20 anos. **BIB, ANPOCS**, n.º. 37, p. 61 a 78, 1994.
- CASCAES, Franklin e HEIL, Eli. **Mito e magia na arte catarinense**. 1ª Bienal latino-americana de São Paulo, 1978.
- CESAR, Waldo. Linguagem, espaço e tempo no cotidiano pentecostal. **Religião e sociedade**, Rio de Janeiro, CER/ISER, v. 17, n.º 1-2, p. 110 a 122, agosto, 1996.
- CESAR, Waldo. Ser protestante: mais perguntas do que respostas? **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, ISER, n.º 24, ano 6, p. 4 a 14, março, 1987.
- COLLIOT-THÉLÈNE, Catherine. **Max Weber e a história**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1995.
- CORREA, Manoel Luiz G. **As vozes prementes**. Campinas, Ed. Unicamp, 1989.
- CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Rio de Janeiro, abril, 1979.
- CUNHA, Newton. **A felicidade imaginada**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987.
- D'ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. Igreja evangélica brasileira: um desafio à teologia reformada. **Comunicações do ISER**, n.º 24, ano 6, p. 55 a 57, março, 1987.
- DIAS, Fernando Correia. Mineiridade: construção e significado atual. **Cia & Tróp.**, Recife, 13(1): 73-89, jan./jun., 1985.

- DIXON, David e PEREIRA, Sérgio. O novo protestantismo latino-americano: considerando o que já sabemos e testando o que estamos aprendendo. **Religião e sociedade**, v. 18, n.º 1, p. 49 a 69, agosto, 1997.
- DUMONT, Louis. **O individualismo**. Rio de Janeiro, Ed. Rocco Ltda., 1985.
- DUNSTAN, J. Leslie. **Protestantismo**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1964.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo, Ed. Perspectiva S.A., 1983.
- ELIADE, Mircea. **Lo sagrado y lo profano**. Madrid, Ediciones Guadarrama, 1967.
- ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo, Global Editora e Distribuidora Ltda., 1986.
- FAORO, Raymundo. A aventura liberal numa ordem patrimonialista. **Revista USP**, São Paulo, Ed. USP, Dossiê Liberalismo-Neoliberalismo, n.º 17, p. 14 a 29, março, abril, maio, 1993.
- FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**. Porto Alegre, Ed. Globo, 1958.
- FERNANDES, Rubem César. Os evangélicos em casa, na igreja e na política. **Religião e sociedade**, Rio de Janeiro, CER/ISER, 17/1-2, , p. 5 a 12, agosto, 1996.
- FERNANDES, Rubem César. Religiões populares: uma visão parcial da literatura recente. **BIB**, Rio de Janeiro, ANPOCS, n.º 15 a 19, p. 3 a 26, 1984.
- FLORES, Moacyr. **Cultura sul-rio-grandense**. Porto Alegre, EST/ICP/CIPEL, 1981.
- FOLHA UNIVERSAL, 6-07 a 12-07-1997 (n.º 274); 25-04 a 01-05-99 (n.º 368); 11-01 a 17-01-1998 (n.º. 301).
- FONSECA, Celso e NASCIMENTO, Gilberto. Guerra sem tréguas. **Revista Isto é**, n.º 1354, p.116 a 121, 13-09-95.
- FRANKLIN, Benjamin. **Poor Richard's Almanacks**. New York, The Heritage Press, 1964.
- FREIRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1977.
- FREITAG, Barbara, COSTA, W. F, da e MOTTA, V. R. **O livro didático em questão**. São Paulo, Ed. Cortez, 1989.
- FRESTON, Paul. Uma breve história do pentecostalismo brasileiro: a Assembléia de Deus. **Religião e sociedade**, Rio de Janeiro, CER/ISER, 16/3, p.104 a 129, maio, 1994.
- FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: Antoniazzi, Alberto e outros. **Nem anjos, nem demônios**. 2.ª ed., Petrópolis, Ed. Vozes, 1996, p. 67 a 159.
- FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.

- GOMES, Ângela C. **A invenção do trabalhismo**. São Paulo, Vértice, 1988.
- GORKI, Máximo. **Pequenos burgueses**. São Paulo, Abril Cultural, 1982.
- GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. SP, UNESP, 1992.
- GUARESCHI, P. e JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. 4ª. ed., Petrópolis, Ed. Vozes, 1998.
- HILL, Christopher. **O mundo de ponta-cabeça**. 2ª. reimpressão, São Paulo, Ed. Schwarcz Ltda., 1991.
- HOBBSBAWM, Eric. **A era dos extremos**. 2ª. ed., São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 4ª. ed., Brasília, Ed. Unb, 1963.
- HUNSCHE, Carlos H. **Pastor Heinrich Wilhelm Hunsche e os começos da Igreja Evangélica no Sul do Brasil**. São Leopoldo, Ed. Rotermund, 1981.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. In: **Os pensadores**, 2ª. ed., São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1980.
- KIENTZ, Albert. **Comunicação de massa - análise de conteúdo**. Rio de Janeiro. Ed. Eldorado, 1973.
- KONDER, Leandro. **Marxismo e Cristianismo. Encontros com a civilização brasileira**, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira S.A., n.º 6, p. 57 a 65, dez. 98.
- KURZ, Robert. **O mito do capitalismo confuciano**. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15-09-1996, Caderno Mais, p. 5.
- LASCH, Christopher. **A rebelião das elites**. Rio de Janeiro, Ediouro, 1995.
- LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. São Paulo, Pioneira, 1976.
- LÉONARD, Émile-G. **O protestantismo brasileiro**. **Revista de História**, São Paulo, n.º 5, jan.-mar., 1951.
- LEONARDOS, Ana Maria. **O protestantismo brasileiro: três momentos de análise acadêmica**. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, ISER, n.º 24, ano 6, p. 15 a 24, março, 1987.
- LEVIN, Jack. **Estatística aplicada a Ciências Humanas**. 2ª. ed., São Paulo, HARBRA, 1987.
- LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo**. In: **Os pensadores**, 2ª. ed., São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1978.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e pentecostais**. São Paulo, Ed. Autores Associados, ANPOCS, 1996.
- MACRAE, Donald G. **As idéias de Weber**. São Paulo, Cultrix, 1975.

- MAFESOLLI, Michel. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro, Ed. Forense-Universitária, 1987.
- MARIZ, Cecília L. Alcoolismo, gênero e pentecostalismo. **Religião e sociedade**, Rio de Janeiro, CER/ISER, 16/3, p. 80 a 93, maio, 1994.
- MARX, Karl. **O capital**. 9ª. ed., São Paulo, DIFEL, 1984, livro 1, vol. 1 e 2.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Sobre a Religião**. 7ª. ed., Lisboa, Edições 70, 1972.
- MATOS, Bráulio Tarcísio Porto de. **Paidéia Brasileira e Cidadania Animal**. Tese de doutoramento, Brasília, Universidade de Brasília, 1993.
- MATOS, Bráulio T. P. de Matos. **Platão e o problema educacional: uma sociologia da polêmica Sócrates-Trasímaco n'República**. Texto para XXVI Semana de filosofia da UNB- Platão e o problema educacional, 1996.
- MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis**. 4ª. ed., Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.
- MCCLELLAND, David. **A sociedade competitiva - Realização e progresso social**. Rio de Janeiro. Ed. Expressão e Cultura, 1972.
- MEIRA PENNA, José O. **O dinossauro**. São Paulo, T. A. Queiroz, Editor, 1988.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O celeste porvir - A inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo, Ed. Paulinas, 1984.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Quem é evangélico no Brasil. **Contexto pastoral**, Campinas, Cebep e Rio de Janeiro, Cedi, n.º 8, p. 2 a 6, maio/junho, 1992.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa e VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo**. São Paulo, Ed. Loyola, 1990.
- MERONI, Fabrício Pime. A ação universal do Espírito Santo. **Encontros teológicos**, ITESC, n.º 1, ano 10, , p. 3 a 8, 1995.
- MORAES, Antônio E. O petróleo e a garra brasileira. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30-08-98, 1-21.
- NEHER, André. Visão do tempo e da história na cultura judaica. In: **As culturas e o tempo**. Petrópolis, Ed. Vozes, São Paulo, Ed. USP, 1975, 176 a 196.
- NOVAES, Regina C. R. Os escolhidos de Deus. **Cadernos do ISER**, Rio de Janeiro, Ed. Marco Zero, n.º 19, 1985.

- NOVAES, Regina C. R. Os pentecostais e a organização dos trabalhadores. **Religião e sociedade**, Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira S.A., n.º 5, p. 65 a 93 junho, 1980.
- O Brasil dos viajantes. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28-12-1997, Caderno Mais.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. A nova problemática do trabalho e a ética. BEOZZO, Oscar. **Trabalho-crise e alternativas**. Curso de verão, São Paulo, CESEP: Paulus, ano IX, p. 136 a 163, 1996.
- OLIVEN, Ruben G. **Urbanização e mudança social no Brasil**. 2ª. ed., Petrópolis, Vozes, 1982.
- Oração às urnas. **Revista Época**, n.º 7, ano I, p 23 a 27, julho, 1998.
- ORTIZ, Renato. Religiões populares e indústria cultural. **Religião e sociedade**, Rio de Janeiro, CER/ISER, n.º 5, p. 51 a 63, junho, 1980.
- PACKER, J. I. **O Antigo Evangelho**. São Paulo, Ed. Fiel da Missão Evangélica Literária, 1986.
- PIERUCCI, Antônio F. Interesses religiosos dos sociólogos da religião. In: ORO, A. P. e STEIL, A. **Globalização e religião**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1997, p. 249 a 262.
- QUADROS, Moisés. **A violência da política social. A subsunção da questão social na moeda**. Tese de doutorado, Brasília, UNB, 1993.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo, Ed. da USP, 1965.
- QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação científica**. Lisboa, Ed. Gradiva, 1992.
- REINERT, Max. Alceste (Une methodologie d'analyse des donnes textuelles et une application: Aurelia de Gerard de Nerval). **Bulletin de méthodologie sociologique**, n.º 26, p. 24-54, march, 1990.
- REIS, Adriana Valle dos Reis. **Religiosidade, educação e cidadania: uma ética para o novo século?** Projeto de tese de doutoramento, Brasília, Unb, 1997.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. 2ª. ed., São Paulo, Cia das Letras, 1995.
- RIBEIRO, Darcy. Ivy-Maräen: a terra sem males. In: **O livro da profecia**.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1985.
- SCHWARTZMAN, Simon. **Bases do autoritarismo brasileiro**. Brasília, Ed. UNB, 1982

- SCIACCA, Michele F. **História da Filosofia**. São Paulo, Ed. Mestre Jou, 1968, vol. II.
- SEYFERTH, Giralda. **Identidade étnica numa comunidade teuto-brasileira do Vale do Itajaí**. p. 59 a 82.
- SERRA, Antonio A. **O desvio nosso de cada dia**. Rio de Janeiro, Ed. Achiamé Ltda., 1980.
- Servidores de Dios guardianes de la vida**. Reflexión metodológica para el mundo pentecostal. Santiago de Chile, Série comunidades, Ed. Rehue, 1989.
- SILVA, Fernando de B. e. Para intelectuais, novas igrejas são “fast-food” da fé. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17-09-95, p. 13-14.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese da História da Cultura Brasileira**. 3ª ed., São Paulo, Ed. Difel, 1983.
- SROUR, Robert **Modos de produção: elementos da problemática**. RJ, Graal, 1978.
- TAVARES, José Antônio Giusti e ROJO, Raúl Enrique. **Instituições políticas comparadas dos países do Mercosul**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas Editora, 1998.
- TAWNEY, R. H. **A religião e o surgimento do capitalismo**. SP, Perspectiva, 1971.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. A democracia na América. In: **Os pensadores**. 2ª. ed., São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1979.
- TOLEDO, José R. de. Por que o desemprego está crescendo tão rápido no Brasil? **Folha de São Paulo**, São Paulo, 1º-05-98, Caderno especial.
- TORRES, Alberto. **As fontes da vida no Brasil**. 2ª. ed., Rio de Janeiro, FGV, 1990.
- TROELTSCH, E. **El protestantismo y el mundo moderno**. México - Buenos Aires, Fondo de cultura econômica, 1951.
- VATTIMO, Gianni. **Acreditar em acreditar**. Lisboa, Relógio d'Água Editores, 1998.
- VIANNA, Oliveira. **Populações meridionais do Brasil**. 7ª. ed., Niterói, Ed. Itatiaia Ltda. e EDUFF, 1987, 2 vol.
- VIEIRA, David Gueiros. **O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil**. Brasília, Ed. Unb, 1980.
- VIGNOLI, Márcio Alexandre. Pentecostalismo da prosperidade. Encontros teológicos, ITESC, n.º 1, ano 10, 1995, p. 41 a 45.
- WEBER, Max. A ética protestante. In: **Os pensadores**, 2ª. ed., São Paulo, Ed. Abril Cultural, 1980.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1981.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. 4ª ed., Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.

WEBER, Max. **Economia y sociedad**. Fondo de Cultura Económica. Bogota, 1944, 2 vol.

WEFFORT, Francisco C. **Os clássicos da política**. 8ª. ed., São Paulo, Ed. Ática, 1997, 2 vol.

WILGES, Irineu. **Cultura religiosa. As religiões no mundo**. 8ª. ed., Petrópolis, Ed. Vozes, 1996.

ZEA, Leopoldo. **Filosofia de la História Americana**. México, Fondo de Cultura Económica, 1978.

ZORZAN, Patrícia. Evangelhos mudam fé e cultura de índios. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28-12-97, p. 11.

# ANEXOS

**Tabela n.º 16 - Teste de hipótese dos pronomes de tratamento e reto - Almanaque e IURD**

| Palavras-chave     | Almanaque |         | Universal |           | Total coluna |
|--------------------|-----------|---------|-----------|-----------|--------------|
|                    | fo        | (fe)    | fo        | (fe)      |              |
| ▪ Eu               | 485       | (860,0) | 10637     | (10262,0) | 11122        |
| ▪ Você             | 376       | (458,1) | 5548      | (5465,9)  | 5924         |
| ▪ Ele              | 584       | (283,4) | 3081      | (3381,6)  | 3665         |
| ▪ Nós              | 243       | (246,0) | 2938      | (2935,0)  | 3181         |
| ▪ Ela              | 106       | (201,5) | 2500      | (2404,5)  | 2606         |
| ▪ Eles             | 323       | (68,0)  | 557       | (812,0)   | 880          |
| <b>Total linha</b> | 2117      |         | 25261     |           | 27378        |

Qui-quadrado = 1.608,23

Coefficiente de Cramér = 0,17

$p < 0,0001$

gl = 5

**Tabela n.º 17 - Teste de hipótese das grandes esferas sociais - Almanaque e IURD**

| Palavras-chaves    | Almanaque |          | Universal |           | Total coluna |
|--------------------|-----------|----------|-----------|-----------|--------------|
|                    | fo        | (fe)     | fo        | (fe)      |              |
| ▪ Economia         | 1451      | (458,0)  | 5723      | (6716,0)  | 7174         |
| ▪ Família          | 951       | (590,4)  | 8297      | (8657,6)  | 9248         |
| ▪ Religião         | 695       | (2092,9) | 32086     | (30688,1) | 32781        |
| ▪ Psicossocial     | 493       | (557,0)  | 8232      | (8168,0)  | 8725         |
| ▪ Política         | 335       | (226,6)  | 3214      | (3322,4)  | 3549         |
| <b>Total linha</b> | 3925      |          | 57552     |           | 61477        |

Qui-quadrado = 3.595,65

Coefficiente de Cramér = 0,24

$p < 0,0000$

gl = 4

Tabela n.º 18 - Teste de hipótese das expressões económicas mais frequentes - Almanaque e IURD

| Palavras-chaves                                     | Almanaque |         | Universal |         | Total<br>colu-<br>na |
|---|-----------|---------|-----------|---------|----------------------|
|   | fo        | (fe)    | fo        | (fe)    |                      |
| ▪ Bom pagador, pagar(+)                             | 47        | (37,8)  | 167       | (176,2) | 214                  |
| ▪ Carro, apartamento, telefone celular              | 0         | (44,9)  | 254       | (209,1) | 254                  |
| ▪ Comprar(+), comprador                             | 49        | (39,6)  | 175       | (184,4) | 224                  |
| ▪ Dedicar(+), determinar(+), determinação,<br>garra | 12        | (41,7)  | 224       | (194,3) | 236                  |
| ▪ Despender, gastar(+)                              | 35        | (10,6)  | 25        | (49,4)  | 60                   |
| ▪ Dinheiro  | 56        | (59,2)  | 279       | (275,8) | 335                  |
| ▪ Dívida, endividado                                | 29        | (36,4)  | 177       | (169,6) | 206                  |
| ▪ Dólar, libra, xelim, pence, reais, centavos       | 32        | (11,1)  | 31        | (51,9)  | 63                   |
| ▪ Dono, proprietário, propriedade                   | 26        | (65,7)  | 346       | (306,3) | 372                  |
| ▪ Empregar(+), serviço, empregado,<br>desempregado  | 37        | (59,9)  | 302       | (279,1) | 339                  |
| ▪ Empresário, empresa, empresarial                  | 7         | (62,7)  | 348       | (292,3) | 355                  |
| ▪ Financeiro, financeira, financeiramente           | 0         | (54,4)  | 308       | (253,6) | 308                  |
| ▪ Ganho, ganhar(+)                                  | 42        | (26,7)  | 109       | (124,3) | 151                  |
| ▪ Honestidade, honesto, honestamente                | 37        | (8,3)   | 10        | (38,7)  | 47                   |
| ▪ Lucro, proveito, vantagem                         | 54        | (11,5)  | 11        | (53,5)  | 65                   |
| ▪ Negócio, negociar(+)                              | 36        | (31,3)  | 141       | (145,7) | 177                  |
| ▪ Perder(+), perda, perdedor                        | 69        | (84,6)  | 410       | (394,4) | 479                  |
| ▪ Pobre, pobreza                                    | 135       | (33,2)  | 53        | (154,8) | 188                  |
| ▪ Prosperidade, prosperar(+)                        | 17        | (33,7)  | 174       | (157,3) | 191                  |
| ▪ Rico, riqueza, fortuna                            | 108       | (28,4)  | 53        | (132,6) | 161                  |
| ▪ Tempo   | 134       | (98,6)  | 424       | (459,4) | 558                  |
| ▪ Trabalho, trabalhar(+), trabalhador               | 88        | (172,2) | 887       | (802,8) | 975                  |
| ▪ Valor, preço                                      | 57        | (17,5)  | 42        | (81,5)  | 99                   |
| ▪ Vencer(+), conquistar(+)                          | 8         | (45,2)  | 248       | (210,8) | 256                  |
| Total linha   | 1115      |         | 5198      |         | 6313                 |

Qui-quadrado = 1952,51      p < 0,0001  
 Coeficiente de Cramér = 0,39      gl = 23

Tabela n.º 19 - Teste de hipótese das expressões da vida familiar mais frequentes - Almanaque e IURD

| Palavras-chaves                          | Almanaque |         | Universal |          | Total<br>colu-<br>na |
|--|-----------|---------|-----------|----------|----------------------|
|  | fo        | (fe)    | fo        | (fe)     |                      |
| ▪ Homem, mulher                          | 373       | (139,8) | 950       | (1183,2) | 1323                 |
| ▪ Amigo, amiga, amigos, amigas, amizade  | 165       | (148,8) | 1243      | (1259,2) | 1408                 |
| ▪ Casa                                   | 25        | (129,2) | 1198      | (1093,8) | 1223                 |
| ▪ Pai, pais                              | 54        | (98,0)  | 873       | (829,0)  | 927                  |
| ▪ Família                                | 21        | (96,6)  | 893       | (817,4)  | 914                  |
| ▪ Filho, filha                           | 34        | (94,0)  | 855       | (795,0)  | 889                  |
| ▪ Marido, esposa                         | 94        | (67,7)  | 547       | (573,3)  | 641                  |
| ▪ Mãe, mães                              | 14        | (52,1)  | 479       | (440,9)  | 493                  |
| ▪ Casamento, casal, casar(+), matrimônio | 12        | (48,6)  | 448       | (411,4)  | 460                  |
| ▪ Velhice, velho                         | 99        | (16,2)  | 54        | (136,8)  | 153                  |
| Total linha                              | 891       |         | 7540      |          | 8431                 |

Qui-quadrado = 1694,28      p < 0,0001

Coefficiente de Cramér = 0,32      gl = 9

Tabela n.º 20 - Testes de hipóteses das expressões da vida religiosa mais frequentes - Almanaque e IURD

| Palavras-chaves                           | Almanaque |         | Universal |          | Total<br>colu-<br>na |
|---|-----------|---------|-----------|----------|----------------------|
|   | fo        | (fe)    | fo        | (fe)     |                      |
| ▪ Amor                                    | 24        | (25,4)  | 1015      | (1013,6) | 1039                 |
| ▪ Bênção, abençoar(+)                     | 28        | (25,9)  | 1034      | (1036,1) | 1062                 |
| ▪ Céu, inferno                            | 38        | (5,1)   | 171       | (203,9)  | 209                  |
| ▪ Deus, Criador                           | 63        | (131,3) | 5315      | (5246,7) | 5378                 |
| ▪ Encontro, encontrar(+)                  | 10        | (18,0)  | 728       | (720,0)  | 738                  |
| ▪ Espírito, espiritual, vida espiritual   | 13        | (18,3)  | 736       | (730,7)  | 749                  |
| ▪ Fé                                      | 15        | (27,2)  | 1097      | (1084,8) | 1112                 |
| ▪ Graça                                   | 42        | (16,7)  | 643       | (668,3)  | 685                  |
| ▪ Igreja                                  | 11        | (31,7)  | 1289      | (1268,3) | 1300                 |
| ▪ Igreja Universal do Reino de Deus, IURD | 0         | (29,9)  | 1225      | (1195,1) | 1225                 |
| ▪ Jesus, Cristo, Jesus Cristo             | 4         | (50,7)  | 2071      | (2024,3) | 2075                 |
| ▪ Milagre                                 | 1         | (18,6)  | 761       | (743,4)  | 762                  |
| ▪ Momento, momentos                       | 28        | (16,0)  | 629       | (641,0)  | 657                  |
| ▪ Mudar(+), mudança                       | 22        | (25,1)  | 1008      | (1004,9) | 1030                 |
| ▪ Obediência, obedecer(+)                 | 18        | (1,4)   | 41        | (57,6)   | 59                   |
| ▪ Ovelha, ovelhas, rebanho                | 23        | (0,9)   | 14        | (36,1)   | 37                   |
| ▪ Pai, pai celestial                      | 21        | (16,8)  | 667       | (671,2)  | 688                  |
| ▪ Pastor, pastora                         | 5         | (26,4)  | 1076      | (1054,6) | 1081                 |
| ▪ Paz                                     | 23        | (8,0)   | 304       | (319,0)  | 327                  |
| ▪ Pecado, pecador, pecar(+)               | 17        | (3,1)   | 108       | (121,9)  | 125                  |
| ▪ Religião, religioso                     | 20        | (9,8)   | 382       | (392,2)  | 402                  |
| ▪ Transformar(+), transformação           | 5         | (15,8)  | 643       | (632,2)  | 648                  |
| ▪ Verdade, verdadeiro                     | 74        | (15,2)  | 549       | (607,8)  | 623                  |
| ▪ Vida                                    | 98        | (94,8)  | 3785      | (3788,2) | 3883                 |
| ▪ Virtude, virtuoso                       | 30        | (0,79)  | 2         | (31,22)  | 32                   |
| Total linha                               | 633       |         | 25293     |          | 25926                |

Qui-quadrado = 3962,73      p < 0,0001  
 Coeficiente de Cramér = 0,28      gl = 24

Tabela n.º 21 - Teste de hipótese das expressões da vida psicossocial mais frequentes - Almanaque e IURD

| Palavras-chaves                                    | Almanaque |        | Universal |          | Total<br>colu-<br>na |
|--|-----------|--------|-----------|----------|----------------------|
|  | fo        | (fe)   | fo        | (fe)     |                      |
| ▪ Alcool, alcoolismo, alcoólatra, bebida, beber(+) | 43        | (32,3) | 469       | (479,7)  | 512                  |
| ▪ Alegre, alegria                                  | 55        | (16,9) | 212       | (250,1)  | 267                  |
| ▪ Doença, doente, enfermidade, enfermo             | 81        | (44,0) | 615       | (652,0)  | 696                  |
| ▪ Dor, doer(+)                                     | 39        | (29,8) | 433       | (442,2)  | 472                  |
| ▪ Droga, drogado, maconha, cocaína, crack          | 0         | (34,1) | 540       | (505,9)  | 540                  |
| ▪ Feliz, felicidade                                | 56        | (45,0) | 657       | (668,0)  | 713                  |
| ▪ Gritar(+), xingar(+)                             | 15        | (4,6)  | 58        | (68,4)   | 73                   |
| ▪ Médico, medicina                                 | 8         | (27,2) | 422       | (402,8)  | 430                  |
| ▪ Miséria, miserável                               | 19        | (9,1)  | 125       | (134,9)  | 144                  |
| ▪ Problema, problemas, dificuldade                 | 24        | (75,5) | 1171      | (1119,5) | 1195                 |
| ▪ Saúde, saudável                                  | 35        | (13,7) | 182       | (203,3)  | 217                  |
| ▪ Sofrimento, sofrer(+)                            | 18        | (55,7) | 863       | (825,3)  | 881                  |
| ▪ Triste, tristeza                                 | 6         | (20,3) | 315       | (300,7)  | 321                  |
| ▪ Vício, vícios, viciado                           | 27        | (17,8) | 255       | (264,2)  | 282                  |
| Total linha  | 426       |        | 6317      |          | 6743                 |

Qui-quadrado = 453,11      p < 0,0001

Coefficiente de Cramér = 0,18      gl = 13

Tabela n.º 22 - Teste de hipótese das expressões da vida política mais frequentes - Almanaque e IURD

| Palavras-chaves                          | Almanaque |         | Universal |          | Total<br>colu-<br>na |
|--|-----------|---------|-----------|----------|----------------------|
|  | fo        | (fe)    | fo        | (fe)     |                      |
| ▪ Advogados, advocacia                   | 27        | (4,7)   | 23        | (45,3)   | 50                   |
| ▪ Direito, direitos                      | 16        | (8,1)   | 71        | (78,9)   | 87                   |
| ▪ Governo, governante                    | 24        | (5,4)   | 34        | (52,6)   | 58                   |
| ▪ Lei, leis, legislação, constituição    | 54        | (6,2)   | 12        | (59,8)   | 66                   |
| ▪ Mundo                                  | 64        | (47,9)  | 449       | (465,1)  | 513                  |
| ▪ Poder, poder(+)                        | 101       | (168,1) | 1700      | (1632,9) | 1801                 |
| ▪ Polícia, delegado, policial, delegacia | 2         | (9,9)   | 104       | (96,1)   | 106                  |
| ▪ Povo, população                        | 6         | (34,2)  | 360       | (331,8)  | 366                  |
| ▪ Sociedade, social                      | 1         | (10,6)  | 113       | (103,4)  | 114                  |
| Total linha                              | 295       |         | 2866      |          | 3161                 |

Qui-quadrado = 809,89      p < 0,0001

Coefficiente de Cramér = 0,36      gl = 8

Tabela n.º 23 - Teste de hipótese dos pronomes de tratamento e reto mais frequentes por regiões brasileiras

| Palavras-chaves | Bahia |          | Santa Catarina |          | Total<br>coluna |
|-----------------|-------|----------|----------------|----------|-----------------|
|                 | fo    | (fe)     | fo             | (fe)     |                 |
| ▪ Eu            | 5024  | (4801,4) | 5613           | (5835,6) | 10637           |
| ▪ Você          | 2443  | (2504,3) | 3105           | (3043,7) | 5548            |
| ▪ Ele           | 1322  | (1390,7) | 1759           | (1690,3) | 3081            |
| ▪ Nós           | 1344  | (1326,2) | 1594           | (1611,8) | 2938            |
| ▪ Ela           | 1018  | (1128,5) | 1482           | (1371,5) | 2500            |
| Total linha     | 11151 |          | 13553          |          | 24704           |

Qui-quadrado = 47,88      p < 0,0001

Coefficiente de Cramér = 0,03      gl = 4

Tabela n.º 24 - Teste de hipótese das grandes esferas sociais por regiões brasileiras

| Palavras-chaves    | Bahia |           | Santa Catarina |           | Total<br>coluna |
|--------------------|-------|-----------|----------------|-----------|-----------------|
|                    | fo    | (fe)      | fo             | (fe)      |                 |
| ▪ Religião         | 16021 | (15353,4) | 16065          | (16732,6) | 32086           |
| ▪ Família          | 3744  | (3970,2)  | 4553           | (4326,8)  | 8297            |
| ▪ Psicossocial     | 3519  | (3939,1)  | 4713           | (4292,9)  | 8232            |
| ▪ Economia         | 2578  | (2738,5)  | 3145           | (2984,5)  | 5723            |
| ▪ Política         | 1688  | (1537,9)  | 1526           | (1676,1)  | 3214            |
| ▪ Cultura Regional | 226   | (236,9)   | 269            | (258,1)   | 495             |
| Total linha        | 27776 |           | 30271          |           | 58047           |

Qui-quadrado = 213,35      p < 0,0001

Coefficiente de Cramér = 0,04      gl = 5

Tabela n.º 25 - Teste de hipótese das expressões da vida religiosa mais frequentes por regiões brasileiras

| Palavras-chaves                               | Bahia |          | Santa Catarina |          | Total<br>coluna |
|---|-------|----------|----------------|----------|-----------------|
|   | fo    | (fe)     | fo             | (fe)     |                 |
| ▪ Amor  | 545   | (504,8)  | 470            | (510,2)  | 1015            |
| ▪ Bênção, abençoar(+)                         | 498   | (514,3)  | 536            | (519,7)  | 1034            |
| ▪ Bispo                                       | 318   | (293,9)  | 273            | (297,1)  | 591             |
| ▪ Deus, Criador                               | 2629  | (2643,5) | 2686           | (2671,5) | 5315            |
| ▪ Encontro, encontrar(+)                      | 324   | (362,1)  | 404            | (365,9)  | 728             |
| ▪ Espírito, espiritual, vida espiritual       | 275   | (366,1)  | 461            | (369,9)  | 736             |
| ▪ Fé  | 533   | (545,6)  | 564            | (551,4)  | 1097            |
| ▪ Graça                                       | 284   | (319,8)  | 359            | (323,2)  | 643             |
| ▪ Igreja                                      | 680   | (641,1)  | 609            | (647,9)  | 1289            |
| ▪ Igreja Universal do Reino de Deus, IURD, IU | 642   | (609,3)  | 583            | (615,7)  | 1225            |
| ▪ Jesus, Cristo, Jesus Cristo                 | 1098  | (1030,0) | 973            | (1041,0) | 2071            |
| ▪ Milagre                                     | 614   | (378,5)  | 147            | (382,5)  | 761             |
| ▪ Momento, momentos                           | 291   | (312,8)  | 338            | (316,2)  | 629             |
| ▪ Mudar(+), mudança                           | 361   | (501,3)  | 647            | (506,7)  | 1008            |
| ▪ Oração, orar(+)                             | 582   | (680,4)  | 786            | (687,6)  | 1368            |
| ▪ Pai, pai celestial                          | 367   | (331,7)  | 300            | (335,3)  | 667             |
| ▪ Pastor, pastora                             | 695   | (535,2)  | 381            | (540,8)  | 1076            |
| ▪ Reino                                       | 334   | (311,3)  | 292            | (314,7)  | 626             |
| ▪ Transformar(+), transformação               | 270   | (319,8)  | 373            | (323,2)  | 643             |
| ▪ Vida  | 1744  | (1882,5) | 2041           | (1902,5) | 3785            |
| Total linha                                   | 13084 |          | 13223          |          | 26307           |

Qui-quadrado = 1202,72      p < 0,0001  
 Coeficiente de Cramér = 0,15      gl = 19

Tabela n.º 26 - Teste de hipótese das expressões da vida psicossocial mais freqüentes por regiões

| Palavras-chaves                                  | Bahia |         | Santa Catarina |         | Total |
|--|-------|---------|----------------|---------|-------|
|  | fo    | (fe)    | fo             | (fe)    |       |
| Alcool, alcoolismo, alcoólatra, bebida, beber(+) | 208   | (200,5) | 261            | (268,5) | 469   |
| Briga, brigar(+)                                 | 104   | (112,8) | 160            | (151,1) | 264   |
| Desespero, desesperado, desesperar(+)            | 105   | (107,7) | 147            | (144,3) | 252   |
| Doença, doente, enfermidade, enfermo             | 242   | (262,9) | 373            | (352,1) | 615   |
| Dor, doer(+)                                     | 177   | (185,1) | 256            | (247,9) | 433   |
| Droga, drogado, maconha, cocaína, crack          | 263   | (230,8) | 277            | (309,2) | 540   |
| Feliz, felicidade                                | 303   | (280,8) | 354            | (376,2) | 657   |
| Médico, medicina                                 | 169   | (180,4) | 253            | (241,6) | 422   |
| Problema, problemas, dificuldade                 | 405   | (500,5) | 766            | (670,5) | 1171  |
| Sufrimento, sofrer(+)                            | 448   | (368,9) | 415            | (494,1) | 863   |
| Triste, tristeza                                 | 141   | (134,6) | 174            | (180,3) | 315   |
| <b>Total</b>                                     | 2.565 |         | 3.436          |         | 6.001 |

Qui-quadrado = 79,48      p < 0,0001

Coefficiente de Cramér = 0,12      gl = 10

Tabela n.º 27 - Teste de hipótese das expressões da vida familiar mais freqüentes por regiões brasileiras

| Palavras-chaves                        | Bahia |         | Santa Catarina |         | Total<br>coluna |
|--|-------|---------|----------------|---------|-----------------|
|  | fo    | (fe)    | fo             | (fe)    |                 |
| Amigo, amiga, amigos, amigas, amizade  | 520   | (554,9) | 723            | (688,1) | 1243            |
| Casa                                   | 528   | (534,8) | 670            | (663,2) | 1198            |
| Homem, mulher                          | 395   | (424,1) | 555            | (525,9) | 950             |
| Família                                | 370   | (398,7) | 523            | (494,3) | 893             |
| Pai, pais                              | 485   | (389,7) | 388            | (483,3) | 873             |
| Filho, filha                           | 462   | (381,7) | 393            | (473,3) | 855             |
| Marido, esposa                         | 234   | (244,2) | 313            | (302,8) | 547             |
| Mãe, mães                              | 226   | (213,8) | 253            | (265,2) | 479             |
| Casamento, casal, casar(+), matrimônio | 122   | (200,0) | 326            | (248,0) | 448             |
| <b>Total linha</b>                     | 3342  |         | 4144           |         | 7486            |

Qui-quadrado = 545,02      p < 0,0001

Coefficiente de Cramér = 0,19      gl = 8

Tabela n.º 28 - Teste de hipótese das expressões da vida econômica mais frequentes por regiões brasileiras

| Palavras-chaves                                  | Bahia |         | Santa Catarina |         | Total coluna |
|--|-------|---------|----------------|---------|--------------|
|  | fo    | (fe)    | fo             | (fe)    |              |
| ▪ Bom pagador, pagar(+)                          | 78    | (74,0)  | 89             | (93,0)  | 167          |
| ▪ Carro, apartamento, telefone celular           | 104   | (112,6) | 150            | (141,4) | 254          |
| ▪ Comprar(+), comprador                          | 97    | (77,6)  | 78             | (97,4)  | 175          |
| ▪ Dedicar(+), determinar(+), determinação, garra | 83    | (99,3)  | 141            | (124,7) | 224          |
| ▪ Dinheiro                                       | 111   | (123,7) | 168            | (155,3) | 279          |
| ▪ Dívida, endividado                             | 87    | (78,5)  | 90             | (98,5)  | 177          |
| ▪ Dono, proprietário, propriedade, posse         | 142   | (153,4) | 204            | (192,6) | 346          |
| ▪ Empregar(+), serviço, empregado, desempregado  | 108   | (133,9) | 194            | (168,1) | 302          |
| ▪ Empresário, empresa                            | 137   | (154,3) | 211            | (193,7) | 348          |
| ▪ Financeiro, financeira, financeiramente        | 129   | (136,6) | 179            | (171,4) | 308          |
| ▪ Perder(+), perda, perdedor                     | 150   | (181,8) | 260            | (228,2) | 410          |
| ▪ Prosperidade, prosperar(+)                     | 75    | (77,1)  | 99             | (96,9)  | 174          |
| ▪ Tempo  | 212   | (188,0) | 212            | (236,0) | 424          |
| ▪ Trabalho, trabalhar(+), trabalhador            | 477   | (393,3) | 410            | (493,7) | 887          |
| ▪ Vencer(+), conquistar(+)                       | 104   | (110,0) | 144            | (138,0) | 248          |
| Total linha                                      | 2094  |         | 2629           |         | 4723         |

Qui-quadrado = 310,36       $p < 0,0001$ Coeficiente de Cramér = 0,18       $gl = 14$ 

Tabela n.º 29 - Teste de hipótese das expressões da vida política mais frequentes por regiões brasileiras

| Palavras-chaves                          | Bahia |         | Santa Catarina |         | Total coluna |
|--|-------|---------|----------------|---------|--------------|
|  | fo    | (fe)    | fo             | (fe)    |              |
| ▪ Estado, estadual                       | 29    | (46,1)  | 61             | (43,9)  | 90           |
| ▪ Mundo                                  | 205   | (229,9) | 244            | (219,1) | 449          |
| ▪ Poder, poder(+)                        | 861   | (870,5) | 839            | (829,5) | 1700         |
| ▪ Polícia, delegado, policial, delegacia | 31    | (53,3)  | 73             | (50,7)  | 104          |
| ▪ Povo, população                        | 245   | (184,3) | 115            | (175,7) | 360          |
| ▪ Sociedade, social                      | 71    | (57,9)  | 42             | (55,1)  | 113          |
| Total linha                              | 1442  |         | 1374           |         | 2816         |

Qui-quadrado = 84,81       $p < 0,0001$ Coeficiente de Cramér = 0,12       $gl = 5$

Tabela n.º 30 - Teste de hipótese das expressões da cultura regional mais frequentes por regiões brasileiras

| Palavras-chaves               | Bahia      |        | Santa Catarina |        | Total<br>colu-<br>na |
|-------------------------------|------------|--------|----------------|--------|----------------------|
|                               | fo         | (fe)   | fo             | (fe)   |                      |
| ▪ Bahia                       | 48         | (22,2) | 2              | (27,8) | 50                   |
| ▪ Brasileiro                  | 15         | (16,4) | 22             | (20,6) | 37                   |
| ▪ EUA, Estados Unidos, Europa | 16         | (16,0) | 20             | (20,0) | 36                   |
| ▪ Festa                       | 19         | (12,4) | 9              | (15,6) | 28                   |
| ▪ Florianópolis               | 0          | (29,7) | 67             | (37,3) | 67                   |
| ▪ Música                      | 10         | (20,8) | 37             | (26,2) | 47                   |
| ▪ Nordestino, nordeste        | 54         | (42,1) | 41             | (52,9) | 95                   |
| ▪ Salvador                    | 21         | (9,3)  | 0              | (11,7) | 21                   |
| ▪ Santa Catarina              | 1          | (15,1) | 33             | (18,9) | 34                   |
| <b>Total linha</b>            | <b>184</b> |        | <b>231</b>     |        | <b>415</b>           |

Qui-quadrado = 168,36      p < 0,0001

Coefficiente de Cramér = 0,45      gl = 8